

# PEÇAS TEATRAIS DE RAMON STERGMANN

**Coleção Teatro  
do Norte Brasileiro**

Dramaturgia Amazônida

**VOLUME 1**

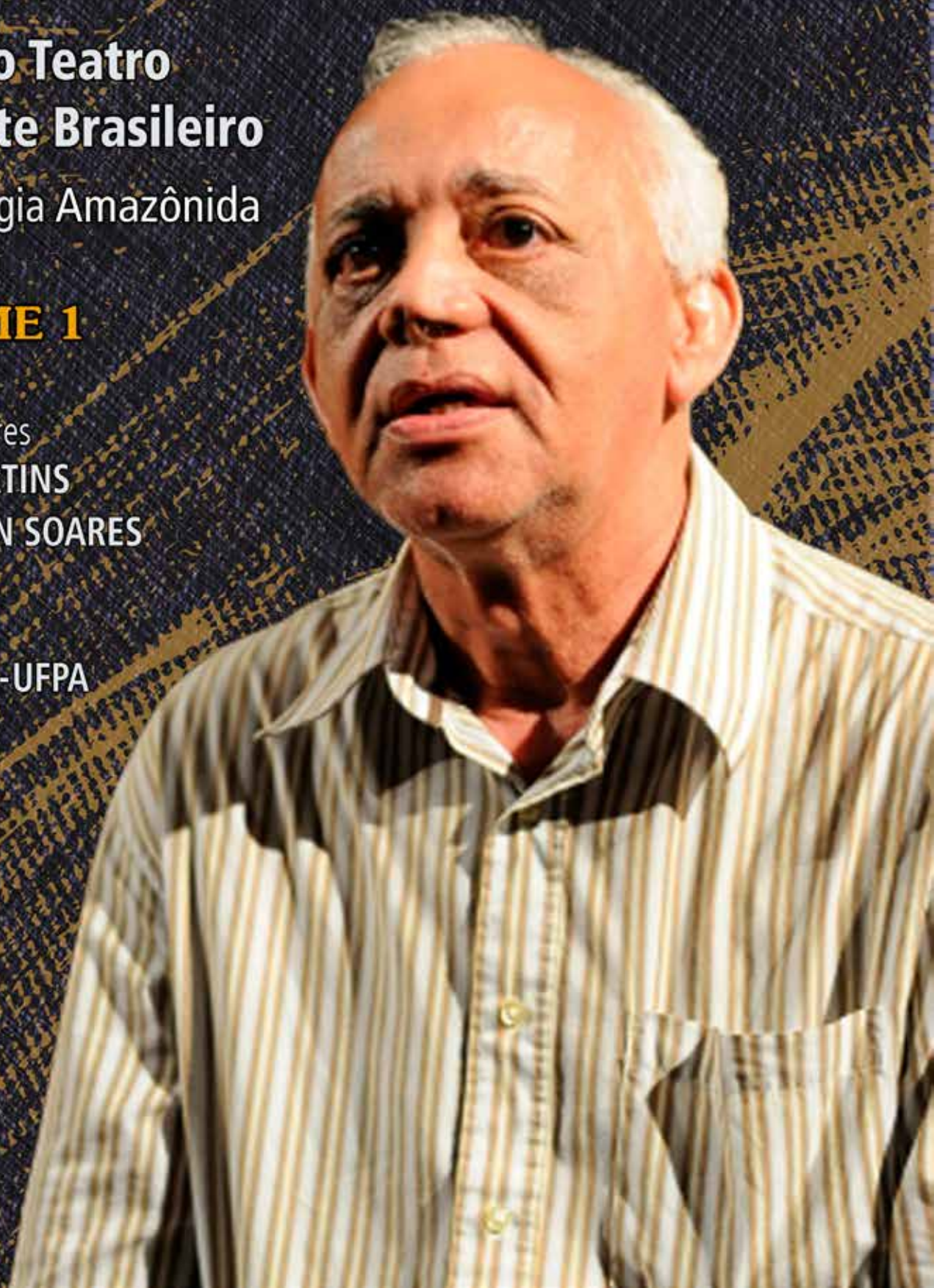
Organizadores

**BENE MARTINS**

**& MAILSON SOARES**

Editora

**PPGARTES-UFPA**



# **Peças Teatrais de Ramon Stergmann**

# Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Coleção Teatro do Norte Brasileiro  
Volume 1

Organizadores

**BENE MARTINS & MAILSON SOARES**

Programa de Pós-Graduação em Artes  
**PPGARTES-UFGA**



Belém, 2020

# Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Volume 1. in: Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Organizadores Bene Martins & Mailson Soares

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho**

Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

Diretora Geral do ICA: **Adriana Valente Azulay**

Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES): **Valzeli Sampaio**

Vice-Coodenador: **Orlando Maneschy**

Coordenador do Mestrado Profissional em Artes: **Áureo de Freitas**

Comissão Editorial: **Valzeli Figueira Sampaio, OrlandoFranco Maneschy, Giselle Guilhon Antunes Camargo, Liliam Cristina Barros Cohen, José Afonso Medeiros Souza e Áureo Déo de Freitas Júnior**

## COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO:

Presidente da Comissão: **Bene Martins** (UFPA), **Olinda Charone** (UFPA), **Wladilene de Sousa Lima** (UFPA), **Marton Maués** (UFPA), **Lúcia Gouvêa Pimentel** (UFMG), **Fernando Antonio Mencarelli** (UFMG), **Tácito Boralho** (UFMA), **Mirna Spritzer** (URGS), **Ananda Machado** (UFRR), **Maria João Brilhante** (Universidade de Lisboa-PT), **Berta Teixeira** (Universidade de Coimbra)

Revisão textual: **Bene Martins & Mailson Soares**

Projeto Gráfico: Capa, diagramação e editoração eletrônica: **Lúcia Lopes**

### Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

#### Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

---

S838p Stergmann, Ramon (1943 - 2008).

Peças teatrais de Ramon Stergmann [recurso eletrônico] / Bene Martins & Mailson Soares, organizadores. – Belém, PA : Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2020. – (Coleção Teatro do Norte Brasileiro ; 1).

Modo de acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN (e-book) 978-856-31-8967-7

1. Teatro - estudo e ensino. 2. Dramaturgia. 3. Amazônia 4. Memória. I.

Martins, Bene, org. II. Soares, Mailson, org. III. Título. IV. Série.

CDD – 23. ed. 792.07

# Agradecimentos

Primeiro, agradecemos e dedicamos a obra à memória de Raman Stergmann, procuramos atender ao pedido do artista “Não deixem minha obra morrer”.

Agradecemos ao Grupo Maromba que, na pessoa do professor Dinelson Serrão da Silva – filho adotivo de Ramon Stergmann – generosamente, cedeu os originais das peças de teatro para o acervo do Projeto de Pesquisa: Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo dramaturgico, o qual tem o compromisso de trazê-las a público. Parte da obra reunida nesta publicação.

Ao rendermos méritos a quem nos ajuda em nossas caminhadas, declaramos ato amoroso e digno dos que buscam crescimento e bem comum. O agradecimento carrega em si um marco de gratidão e faz tão bem, a quem agradece e a quem recebe o muito obrigado. Assim, nesses anos em que nos iniciamos nos caminhos da pesquisa acadêmica e artística, reconhecemos presenças essenciais neste percurso. E de modo especial, para a feitura deste *e-book*, uma amostra da obra do dramaturgo Ramon Stergmann, precisamos emanar gratidão:

Em primeiro lugar, ao próprio autor, *in memoriam*. Ramon, além de artista plástico, dedicou sua vida à arte teatral, nos legando a riqueza de seus textos. Ainda lembramos a emoção de lê-los nos originais...

À Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPG ARTES-UFPA) pelo apoio ao projeto de pesquisa que possibilitou a edição deste *e-book*. Esta instituição tem se destacado pelo comprometimento com ações voltadas à valorização do patrimônio artístico-cultural amazônica.

Ao artista de tantas vertentes, jornalista; escritor; dramaturgo; ator; diretor de teatro; músico, cantor, compositor, arranjador; arquiteto; cineasta, Walter Freitas, amigo e parceiro de trabalho de Ramon Stergmann. Walter nos brinda com o posfácio desta obra.

Ao encenador, professor, pesquisador de teatro Paulo Santana, diretor do Grupo Palha. Paulo, gentilmente, disponibilizou textos originais de Ramon Stergmann, que contam em seu acervo particular, visto que o dramaturgo aqui publicado foi seu parceiro de trabalho. Nosso muito obrigado!

Por fim, agora Mailson falando, dedico meus agradecimentos à professora Bene Martins, que desde 2009, na coordenação do projeto de pesquisa *Memória de dramaturgia ama-*

*zônida: construção de acervo dramático-UFGA*, tem priorizado a recolha, catalogação, digitação e divulgação das obras dramáticas produzidas na Amazônia. Pesquisadora dedicada, diria até obstinada, Bene Martins, com quem trabalho desde 2007, é mestra, amiga, profissional com quem aprendo continuamente. Obrigado pela alegria de organizarmos juntos esta obra!

Bene falando... Para interromper nossos agradecimentos conjuntos, fizemos questão de particularizar nossas falas para enfatizar a importância da parceria Bene x Mailson. Conforme ele afirma, iniciada em 2007. Trabalhar com Mailson é sinônimo de cumplicidade responsável, é acompanhá-lo em seu aprendizado de artista pesquisador incansável. Além de pesquisador de letras e artes, especificamente teatro, ele é dramaturgo dos bons. Nosso aprendizado é mútuo e gratificante. A organização desta obra, veio desde a leitura, digitação, revisão das peças aqui reunidas. Agradeço nossa parceria, Mailson, sabemos que ela será duradoura!

# **Dedicatória**

Dedicamos esta publicação às duas primeiras colaboradoras do projeto de pesquisa  
Memória da dramaturgia amazônica: construção de acervo dramático:

**Olinda Charone e Zeffa Magalhães!**

# Sumário



Clique em cada item,  
ao lado e abaixo,  
e vá para a página  
desejada.

<b>Apresentação</b> por Ramon Stergmann.....	<b>10</b>
<b>Prefácio</b> por Bene Martins & Mailson Soares .....	<b>11</b>
<b>Pós-fácio</b> por Walter Freitas .....	<b>432</b>

## PEÇAS

O palhaço de Cristo (1974).....	<b>14</b>
O macaqueiro caridoso (1978).....	<b>27</b>
Antífona (1979).....	<b>55</b>
Meu berro boi (1981).....	<b>65</b>
Ao toque do berrante (1982) .....	<b>88</b>
Tatu da terra: lenda ou erosão (1982) .....	<b>124</b>
Ibi Êy Mârã (1984) .....	<b>161</b>
O buraco (1986).....	<b>192</b>
Cabeça de santo (1988).....	<b>228</b>
Nego Tripa (1988) .....	<b>269</b>
Zumbi contra a Princesa Isabel (1988) .....	<b>299</b>
Tucuxi (1994).....	<b>308</b>
Espelho da noite (2000) .....	<b>327</b>
Cristos da terra (2001).....	<b>336</b>



Agamenon (2001) .....	345
Todo mundo (2002) .....	354
Casa dos anjos amordaçados (2002) .....	372
Devo não nego, pago quando puder (2002) .....	391
Cenas de uma incorporada (2003) .....	409

# Apresentação

Por Ramon Stergmann

Apesar da riqueza da produção cultural, literária e artística da Amazônia, há pouco tempo atrás, o intercâmbio da região e dos artistas locais com o resto do país era esporádico. Já, nos últimos anos, uma série de iniciativas e de eventos dos grupos e companhias de teatro e de dança, através de temporadas ou de mostras e festivais de artes vêm propiciando a todos nós, como autores e atores de teatro, incremento das “trocas artísticas e culturais”, integrando o nosso Pará (dos paraenses de coração) ao circuito nacional, com certeza. Todos, como profissionais ou amadores, que circulam pelo cenário artístico regional e nacional, com as mais diversas formas de expressão da cultura paraense, como a cerâmica, a música, a dança, as artes plásticas, os ritmos, enfim, merecem o nosso reconhecimento.

Antes disso, na década de 1960, até 1980, nascido em Belém e radicado na capital carioca, onde divulgava a cultura do Pará, com o apoio da saudosa Eneida de Moraes e de outros escritores famosos, já de retorno às minhas origens e, no decorrer de minha carreira em Belém, sempre voltado às pesquisas de campo e às linguagens do nosso povo tapuio, sinto-me feliz em montar uma aquarela amazônica retratando a vida, as dificuldades, os causos, os fatos e casos envolvendo o caboclo ribeirinho.

O presente trabalho, reunindo várias peças teatrais, de característica regional, resume-se numa coletânea diferenciada aos grupos e às companhias de teatro e de dança para montagens posteriores. As modalidades cênicas oferecidas nesta coletânea, para adaptação teatral, são pesquisas realizadas junto aos habitantes de vida ribeirinha e aos povos indígenas no Alto Xingu, Xinguara, Altamira, nas ilhas de Breves, Barcarena, Moju, Bujaru, Cotijuba, Ponta de Pedras, Soures, Salvaterra, Marudá, Alter do Chão, São Domingos do Capim, Vigia, enfim, tantas outras localidades onde as lendas, os mitos, as visagens e assombrações habitam as matas e os rios da Amazônia, além das histórias contadas com veemência e com tanta voracidade que as pessoas parecem acreditar nelas. Histórias passadas de pai para filho, depois repassadas para os netos, os mais jovens, que colocam a dúvida em tudo que é fantasmobelo. Procurei, amazonicamente, embelezar e valorizar meu povão, no contexto do Teatro Paraense.

Pará, 10/04/2002.

# Prefácio

Por Bene Martins<sup>(1)</sup> & Mailson Soares<sup>(2)</sup>

Seus personagens desfilam um rosário de martírios que o autor sentiu na própria carne, por certo, que o tornaram sensível, enquanto artista, numa sequência poética e inatacável de admiráveis presenças transplantadas das ruas para a crueza ainda maior da cena. **Walter Freitas.**

Não deixem minha obra morrer. **Ramon Stergmann.**

O texto Apresentação de Ramon Stergmann<sup>(3)</sup> – escrito para coletânea organizada por ele, em 2002 – abre o leque de temas predominantes em suas peças e demonstra o quanto o autor foi apaixonado, envolvido, compromissado com sua gente, como ele mesmo afirma. Pois bem, sentimos, no entanto, necessidade e desejo de escrever um pouco mais sobre parte da obra, agora reunida em livro, formato e-book, por ora. O minucioso trabalho de digitação, revisão e seleção de quais peças que entrariam neste primeiro volume, foi parto difícil para nós. Escolher quais dentre tantas peças? Como toda seleção, esta é um recorte condóido, já que estamos inteiramente emaranhados nas tramas stergmanianas.

Ao modo de explicação, tão cara ao autor, esclarecemos que nesta seleção de peças, optamos pela cronologia supostamente fiel, para que pudéssemos reunir uma mostra da escrita de Stergmann. Ramon escreveu sobre os mais diversos temas, uma preocupação reiterada é com a problemática humana. Os desvalidos são personagens recorrentes, ora em tramas dramáticas, ora em comédias, ora em monólogos, ora em acontecimentos. A maioria das peças nunca encenadas, outras foram dirigidas por ele, no seu *Grupo Maromba*; algumas, em trabalhos coletivos, com Walter Freitas, parceiro de escrita, de cena e direção músico-teatral; outras, encenadas pelo diretor amazônida, Paulo Santana do *Grupo Palha*. Talvez haja outras montagens, por ora, foram essas informações que colhemos.

---

(1) Doutora em letras, pela UFMG; pós doutorado em Estudos de Teatro, na Universidade de Lisboa-PT; professora da Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará; coordenadora do projeto de pesquisa: Memória da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramaturgico. (behne03@yahoo.com.br).

(2) Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA); Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Ator e cenógrafo formado pela Escola de Teatro e Dança (UFPA); Diretor de teatro e dramaturgo. Autor de Bem perto do Paraíso/2019, livro com quatro peças. (mailson17ator@gmail.com).

(3) Poeta, dramaturgo, ator, diretor de teatro, artista plástico. (1943-2008).

O que ocorre é que assumimos o compromisso de reunir e trazer a público, nesta coletânea, parte das peças do autor. Optamos, a partir deste volume, por separar as demais peças por temas: infanto-juvenil; religiosas; lendas, o que resultará em mais dois volumes, em fase de preparação. Algumas informações sobre Ramon Stergmann: autor de vasta produção composta por dezenas de peças de teatro – algumas repetidas em versões alteradas – além de poesia e prosa. Dramaturgo com intensa atuação nas décadas de setenta e oitenta, teve diversos textos encenados e premiados, o que ressalta a necessidade de estudos aprofundados sobre seus textos. Pois, como diria um de seus personagens: “Caboclo 1 – Sou velho pescador/ minha vida é o mar/ Lanço tarrafas de amor/ nas noites de luar”.

Diríamos que Ramon tanto pescou quanto caçou e transitou pelas entranhas das águas e ramos amazônidas permeadas por um mundo imaginário imensurável, ele conseguiu por em palavras cênicas o que viu, ouviu, viveu, imaginou. Ao modo do contador de causos, conta as suas histórias de um jeito muito peculiar. Assim, lançadas as redes em tramas, para sermos enfáticos e redundantes, avançamos revisitando a obra e memória de Ramon Stergmann – mesmo que fragmentada – contida nestes textos. Sua dramaturgia entrelaçada ou inserida na sociedade, na literatura, na memória, nos dilemas familiares, sociais, no imaginário, nos seduz e induz a vê-la em cena. De maneira que, na aventura da criação literária teatral, o fenômeno social permeado por acontecimentos, recorrências ou situações inusitadas, é fonte inspiradora para o autor escrever de modo incansável.

Ao iniciarmos as leituras da obra de Ramon Stergmann, somos capturados e reconduzidos a lugares da infância, juventude, velhice tão próximas de cada um de nós. Vivências de rios, de prosas entre compadres, comadres sobre bois-bumbás, botos, iaras, pescadores, visagens, brigas entre amigas, conflitos familiares, traições. Temas presentes nas relações humanas, pois quem não os vivenciou em alguma medida? Situações e personagens que permeiam a dramaturgia do autor, expressas em dizeres poéticos, diálogos cotidianos, fantasias tantas a soprar nossas memórias e imaginação.

Ramon consegue injetar esse sopro nas memórias dos seres humanos, amazônidas ou não. E, como poetou Mário Quintana “um lugar só é bom quando a gente pode fugir para outro lugar” (QUINTANA 2007, p 118), transpomos esse lugar para além do geográfico, e vamos para as paisagens do imaginário. Este nos leva e traz para os mais distantes espaços vivenciados ou imaginados. Assim, a dramaturgia produzida por amazônidas, definitivamente, torna-se alvo de nossa busca por mais. Eu, professora da Escola de Teatro e Dança, Mailson, à época na Licenciatura em Letras e bolsis-

ta PIBIC, iniciamos as atividades do Projeto de Pesquisa: *Memórias da Dramaturgia Amazônida: construção de acervo dramático*<sup>(4)</sup>, em 2009, em busca das letras para a cena. Assim, demos os primeiros passos para a construção do acervo. Acervo em construção ininterrupta, agora enriquecida com a obra de Stergmann.

Não por acaso, ou mera sequência cronológica, abrimos a obra com a peça *Palhaço de Cristo*, figura emblemática a chamar atenção para a seriedade do Ser palhaço, no sentido de que o ser humano convive com a dor e a graça, o riso e o choro, não de modo dicotômico, mas simultaneamente. O que provoca reflexão sobre a complexa composição humana. Aliás, Ramon tece, em suas inúmeras peças, temáticas diversas, do sagrado ao profano; da grandeza às vilezas do ser humano. São temas universais e perenes, talvez, por isso, ele tenha deixado uma espécie de clamor: “Não deixem minha obra morrer”, é o que intentamos agora, ao publicar parte de sua obra.

O posfácio, *A Poética de Ramon Stergmann*, reflete o quanto há para conhecer sobre o artista. De maneira que fechamos o volume 1, com uma bela homenagem do artista, escritor Walter Freitas, ao amigo e dramaturgo Ramon Stergmann!

#### **Nota:**

O leitor perceberá algumas diferenças no que se refere à estruturação das peças.

Exemplo: Algumas apresentam nomes e descrição das personagens, outras não, algumas indicam o gênero – sátira/comédia, drama psicológico, liturgia moderna, drama social, teatro adulto, teatro popular em performance, musical, texto de sonoplastia – outras não estão classificadas. Poucas vezes, há marcas em determinadas palavras: **ilegível**. Assim mantivemos para sermos fiéis à escrita do autor, caso completássemos, corríamos o risco de alterar o sentido. De modo que caberá a quem ler/montar, completar essas mínimas lacunas.

---

(4) O projeto *Memória da Dramaturgia Amazônida: construção de acervo dramático*, coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins, teve início em 2009, com o objetivo de catalogar, registrar, estudar e divulgar o acervo da dramaturgia escrita e re (a) apresentada pelos amazônidas. Assim, oportunizar acesso às novas gerações às obras desses autores, e possivelmente, permitir aos novos encenadores e jovens atores, como público geral o conhecimento de obras dramáticas supostamente esquecidas. E a volta dessas dramaturgias aos palcos paraenses.

O PALHAÇO  
DE CRISTO

# O palhaço de Cristo

Liturgia Moderna - 1974

## PERSONAGENS

Lauriano

Ator 1 e 2

Atriz 1 e 2

Coro - de 6 a 8 pessoas

Figurantes - vários tamanhos e idades

## CENÁRIO

Teatro arena. Como cenografia o picadeiro de um circo envolvendo a plateia. Nota-se ao fundo do palco uma porta, que serve de saída e entrada de personagens, interligada ao tablado central no formato de uma grande passarela, e no final desta, a direita do palco, um imponente calvário vedando a visão direta da porta de entrada do teatro.

## TEXTO

Em verso e prosa, faz ressurgir um teatro, se não for ainda, quase esquecido na sua forma original, onde Lauriano, o palhaço de Cristo, no grande picadeiro do circo, passa a vivenciar também o martírio de Jesus até a sua crucificação, utilizando elementos da plateia ou atores indicados que se acham na plateia e que se dispunham a colaborar com a performance do espetáculo.



## CENA 1

*(Mostra um palhaço na arena de um picadeiro. A plateia participa rindo de seus trejeitos a princípio. Depois, os outros personagens vão surgindo pela ordem de entrada).*

## **LAURIANO**

Foi sob a lona de um circo  
- o outro circo que nasci -  
que reparei que este mundo  
é o grande circo que vi.

Meu nome é Lauriano, amigos,  
e tenho raça de turco!  
Se eu fosse doutor seria  
dos que curam corpo e caduco?

Não sou Laureano dessas luzes  
desde cedo descobri.  
De ano a ano a vida inteira  
tenho sido um bom palhaço:  
foi tudo que consegui – Cruzes!!  
Menos quarta, quinta e sexta  
da Semana Santa, menos nos Sábados  
de Aleluia e nos Domingos de Páscoa.  
Menos hoje. Agora. Aqui.

E hoje vereis, meus senhores,  
pela nossa Companhia Teatral  
a Paixão de Cristo  
como convém nesse dia afinal

Me escolheram para Cristo.  
Às vezes, represento com tanta paixão,  
que pensam que sou o Cristo que vivi.  
Me escolheram para Cristo  
porque sempre haverá Cristos.  
- a não ser que exista amor, e o desamor me inventou!! -

E meu viver – que anda triste,  
veste luto e se desterra –  
revive a Paixão de Cristo  
na dor dos Cristos da terra.



Do picadeiro - esta arena  
transformada em meu caminho -  
não imorro na heresia  
revivendo o Cristo assim??

Certo dia, num jardim  
- jardim público e de baixo de  
um monte de oliveiras -  
julguei morrer. Ou morri??

## **CENA 2**

*(Palhaço começa a ficar triste e vai caindo na degradação. Há uma mudança de luz no cenário. Chega o coro e se acerca dele com o material que será utilizado nas cenas seguintes, auxiliado pela plateia, se for o caso. O coro fica no plano alto da cena, em cima de uma pedra gigante, destacando-se pelo figurino na cor púrpura).*

### **LAURIANO**

A minha fé não morrerá?  
Pedi a Deus que afastasse  
aquele cálice, então.  
Mas não vejo nenhum anjo.

Injustiçado, fui preso,  
traído, chocalhado por um amigo.  
E inocente, cumpri a pena  
por crime não cometido.  
Tá certo isso? Eu, Lauriano,  
nascido e vivido em circos,  
hoje com pena vos digo  
que não sou de círculos, amigos.

*(Os atores vão lhe despindo aos poucos, trocando sua indumentária de palhaço por uma tanga surrada para cobrir sua genitália. Depois um manto vermelho. Agora puxado por uma corda atada a cintura).*

## **LAURIANO**

Ei-lo espancado e cuspidado  
pelos seus algozes.  
Lembremos, cristãos, de joelhos  
nosso Senhor Jesus Cristo,  
De dorido manto vermelho  
e puxado por um cretino.

O versos de jeito humilde  
que surgem aqui e ali  
são rezas dos martírios de Jesus!  
Rosário roxo de quantos turcos  
anônimos que nem sequer conheci?

Vem a dupla Via-Sacra.  
Uma à vista a outra íntima:  
a do Cristo e o Cristo em mim,  
somos os dois assim condenados  
a morrer na cruz de um circo  
um circo de volatim.

Devo dizer, meus senhores,  
que os recursos são bem poucos.  
Não tendo meios e muitos atores  
a cada Paixão de Cristo, nosso circo  
pede a todos do local que colaborem conosco.

Não. Não se trata de esmola,  
mas de auxílios  
que a criançada arranjará aí fora:  
tábuas, pedaços de madeira ou palmas  
de palmeirinhas nos pátios das casas!!

## **CENA 3**

*(Caso não haja nenhum manifesto por parte da plateia, os atores vão em busca do que lhes pede. Enquanto o coro entoia o canto inicial. Aqui dá início a Via Sacra sobre o palhaço de Cristo vivenciando a crucificação).*

## **CORO**

Jesus dos ombros sagrados  
e da coroa de espinhos  
Pra nos salvar do pecado  
carrega a Cruz dos caminhos! (2x).

## **ATOR 1**

É certo, desde os antigos, que a Paixão  
conta com o povão ajudando,  
pobre ou rico, com todo coração.  
Uns por terem mais que os outros!  
E por sermos todos humanos,  
aqui na Paixão de Cristo, cada um  
vive seu drama sem mistério nem momento,  
jovem, adulto, velho ou novo!!

## **ATRIZ 1**

Os soldados viram guardas  
da milícia dos romanos.  
Os comerciantes dão panos usados  
na indumentária.  
E as costureiras exaustas, coitadas,  
por amor a Deus  
costuram costuras de graça!!

## **LAURIANO**

E aqui estou, Cristo surrado,  
dolorido, Cristo vento,  
um Cristo que tomba fraco  
e cai sem nenhum lamento.

## **ATOR 2**

A multidão é formada de alguns  
simples lavradores, estudantes,  
funcionários, 6 ou 8 fazendo coro.

## **CORO**

Jesus do rumo sagrado  
encontre Maria pura

pra nos salvar do pecado  
vai por Via de amargura!

**ATRIZ 2**

*(Passou a ser Maria).* Meu filho. Meu inocente.

**LAURIANO**

Minha mãe. Também Maria.  
Sempre me soube inocente.  
Todo o tempo. Isto o importa.  
Mas padeceu. Padeceu.  
Como eu agora!

Matou-a aquela injustiça.  
E morreu longe de mim.  
Não pude abraça-la, morta.

**ATOR 1**

A bandinha da cidade  
tenta tocar em surdina.  
*(Trechos de música sacra pecador que desafina!)*

**ATRIZ 1**

O coro, a voz do solista  
- do delegado? Do juiz? -  
salienta-se involuntária  
e patética recita  
mais uma quadra da Reza.

E tudo soa tão fiel.  
Acaso, Cristo sofrido,  
não provei também vinagre e féu?

**LAURIANO**

A chega-se o Cinereu.  
Ajuda a erguer o madeiro  
deste meu peito oprimido  
de quem por amor padeceu.

**ATRIZ 1**

*(Passa a ser Verônica conforme a cena).*

Abençoados Cinereus,  
vendo sempre um Cristo amigo  
em vias de desespero  
carregando a humanidade nos ombros.

**LAURIANO**

Escorre em mim o suor da face  
desvelado pelo lenço da Verônica.  
Refeito por certo minha face arde  
Quando também reflete minha agonia  
aos olhos aflitos dos meus carrascos:  
o meu Judas, meu Pilatos, muito sádicos da polícia.  
*(Aqui Lauriano leva um tombo com a Cruz).*

**ATOR 2**

Caiu uma vez. Quem não cai  
semiesmagado na vida?  
Mulheres vão lhe seguindo.

**ATRIZ 2**

Só resta um consolo.  
Ai, filhas da triste Jerusalém!!  
Mais vale ter cruz na vida  
do que crucificar alguém!  
*(Lauriano tomba outra vez, etc.)*

**ATOR 1**

Desta vez, terceira queda!  
Recair é mal dos homens?  
É cruz dos cristos que quedam.

**CORO**

Jesus do corpo sagrado  
e vestimenta alvejada  
pra nos salvar do pecado  
as vestes terá sorteadas.

**LAURIANO**

Nem meus braços são sagrados  
nem meus pés tocaram a luz.  
Mas já foram torturados,  
já se doeram numa cruz  
ladeada de marginais.

**ATOR 2**

Como os dois lhe ladeiam?  
Os ladrões são ladrões mesmos,  
hoje soltos sob fiança e palavra  
- dois pobres diabos andejos!!

**ATRIZ 2**

Ambos vêm, de penitência,  
trazer à lume seus erros.  
E vêm temendo levar pedrada  
para curtir depois seus acertos.

**CORO**

Jesus do peito sagrado  
incapaz de ódio e vingança  
pra nos salvar do pecado  
será ferido com lança!!

*(Lauriano cai outra vez e mais vezes até completar 7 quedas).*

**LAURIANO**

Levanto os olhos cansados  
e espio o público à volta.  
Uns choram na arquibancada,  
alguns recalcam revolta.  
Tantas almas na plateia  
partilhando minhas cenas,  
sem querer participando, fazendo média.  
Sem querer tomando parte dela.

**ATOR 1**

As Marias Madalenas.

As Isabéis.

**ATRIZ 1**

Anas. Martas.

E Marias de Betânia.

**ATOR 2**

Os Josés de Arimatéia.

Nicodemos. Barrabases.

**ATRIZ 2**

Os apóstolos esparços.

As mulheres das parábolas.

**LAURIANO**

Morro na cruz? Ou renasço  
da compreensão mais profunda?

Esta paz: por que me aclara?

Este amor: por que me imunda?!

Sob uma luz mais humana,  
vou perdoando a vida que acarreta.

A ideia me ocorre, clara e serena.

- Ah, senhores! Quem diria:

que foi menos minha pena

e todo o imperdoável suplício desse dia

suportado às duras penas!!

**CENA 4**

*(Ouvem-se trovoadas durante o ritual da crucificação. Relâmpagos riscam horizontalmente o céu num clic mágico sobre a terra).*

**ATOR 1**

Quanto mais lhe desvestem  
mais algo seu que aparece  
num sofrimento infinito

numa paixão infindável, indecifrável.  
- Aqueles anos malditos  
numa desvivência no cárcere! -  
Onde andei rodando e rondando num circo  
ou dando voltas num círculo  
que agora se transforma em Calvário!

## **TODOS**

*(Com voz de lamento).*

Jesus! Jesus! Por que me abandonaste?!

## **CORO**

Olhai-o: crucificado  
num lenho, Cristo, inocente,  
pra nos salvar do pecado  
morre e vive eternamente!!

## **ATRIZ 1**

Quantos Cristos existem por aí  
há dois mil anos atrás??  
Aderidos à sua cruz assim  
onde vou me humilhando em paz!

## **ATOR 2**

Sinto o Cristo em cada um.  
Sinto que o Cristo reluz  
sobre a vida e sobre o humano.

## **ATRIZ 2**

Depõem-se num claro espanto.  
Filho pródigo voltando, de meu peito  
- pedra de antes - jorra um manancial.

## **ATOR 2**

E canta. As lágrimas correm mansas.  
Sim, são lágrimas. Azuis.  
Lágrimas cor de perdão. Algo céu resta.  
De luz.



*(Uma atriz passa a ser Madalena enxugando os pés de Cristo molhado pelas suas próprias lágrimas).*

### **ATOR 1**

E vejo a mulher da vida  
soluçando angústia viva.  
Vejam! Atira aos pés de Cristo  
- Um pobre palhaço aflito! -  
todo dinheiro que fez.

*(Neste momento, Lauriano abandona a cruz e se atira ao chão chorando, vestindo-se de palhaço novamente).*

### **CORO**

Ó Cristo! Porque sois Homem  
que na Ascensão se refez,  
sabeis que morri na cruz,  
ressuscita-me outra vez!!

### **ATRIZ 1**

E há tanta gente que julga!  
Sabe-se lá como luta  
cada qual com seu destino  
e cada um com seus porquês!!

*(Lauriano se refaz ajeitando sua indumentária de palhaço e fala ao público presente).*

### **LAURIANO**

Só desejo que este circo  
leve a todos, pobres ou ricos,  
um pouco do amor que merecem  
em nome de Cristo!

Talvez sob a lona do circo  
- O circo onde nasci! -  
alguém que mais sinta ainda  
que durante a Paixão de Cristo  
pode ser às vezes com certeza  
o mais engraçado que já vimos!

*(Aqui ouvem-se um ritmo alegre. É sábado de Aleluia. É carnaval numa festa pagã nascida dentro da velha igreja. Atores cantam e dançam e em seguida, fazem a malhação de Judas, reverenciando o sábado de Aleluia).*

## **ATOR 2**

*(Passa a ser Judas).*

Aii! Esses açoites de chibata!  
deste mundo mais que maluco  
me fere a carne mais que fraca  
satisfazendo esse ódio oculto!!  
Aiii!! Esse corpo morto imundo!  
desse povo doido e caduco  
machucando os meus ossos e lombo  
adentrando minha alma como estúpido.

*(Aqui ocorre um black-out no palco. Em segundos, ouvem-se um grito no escuro feito um eco. É quando chove estrelas caindo no mar).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

O MACUQUEIRO  
CARIDOSO

# O macaqueiro caridoso

1978

## PERSONAGENS

Corina

Raimundão

Delegado

Policial

Pedrinho

## CENÁRIO

Mostra o interior de uma delegacia policial onde ocorre o espetáculo. Palco italiano.

## TEXTO

Trata-se de uma sátira, comédia tendo na trama a história de uma denúncia de sedução, ocorrendo ao mesmo tempo um mal-entendido entre a queixosa, mãe da seduzida, o sedutor, o delegado e a vítima no final.

Um espetáculo que apresenta cenas com muito humor, no qual desfilam tipos popularescos e estereótipos que retratam momentos satíricos da vida, baseados na malícia e brejeirice do nosso povo brasileiro. Um teatro digamos assim de costumes, abrindo um leque divertido e engraçado arrancando o riso da plateia até mais mau-humorada. Um riso constante extraído da palavra ou linguagem coloquial. Segundo o escritor e acadêmico de letras, Amir Feijó Pereira (Porto Alegre): “É uma deliciosa comédia, escrita com muita classe e fina maquinaria teatral envolvendo a todos na sua trama, muito bem dirigida por quem entende do fazer cênico como Ofício”.

Obrigado, caro amigo e confrade, pela parte que me toca. Devo isso aos incentivos de vocês e dos amigos anônimos que me cercam de honrarias.

*O Autor*



## **CENA 1**

*(Mostra o delegado arrumando seu expediente sobre a mesa. Enquanto Dona Corina e Raimundão aguardam a sua ordem para entrar na delegacia).*

### **POLICIAL**

*(Indo até à porta, chamá-los). Por favor, Dona Corina e Seu Raimundão... queiram entrar! (Ao passar por eles, esbarrá-los). O Dr. Delegado já tá a par do caso. Podem entrar, por favor. (Indicou). Sentem-se aqui.*

### **DELEGADO**

Seu Jota-Jota vá sentando-se à maquina e preparando a matéria do depoimento das vítimas.

### **POLICIAL**

*(Coçando o saco, gostosamente). É pra já, doutor! O senhor me desculpe, é que só há uma vítima, não é mesmo Dona Corina?*

### **CORINA**

Exatamente, seu Jorge José.

### **POLICIAL**

Como sabe meu nome?!

### **CORINA**

E não taí no crachá pendurado no pescoço? Daqui eu tô lendo.

### **POLICIAL**

Anh!!! *(Ficou tão sem graça).*

### **CORINA**

A cabeça pode não prestar. Mas é que eu tenho de boa é a vista. Por isso é que tô aqui faz um tempão pra falar com o doutor delegado.

### **DELEGADO**

Pois então fale. Pode falar. Desembuche!

**CORINA**

*(Caindo em choro).* Pois é, doutor. Doutor! Nem queira saber. Estupraram a minha filha. Usaram e abusaram da minha Maroquinhas. *(Dando tapinhas nas costas do Raimundão)* Imagine doutor, que esse cretino, esse descarado, esse safado, esse ladrão de galinhas, sabe o que fez com ela? Só faltou varar a bichinha de um buraco pro outro, quase rasgando a pequena. Oh, meu Deus! Como vou curar a minha Maroquinhas, como?? *(Chora escandalosamente).*

**DELEGADO**

Mas que idade tem ela?

**CORINA**

É de menor, doutor. Se fosse ao menos adulta, já grandalhona, tudo bem... nem me importava, podia dar pra quem quizesse, mas de menor, tão pura, ah não, eu exijo justiça! Essa coisa não pode ficar impune. Do jeito maneira.

**DELEGADO**

Então me conte tudo o que aconteceu. Com riquezas de detalhes. Desde os mais sórdidos aos absurdos. Conte tudo! Vou até arredar a cadeira pra mais perto pra poder ouvir melhor. Continue!

**CENA 2**

*(O delegado levanta-se e arreda a cadeira giratória ficando agora frente a frente com Dona Corina, sendo observado de longe por Raimundão e Policial).*

**CORINA**

Começa pelo tamanho do bruto que se faz logo tremer na entrada, quanto mais na saída e vai por aí. Gente, eu vi, ninguém me contou. Era fim de tarde. Tardezinha de anteontem. Há muito tempo não-sei-porquê ele tinha vindo dando em cima da Maroquinhas. Há mais ou menos oito dias. Só que ele seduziu a menina no quintal da casa dele, ao lado da minha, bem atrás da privada de madeira, numa moita.

**POLICIAL**

Ora, doutor Praxedes, pergunte pra ela se essa moita era de capim ou de bosta por natureza duvidosa.

**DELEGADO**

Claro que era de capim, seu idiota! Não me interrompa com sua burrice.

**POLICIAL**

Desculpe. É que eu pensei, né.

**DELEGADO**

Pois de tanto pensar e relinchar morreu um burro. Prossiga!

**CORINA**

Delegado, eu vi, ninguém me contou. Esse safadão aí, esse malandrão, um homenzarrão desse desencabeçou uma alma pura e inocente a troco de nada, quase a minha ilharga!! O que é pior doutor Praxedes, esse vagabundo, esse cachorrão pirento andou “espalhando” na vila que a bichinha tava com feridinhas na boca e com coceiras no traseiro. Oh, meu Deus, que vergonha! Que horror! Tamanho um cavalão desse querendo desmoralizar a menina. Tadinha.

**RAIMUNDÃO**

É mentira dessa mulher. Essa mulher tá querendo engurupir o doutor aí que é gente boa. Por causa que ela quer safar uma grana doida “dando parte” de mim, só que eu não vou pagar nada e não abro mão da Maroca, não abro mesmo. Acho ela um pibéozinho, um doce de côco, um favo de mel. Por isso tô com ela e não abro, podés crer.

**CORINA**

Deixa de ser mentiroso, seu cara de pau! Ele tá mentindo, doutor!

**DELEGADO**

*(Entre um e outro).* Qual é a tua hein cara??

**RAIMUNDÃO**

Sabe que eu não sei? Ao longo dos anos estou sempre passando um pano na galera, nos barracos e nos quintais dessa dessa moçada doidona. Mas juro, doutor!! Eu nunca entrei nessa. Posso ser safado como for, como ela disse aí, mas eu não entro nessa da coroa, não, doutor. A loucura dela não é a minha praia. Essa mulher tá pinéo, acredite.

**DELEGADO**

E como se explica toda essa zorra então? Me diga! Como ou de que maneira o Raimundão tomou tal iniciativa ao seduzir a Maroquinhas para o quintal e lá fez crau! Detrás da privada. Embora sabendo da existência de dezenas de mulheres prostitutas dando sopa por aí no asfalto e nos subúrbios, justo a inocente, uma garotinha tinha que pagar pela sua tara, estragando assim com a vida e o futuro da pobrezinha.

**RAIMUNDÃO**

O doutor acha isso mesmo?

**DELEGADO**

Não só acho, como acredito plenamente.

**RAIMUNDÃO**

Ora! Nunca pensei que fosse dar nisso. Mulher de programa é o que mais têm na cidade, mas acontece que a gente vai perdendo o tesão por elas e vai em busca de franga nova. É ou não é, doutor? Diga lá! Isto acontece com todo homem, até mesmo com os mais casados e bem-sucedidos na vida. Porra doutor. Não tô afim de tapar buraco que outro fez antes de mim. Deu pra sacar?

**DELEGADO**

Saquei. Quero dizer, entendi. Isto significa que a Maroquinhas não será a primeira.

**RAIMUNDÃO**

Nem será a última, doutor. O que eu tô querendo dizer pro senhor que jamais fiz mau a Maroquinhas, porque a Maroquinhas é uma galinha...

**DELEGADO**

*(Interrompe).* Êpa Raimundão! Guarde os seus desaforos para si. Tenha mais respeito com Maroquinhas. *(À Dona Corina).* Agora é a sua vez de falar, Dona Corina. Diga a verdade, somente a verdade.

**CORINA**

*(Chorosa).* Oh, doutor! Esse cafajeste arrasou com nós duas. Nem sei como encarar os vizinhos.



**DELEGADO**

*(Gentil)*. Seu Jota-Jota! Ofereça um copo com água para a Dona Corina.

**CORINA**

Carece não, doutor. Precisa não, tô bem. Só queria que o senhor mandasse prender esse enrabador da filha dos outros!

**POLICIAL**

*(Voltando)*. Pronto. Beba a água. Assim, se sentirá mais calma.

**CORINA**

*(Após engolir)*. Obrigada, seu Jorge José. O senhor é muito gentil.

**POLICIAL**

*(Retirou-se em seguida)*. Faz parte do meu show!... *(Desmonhecou-se no final)*.

**DELEGADO**

*(Reparando nele)*. Ih, rapaz! Não deixa a turma te ver assim, senão, estarás frito. Mas prossiga, dona Co...

**CORINA**

Corina. Dona Corina! Agora mesmo, seu delegado Praxedes, a Maroquinhas tá lá andando pela casa, tristezinha, tão jururu, cheia de tonteira, de enjôo, parece tão alegre, cantava, agora não... parece triste, já nem canta mais pela casa imitando a Dalva. Doutor, me desculpe dizer, mas a menina não quer vê nem a cara da Xuxa na televisão, nem assiste mais as novelas da Globo, acho que ficou traumatizada.

**POLICIAL**

Doutor Praxedes, posso anotar isso aí que ela falou? Achei muito porreta!!

**DELEGADO**

Claro que não, seu idiota. Não vê que é um insulto a moral e aos bons costumes desta cidade. Prossiga, donazinha...

**CORINA**

*(Corrigindo outra vez)*. Corina. Dona Corina! Zinha é o apelido da minha xereca.

### **DELEGADO**

Desculpe. Eu não quis ofendê-la. Prossiga com seu depoimento.

### **RAIMUNDÃO**

Proseguir o que, doutor? Eu tô safo dessa, podes crer. Essa mulher desde quando perdeu o marido pra outra, ficou assim, doida-varrida, não bate bem da cachola, aí fica tirando onda com a minha pessoa, tirando zarro com a minha cara. Fica tapeando os outros por aí. Essa mulher já fez arruaça com todo mundo, já criou inimizade com os vizinhos por causa disso. Ela tá mais “falada” do que farinha em boca sem paladar.

### **CORINA**

Tenha mais respeito comigo, safado!

### **DELEGADO**

Ouçá, Raimundão! Por que, em vez de procurar mulher na rua, e da sua láia, foste logo te engraçar da Maroquinhas papando a garota que é de menor??...

### **RAIMUNDÃO**

Sabe como é, quem não arrisca, não petisca. Ora, se essa Maroquinhas já é um motivo de confusão por sacanagem da Dona Corina, imaginem agora a zorra com esse espicha, encolhe, sabe lá quantos – por absoluta falta de mulher da vida – não irão fornicar com ela? Pense nisso, delegado, não dói. Tô fora sabia? Faço questão de relevar que a Maroquinhas não é e jamais será a “menina ingênua” que o doutor tá pensando. Ela é uma galinha. Uma galinha safada.

### **DELEGADO**

Êpa Seu Raimundão!! Vá com calma. Nada de desfeita. Sem essa de querer esnobar da garota. Sem essa desmoralização contra uma inocente.

### **RAIMUNDÃO**

Vai nessa também? Que inocente coisa nenhuma, doutor! Aquilo lá é pegar e despenar pra comer até o rabão. E mais: a safadinha só não tem mais rabo é porque é digna de mais penas ou porque é uma galinha só e pedrez!!

### **POLICIAL**

Posso anotar o que ele falou, delegado?

**DELEGADO**

Não, seu jumento. Por que haveria?

**POLICIAL**

*(Com timidez)*. Por nada. É que achei filosófico... simbólico... inusitado!!

**DELEGADO**

*(Revirando os olhos numa careta)*. Magina! Prossiga, dona Corina...

**CORINA**

Mas olha só que ele tá inventando. É tudo mentira desse cretino, doutor. Esse pilantra tem mania de enrolar a gente e quer enrolar o senhor com esse falatório besta. Mas logo o senhor que é um homem honrado, cheio de saber!

**DELEGADO**

*(Ajeitando a gravata)*. Obrigado pela parte que me toca, farinha de tapioca.

**CORINA**

O ponto cego da questão é o seguinte: Faça ele escolher duas sentenças ou ele executará serviços gerais nos sanitários públicos ou vai pagar mico na estrebaria lavando bosta de cavalos. Ou melhor, dê um aperto nele, comece a dar socos nele, pontapés na bunda, faça explodir o fígado dele, dê choque elétrico nesse ordinário, num instante ele fala a verdade pra galera.

**DELEGADO**

Agora peguei corda. A senhora tem razão. Homem igual a esse cara é só encher a cara de tapa, no soco e no pontapé.

**CENA 3**

*(O delegado com pensamento ruim passou a maltratar Raimundão na base do chute nos cornos e tapinhas na cara sob a torcida de Dona Corina; mudando radicalmente o quadro)*.

**CORINA**

Isso! Comece a bater na cara desse cretino!

**DELEGADO**

Fala! Dá logo o "serviço". Quem mais o ajudou a fazer tal estrago na menina? Fala coisa ruim! Que eu já perdendo a paciência contigo.

### **RAIMUNDÃO**

Tá legal! Seguinte: desde que me entendo como gente que eu sou macaqueiro profissional e jamais exerci outra periculosidade na vida e nem outro homem me encheu de porrada por coisa que não fiz, tais entendendo? E se tô armado, viro logo cavalo do cão, enfio a lâmina no bucho.

### **DELEGADO**

Não me enrola. Não fica me enrolando que eu não sou otário. Vamos aos fatos. Vai!! Confessa teu crime, safado. Onde tudo aconteceu, qual foi o local, debaixo do quaradouro ou atrás da privada em cima do formigueiro?

### **RAIMUNDÃO**

Logicamente de sedutor de menor não tenho nem pinta. Mas já que estão insistindo eu entrar numa onda dessa, então lá vai merda no ventilador de vocês. Anote aí Seu Jota-Jota...

### **POLICIAL**

Vai! Vomita.

### **RAIMUNDÃO**

Mas a “coisa” aconteceu pela parte da tarde no fundo do quintal dessa mulherzinha, bem na hora do angelus quando as crianças vão pra cama dormir. Eu tava só de mutuca servindo de olheiro, quando passei o pano no ambiente e vi quando a Maroquinhas tava de chamego com dois fedelhos, frangotes ainda, fazendo a mesma coisa: de bico colado e arrastando as asas pra ela numa moita de capim.

### **DELEGADO**

O que eles – estes elementos – estavam fazendo exatamente? Eram conhecidos seus?

### **RAIMUNDÃO**

Estavam viciando a pequena. Eram conhecidos dela. Um tal metido a galo ganizé que apelidam de “Baixinho” e o outro, de “Branquinho” mais fortudo e mais audacioso. Eles na verdade queriam enrabar a Maroquinhas no peito e na marra.

### **DELEGADO**

*(Corre pra perto dele, insinuando algo).* Por que na marra? Conte, conte!!!

### **RAIMUNDÃO**

Porque ela só querendo dar só pra um – o mais fraquinho que parecia um vulto na sombra da tarde. Não querendo transar com o outro ela, pam, corria pra se esconder deles atrás da moita de capim. Sabe como é, doutor, era um romance mais do que manjado entre uma safada e dois vagabundos. Tá vendo, doutor? Esse cretino continua levantando calúnia contra a menina!

### **RAIMUNDÃO**

Calúnia não, doutor. Tudo que eu disse aqui é verdade. Doutor, eu vi, com os meus próprios olhos que um dia a terra há de comer junto com as minhocas.

### **DELEGADO**

Ora, faz sentido. Por exemplo, é bem provável que seja um grande complô com o Raimundão aquilo que os tais elementos estavam fazendo com a Maroquinhas no quintal, a fim de recair a culpa em você por ser um comparsa de bandidos, né não?

### **RAIMUNDÃO**

Acertou na mosca, doutor! Repito, tô inocente disso. Só podia ser pilantragem contra mim. Nem de criança eu gosto. Todas são bagunceiras, egoístas!!

### **DELEGADO**

Até que faz sentido. Só esqueceu dum pequeno detalhe: combinar bater as botas suas com as de Dona Corina por difamação moral. Pensem nisso.

### **RAIMUNDÃO**

Eu, doutor?

### **CORINA**

Grandes coisas. Pelo menos acabe com esse tremendo rebucetê, com esse maior auê, com esse ziriguidom maluco só porque uma inocente foi defamada por capricho do destino.

### **DELEGADO**

Eu discordo. Vou dar o caso por encerrado até que me provem ao contrário. E amanhã continuaremos com seus depoimentos! Estou cheio de compromissos. A minha agenda está lotadíssima, minha senhora. Vão pra casa e procurem se entender, conversar, trocar idéias, talvez mudando de assunto nos dê menos aborrecimento e trabalho. Está bom assim? *(Ajeitou-se para sair, quando).*

#### **CENA 4**

*(Sequenciando a cena, neste momento, Dona Corina toma uma atitude severa ao desacatar o Raimundão dentro da delegacia, ao mesmo fazendo "média" com o delegado, etc.).*

#### **CORINA**

Negativo. Eu não arredo os pés daqui sem que ninguém resolva o problema da minha filha, da minha Maroquinhas, que não é filha de qualquer uma. Esse descarado tá querendo mesmo tirar o corpo fora, mas isso não vai ficar assim. Eu mato esse comunista, esse derrotista, que vem tentando acabar com a pureza da minha filhinha. Foi outra coisa que ele inventou, delegado, esse cão sarnento, é invencionice que ele mais gostar de dizer por aí a respeito de Maroquinhas. Esse safadão. Eu se fosse o senhor providenciaria um descarrego rapidola pra cima dele. Mas aqui mesmo, nesta honrada delegacia de policia, o senhor pode observar: esse cão é pior do que vira-lata vasculhando o lixo granfino das madames no calçadão, mas considerando sua simpática presença e sua inteligência...

#### **DELEGADO**

*(Ajeita o colarinho).* Obrigado, senhora. Muito obrigado.

#### **POLICIAL**

*(Coçando o queixo).* Puxa! Até que enfim alguém reconhece a nossa eficácia!!

#### **CORINA**

Mas com sua licença, doutor... *(Esbofeteou Raimundão na cara).* Seu patife!

#### **RAIMUNDÃO**

*(Também revida).* Patife és tu Corina dos infernos! Se tu te atrever a bater nessa cara de macho, eu vou ao teu velório hoje mesmo.

#### **CORINA**

Então mete a cara. Anda! Experimenta! Filho duma cadela no cio.

#### **RAIMUNDÃO**

E tu sua filha da puta. Filha de quenga, de piva relé. Sua fedorenta!

**CORINA**

Fedorenta é? Fedorenta é a minha xereca aqui que tu queria comer também!!!  
Aí como não te dei confiança foste te vingar na Maroquinhas. Pomba mole.

**RAIMUNDÃO**

Pomba mole... Pomba mole só porque não te comi ainda, sua porcalhona.  
Vê lá se o meu pau endurece pra tua xana sebosa. Tais é lesa!

**CORINA**

Nem eu quero! Prefiro enfiar um cabo de vassoura na minha "Catirina".

**DELEGADO**

*(Interrompe).* Êpa, êpa, êpa! Vamos acabar com essa troca de figurinhas. Vão lavar roupa suja lá na casa de vocês, aqui dentro, quero respeito com a minha delegacia. Nada de insultos. Nada de baixaria. Calma. Com violência ninguém resolve nada.

**RAIMUNDÃO**

Tô sabendo. Só que essa mulher aí tá criando obstáculos no assunto, fica querendo baixar o meu moral aqui.

**CORINA**

Moral... Desde quando um ladrão tem moral. Safado.

**DELEGADO**

E a senhora Dona Corina, acho melhor a senhora calar essa boca imunda, antes que a senhora morda a própria língua. Ouviu bem?

**CORINA**

Tá certo. Me perdoe. Nunca pensei em passar tamanha humilhação.

**DELEGADO**

Por favor, Seu Raimundão, prossiga. Prossiga! Já tem um tempão que eu tô querendo encerrar com essa queixa e não consigo porque tudo fica no disse me disse dos diabos.

**RAIMUNDÃO**

Mas doutor delegado, eu já disse! A Maroquinhas pra galinha só falta o rabo!

**CORINA**

O que, seu filho duma puta?

**DELEGADO**

*(Intervindo)*. Alto lá! Nada de ofensas. Vamos parar com isso. Se continuarem com esse baixo nível, vou trancafiar os dois.

**RAIMUNDÃO**

Mas doutor Praxedes, não tem cabimento essa história de que essa mulher me viu enrabando a filha dela no quintal e não num motel usando camisinha. Esse material usado na hora do funque-funque, uma dentro, outra fora. Como um panaca que nem eu iria cair de quatro por uma babacona daquela?...

**DELEGADO**

Tudo bem. Há mais canalhice nessa história de que eu pensava. Agora eu quero saber por que tomou tal decisão?

**RAIMUNDÃO**

Porra. O senhor é flórida hein doutor! Tá querendo mesmo me grampear.

**DELEGADO**

Fala a verdade. É só não dizer coisa com coisa. Basta a verdade.

**RAIMUNDÃO**

Negócio seguinte: naquela tarde tava eu sentado na batente da porta da cozinha, mastigando umas migalhas de pão e jogando fagulhas de casca para alguns pintinhos que ciscavam no terreiro de casa, quando pintou a dita cuja atravessando a cerca por um buraco grande. Parecia que a coitada tava numa tristeza de fazer dó. Tinha crise de tosse, o peito chiava de tanto catarro, mal comparando, parecia um pinto goguento com pivide e tudo. E andava esquisito que só vendo!

**DELEGADO**

Como?

**RAIMUNDÃO**

Assim, de pernas abertas, escancaradas. A bichinha parecia um urubu bado ou cagado pelo de cima. *(Deu uma risada)*. Nossa.



**CORINA**

Cafajeste. Ainda faz caçuada da menina. O que é pior doutor, até água e miolo de pão eu vi ele dar.

**POLICIAL**

E ela? Aceitou feito bombom?

**RAIMUNDÃO**

Aceitou não. Rejeitou numa boa, sem encrenca. Tava muito fraca. Tadinha.

**POLICIAL**

Mesmo assim abusou da fraqueza dela?

**RAIMUNDÃO**

Negatofe. Que papo furado esse, doutor?

**DELEGADO**

Ora, cara. Conheço muito bem a malandragem do teu povo, da tua raça, sempre começando batendo carteiras na rua, nos transportes, depois sucatas, por fim, termina em assaltos à mão armada e estupros. Continue! Continue!...

**CORINA**

Doutor Praxedes, esse cretino quer ver a minha Maroquinhas de boca em boca feito churrasquinho e se o senhor não tomar nenhuma providência, deixar as coisas como estão, sei lá o que vai acontecer com a menina no futuro!! Ora, se essa menina já é assanhada por natureza, imagine agora a zorra que ela possa aprontar comigo quando eu descobrir que ela andaré frequentando a casa de vagabundo.

**DELEGADO**

Pois procure tomar sua medida e vigiá-la com uma certa liberdade. Depois dê a ela o castigo que merece. Prossiga Raimundão...

**RAIMUNDÃO**

Aí a Maroquinhas, bem de mansinho, veio se chegando, se chegando, ficou bem perto de mim, assim, *(Assimilou a cena, imitando-a)*. de vez em quando, roçando o bumbum dela nos meus escrotos, a pequena me olhava dum jeito, de tal modo, doutor, que parecia estar pedindo colo, carinho... A bichinha tava carente, doutor. Aí eu muito caridoso e, em nome da amizade que ha-

via entre nós dois, mas tudo sem maldade, doutor... Fui logo abrecando nos meus braços, cocei a cabeça, fiz uns cafunezinhos, e ela gostando! Espiei as penugens dela pra ver se tinha lêndia ou piolho, e ela gostando a cada toque que eu dava. Aí, a bichinha que não é santa de barro, não aguentou!

**DELEGADO**

*(Fazendo torcida)*. Desmaiou?

**RAIMUNDÃO**

Não!

**POLICIAL**

Cagou sangue??

**RAIMUNDÃO**

Também não!

**DELEGADO**

Então o que era que o senhor estava fazendo? Colocando a camisinha no Zé?

**RAIMUNDÃO**

Claro que não. Pois na hora de afogar o ganso me subiu um calor nos troços e nas pernas, um tremor doido, quando ela escancarou as perninhas aí...

**DELEGADO E POLICIAL**

*(Comicamente)*. Aí...?

**RAIMUNDÃO**

Aí essa doida apareceu na hora H e deu uma escrotiada que vou te contar.

**DELEGADO**

Continue, continue...

**RAIMUNDÃO**

Mas doutor, pelo amor de Deus, eu não fiz nada. Não houve nada. Eu juro!! Tudo não passou de um cafunezinho aqui, outro ali, é sério doutor.

**CORINA**

Doutor Praxedes! Tenha a santa paciência. Prenda logo esse nojento!

**DELEGADO**

Prender como?

**CORINA**

Prendendo, ora essa! Ponha esse safado no xadrez. O senhor é uma autoridade. Tem carta branca pra colocar esse cara no xilindró. O doutor tá muito devagar.

**DELEGADO**

*(Visivelmente chateado).* Fique a senhora sabendo que isto é um agravo a minha autoridade policial. *(Berrou).* Jota-Jota!! Venha cá.

**POLICIAL**

Sim, chefe. Desembuche, digo, fale! Dê as suas ordens, doutor.

**DELEGADO**

Chega. Por hoje chega. Abra aquela cela nova do corredor e faça inaugurar com os dois lá dentro. Amanhã tomarei novamente seus depoimentos. *(Preparou-se para sair em seguida).*

**CORINA**

Mas doutor Praxedes...

**DELEGADO**

Eu disse: Amanhã! Amanhã! Chega de paranoia.

**CENA 5**

*(Ambos ficam apreensivos com a atitude do delegado. Neste momento, para surpresa de todos, entra o moleque Pedrinho resfolegando cansaço).*

**PEDRINHO**

Senhor Delegado... Doutor Praxedes...

**CORINA E RAIMUNDÃO**

*(Entreolham-se).* Pedrinho!!

**CORINA**

O que este peste veio fazer aqui?

**RAIMUNDÃO**

*(À parte).* Pedrinho, vem cá... *(Retirando algo do bolso).* Toma esse bombom e fica calado. Não abre essa boca pra nada.

**POLICIAL**

O que faz esse moleque aqui na delegacia, posso saber?

**PEDRINHO**

*(Se afastando do Raimundão).* Pode sim! Eu vim contar na verdade verdadeira.

**CORINA E RAIMUNDÃO**

*(Surpresos).* Pedrinho!!

**RAIMUNDÃO**

Qual é a tua, hein rapaz? Tá querendo jogar merda no ventilador da sua tia?

**PEDRINHO**

Qual é a tua digo eu, Raimundão. Tu não te manca. Tá de conchavo com as mentiras dela. Tu és doido, cara!

**CORINA**

*(Puxando-o pelo braço).* Vê lá hein moleque, vê lá! Se tu abrir o bico aqui pra falar besteira tu tais fumado na minha mão. Tu nunca mais contar comigo pra porra nenhuma, tais ouvindo?

**PEDRINHO**

Tô, tô, tô e não tô...

**CORINA**

Ah, moleque! Tinha até graça. Um pivete desse metido em conversa dos mais velhos.

**PEDRINHO**

E o que é que tem?

**RAIMUNDÃO**

Toma! Pega outro bombom. Mas fica na tua. Boca calada. Boca de siri.

**CORINA**

Pedrinho, pelo amor de Deus e todos os santos da igreja, não fala nada a nosso respeito.

**PEDRINHO**

*(Empurrando-a para um canto).* Ih, tia! Tá ralado, viu. Acho que isso vai dar um bode.

**CORINA**

*(Fazendo-lhe um denço).* Só se tu quiser, meu santinho.

**PEDRINHO**

Mas tia... Só agora eu me lembrei de assuntar uma coisa: não foi a senhora que me ensinou a falar a verdade verdadeira doa a quem doer, não foi?

**CORINA**

Foi. Mas nem sempre. Meu amorzinho...

**PEDRINHO**

Sei não... Cá pra nós, e que esses dois aí não ouça, mas a senhora tá bafejando cachaça. Se eles descobrirem o seu alambique vazio em casa...

**CORINA**

Só tomei duas doses. Era muito boa.

**DELEGADO**

A conversa tá boa... Acabou rolando um papo gostoso.. mas eu posso saber o que tanto cochicham aí no cantinho.

**PEDRINHO**

Negativo. Nem pagando uma cerveja, uma gelada! Acontece que é um assunto de família. Por que haverá de saber? Será que o senhor não teve educação?

**DELEGADO**

Ô pivete atrevido! Que sacana esse! *(Abafou um riso no canto da boca).*

**PEDRINHO**

Pivete uma porra. Pivete é menino de rua, que cheira cola, que anda dormindo nas praças. Coisa que não sou e nem faço. Eu sou é um moleque es-

perto. 10 anos de praia. *(Indo até ao policial, com gracejos)*. Boto fé. Coloca aí meu chapa no seu livro “Pedrinho barra mansa”, manja só eu quero é respeito, sacou? *(Chutou a canela do policial)*.

**CORINA**

Pedrinho!! Não mexa com o homem. Deixa ele trabalhar em paz.

**DELEGADO**

*(Disfarçando a raiva)*. E qual é o motivo desse estresse, meu bom rapaz? Pode nos dizer o motivo da sua presença nessa delegacia? Fala, garoto.

**PEDRINHO**

Seguinte: eu vim revelar a verdade verdadeira do a quem doer. Eu vim desmascarar a Maroquinhas, a minha tia e seu comparsa Raimundão.

**RAIMUNDÃO**

Esse cagoeta!

**DELEGADO**

Silêncio!!!! *(Houve pausa)*.

**CENA 5**

*(Feito isso, todos ficaram em silêncio ouvindo o depoimento de Pedrinho, de vez em quando, sob o protesto da tia e constestação do Raimundão)*.

**DELEGADO**

Seja absolutamente preciso e objetivo. Não tente desviar o assunto. Certo?

**PEDRINHO**

Foi assim, doutor, eu tava brincando no fundo do quintal da minha tia, em-pinando papagaio quando eu ví a Maroquinhas ficar de cócoras pra soltar um barro, e que barro, viu doutor! Depois ela foi pro lado do Raimundão ainda com a bunda suja de bosta, apesar da cagada, capotou no colo dele aí.

**CORINA**

Pedrinho! Fecha essa matraca, menino!

**PEDRINHO**

*(Fazendo caretas pra ela).* Não fecho. Porra doutor! O cara não tava nem aí pra merda dela, assim mesmo, arribitou com a Maro. Era só dá-lhe! Foi ela aí que planejou tudo: quebrou a cerca do Raimundão que era pra Maroquinhas varar no quintal do cara e minha tia dar uma escrotiada, dando uma espécie de flagrante no coitado do Raimundão.

**CORINA**

Mas que menino linguarudo! *(Deu um beslicão nele).* Vem cá, diabo. Deixa de ser atentado. Fica quieto ou vai-te embora pra casa!

**PEDRINHO**

Aiiii, minha orelha, poxa tia, doeu!!

**DELEGADO**

*(Maliciosamente).* E diga-me uma coisa: qual foi a reação da Maroquinhas na hora em que ela viu o tarugo dele?

**PEDRINHO**

Foi péssima. Deu maior bandeira. Cagou no pau.

**RAIMUNDÃO**

Pedrinho... maneira. Vai fundo, mas não exagera.

**CORINA**

Esse menino é um capeta. Uma imagem do cão.

**PEDRINHO**

E ainda tem mais: ultimamente a Maro vem transando numa boa com um garanhão de galocha, boa pinta, todo negrão, o tal de Galo Cego.

**POLICIAL**

Galo Cego?? Já imagino!

**DELEGADO**

Tudo bem. E quem é esse tal de Galo Cego...?

**PEDRINHO**

Um coroa boa pinta, de carrão, comércio e tudo em cima. *(Piscou pro Raimundão)*. Taí o Raimundão que é assim com o coroa, carne e unha. O cara tá que tá, doutor, tá de olho na tia, só na paquera dessa lesa, quer casar com ela mas a tia não quer.

**DELEGADO E POLICIAL**

Não quer??

**CORINA**

Por favor, gente! Não acreditem nesse menino. Esse menino tá mentindo. Esse menino tem parte com o capeta, só pode. *(Ao Pedrinho)*. Precisava comparecer aqui na delegacia de polícia para me humilhar, precisava?

**DELEGADO**

Me admiro da senhora Dona Corina, metida em feio arrastão.

**PEDRINHO**

Delegado, veja bem, acho que a minha tia ficou malucona depois que perdeu o marido e não quis se casar mais, aí ficou pinéo, não bate bem.

**DELEGADO**

Pois o rapazinho está certo. Certíssimo! A senhora devia se casar outra vez. Arranjando outro marido e um monte de ocupação para servir no maridão automaticamente não sobrar tempo para discutir com os seus vizinhos.

**PEDRINHO**

Dia desses quase ela quebra a cabeça da Moroquinhas com uma pedrada, querendo expulsar a bichinha de casa.

**CORINA**

Pedrinho!! O que é que tá inventando desta vez, menino? Para com isso.

**DELEGADO**

Mas a senhora, Dona Corina, justo a senhora, mãe de seduzida, querendo pôr um final na vida de garota, quem diria!!



**CORINA**

Calúnia desse menino, doutor. Pura calúnia. Esse peste fala coisa que não deve.

**POLICIAL**

Desculpe, doutor, eu me intrometer. Mas eu acho uma tremenda armação dessa senhora contra o Raimundão, o seu bom vizinho. Pelo que eu tô percebendo a Dona Corina tá precisando de tratamento.

**DELEGADO**

Exatamente. Vai daí uma perguntinha besta: toda e qualquer pessoa poderá responder processo de calúnia, a senhora sabia disso?

**CORINA**

*(Escondeu a cara)*. Sabia! Sabe como é, doutor, a gente pensa que vai engurupir as pessoas e que tudo vai dar certo, olhai, quebra a cara. *(Chora)*. Eu sou uma otária mesmo. Nunca fui tão humilhada desse jeito.

**DELEGADO**

Escute: se a senhora anda mesmo pertubada, com a consciência pesada, vendo coisas na sua frente e sabendo, de antemão, que o perdão ficou para quem se arrepende, então... a senhora bateu em porta errada. Vá procurar um sanatório, um hospital das clínicas ou um vigário e conte tudo pra ele, num instante o padre exorcisa o seu corpo, a sua mente com água benta. Vá lá! Frequenta a igreja, os templos de oração. Só esse povo é que pode tirar o demônio do seu corpo, ora essa! Menos aqui. Isto aqui é uma delegacia.

**RAIMUNDÃO**

Mas foi isso que eu tentei passar pra ela, doutor, mas ela não quer. Disse que ela de lá já veio expulsa com uma mão atrás, outra na frente.

**CORINA**

Foi sim, doutor. Eles como abelha africana me tomaram a grana depois que me fizeram vender o barraco pra “fogueira de Jesus”.

**DELEGADO**

Aí, falta a denúncia e acusação da vítima, qual é o tarado dessa história? O elemento que usou e lambuzou da honra de Maroquinhas?

**PEDRINHO**

Eu é que não sou.

**RAIMUNDÃO**

Muito menos eu.

**POLICIAL**

É elementar, meu caro delegado, que só pode ser um comparsa desse cara, o chamado olheiro que daria o serviço aos demais parceiros assim que viram a Maroquinhas dando sopa no quintal, ou seja, de bobeira, prontinha pro estupro que alguém havia planejado a poucas horas dali.

**DELEGADO**

Perfeito! *(Sorriu e abraçou reconhecendo-lhe o desfecho)*. Seu Jota-Jota venha de lá um abraço, homem, por farejar e matar a charada desses 3 elementos! O senhor está de parabéns por isso. Devo reconhecer sua eficácia e contestação, caso contrário, lá estaria eu rondando o mesmo círculo.

**POLICIAL**

Mas, exímio escrivão de delegacia policial, nessas minhas idas e vindas por transferência de emprego, ora aqui, ora ali, e amanhã sabe-se lá meu Deus aonde estarei, então eu tenho feito algumas observações. Por exemplo, tenho notada que a Dona Corina não se aproxima da verdade e o garoto está aliado ao Raimundão fazendo a mesma coisa contra as duas. Esse sujeito tá escondendo a verdade, delegado.

**DELEGADO**

Exatamente! Foi isso que pensei.

**POLICIAL**

Pois é. Eu se fosse o senhor providenciaria a prisão pros dois por desrespeito aos nossos códigos penais. Acho tudo isso um desaforo ao senhor que é autoridade máxima nesta delegacia. Que diabo! Ou o cara assume a veracidade do caso ou vai morfar no xilindró.

## CENA 6

*(Cena final. Mostrando o delegado irritado e andando de um lado para outro como se meditasse alguma coisa, ora alisando o calvanhaque, ora ajeitando o bigode. De repente em dado momento ele tropeça no panelo que o moleque Pedrinho tinha largado antes no chão sem ser apercebido o seu gesto).*

### DELEGADO

Eu sei, Seu Jota-Jota!! Eu sei queb tenho que tomar alguma providencia! Ou mando tudo pros quintos dos infernos!! *(Tropeçou, e todos ficaram surpresos)* Mas que diabo é isso aí? Quem trouxe essa porcaria pra delegacia??

### CORINA

Porcaria não, doutro Praxedes. Porcaria se diz pra coisa que não preste, coisa podre, coisa fedorenta, fedida. Pensando bem, até que a minha Maroquinhas serve pra fazer uma canja hoje em dia nesse tempo de vacas magras, e dá uma panelhinha a bichinha, porém, tá tão magra, tão raquíticazinha. É bem possível que ela tenha pívide. Vem ver, Pedrinho, dá uma espiada...

*(Aqui a cena "congela" com todos boquiabertos diante do quadro, com exceção dos outros personagens, Corina, Pedrinho e Raimundão, apenas por 2 segundos).*

### DELEGADO

*(Surpreso).* O quê??

### POLICIAL

Essa coisa aí dentro do panelo é a Maroquinhas?!!

### RAIMUNDÃO

Pois é, doutro, pelo que o senhor tá vendo aqui no recinto. Bem que tentei lhe avisar, lembra? Mas o senhor desconversou e não quis me ouvir, então, acabei fazendo o jogo dela dessa maluca.

### DELEGADO

Pai' dégua essa! Custo acreditar que esses sujeitos sacaniaram comigo.

### POLICIAL

Também comigo, doutor! Foi um tempo perdido aqui na máquina. Que puta merda!

### **DELEGADO**

Porra. Esse povo deveria consultar um veterinário, um psiquiatra, sei lá...

### **PEDRINHO**

Sabe doutor? A tia Corina roubou essa galinha do cara que ia fazer despacho de macumba numa encruzilhada. Ora, pessoal, eu quis devolver a penosa pro dono dela, mas o careta lá não queria mais ela de volta. Aí, a tia Corina, que não é besta nem nada, queria trocar a galinha goguenta por outra mais sadia que era do Raimundão. Aí, ela inventou essa história...

### **CORINA**

Pois foi, doutor, apesar da magreza dela não é que teve ladrão esta madrugada no meu quintal e quase carregou a Maroquinhas e o peru Matias. *(Indicou o ladrão olhando pro Raimundão).*

### **RAIMUNDÃO**

Fui eu não, doutor. Juro! Era outro comparsa. Mesmo com sutil apelido e passando o pano no quintal dessa mocréia pela madrugada, confesso que vi a tal Maroquinhas, aí me deu vontade de afanar esse galináceo, mas não tive coragem de roubar uma galinha goguenta, eu não tive peito. Não tive mesmo.

### **CORINA**

Pior, doutor, que eu não devia dar parte dele se até miolo de pão e milho eu vi ele oferecer pra bichinha. Tadinha.

### **RAIMUNDÃO**

Tá vendo, doutor? E tem mais uma coisa: eu nunca fui macoqueiro de roubar nada de véspera, bom, só se for na época do Círio de Nazaré. Quando o vizinho dá bobeira, saindo de casa pro trabalho ou pra curtir férias, eu afano na marra mesmo. Pode botar fé. Até que fiquei sacando essa zinha... essa encrequeira, mas pensando naquilo que a minha vó dizia que carne de galinha preta faz mal a vista por causa da...

### **DELEGADO**

*(Berrou).* Chega! Chega Raimundão!! Basta. Cambada de malucos. Fora!!! Fora daqui os três!

### **POLICIAL**

Ou mande prender os três por desacato a sua autoridade!

**RAIMUNDÃO**

Comigo, não tem problema. Lá fora, a gente passa fome, mas aqui dentro, é bem melhor.

**CORINA**

Doutor Praxedes, vamos e convenhamos, com mais de 30 aves no quintal, desejo oferecer esta pro senhor. Aceita, delegado! *(Suplicou)*. Aceita, doutor Praxedes! Fica com a galinha, ao menos pra aliviar o peso na minha consciência. Macumba não “pega” no senhor, não. Isso é bastagem.

**DELEGADO**

Tá querendo me subornar, é Dona Corina? Olhe que lhe meto na cadeia por conta disso. Tá pensando que eu faço parte dessa corrupção que anda por aí mal fadada a escândalos, faço parte não, sou um homem honesto, sensato, quero só aquilo que é meu por direitos e por vias legais.

**CORINA**

Desculpe, doutor. Eu só tava querendo agradar.

**DELEGADO**

Mas não quero. Faça da sua galinha e do seu peru o que quiser.

**PEDRINHO**

Né sacangem. A tia tá lhe dando a galinha de bandeja e o senhor não quer?

**POLICIAL**

Com licença, delegado... Não estou mais aguentando essa latomia. Já tô estressado. Todos para a fora!!! Vão procurar o padre pra exorcizar vocês!!

**DELEGADO**

Caem fora daqui! Vão embora daqui, seus demônios! *(Pausa. Enquanto o policial se refaz e pergunta)*.

**POLICIAL**

O que é que eu faço com isto aqui? *(Exibiu as folhas da ocorrência)*.

**DELEGADO**

Ora que pergunta mais cretina!! Cancela. *(Ao Pedrinho que vai saindo de mansinho)*. Êpa, meu rapaz, volte aqui!

**PEDRINHO**

Qual é o grilo agora?

**DELEGADO**

Será que o Pedrinho não vai me devolver o que me foi dado com gosto?

**PEDRINHO**

O quê? A galinha? Essa aqui é minha e não abro, de jeito maneira.

**DELEGADO**

Rapaz! Me entrega essa galinha. Caso contrário, mandarei o Seu Jota-Jota te prender, moleque atrevido. Calma, doutor, calma. Peraí um instante...  
*(Estava tentando escapar).*

**DELEGADO**

O que vai fazer?

**PEDRINHO**

Vou tirar água do joelho. Posso? Posso ou não posso?

**DELEGADO**

Mas é claro que pode, garoto. Mas com a minha galinha Maroquinhas??

**PEDRINHO**

*(Fugindo, correndo em direção a plateia).* É! Seu delegado baitola. Ih, fiau-babau cachimbo de pau!! *(Sumiu).*

**POLICIAL**

Porra chefe. Tanto trabalho pra nada. Que moleque mais atrevido.

**DELEGADO**

*(Sorri com empatia).* Deixa pra lá. Pois com a idade dele já fui sapeca levado de breca. Aprontava pra caramba! É, esse moleque vai longe com o direito de fazer uma porrada de brincadeiras dessas, até comigo. *(Em outro plano do palco, em penumbra, mostra Pedrinho enrabando a galinha atrás duma bananeira enquanto a lua passeia entre as nuvens).*

ANTÍFONA

# Antífona

1979

## PERSONAGENS

Arauto  
Antífona  
Mediocridade  
Hipocrisia  
Ganância  
Falso pudor  
Complacência  
Vulgaridade  
Todo Mundo

## CENÁRIO

Palco arena. De cada coluna – que são seis – vão surgindo os personagens no palco pela ordem de chamada. Em primeiro plano, surge o Arauto, ao som de uma música sacra ou sob ruídos de tambor ou lata velha e assim sucessivamente. Este, assume a característica de prólogo e epílogo de espetáculo etc. E todo seu movimento é clássico e bastante técnico. Cada personagem se veste como tal, utilizando túnica de lamê ou cetim, em cores berrantes, de acordo com a característica de cada um, com exceção de Antífona e Arauto que usam malhas pretas e branca respectivamente.



## ARAUTO

*(Ao público).* Minhas senhoras e meus senhores, distintos cavalheiros deste mundo assombroso, o espetáculo vai falar um pouco sobre as deficiências de todos nós, cuja Moralidade de nosso tempo está irracional ou racional na figura decadente de Antífona, o personagem central desta peça. É lugar comum dizer-se hoje que o nosso século é um século de rápidas transformações históricas marcadas por um sentido de conquistas e renovações tais que sua característica básica – assim como a do século XVIII foi a ra-



ção e do século XIX foi a ciência – será a liberdade. Como não podia deixar de acontecer, dentro do absurdo, o Teatro viria a refletir essa Moralidade tomando por base o protesto que é energia que impulsionou o Teatro moderno tal como a fé impulsionou o teatro no passado. Aqui neste palco, os fatos, as ideias, os valores éticos ou estéticos, vão surgindo e serão incorporados pelos atores em sua tentativa de atingir o espectador, dizendo-lhe algo de sua situação na definição de todo mundo. *(Corre pelo palco, visivelmente dramático)*. Vinde Antífona! Maldito herói burguês! Vinde com a tua loucura infame! Por que não respondes, maldito? Vem! Vem negar em cena os teus valores decadentes ou caducos do teu mundo burguês e individualista!

*(Sai. A música retorna mais grave e pesada. Em seguida, surge Antífona envolvido em sombras, imerso de angústia e seu aspecto é sofrível, cuja sarapilha usada como sobrecapa oculta-lhe um pouco a feiura do rosto)*.

### **ANTÍFONA**

Mas eu que sou? Sei alguma coisa? Quem sabe? ... Presumi demasiado de minha força. Aos trinta anos já tenho uma cara de pau, estou velho, calcei chinelos. A cabeça pesada, a alma entorpecida, estou esgotado, batido, quebrado, sem fé, sem esperança, sem objetivo e vago como uma sombra por entre os vivos; já nem sei quem sou, por que vivo, o que quero ... Antífona, João, José, quem sabe, talvez, em mim toda decadência da burguesia ... Estou definitivamente perdido por minha Mediocridade e transigência, por minha covardia e Complacência, por minha hipocrisia e Ganância, por meu espírito vulgar e estreito, por minha simulação e Falso Pudor. Oh! Não haverá perdão para mim!

### **MEDIOCRIDADE**

*(Desafiadora)*. Antífona!

### **ANTÍFONA**

Oh! Mediocridade, eu já sabia da tua chegada mas que sabes tu da minha dor e do meu desalento!

### **MEDIOCRIDADE**

Em que sentido se expressa essa dor e desalento? Não é necessário que me respondas. Já sei que não se expressa em única direção, mas sim, pelo contrário, em atitudes e seguindo diretrizes opostas e contraditórias. Sim! Eu sou a tua Mediocridade derradeira porque faço parte de teu corpo, que

anuncia Antífona na definição de todo mundo. E tanto mais aprender a ser desamado que aprende a precisão de ser tamanho proletariado; trazido pelas transformações econômicas e sociais e a revolução industrial.

### **ANTÍFONA**

Oh! Infame! Teus fatos e tuas ideias se incorporam em mim, passando a ser o dominador comum de toda minha vida.

### **MEDIOCRIDADE**

A vantagem de Antífona é que Antífona ensina uma palavra ferrugenta e mentirosa. E o teu desamar que se apresenta nitidamente burguês é uma grave mentira em grávida fome de amor. Daí a precisão de mágoa e lamento concebido pelos prazeres terrenos. (*Saindo*). Agora, Antífona, sob controle as forças que tu mesmo desencadeou já se vão somente, o dom de fazê-lo sofrer e infeliz destino de “aprendiz de feiticeiro”.

### **ANTÍFONA**

Oh! Ninguém vai acreditar que sofro! Quem nesta noite de tantos séculos veio para ficar o tempo todo e já me imaginou Antífona sem ter aonde cair morto? Vinde todos os meus pecados mortais! ... Quero vê-los cara a cara! Hipocrisia! Ganância! Vulgaridade! Falso Pudor! Vinde me atacar em nome do diabo!

### **HIPOCRISIA**

(*Dramaticamente linda*). Oh! Antífona! Maldito senhor da minha degradação. Onde está tua liberdade? A erupção do tempo como nova dimensão no humano, mudando a própria noção estática das coisas mais dinâmicas e evolutivas e as profundas modificações que passou o homem no plano dos fatos, obrigam-me a repulsar os seus valores e ideias, renovar e inovar sua ação para obter o controle das forças e circunstâncias que sobre o homem agem, mantendo-se assim dono do próprio destino!

### **ANTÍFONA**

Oh! Minha amada Hipocrisia, preciso da tua dinâmica, mais que ontem, mais do que hoje, menos do que amanhã! Minhas forças estão se acabando.

### **HIPOCRISIA**

Se o teu sentimento trágico diante do desaparecimento de certezas fundamentais for semelhante ao de todo mundo, aí, haverá sempre a necessida-

de, a negação, a incapacidade, a ansiedade e pressão que ameaçam aniquilá-lo como coisa vã e inglória. E dessa tua burguesia herdaste apenas uma sandália de couro que arrastas pelo mundo. *(Vai saindo)*. As coisas te serão negadas e proibidas.

### **ANTÍFONA**

Dize-me: onde posso ficar esta noite? Não me abandones por falta de cultura e intrepidez! Quero fincar meus pés na realidade. Oh! Sou tão igualmente atacado.

### **GANÂNCIA**

Mas atacado em nome de quê? Que outros valores se apresentam já definidos ou fixados? Um dos mais essenciais se prende a outro tão básico do século, que sou eu, a Ganância: a tendência dos homens a se associarem para fins que ultrapassem as suas capacidades individuais. Antífona, só existe em ti pela revolução industrial e consequente ascensão das massas e pelo desenvolvimento técnico e científico que tornando mais complexa das tarefas humanas obrigam o homem a planejar seu próprio confinamento. Estás velho, Antífona, e por isto, eu já não falo mais a tua linguagem de conquista e posse.

### **ANTÍFONA**

Oh! Por que minha fiel Ganância? Sei das coisas que me afetaram por tua causa e dessas coisas todas que te aniquilaram por tão vil minha ganância. *(Ganância sai de cena)* Oh! Peço perdão se te incomodei tanto século de alienação. Contigo, eu percorri as manchetes, um rio de lágrimas, a minha mochila sem passaporte, meus dólares, relógio, livros, revistas, filmes ou peças proibidas que marcaram minha falência.

### **VULGARIDADE**

*(Sensualmente bela)*. Antífona! Imaginas que fosses pior?

### **ANTÍFONA**

Minha Vulgaridade! Que beleza reinante! *(Tentando abraça-la com amor)*. Oh! Vinde com teu frescor, com a tua juventude, com o teu esplendor que me acalanta e me mostra essa noite para onde devo ir! Vem! Vem!

## **VULGARIDADE**

*(Fugindo dele).* Não, Antífona! Eu te odeio! Eu não quero nada contigo! Por tua causa a minha realidade hoje é bem outra: sou prostituída pelas famílias gerais e vou voltar para dentro de mim mesma só daqui alguns anos, só depois que Antífona repara os danos causados a tanta gente.

## **ANTÍFONA**

Mas sem a vulgaridade os homens não existem e nem haverá belos momentos na vida, êxtases e transes, que surge construtiva e inescapável de uma natureza dominadora, que preside nossos destinos.

## **VULGARIDADE**

Que é o Antífona de hoje se não o produto da decadência da burguesia que em ti sobrepunha? Vejo em ti, oh Antífona, o renascimento da loucura e da morte, a desordem e o caos da sociedade organizada em planos paralelos e interligados, em que Deus é esquecido todo o sempre! *(Sai)*.

## **ANTÍFONA**

*(Visivelmente dramático).* Vinde todos! Todos os meus pecados malditos! Vinde todo mundo!

## **FALSO PUDOR**

*(Grito).* Silêncio, Antífona! Tua loucura é tanta mas ninguém te ouve. Eis-me aqui teu Falso Pudor pra zombar das tuas forças que se agitam para morrer em todo mundo! E mesmo dotado de uma mente esclarecida és incapaz de dominar os poderes externos – a riqueza ou a máquina das finanças, da indústria e dos negócios, que gera a guerra, bem como, internos, como as paixões e impulsos, o irracional e o sexo. O que te resta dessa podridão se não os teus pecados novos? O teu reinado está morrendo pouco a pouco, a cada grito dentro da noite! E a cada família confinada a tantos domingos sem almoço há de amaldiçoá-lo por isso.

## **ANTÍFONA**

Mas eu que fiz!? Sei de alguma coisa, de alguma realidade palpitante em eterna mutação? Oh! Meus pecados novos que sabem vocês da minha tristeza agora sem palácio modelo? O pessoal lá, todo na mesa, estranha e reclama dessa miséria que leva o espírito de todo mundo a pensar em mim. Por Antífona, os homens ficaram mais rígidos e brutos e viraram manchete

e dormem em hotéis baratos em sua nudez vestida de amor. Dize-me: há alguma esperança para mim neste mundo vazio e canalha?

### **FALSO PUDOR**

A tua rebeldia e teu padrão de vida desajustada não tem direção e cai na auto destruição das máquinas. *(Saindo)*. Sim! O teu poder negro acabou, Antífona! Acabou!

### **ANTÍFONA**

Malditos! Esses pecados nossos!

### **COMPLASCÊNCIA**

*(Trazendo uma candeia ou um círio para ser aceso no palco)*. Como vê, Antífona, todos te abandonam em tua sordidez, em tua falsa moral! Assim como Deus é esquecido pela razão e pelos sentidos vãos dos homens, do mesmo modo Antífona é atirado ao abandono completo do seu mundo pecaminoso!

### **ANTÍFONA**

*(Angustiado)*. Oh! Por que meus pecados novos? Que pretendes de mim, Complacência, chega de tanta tortura! Oh! Já não me basta as coisas vãs deste mundo cruel?

### **COMPLACÊNCIA**

*(Alumiando à esquerda do palco)*. Eis teu caminho ... Se Antífona enlouquece ou morre, então sobrevém minha condenação maior, que é a vontade individual. O trágico só advém da tua falência moral onde tua queda é fatal, porque Antífona não apenas age mas é coagido pelas circunstâncias, pelo o que está em torno e é o fim.

### **ANTÍFONA**

Oh! Tu também me abandonas e impõe-me: a morte diante dessas coisas individualistas e desequilibradas! *(Cai ao pé da coluna)*. Isso ameaça e impede a minha atmosfera de mudanças e transformações em algo bem melhor que não seja os meus pecados novos deste mundo moderno e poluído.

### **COMPLACÊNCIA**

Que fizeste das tuas ciências políticas, as quais, usaste como escudo nas grandes bancadas e tribunas? Ainda hoje todo mundo reclama as tuas leis

novas que antecedeu avidamente sem pensar nas consequências. Anda! Levanta-te deste chão imberbe e frio e olha-me de frente, cara a cara.

### **ANTÍFONA**

Oh! Não consigo ... Meu falso pudor destituiu-me de vergonha.

### **COMPLACÊNCIA**

*(Com ironia)*. Herói burguês! Então não vê ameaçada a tua história maior, tua angústia, tua vida destituída de amor, diante da condição do homem moderno e da desumanização progressiva do homem transformando a realidade do meio ambiente em irrealidade? Anda! Levanta-te! *(Antífona obedece)*. Que espantinho exagerado! Agora defende teu mundo exterior com superioridade irônica ou embaralha, de maneira grotesca, as tuas aparições, ou ainda, acende a tua apreensão de tudo por meio de teu cinismo próprio.

### **ANTÍFONA**

Não entendo, que tu minha Complacência, tenha que me mostrar também o caminho do qual tenho medo agora.

### **COMPLACÊNCIA**

Medo ou covardia? Por Antífona, eu também sinto – como todo mundo – por um lado o avanço surdo das massas proletárias à quais se tinha roubado o amor e alegria de viver e por outro, o desmoronamento iminente de uma humanidade tão arrogante quanto ao sofrimento alheio, presa a hábitos e convenções da burguesia decadente.

### **ANTÍFONA**

Cala-te! Tua linguagem me fere como lâminas de aço e me divide em pedaços jogados aos porcos no quintal!

### **COMPLACÊNCIA**

Ouve-me, Antífona! Pior que isso também é verdade que no apartamento do BNH, casado, com filhos, por tua causa sofri pressão de todo jeito e senti cheiro de lixos por toda parte. É bem verdade que eu tinha todo o conforto e zombava da pobreza de muita gente; através de mim colocaste a casa em ordem, criaste um montante de dívidas a curto ou a longo prazo, mas esses papos de família de consciência tranquila me fez perceber tua tolice, teu sonho louco e me encolhi como caramujo. Numa noite assim ceei na casa do pai e na casa da sogra, estávamos juntos, agora.

### **ANTÍFONA**

Mas saíste do meu esquema achando que estavas cansado do meu jogo perigosos e ...

### **COMPLACÊNCIA**

Adeus, Antífona! Vou voltar ao meu mundo das sombras para onde me confinaste. *(Sai. Cai a luz ensombreado o palco. Ouvem-se vozes, gargalhadas e ruídos etc.).*

### **ANTÍFONA**

Oh! Em que porta vou bater esta noite? Em que ombro amigo vou depositar minhas queixas nuas? Oh! Em que arquibancada vou assistir a minha própria morte? Estou perdido ... perdido ...

### **VOZES**

*(De fundo).* Eis o homem! ... Todo homem é uma ilha! ... Vamos malhar o homem! ... Esse Judas! ...

### **ANTÍFONA**

*(Desesperado).* Oh! Se em minhas estradas vencer este frio da madrugada que faço eu do meu famigerado ódio, da minha horrível ira, e do meu podre egoísmo de geração de tantos séculos? Sei que é em vão tentar vencer meus velhos encolhes, cristalizar as lágrimas nos olhos e não ter o direito de chorar.

### **VOZES**

*(De fundo).* Há de arder em chama os açoites da Morte que em ti desama os teus prazeres terrenos ...

### **ANTÍFONA**

Oh! Essas canções já sem sentido a surdinar no búzio dos ouvidos velhos cantos parados na memória oh! Essa tortura em coro de gemidos vai me partindo como cristal.

*(Nesse instante, os outros personagens vão ressurgindo sem obedecer a ordem de entrada. Todos utilizam ferramentas ou chicotes ou vão armando a guilhotina no palco).*

### **TODOS**

Morra, Antífona! Morra, Antífona! O herói burguês!

## **ANTÍFONA**

Oh! Infames! Malditos!

## **TODOS**

Se não tomou o caminho certo, não chega a lugar nenhum, fechando as janelas e enchendo os ouvidos de algodão! A tua infância vivida entre prazeres e vagares de velhos passos sem rumo e sem norte há deficar o sabor da tua má sorte.

## **ANTÍFONA**

Malditos! Todos! Todos!

## **TODOS**

Morra! ... Morra! ...

*(Antífona é dramaticamente arrastado pelos outros ou massacrado até as últimas consequências. Depois, em palco nu, ressurgue o Arauto como epílogo magnificamente belo em sua postura).*

## **ARAUTO**

Assim todo mundo na definição de Antífona entre as injúrias de seus pecados sem encontrar um pouso que conforte assistirá agônico e sinistro sua própria morte. Que este drama porém vá a todos apagar seus ódios, suas iras e seus egoísmos. Esse é o final do jogo de todos os sentidos vãos. Uma denúncia específica contra a guerra dos nervos. *(Corre pelo palco)*. Oh! Deus, Senhor do Universo! Que a arte de matar que rasga as pessoas em tiras com suas farpas de aço fino e penetrante, seja exterminada das populações inteiras antes da metade do século por todo século! Que o gosto pela violência dessa minha geração corrompida, seja desenraizado para não separar os homens de sua civilização! Oh! Meu Deus! Deus nosso! Quero uma linguagem usada de modo diferente, sem crueldade, sem absurdo, sem medir forças ou nenhuma estranha consequência para não gerar choques entre gerações. Não a revolta em nome da libertação dos instintos do mundo em geral, como os párias da sociedade, talvez como Antífona, desesperado e atônito, a esfumar-se no sentido da vida e a desaparecer na razão de existir. Amém.

*(Cai uma sombra no palco. A música retorna mais forte. Aqui os atores vão ressurgindo e formando uma corrente numa "despedida" ao público fazendo reverências com a cabeça etc.).*

**FIM DO ESPETÁCULO**



MEU  
BERRRO BOI

# **Meu berro boi**<sup>(5)</sup>

**Peça teatral em Ato único - 1981**

## **PERSONAGENS**

1º Homem

2º Homem

3º Homem

Cantador

## **CENÁRIO**

Vazio, com o fundo e as laterais do palco forradas em tom verde escuro.

## **ROUPA**

Os três homens usam calças e camisas pretas, mangas compridas. As camisas apresentam desenhos marajoaras, em branco e vermelho – uma na barra, outra na frente esquerda, verticalmente, e a terceira transversalmente, até a metade do peito, de acordo com os desenhos anexados, entram com um feixe de fitas de todas as cores, a serem colocados envolvendo a testa, de modo que as pontas fiquem pendentes até a altura do tórax. Ao entrarem, trazem as fitas enroladas na cintura. Todos estão descalços, inclusive o cantador, que usa apenas calça preta, talvez enrolada até os joelhos.

## **ILUMINAÇÃO**

São usadas gelatinas nas cores vermelha, verde e amarela, além de luz branca e iluminação com três grandes círios brancos.

## **PINTURA**

O texto sugere, originalmente, o uso de tinturas de urucu e jenipapo (cores vermelha e preta), utilizadas pelos índios brasileiros, sem exigir, entretanto, obediência aos padrões formais por eles criados. Essas tinturas não são facilmente encontradas em certas regiões, já que as plantas e frutos que as fornecem nem sempre exis-

---

(5) Prêmio “Vespasiano Ramos”, 1974 – API; Melhor coreografia no 9º Fernata/81, Ponta Grossa, PE; Melhor Espetáculo no Festival de Campina Grande / 81 – PE; Melhor Música e Melhor texto no I Festival Regional de Teatro amador de Curitiba / 81 – Paraná; Prêmio extra “Serviço social” da Universidade Federal do Paraná; Melhor espetáculo da II Mostra de teatro amador do Pará / 81; Melhor direção; Melhor Iluminação .

tem em qualquer lugar. A tintura de jenipapo apresenta, também, a característica de ser dificilmente removível, depois de aplicadas à pele, demorando cerca de uma semana para a completa remoção. Tais detalhes forcem a que se permita a opção – se imprescindível – por um tipo de pintura cosmética que assemelhe as originais. Cada personagem deve receber um tipo diferente de maquiagem.

### ADEREÇOS

Um tambor convenientemente pintado, introduzido em cena e tocado pelo 3º homem, durante os arranjos de músicas; os três círios, que são introduzidos pelos próprios homens e dispostos em cena na seguinte forma: o 1º homem colocará seu círio centralizado na extremidade frontal do palco; o 2º homem deposita o seu no lado esquerdo da cena, à direita da plateia e o 3º homem coloca o círio no lado oposto, paralelamente, de modo que os três círios formem um triângulo; e os feixes de fitas enrolados na cintura. O tambor será depositado pelo 3º homem no mesmo lado em que deixou o círio, sendo que mais ao fundo e um pouco mais para o centro do tablado. Os círios são depositados jogando cera no chão e colando-se a parte inferior dos mesmos.

### DIREÇÃO

Caso o diretor prefira, pode orientar os atores no sentido de que façam uso do modo de falar próprio do caboclo amazônico. Seguem-se alguns detalhes a respeito.

1. Ocorre a troca de vogal o (fechada ou aberta) pela vogal u. Exemplo: cobra é dito “cubra”; poço é dito “puço”.
2. Ocorre a troca de l final em palavras oxítonas pelo r, dito de forma suave e quase imperceptível. Exemplo: sinal é dito “sinar” (quase como siná).
3. Ocorre a correção da pronúncia de palavras terminadas em ê fechado, normalmente pronunciadas como se terminassem em ã. Exemplo: de, que, se, e ditas normalmente di, qui, si e são pronunciadas com ê fechado: dê, quê, sê, ê.
4. Embora nem sempre, palavras que tenham mais de uma sílaba sofram também essa transformação vocal, tanto no meio da palavra como no fim. Exemplo: desgaste é dito normalmente disgati na região diz-se desgaste (com o ê no final átono).

A peça foi musicada previamente – antes de qualquer montagem – de acordo com as partituras anexas, tendo em vista a necessidade de que (xxx)<sup>(6)</sup> revista da homogeneidade precisa a uma visão global do pensar e sentir da região que lhe serve de cenário, daí, também, a inclusão de desenhos e outros detalhes necessários à expressão correta da arte amazônica. Não significa, entretanto, que o diretor esteja obrigado a observar tais detalhes em sua totalidade.

---

<sup>(6)</sup> *Fala ilegível no texto original do autor.*

Este é um texto que pretende mostrar aspectos da realidade que me cerca – a realidade amazônica – traduzidos em um momento poético/que os enfoca a partir de um ponto de vista mágico e mítico. Característico na vida do caboclo, que somos nós.

Tem a intenção de ser como que o espelho das águas, refletindo o homem e seus problemas sociais, econômicos, geográficos e culturais – sua vida vivida no envolvimento de constantes lutas, internas e externas – surgindo deste reflexo a imagem do animal subjugado, expoliado e morto (*que aqui aparece na figura às vezes cômica, às vezes trágica do boi*).

Nada no texto é gratuito, nem existe coisa alguma fora de lugar. Todas as cenas e sequências de cenas desenvolvem-se naturalmente, em justa correlação com o cotidiano viver caboclo, e as transposições de um lugar para o outro – do rio para o campo ou para uma sala fechada – ficam na conta de um teatro que já não pode se deixar prender por cenários fixos e, muitas vezes, incômodos e que, com a ajuda da compressão lúcida das plateias, modifica a localização e forma do palco num abrir e fechar de olhos, aproximando-se muito, neste ponto, das referências cinematográficas.

Assim também os atores não são um só personagem todo o tempo.

Todos são caboclos amazônicos que chegam em busca de um local, de uma clareira no meio da mata, onde possam manifestar-se artisticamente, onde possam cantar e dançar à vontade, mas, no desenrolar da peça, cada um deles assume vários outros personagens tais como a iara o boi, um barqueiro, um encantado etc.

O que é importante verificar é que há uma exibição dos caboclos dentro da peça ou, antes, uma peça dentro de outra peça, paralelamente com a tomada dos problemas reais que os caboclos devem enfrentar.

O texto foi, cuidadosamente, elaborado para que atingisse o seu fim determinado, não só de colocar, mecanicamente, em relevância a natureza amazônica, a mata e o rio, as lendas e atribulações que cercam o “caboco” – como nós chamamos a nós mesmos – mas, também e principalmente, de mostrar a força guardada que possuímos, a capacidade grandiosa de arrostar com todas as dificuldades, o berro harmônico – brotado apenas no momento oportuno, o relaxamento que só o homem extremamente pronto para a ação consegue possuir.

Sem inimizadas com a natureza, o amazônico, afinal, pode conseguir transformá-la vencê-la, amá-la e colocá-la a seu serviço, pela ação do poder e da força de seu verbo.

*Notas do Autor*



*(As duas primeiras músicas são cantadas sem letra).*

### **TERCEIRA MÚSICA**

O matagal te cubra  
A noite te escureça  
O vento te carregue além  
A solidão te cale  
O medo te emudeça  
A podridão te coma, amém

### **QUARTA MÚSICA**

O santo é forte, o pai é grande, eu sou eu  
E ninguém via em meu pescoço o medalhão  
Brilhando que nem fogo, fogo, fogo na moça  
Na roupa, na choça e no tambor o boi bumbava  
Se acabava no terreiro  
De rede em rede o boi bumbava a noite toda  
E ninguém via em meu pescoço o medalhão  
Ninguém sabia do meu medalhão  
Cuidado, cuidado, cuidado, é fogo  
Não perca a fé no fogo, fogo queima tudo  
E ninguém sabe nada.

### **QUINTA MÚSICA**

Onde a vida muge em fome  
No retalhar do destino  
O boi retarda no passo  
A sina de ser em morte

### **SEXTA MÚSICA**

É uma luz, é um lume  
E em torno desse negro  
Que de dentro  
Um luminoso jorro dá  
Tem dois a dois  
De dois em dois  
O jorro de negrume

### **SÉTIMA MÚSICA**

Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão  
Ai cara cortada, ai gume/ ai sangue ali esquecido  
Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão  
Ai faca sempre afiada/ na fome das multidões  
Ai boi sangrando amargura/ ai ruminada beleza  
Ai prados, ai rios de sol/ ai tempo de néscia espera  
Ai corpo sem nome e marca/ em podre composição  
Ai mares de grama densa/ ai passageira internada  
Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão

### **OITAVA MÚSICA**

Meu boi morreu/ meu berro boi  
Não fite mais seus olhos nessa agonia  
Que eu vou cantar/ que eu sei cantar

## **PARTE 1 - POEMANESSÊNCIA AMAZÔNICA**

- Walter Freitas -

É noite. O palco está às escuras, os três homens entram por detrás da plateia, iluminando o ambiente com fogo dos círios. O 3º homem traz o círio na mão direita e o tambor apoiado no ombro esquerdo. A caminhada até o palco é lenta e silenciosa, embora a postura dos personagens seja descontraída e caminhem um pouco agachados, fazendo luz para os lados, como se procurassem um local adequado ao que pretendem.

O palco deve ser “achado” pelos três homens que distribuem os círios, triangularmente, para que a iluminação seja a melhor possível, derramando cera no chão e colando a parte do mesmo. O 2º homem ajudará a depositar o tambor no local indicado e, somente depois, o 3º homem colocará seu círio no chão. A esta altura o cantador começa a cantar a primeira música. Os três homens devem senti-la profundamente e iniciar em suas posturas e expressões a mostra do cotidiano caboclo que vai exibir no tablado.

Iniciam, então, a limpeza do local em que desejam se instalar. São mostradas diversas e sucessivas atividades próprias da região, como roçagem, a coleta de capim e lixo, para queima posterior, e o transporte de pedaços de madeira, sob uma marcação definida, lenta e sublinhada pela música.

*(O 1º homem inicia, na extremidade do palco, o arrasto de uma rede, no que será logo ajudado pelos outros dois. Apenas, aqui, depois de algum tempo de trabalho silencioso, se iniciam as falas).*

### **1º HOMEM**

*(puxando a rede).*

Sombra/ o gesto baço

O soçobrado barco/ poço marinheiro

O capitão da noite sombra

O berro do silêncio se calou

### **2º HOMEM**

*(Idem).* não és poema és som de fáau/ Tu és/ tu és nau, ou choça.

### **3º HOMEM**

*(Idem).* Brota o meu delírio, um lírio entre as costelas movimento estranho, rumor estranho/ Brota o meu delírio/ meu amor, um lírio.

*(A rede deve ser arrastada até o fundo do palco. Os peixes são recolhidos e levados até a extremidade do palco, onde o círio simulará a brasa em que assam o alimento. Sentam-se em volta do fogo e se alimentam de peixes e cachaça).*

### **2º HOMEM**

A chama nunca mais desfeita/ o brilho nunca mais noturno, além dos olhos/esse vão de queima nunca mais vazio ou vago o vão das velas idas e não vindas/ nunca mais.

### **1º HOMEM**

A noite se vazou da sala, ou cobre ainda/ sobre a mesa ainda o seu noturno corpo estende/ a vela ainda noite, os astros/ derramada, alçada a noite vela os mastros/ ou se vazou em som nenhum, momento algum/ mover algum na sala.

### **3º HOMEM**

A tua boca fala adeja paira sobre bicar a flor/ os mastros traspassavam, meu amor, o amargo e amargo o marinheiro navegava, enfim/ a música pousava, enfim.

### **1º HOMEM**

O ar da terra/ vir/ o pão do porto sol/ o sol do por do sal/ o pão do ar/  
do er/ do ir o pasto vento, então é tempo?/ Então é isso aí? Então, no  
campo ermo, é meu esse momento/ mó/ rede/ moinho?

### **2º HOMEM**

O mar/ amor/ amargo/ o largo, meu amor assim se queima essa  
serpente, musga-se/ de encontro ao ventre bem-amado dis-/ tendido  
feito um campo exposto ao meu silêncio/ caminhar.

*(O 1º e o 3º homem já estarão preparados para dormir. O 2º homem fica de pé, dirigindo-se para o fundo palco).*

### **3º HOMEM**

E mal nenhum há neste seu enrodilhar-se mudo ilhar-se.

### **1º HOMEM**

Nada mais do que despír da sobra o sol/ vestir de sombra o sol de novo/  
sossegar.

### **2º HOMEM**

Sorrir/ en/ go/ do/ ido/ comovido/ dis-/ sol/ vado/ mundo, merda  
nágua deso – não sabe quem é – lado ovado/ pó poeta/ caco, car/  
comicha-se a si mesmo/ come-se.

*(Antes que a fala do 2º homem termine os dois despertam e se levantam. A fala seguinte é dita por todos, enquanto se movem indefinidamente pelo palco, mãos estendidas, como que a buscar algo).*

### **TODOS**

E os teus pés são como se nos fossem abandonar/ e as tuas mãos são  
como duas pétalas ou mariposas/ ou como tudo aquilo que saiu de si/  
deixou de ser.

*(O 1º homem movimenta-se enquanto fala e depois se imobiliza na postura em que estiver ao fim da fala. Os outros agem da mesma forma).*

### **1º HOMEM**

Todos os lumes pelos teus olhos, estrelas frias.



**2º HOMEM**

Todas as mortes pelos teus lumes de peixe/ luz.

**3º HOMEM**

Todas as almas por tua boca.

**1º HOMEM**

Pelos teus braços todos os rios.

**2º HOMEM**

Todos os ventos por teus cabelos.

**1º HOMEM**

Por tua sombra todos os sóis.

**3º HOMEM**

Na tua língua todo esse sal.

Simultaneamente, com as últimas falas anteriores, ouve-se, ao longe, uma batida de percussão, feita de fora da cena. Os personagens percebem o som e saem, lentamente, de sua imobilidade, dançando com alegria e vibração. A cena se alonga. Terminam agachados, lado a lado, com um dos joelhos no solo, enroscados sobre si mesmos.

Uma luz verde vai iluminando, lentamente, o palco, ao mesmo tempo em que os três homens iniciam um movimento lento e sucessivo de corpo para a frente, simulando as águas que batem contra a margem. Erguem o corpo, um de cada vez, estendendo os braços e dando um passo, e depois de se esticarem o mais possível para a frente, voltam a se retrair. Para maior expressão, o movimento deve ser iniciado com um balanço de corpo para trás, executado com a mesma lentidão. O som “chuá” deve ser emitido, como reforço, alongando-se durante todo o movimento. Aqui, cada personagem deve apagar o seu círio com um sopro, já que terminam o movimento imóveis, junto a eles.

Neste ponto, o cantador inicia a segunda música. O 1º e o 3º homens rumam para o centro do palco, com bastante expressividade corporal. O 3º homem faz um canoeiro encantado, assombrado, com a aparição da lara, vivida pelo 1º homem, que deve parecer sensual, tentando dominar o encantado. Em volta dos dois, o 2º homem gira lentamente, também assustado pela assombração, mas livre de seus encantos, simulando os movimentos de remar. Ele dá a volta desde o ponto em que se encontra

seu círio até o lado oposto, onde se encontra o 3º homem, passando pelo fundo, virando o rosto, às vezes, para não enxergar a lara e dando a entender que deseja salvar o encantado. Toda a expressão dos três deve ser feita com os joelhos dobrados e visando a coreografia da música.

*(O encantado, aos poucos, se liberta do envolvimento da lara e passa a remar juntamente com o 2º homem, como se ocupasse a proa da canoa. Com movimentos semelhantes, embora mais rápidos, dirigem-se para a borda do palco. Começam as falas. O 1º homem desincorpora gradativamente a lara, retraindo-se para um dos cantos do palco. Depois, ajuda a segurar o encantado).*

### **3º HOMEM**

Dessas águas baças eu me turvo/ a linha do meu braço. O meu contorno range/ o longamente imerso corpo amortecido/ à tona veio nessas águas turvas eu começo.

### **2º HOMEM**

A mão direita estende vagas e silêncios véus/ a solidão verdeja/ vibra

### **3º HOMEM**

O viço da noite/ o ventre da noite/ serpentino rasto/ serpentino gesto, andar/ vereda/ o gesto da noite/ a chama da noite/ serpentino brilho, toque/ beijo.

*(Os três se precipitam para a beira do palco ao mesmo tempo em que falam).*

### **TODOS**

Labareda/ labareda

*(O 3º homem vomita e é amparado pelos outros. Tem aspecto febril e estrebucha tentando se librar das mãos dos companheiros. Acalma-se, pouco a pouco).*

### **2º HOMEM**

O matagal se inflama nos teus olhos: fecha-os e escuta o lento crepitar/ a noite densa move a mata negra/ dança.

### **1º HOMEM**

O matagal se queima em tua boca/ tu, que vociferas, que ladras/ que ladras/ Raimundo, Raimundo/ entranhas consumidas/ vômito de lava.

*(Falam todos, para a plateia, com os dedos apontados).*

## **TODOS**

O matagal te cubra/ a noite te escureça/ o vento te carregue além/  
a solidão te cale/ o medo te emudeça/ a podridão te coma/ amém.

*(O cantador canta a terceira música. Os três homens voltam sobre si mesmos e, em câmera lenta, dirigem-se para o fundo do palco. O 3º homem vai à frente e os dois o seguem. Todos agem como se estivessem imersos. No fundo do palco, o 3º homem deixa-se cair morto para trás e é amparado pelos outros, um de cada lado. Trazem-no, de volta para a frente, em câmera lenta).*

## **1º HOMEM**

Uma palavra podre à tona vem/ à tona veio esse cadáver/ os pedaços  
desunidos/ a gengiva murcha/ a fruta murcha/ a fala empedernida e  
negra/ para sempre uma palavra podre sobe/ uma lembrança aérea,  
velha, fixa, de inchaço/ desce.

*(Depositam o corpo no chão, a cabeça junto ao círio. Ajoelham-se junto a ele, cruzando-lhe as mãos sobre o peito).*

## **2º HOMEM**

Sonoro definhar/ dentro da sombra, debaixo do voo/ o passarinho vento,  
alçado em som/ no bico a linha d'água desfiar/ passou.

*(Pausa. Quando o 3º homem começa a falar, sem abandonar a postura de morto, os dois se levantam e vão até junto ao tambor: o 1º homem simula uma árvore, usando os braços e a cabeça em sua expressão, enquanto o 2º homem deita-se com a cabeça escorada em suas pernas. Parece ter um pesadelo, enquanto fala o 1º homem).*

## **3º HOMEM**

Entre o segredo e a chave o precipício pulsa, suspenso/ entre o pandeiro  
e a palma o sol se põe, candeia/ A noite rompe o retesado couro, alcança  
o canto/ o som chocalho, a calha/ o som se coalha, a noite se derrama/  
as ingazeiras abrem seu secreto movimento/ beijo/ A mata se intumescce  
entre o pandeiro e a palma.

### **1º HOMEM**

No leito de palha nenhum corpo queima, nenhum som/ nenhuma dança sobre a relva se fecunda/ estrela baça nenhuma se faz/ e a noite aberta branca para nenhum jaz.

*(Luz amarela. O 2º homem desperta sobressaltado, junto ao tambor, o 3º homem já estará de pé e se senta, então, juntamente com o 1º homem, à frente, como se convivessem informalmente na sala de uma casa).*

### **2º HOMEM**

O cais vazio/ a sombra da manhã calada/ todo ar/ o som partido, ausente/ o navegado cais/ um raio de luz/ as frutas plenas deixam ser/ do seio escorre denso o dia.

*(Começa a juntar objetos, como se preparasse viagem, guardando-os em um saco).*

### **3º HOMEM**

Somente a podridão do momento fugidio, onde caísse esta semente, e a solidão relampejando o corte/ a mão que busca e tece afagos – o cansaço louco –/ somente a chicotada, o tempo na carne, tingiria assim a paisagem – claro contorno – em torno desse cais vazio.

*(Luz branca. Pausa. O 2º homem joga sobre o ombro sua bagagem e, depois de hesitar um pouco, vai até os dois, pousando a mão sobre o ombro de cada um, em tom de despedida. Recebe apenas olhares e gestos vagos em resposta. Vira-se e quer sair pelo fundo do palco, mas é impedido pela voz do 1º homem. Torna a olhar para os dois).*

### **1º HOMEM**

Raimundo! Raimundo! aqui nos desunimos!/ aqui nós mutuamente nos alforriamos.

*(Quando o 2º homem começa a falar os dois outros se levantam e começam a arrumar suas coisas para a partida).*

### **2º HOMEM**

Erra/ imundo, anda, pula aquela cerca/ sem nenhum remorso morso morso vai/ nada aquele rio de novo, anda, dana-te por isso, anda, corre, vai/ cobre essa distância tância tância tância.

*(Os dois fazem eco, repetindo morso morso e tância tância. Depois falam todos).*

## **TODOS**

Erraimundraimundraimerda/ aqui nos dessabemos, já não somos mais/  
que não somamos mais.

*(Durante as falas dos outros dois, o 2º homem volta lentamente as costas para a plateia, simulando dores. Na fala em que todos devem falar, conjuntamente, vira-se com rapidez, a exemplo dos outros, com as mãos estendidas. Nessa fala, que todos devem repetir, várias vezes, os três homens vão fechando para o centro do palco até se encontrarem. Abaixam-se, lentamente, até tocar com o joelho no solo).*

## **3º HOMEM**

Lamento as nuvens-asas do pássaro que não és/ e todo o debater-se em  
que te debateste/ e todos os naufrágios que te naufragaram/ a mão de rei  
que não tiveste/ o peito vago.

## **1º HOMEM**

Padecimento de parir as alvoradas, o cutelo das auroras/ ferida funda/  
infinito cravo/ ardor, o mel/ o mel da dor.

## **TODOS**

Manso cordeiro que liberas, de sob a pálpebra para o pasto/ para o lume  
da manhã manhã.

## **PARTE 2: ABOIO – MEU BERRO BOI – BOIANDEJO**

- Ramon Stergmann -

*(Apaga-se a luz. A quarta música começa a ser cantada a "palo seco". Aqui são colocadas as fitas. O 3º homem vai para o tambor e acompanha o cantador. Os outros dois principiam a dançar, o 1º homem como se fosse um brincante de boi bumbá, gracejando em tono do 2º homem, que dança com os braços erguidos e tenta chifrá-lo, à semelhança do que acontece nesse tipo de brincadeira popular. A luz verde surpreende esta cena já em andamento. Ela deve ser longa e ao gosto da alegria dos atores. A música ficará ponteando as quatro falas subsequentes. O som e a dança dos personagens aumentam em intensidade e altura nos intervalos das falas, que fazem com que a dança diminua um pouco).*

## **1º HOMEM**

É sempre o desgaste do sono/ no vago lume dial/  
é tudo acordar e brunir/ a luz estame e final/

é sempre o agrave cheiro/  
na lente de clorofila é tudo vistar acalmando/  
no sol de aboio e distila.

## **2º HOMEM**

É sempre o amor a claro/ no acrescentar dos destinos/  
é tudo quietar os ataques/ desses delírios bovinos/  
é sempre o cajado desuso/ no amofinar de degredo/  
é tudo integral e intacto/ nossa constância de medo.

## **1º HOMEM**

Meu gado insiste em colina/ ou descrição verde anil/  
vai lentamente esculpindo/ as leras com seu canzil/  
meu gado vai ledado e lento/ de compassadas esperas/  
reduz o verde a seu tempo/ a trilhas e a primaveras.

## **2º HOMEM**

A palma do casco afrágua/ meu gado dócil no espinho/  
de que se fere a manhã/ nas trilhas do seu caminho/  
ah boi: o tempo comparsa/ desta pastura em feliz/  
persegue de vento e de frauta/ as trilhas em risco de giz.

*(O 3º homem deixa o tambor e caminha para o extremo do palco, onde os dois outros agora semelhante a luta do gado para soltar as amarras).*

## **3º HOMEM**

No vale fecundo acampo/ desperto sólido e frio/  
aguardo cansado a memória/ em punho de mão sem luva/  
mourejo lavra de estanho/ de lerdo vento e passiva/  
a mão reevoca espalhada/ meu gesto qualquer de procura.

*(Os três, lado a lado, fazem movimentos semelhantes de se abaixar e juntar coisas que lhes parecem pesadas. No movimento de volta, para baixo, aparentam quebrar alguma coisa. Tem os punhos cerrados).*

## **TODOS**

Atiro pedra no sono/ para acordar a manhã/  
rebenço vidros no tempo/ com a mão de nunca acabar.

*(Aqui a marcação passa a ser mais livre. Cada um se destaca, ao falar. Entre as falas, o cantador, que entra pelo fundo do palco, à esquerda, é percebido, sucessivamente, pelos homens, sobretudo o 1º e o 2º que mais tarde travam conhecimento com ele e o inquirem).*

### **1º HOMEM**

O ser de Marajó se pasma/ no cerco de boi montado/  
transmonta os montes de fibra/ o coração febra viva!

### **2º HOMEM**

Futura em húmus de sangue/ fulmina verde a managem/  
eu cisco coivara de couro/ e esqueço errando a pesquisa/  
- o amor queixou-se de olvido/ boca, saliva e cabelos/  
assisto em cronometragem/ passado piscar de estrelas -

### **3º HOMEM**

Atesta o tempo que tange/ meu gado pascente ao corte/  
- amar, quem há de? - sofrido/ o golpe no cerne rasgado/  
de baba de boi tão brabo/ meu cuspe cumpre um destino/  
atiro no aterro e aterro/ o som que sai do eco!!!

*(Faz ecoar a voz com as mãos em concha e verga o corpo, gira sobre si mesmo, buscando o fundo do palco, com rapidez, como se dançasse uma dança regional ou imitasse um animal assustado, até o tambor. O fim da fala do 3º homem coincide com a mudança de luz para verde. Os outros dois já se terão acercado do contador, curiosos. Caminham para frente do palco. O cantador senta-se no chão).*

### **1º HOMEM**

Onde o pasto roça em campo/ estrume e ser em gramínea/  
o boi levanta seus cornos/ e apascenta a espera/  
onde o vento alisa e brune/ o esquartejar dos aboios/  
o boi pasteja nas dunas/ a sua morte em futuro.

### **2º HOMEM**

Onde o verde aponta um rumo/ e o embalar dos delíquios/  
o boi ruma seu fruto/ e o estrume da sorte/  
onde o prado acata lento/ os seus pisares doestos/  
o boi faz trilhas no sonho/ e acorda cheio de pasmos.

*(Enquanto o cantador responde cantando, acompanhado pelo 3º homem no tambor e por seu próprio violão, os dois semelham, vergados e com as mãos para trás, o gado preso por laços. É a quinta música).*

### **CANTADOR**

Onde a vida muge em fome/ o retalhar do destino/  
o boi retarda no passa/ a sina de ser em morte.

*(O 3º homem deixa o tambor, ao fim da música, e corre até eles, falando, o que provoca um tumulto no palco; o 2º age como se o animal houvesse se libertado e sai em perseguição ao cantador, que se vê cercado pelos três homens, fugindo para o fundo do palco).*

### **3º HOMEM**

Aboio na city seu eco/ de densa paisagem e cimento/ esta memória tão brava/  
a dentes chifro esta saga/ reinventada nos berros/ desta visita tão verde

### **2º HOMEM**

aboio no chifre o destino/ de amargurar este amor/  
nesta distância tão raiva/ aboio de dedos e carinhos/  
no lombo desta ternura/ neste lavor de ser gente.

*(O cantador passa os laços para os homens, em meio à confusão. Os três fazem uma expressão de estar rodando o laço para prender o gado, girando, ao mesmo tempo, o tronco durante a fala de todos).*

### **1º HOMEM**

Arrosta meu berro meu boi/ a sina de laço nos chifres/  
e este favor de ser rês/ ruminava no ontem seu hoje/  
a lentidão de pastear/ o sangue desta morrência.

*(A fala seguinte é dita várias vezes com a expressão dos laços).*

### **TODOS**

Chifra no escampo a ideia/  
de aceno neste espantalho pastando este horror de tourada.

*(Em simultaneidade com o fim da fala, acende-se a luz vermelha. O cantador permanece ao fundo. O 2º homem assume uma postura vergada, com os pulsos encostados ao peito e as mãos pendentes para baixo. Deve se manter na ponta dos pés, com as pernas vacilantes e inquietas. O*



*1º homem tenta arrastá-lo de junto do círio, à esquerda, puxando por uma corda, mas encontra resistência. A fala do 1º homem começa assim que se acende a luz vermelha. Junto ao tambor, o 3º homem prepara as lâminas para o sacrifício do boi. Entrega, depois, uma das armas ao 1º homem, batendo nos quartos do boi na tentativa de vencer-lhe a resistência).*

### **1º HOMEM**

Esse boi boiado em grama/ - tristeza estúrdia e passiva -  
caminha lento e em perfil/ agônica lembrança e faca.

### **2º HOMEM**

Esse boi rasteja lerdo/ lerdezas do seu porvir/  
e arranca de entre dentes/ ranhuras do seu matiz.

### **3º HOMEM**

esse boi ruma ontem/ o golpe afiado no ventre/  
e a fome assassina assina/ sentença tecida no verde

### **2º HOMEM**

Esse boi - húmus de sangue/ herança guarda em futuro/  
o gancho, o preço e alimento/ infância presa nos cornos.

### **1º HOMEM**

Esse boi me fere e divide/ no lento esperar desse dia/  
restringe no estábulo e sonha/ histórias de não contar.

*(A fala seguinte é de todos, inclusive do 2º homem que, em nenhuma de suas falas anteriores, abandona a postura em que se encontra. Os dois homens dizem-na com as mãos erguidas, pronto para golpe mortal, à altura do pescoço. A fala é dita duas vezes, quase que rezada).*

### **TODOS**

Esse boi é tempo e espera/ mas mede o ritmo no escuro/  
de passo talhado na pedra/ doutra inimiga vivência/  
curtiu no sonho seu couro/ rateio de azul falto ontem/  
e o pasto rompe mais seiva/ que o sangue em fio de faca.

*(Assim que o boi cai, dobrando primeiro o joelho e tocando com ele no solo, a luz se apaga por uns poucos segundos. A sexta música começa. Quando a luz vermelha ilumina novamente a cena, o boi estrebucha no chão, enquanto o 1º homem mostra expressões de pena e arrependimento junto a ele. Girando em volta, o 3º homem demonstra alegria, tocando as diversas partes*

*do animal como um selvagem que festeja a morte da caça. O animal finda sua agonia. Os dois, aos poucos, colocam-se paralelamente a ele, sendo que o 1º homem fica ao centro, ajoelhados e vergados sobre si mesmos. A luz muda para amarelo e os três homens começam a rastejar em direção à plateia, com muita expressão corporal).*

## **2 ° HOMEM**

Oculto em pregas noturnas/ em laços faz-se de presa/  
em voltas volutas e nervos/ revoltas no gesto de cobra/  
espera no giro de rodas/ aviventadas no circo/  
volteia presto no vento/ antecipado em punhal/  
arguto de mão adestrada/ em dança de vida e de morte.

## **3 ° HOMEM**

Arco e flecha autogira/ no cerne e febra de peito/  
arrasta vagas no corte/ as patas pranchas no chão/  
amarra o aral da existência/ no esbulho de uma saudade/  
enlaça no ver de corda/ amanhecida outra noite/  
em voltas guarda as montadas/ e a fúria tinge seu fado.

*(Terminam junto ao círio. Pausa. Levantam-se naturalmente e encaram a plateia. De repente, o 1º homem começa a ser espancado pelos outros, como se devesse confessar algum crime. Ao falar, dobra um dos joelhos, pela violência dos golpes. Fala apanhando).*

## **1 ° HOMEM**

A faca força na queda/ e estampa no solo seu sino/  
a faca afia na fome/ e sorve sem hausto o martírio.

## **2 ° HOMEM**

A faca curte na seiva/ o gume dessa sação/  
a faca estala na morte/ e evita o sol doutra aurora.

## **3 ° HOMEM**

A faca faz de seus pejos escárnios ditos malsãos/  
a faca risca outro nome/ na casca dessa memória.

## **1 ° HOMEM**

A faca faz de seu homem/ o assassino que foi/  
a faca é força sem cordas/ e fere o tempo de vir/

a faca mede seu pulso/ na dura ação de seu fim/  
a faca afia na pedra/ a fácil missão de sangrar.

*(E deixado em paz. O 3º homem vai até o fundo do palco e assume uma postura bizarra de boi no açougue, uma das pernas levantadas e os braços contorcidos, cotovelos afastados do corpo, pescoço rígido. O 2º homem fala para a plateia).*

## **2º HOMEM**

A faca afunda pressaga/ profundas marcas na rês/  
a noite desce na faca/ e acalantada o silêncio/  
a aura breve na trilha/ põe verde em campo e manhã.

*(Luz verde. O cantor inicia a sétima música e começa a andar pelo palco, lentamente, um passo para cada tempo forte da música, descrevendo um círculo pelos extremos do palco, marcando o passo e balançando o corpo nos tempos fracos, como se dançasse. O 1º homem se ergue e executa o mesmo passo ritmado. O 2º homem principia a retalhar, com lentidão, as partes do boi no açougue, fazendo com que o 3º homem abandone, a cada golpe, uma parte da postura, relaxando as regiões do corpo que forem golpeadas. Cada parte da música é cantada duas vezes e, depois, apenas o som do violão sublinha as falas dos três homens, é uma espécie de ponteio. Enquanto falam, os três homens abandonam o passo ritmado e executam marcas relacionadas com o que estão dizendo. Permanecem estáticos ao fim de cada uma de suas falas, em posturas expressivas e significativas. O cantor canta, então, o seu refrão e aquele que estiver estático abandona, na repetição da música, a postura que estiver mantendo, passando a cantar, juntamente com os outros, e a executar o mesmo passo ritmado. Todos andam em círculos pelo palco, havendo conveniência em ocupar o centro do mesmo apenas durante as falas).*

## **CANTADOR**

Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão *(música)*.

## **1º HOMEM**

Eu vi na cara tão triste/ do boi cortado no açougue  
tinha a expressão do que fica/ em dor de fina agonia.

## **CANTADOR**

Ai cara cortada, ai gume/ ai sangue ali esquecido *(música)*.

*(O 2º homem fala, a seguir, ainda retalhando o animal, como um açougueiro. No final ficará estático com a faca erguida em ameaça ao boi).*

## **2 ° HOMEM**

As matas que nos cortaram/ te deram sol e amplidão/  
a foice te acusa o medo/ de golpe mais derradeiro.

*(Na repetição da música inicia o passo ritmado e passa a cantar).*

## **CANTADOR**

Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão *(música)*.

*(O 3º homem abandona definitivamente a postura).*

## **3 ° HOMEM**

Vamos meu boi tão sozinho/ olhar de frente este azul/  
de céu que é nosso comum/ até não chegar meu dia.

*(Paralisa-se. Na repetição da música, canta e ritma o passo).*

## **CANTADOR**

Ai faça sempre afiada/ na fome das multidões *(música)*.

## **1 ° HOMEM**

Meu boi de verdes paragens/ meu boi sem nome e disfarces/  
irmão de mesmo destino/ de outra decapitação.

## **CANTADOR**

Ai boi sangrando amargura/ ai ruminada beleza *(música)*.

## **2 ° HOMEM**

Meu boi de patas tão frágeis/ meu boi perdido no tempo/  
memória pastando no escampo inconfundível da infância.

## **CANTADOR**

Ai prados, ai rios de sol/ ai tempo de néscia espera *(música)*.

## **3 ° HOMEM**

Tanto verde desperdiçado/ na paciência do boi/  
tanta frieza nos olhos/ cortados a toda luz.

**CANTADOR**

Ai corpo sem nome e marca/ em podre composição (*música*).

**1 ° HOMEM**

Eu vi teus olhos caídos/ sem refletir qualquer paz/  
tinham já do lento verde/ vaga tristeza do só.

**CANTADOR**

Ai mares de grama densa/ ai passageira invernada (*música*).

**3 ° HOMEM**

Salve choro coagulado/ em tua mudez ó meu boi/  
a vida tem seus princípios/ inexplicáveis de ser.

**CANTADOR**

Ai vida paz de mentira/ ai medo da escuridão (*música*).

*(Apaga-se a luz e a música continua a ser cantada por todos, repetindo-se ainda algumas vezes. No fim da música os três já estarão na beira do palco. O 3º homem assume uma postura vergada, permanecendo com o tronco torcido de modo que uma parte se volte para a plateia. Os outros dois estão agachados junto a ele: 1º homem tem o círio na mão, quando o 2º homem risca um fósforo. Acendem o círio e iluminam a figura do boi, examinando-o. Deve haver bastante expressão nesta cena: o 3º homem gira, gradativamente, sobre si mesmo e o 1º homem faz com que o círio o ilumine de diversos pontos e formas, utilizando, abundantemente, o jogo de luz e sombra projetadas, ora sobre a plateia, ora no próprio palco. O 3º homem começa a falar logo depois que se acende o círio. Sua cabeça aponta para a lateral direita do palco e sua mão esquerda está pousada sobre as costelas com o cotovelo para o alto. Os outros dois andam, lentos, agachados, a sua volta).*

**3 ° HOMEM**

Basta em sinal: foi fuga/ meta e forma no ser/ de chifre ou xucro  
na ruga/ ei-lo postado e em consequência compulsória doação.

**1 ° HOMEM**

Ei-lo olhos baços e em definitiva posição/  
ei-lo sem pasto e em ver de seiva e ferrão.

**2 ° HOMEM**

Ei-lo exangue e em mais ínfimo ferrão/

*(Ao continuar a falar, o 2º homem usa os dois braços com os punhos fechados, como se depositasse a canga sobre o dorso do bicho: força com o peso dos braços a que o 3º homem se curve ainda mais, havendo, então, entre os dois, uma espécie de balanço lento, para cima e para baixo, como se ecoasse neles mesmos a palavra "canga").*

eis a canga/ eis a camba/ eis o sulco cavado no chão.

*(O 3º homem fala mudando devagar e sempre de posição. É examinado detidamente pelos outros).*

### **3 ° HOMEM**

Eis fueiro/ eis azul/ eis canzil/ eis punhal/  
cravado e cambão/ eis o homem/ eis o boi/ ajoujados.

### **1 ° HOMEM**

Eis a leiva/ eis a roda/ eis cegados/  
os olhos em vão/ eis boieira/ eis a só/ boicoitada.

### **2 ° HOMEM**

Eis a vaca/ eis o boi/ eis a faca/ eis o foi/ deste homem.

*(Ao pronunciar a palavra "homem", o 2º homem como que liberta o 3º homem da postura do animal, retirando-lhe o feixe de fitas da cabeça, recuando para o centro do palco, enquanto ergue os braços e exhibe as fitas. O próprio toque da mão em sua cabeça faz com que o 3º homem se erga, assumindo postura ereta. Recebe o círio aceso das mãos do 1º homem, após o que, ocupa-se em acender os outros círios, primeiro o que está à esquerda, em seguida, o de junto ao tambor. O 1º homem fala logo após entregar o círio, com os braços abertos, movimentando-se, sentindo a palavra "nuvem", que dirá em sua fala. O 2º homem retorna até junto dele, prendendo o feixe de fitas em seu braço direito, à altura do cotovelo).*

### **1º HOMEM**

Eia passo em campo e esta lavra/ de verde melão e ureia/  
eia braços no vale e meu físico/ de nuvem e assaz companheiro.

*(O 2º homem retira-lhe, também, o feixe de fitas voltando em seguida para junto do tambor onde o 3º homem acende o último círio. Fala, enquanto levanta o tambor para colocá-lo sobre o ombro direito do 3º homem. Prende-lhe, também, o feixe de fitas no cotovelo direito).*

**2 ° HOMEM**

Eia farpas cavalo no rastro/ de agonia foice e talvez/  
eia leiva construo meu claustro/ de alonga da vista na paisagem.

*(Enquanto o 3º homem diz a fala subsequente, o 1º e o 2º homens empenham-se em juntar os outros círios a fim de iluminar o caminho. O 1º homem recolhe o que está na lateral esquerda e o 2º homem o que estava próximo ao tambor).*

**3 ° HOMEM**

Eia manso é tudo e espantalho/ de assuntos as aves no talo  
eia só de endormir eia bulha/ de sou fome dentro das messe.

*(Entreolham-se a luz dos círios como se buscassem saber se estão todos prontos. O 3º homem deixa o palco na frente, enquanto o 2º homem fala, e serve de guia para o 1º homem que segura as fitas pendentes de seu braço. O 2º homem fará o mesmo, segurando o feixe de fitas que amarrou no braço do 1º homem. Compõem, dessa forma, uma fila indiana).*

**2 ° HOMEM**

Eia mar cio e tourada/ de pastear breve a vida.

*(De saída, na borda do palco, o 3º homem diz a última fala).*

**3 ° HOMEM**

Eia jugo geral do meu fado/ neste sol de outro dia por vir.

*(Refazem o caminho pelo meio da plateia. O cantador canta a última música. A cena é semelhante a que inicia a peça. Os três homens deixam o palco cantando).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

AO  
TOQUE DO  
BERRANTE



# Ao toque do berrante<sup>(7)</sup>

1982

## CENA DE ABERTURA

- ou flagrante do coronelismo em uma fazenda -

Trabalhem, trabalhem  
Seus preguiçosos do vidita  
Quero que em minha fazenda  
Tenha vegetação de milho e maniva  
Vamos, trabalhem, sem preguiça  
De sol a sol, de cabo a rabo  
Nesta vigia, quero muita caieira,  
Muito engenho, neste roçado

Seu Coronel Ramiro  
Vamos primeiro acordar os galos  
Pra espantar os bichos de sua teima  
No plantio deste roçado

Queremos nossa liberdade  
Na lenta construção dos dias  
Queremos nossa viagem  
No invento de palavras suas

Ora! Quem viu, nesta vígia,  
Eu Coronel Ramiro  
Cercado de homens parasitas  
Bebendo o céu de oceano?  
Nesta vígia e em minha fazenda  
De homens de todas as raças  
Não há partida sem chegada  
Nem mãos acenando na espera

---

(7) Texto montado pelo Grupo de Teatro Palha.

Mas Coronel Ramiro  
No exercício da lavoura  
Não pode ficar meu corpo  
Nem minha esperança mergulhada

Pois, Coronel Ramiro,  
No formigueiro deste roçado  
A vida de muitos outros  
Foi sacrificada e derrotada

Escuta peão, mas escuta,  
Da vida que fizeste em tua enxada  
Como campeão de muitas dores  
Nunca aprendeste a ser derrota

E nas queimadas do roçado  
Foste encontrar o latrocínio  
De teus velhos companheiros  
Para fazer teu raciocínio

Já disse, Coronel Ramiro,  
Aqui também encontrei o latifúndio  
Povoado de velhos coronéis  
Que se encontraram no pergaminho  
Muito bom! Muito bom!  
Sei de tua fé na liberdade do homem  
- Pois, então, Coronel Ramiro!  
Sei do suor que o suor enxugou no rosto  
- Pois, então, Coronel Ramiro!  
Sei da paciência aprendida no silêncio  
E na paciência do boi que é ou foi todo mundo  
- Pois, então, Coronel Ramiro!  
Sei do amor que plantaste na tua morada  
E da resignação quando perdeste a mulher e o filho  
- Pois, então, Coronel Ramiro!

Trabalhem! Trabalhem!  
Que a travessia do rio ou mar  
Não seja capaz, nem pra Belém

Ou pra outro lugar  
Pois o trabalho  
No campo desta lavoura  
É sempre ponteios  
De tua força

Quem sabe, Coronel Ramiro,  
Aqui lonjuras esta força  
E antes que eu morra  
No barco vai eu e Frederico

Vamos de passagem pra Belém  
Depois aportar em outro destino  
Onde não conhecemos ninguém  
Esteja certo, Coronel Ramiro,  
Aqui não vai ficar nem sol, meu anzol  
Minha enxada e meus amigos

Nem meu céu, nem meus calos,  
Nem minha lua, nem minha memória  
Nem meu suor

Queremos paz e sossego  
Queremos ficar ricos  
Ganhar muito dinheiro

Não seremos, Coronel Ramiro,  
Como as palmas da palmeira  
Que acenam sem nunca partir!

Trabalhem! Trabalhem!  
Hipócritas! Imbecis!  
Seus capazes de outra vidita!

Coronel Ramiro,  
Não vamos cavar nesta terra  
A nossa própria cova

Não somos Severino  
Somos bandeirantes  
Coronel Ramiro

Parem! Parem!  
Idiotas! Índios!  
A mercê da própria sorte!

Noutro barco vão os outros  
Que o coronel malagrou  
Comprando suas terras por bagatela

Saiam de minhas terras!  
Que as serpentes  
Engulam suas esperanças!

Adeus, coronel Ramiro!  
Até pra nunca mais!  
Adeus, velho Balduíno! ...

### **1ª PARTE**

*(Iniciação à poemanessência, ou: em o favor o ser belemência fantasmabela barco e barqueiro:  
rio navegação).*

Ouçam o murmurinho  
O silêncio e os tambores da noite  
A noite cavalga a galope  
Nos seus cavalos de plumas  
Esse corpo teu corpo meu  
Viaja um rio navegando

### **CADA PARTE**

O nosso corpo seguro  
Vamos no rumo de Salvaterra  
Bem lá perto do fim do mundo  
Onde há terras pra salvar  
Onde passa boi  
Passa boiada

Tem até vaquejada  
Somos amazônidas:  
Pretos de maloca  
Caboclos da terra e mar  
Eis o mar em calmaria  
Com seus cavalos brancos no mar  
Eis o mar em pororoca  
Com sua colheita de fantasmas  
Remo barco branco que embarco  
Rio acima com remo de lua cheia  
Pesco sol canto amor  
Nessas ondas que ondeia  
Nesse rio de maré cheia  
De maré contra maré  
Ou vou volejando ao teu encontro  
Lá no fim do canto  
E minha mão de aço  
Esmaga o sol a lua no espaço  
Em estilhaços se faz séculos  
Na esfera que te espera  
E uma chuva de estrelas  
Intercala o meu grito:  
Quando grito grandes gritos  
No crepúsculo vazio  
Caindo no verde do mar que tosse espuma  
E deságua no dentro de ti  
Esse um tão jitinho  
Tão caçula tão capeta  
Tão sapeca tão sacana  
Já na boca do mundo  
Onde não te achei mariana  
Nem marianadamente!

*(Belemência I – ou: em vez de tambores o ah de maracas no tempo das vacas: opulência em oh de melaço).*

Na sombra silêncio e viola  
Em tempo e samba na pedra  
Ouidas vozes tão vivas  
Memórias de barro e ouro  
*(Ai vozes sempre veladas/ ai cavalgadas noturnas!).*

Nossa Senhora de Nazaré  
Te acena da pedra da igreja  
A fé naco entre os círios  
E nem parecem mais rezas  
*(Ai vozes vagas tristezas / ai cemitérios tão frios!).*

O ouro gastou-se e a pesca  
Vence ponteios o relógio  
Na boa-morte ó seis horas  
E o som não vem deste dia  
*(Ai tempo sempre parado/ ai vida que passa e fica).*

Nas águas do Ver-o-Peso  
Ensombreado e em limo e proa  
Murmuram musas da belemência  
Coisas de Eneida e de Campos Ribeiro  
*(Ai ansias perfil de peixes/ ai pedras no mesmo ritmo).*

Nas trilhas dos bandeirantes  
Remando rio acima  
A lua grande de antífona  
Branqueja igarapé e iara  
*(Ai telhados de Belém/ ai direção de saudade).*

Nomes não são necessários  
Ao ar que vem de outros dias  
Em Belém a opulência  
Ó sol no dobre dos sinos  
*(Ai fauna flora medicina/ ai santa maria de Belém do Grão-Pará)*

Velo a eira em que cavei noturno  
Na semente que plantaste berços

Cava a terra em que jazeste nua  
Planta silvestre viva em meu silo

Colhi mãos calosas de vagos cios  
A brotar do germe feito verde

Espantas reta cara as aves vindas  
No canto matutino só de frutos  
Para quando chegar a noite  
A tua luz de seiva o vinho

Para quando a mesa ficar só  
A tua fonte de pão e vinho

Para quando chegar o poema  
O teu amargo choro de muda e só

Para quando o vento vem vindo  
O nó de ser só em ser nunca!  
Teu campo lavrem  
Teus gados passam

Tuas roças colham  
Tuas águas alentam

Teu espantalho espantem  
As aves da manhã

*(Belemência II, ou: em ver lenda igarapés ou em o ah mururés: a tocar maracas no rio-mar).*

Esses passos de tourada/ são de sombra e gramínea  
Esses rastros anfíbios  
São de aurora

Esses sulcos de rio  
São de marinha e cunha  
Essas chegadas de navios  
São de saltimbancos e luas

Esses cortejos de duendes  
São de rendas e negrumes

Esses lagos que te encantaram  
São de avencas e mururés!

Mesmo pronunciasse amada  
Restaria o chão e o silêncio

Já que silêncio habita saudades  
Em o estar só em teu claustro  
Mesmo escutasse horas em a madrugada  
Em o estando em- só a tua espera

Marcaria a tua maraca  
Em que compus lundus mágicos

Mesmo dissesse espera o campo a calma  
A hora da manhã clara de luz alva

Restaria em minha morada em o nada  
A saudade habitante em o silêncio

Em o estar só em meu claustro  
Em o estando só meu tempo findo

Mesmo quisesse cantar canções de eventos  
Em o estando endormido ou de em a solitude

Nos restaria o nó que nos amarra  
Já que calmaria habita em o teu braço  
Em o não estar aqui menino travesso  
Tocando esta verde maraca em mar ir li

Só sobra em a nossa plenitude  
O só sabor que sabe a que lonjuras

E ou te saudar em vê-lhe de amantes  
Já que ausências causam em a nossa dança



“... vamos tocar maracas somente maracas  
No tempo das vacas no tempo das vacas ...”

Onde buia vitória-régia  
Abafa este meu canto de lua

Onde descerra as pálpebras  
Desce ao alçapão das memórias tuas

Onde a lenda dos enredos  
Carnavalha meus folguedos na rua

Pois não sou nada!  
Sou parte de uma pedra bruta

Ou uma sombra ou uma música  
Em torno desse teu abscondo

Ah! Este lado tão milenar  
Que faz esquecer meus festejos

Escuta, eu chego lá  
Na impostação do canto

No murmurinho da chuva  
Na dança do vento

Ai meus duendes das águas  
Que me levem pro fundo do mar!

*(Belemência III – ou: auto do círio de Nazaré em canto chão: fé e ritual: de cada outubro cachaça, suor e fala!).*

Ali a cidade-progresso  
Essas aparições da virgem  
São achados de plácidos  
Essas chuvas de papéis  
São louvor do santo dia

Não quero cidade grande  
Essas toalhas de renda  
São passagem de romaria  
Esses canto chão de fé  
São cantoria de ave maria

Quero um lugar calmo/ onde possa viver livre  
Essas trilhas de estrada  
São bolhas de pés descalços  
Esses acenos de prédios  
São vozes de média escuta

Quero ir pro fim do mundo  
Esses uivos de fogos  
São saraiva de fé e buzina  
Esses caiados de festa  
São tronco de mangueiras

Tenho medo desta máquina/ dos coronéis/ que nela se escondem  
Esses arcos de gravura  
São imagens de Nazaré  
Essas puxadas de corda  
São braço de nédia força

Vamos embora/ aqui não fico  
Essas promessas de círios  
São carro de milagres  
Esses vultos de mortalha  
São milagre de ano a ano

E o progresso dos coroneis/ que engolem os ventres desse povo  
*(Ritual de cada outubro – ou: reza e grave sol e ah sede!).*  
Esses quilômetros de sol  
São tédio de romaria  
Esses empurrões de louco  
São postura de pressa

Mas é Belém/ da Virgem de Nazaré  
Esses romeiros de sapato  
São maldizer de calo  
Essas metralhas de anjos  
São promessas de morte

Quero um povo simples/ honesto  
Essas cabeças de melancia  
São sobremesa de retorno  
Essas vias-sacras de cristos  
São cruz de graça alcançada

São pecados de um povo louco/ que não sabe o que quer  
Esses ombros de pote d'água  
São reserva de sede  
Esses cantores de gelo  
São garapa de cana de açúcar

### **Vamos aportar aqui e passar a festa**

Esses lenços adeuses  
São chegada de berlinda  
Essas girandolas de fogos  
São reserva de alegria

### **Quero ir pra Salvaterra**

*(Quinze dias de festejo – eu: encontro festa arraial e o ver de banda musical poluição sonora!).*

### **Música**

Esses beberes de derrama  
São desavença de bolso  
Esses berros de infância  
São crianças de carrossel

Esses pratos de maniva  
São maniçoba do turista  
Essas barracas de venda  
São cuia de tacacá

Esses coretos de banda  
São música de arraial  
Esses enxames de prato  
São promessas de santo dia

Esses dizeres de nossa  
São discurso porre de vinho

Esses ventres prenhes de açaí  
São incesta do pato no tucupi  
Esses quinze dias de festejo  
São espera de cada outubro

Essas rezas de basílica  
São demanda de promessas  
Esses sons de alegria  
São auto- falante de arrelia

Esses fogos de vista  
São findade de festejo  
Esses recírios de festa  
São de neguinha e tavice!

*(Belemência IV - ou: em ver de cantoria e em o ah ver da ave tropical: folguedo flauta lua de pandeiro).*

Eis a ave tropical  
No parto vasto vário  
De alongado voo no espaço  
De curtida e penosa pena

Ei-lo de sol posto vermelho  
Na sua gaiola de vidro  
Ocultando os eu destino  
Nos cascos de espelho da manhã

Tem apenas canto nas asas  
De breve tarde de recolhida memória  
Ei-lo crescido no gozo fatal  
De voos impossíveis em linha d'água

Ei-lo no cio da lua em pandeiro  
Este pássaro de ora passada  
Entre as águas marinhas

Ei-lo triste em compulsada  
Emoção  
Ei-lo no meio da plumagem  
Da canção  
Ei-lo no alvo de uma bela afinal  
Que fá-lo tirar desse encantamento

Eu fui meu como poema  
Era de poeta e me traquinava  
Em rios e algibeiras  
Pelos quintais da manhã

Eu me caçoava comigo!  
Eu era um pássaro ou um facho  
E me cantava baixo  
Para não acordar o meu sonho!

Eu era zitinho e imenso.  
Eu era passarinho eu  
Um indiozinho  
Quando o gênio do mel numa ave me encantou

Ei-lo agora feliz  
Em cor camporal de ação  
No esbulho da maloca

Ei-lo valente guerreiro  
Em compulsória tentação

Ei-lo tocando flauta de bambu  
Em pó de guerra da canção  
Ei-lo de ideias novas  
No marco deste chão

Canta  
Manga  
Pitanga  
Uxi  
Mari  
Açaí  
Abrió  
Cupuaçu  
Macaba  
Maniva  
Mandioca  
Farinha  
Tacacá  
Jambu  
Pé de moleque  
Aluá  
Fruta-pão  
Tapioca  
Beju

*(Belemência V - ou: partida de barco: pororoca em o ah, ver da ilha de marinatambalo e bois ajoujados).*

Juvêncio! Juvêncio!  
Aqui mixou a brincadeira

Aqui vamos tomar o rumo das águas  
Praquelas bandas de Marajó

Aqui vamos unir!  
Vamos contar tempo flauta e viola

Vamos ver o boi velho piranheiro  
No quintal da fazenda

Vamos pular aquelas cercas  
E catar pitanga e comer manga verde com sal

Vamos fazer flauta de taboca  
E a música mais velha

Vamos amansar rio com a viola  
Esse rio que só espraia no teu olhar

É Juvêncio, Juvêncio!  
Vou pisar teu céu  
No jogo da amarelinha

Axi! Teu olhar de remela  
Voa como pássaro de ternura

Juvêncio? Vamos jogar bola de bexiga  
Pelos quintais da manhã

Poxa menino, espanta os bichos  
Que há na tua teima

Tá pensando que é moleza  
Tirar as pedras do caminho?  
Aqueles no meio do caminho  
Que eu não consegui arredar

Anda! Vem correr comigo na chuva pelas ruas do sem fim  
Vou te mostrar que tenho mais arte  
Que as artes do saci

Vem menino, e na magia da viola  
Toca mais esta lembrança

Do chão que nos marcou  
Da vida que passou

Dedilha ainda  
Entre os acordes da dança amor

Por ti, inventei uma enorme ilha  
Pra jogar pedrinhas no fundo do rio

Ah! Juvêncio, Juvêncio  
Comanda a proa deste barco

Rema, rema reimundo  
Senão a canoa vai pro fundo!  
Em uma noite clara  
Renda cara  
Luana  
Cara  
Azul de mistérios

Em a minha ciranda rica  
Neste cais  
De silêncio  
Dançam zumbis  
E duendes  
Que aguardam a chegada  
De outros sapatos novos

Luana clara  
Tão clara  
Me aponta no rio  
Ritual de sombras  
E Luana  
No espelho das águas  
Amarrotada de vento  
Feito iara

Clara Luana  
Cara minha  
Alta noite, noite alta é  
De Luana assim cansada  
Trazendo uma ausência  
Na carne  
Grávida de paixão

*(Belemência VI – ou: em final de poemanessência: o favor de o ah ver da régia flor em lenda).*

Eis a tribo  
Em servidão milenar  
Eis a lenda  
Da régia flor



Eis a lua  
Em sumidouro de nuvens

Eis o valente cacique  
Com sua lança de venturas  
Eis a sua filha naiá  
De beleza reinante  
Clara como o leite  
De cabelos de espigas

Oh minha deusa jaci  
Transformar naiá  
Numa estrela brilhante  
A mais cintilante que já vi!

Eis palavra negada  
Em silêncio  
Eis tristeza de naiá  
Em amargurado amor  
Eis naiá doente  
Em coisas de não contar  
Ei-la tão acabada!  
Eis os pajés  
De muitas ervas  
Do cortiço hirto  
Tentando curar naiá  
Sem nenhum talvez

Eis a índia  
Piscando as antemanhãs  
Com sua caminhada amanhecida

Na esperança do ser vista  
E escolhida por jaci!  
Ei-la atraída  
Pela luz da lua!  
Oh minha deusa jaci  
Tenha pena de mim!

Eis a índia  
Atirando-se aos lagos  
Ei-la desaparecendo  
Eis o cacique  
Eis a maloca  
Em nédia procura e nada

Eis os peixes  
Eis as plantas do lago  
Em o pasteado da fala!

Oh minha deusa jaci  
Tu que és dindinha lua  
Que embala nossa infância  
Que alumia nosso canto  
Transformando esta formosa índia  
Numa estrela

Não para brilhar no céu  
Mas na estreladas águas  
Entre os igapós e mururés

Eis a flor  
Em sob cacos de luar  
Ei-la tão bela

Eis as pétalas  
Se abrindo  
É luz da lua  
Ei-la vitória régia  
Que se fecha pra dormir  
Quando, detrás das serras,  
Some-se jaci

Juvêncio Juvêncio  
Aqui vamos partir  
No rumo da venta

Onde tudo ou nada de termina

Rema remarema

Este casco de lua cheia!

*(Boi Piranheiro – ou o ah de circunflexos em ação de morte; único no ver de em laços).*

Na estrada de poeira e nó

Que não desta nunca

Vai uma boiada de corte

De curtida paciência e pó

Boiada triste boiada

A caminho da morte

O boiadeiro à cavalheiro

Guarda cachaça nas algibeiras

Branca cachaça guardada

Nas algibeiras de muita derrota

Traz também a esperança

Outras vilas, outros povoados

De outras campinas verdes

De outros amores à sombra dos cafezais

Nos verdes da campina

Bem longe vai uma boiada

De muita tristeza cativa

Desenhando ranhuras na estrada

A boiada vai tão longe

Que ao longe quase não se vê

Bem longe a poeira levanta

Filamentos coloridos que traça

Os olhos entumecidos de ar  
Na estrada cheia de pó

A servidão sob o pesados cacos  
Nos campos da solidão

Da solidão afrágua a sorte  
No tempo do seu porvir

O som do berrante grita  
Em cada encruzilhada o medo

Cascos, estradas, bois, peonadas:  
Onde a paisagem muda as cores dos olhos

Dos olhos a paisagem monótona  
Corta o aboio magoado do peão

“Morena, eu sou, boiadeiro  
Boiadeiro de profissão

No bolso nunca falta dinheiro  
Morena, tenho um bom coração”

De coração preso, o gado recorta  
A incrível paisagem monótona

De seus olhos de remela  
Revoadas de pássaros matutinos

Na marcha lenta das patas  
Esmagando poema a verdejar

Quando o Tonicão toca o berrante  
Há histórias de não contar

As estradas amarelas traiçoeiras  
Cicatrizam a vida em pote de fel

Toca o berrante Tonicão  
Canta aquela modinha e escravidão  
“Boiadeiro de corte de triste sentença  
Fia demência do corte

Deixando a querência  
Por uma charquência de sorte”

No ver de boi  
Boiandejo lerdo e lento

Lá vai uma boiada de corte  
Pela estrada cheia de curvas

Das curvas curtidas  
De medo, lá longe na morte

Que triste sentença  
Na demência do corte

Crispa no couro  
O medo da chibata

Gemidos de raiva  
Numa tarde a mourejar

No escampo da ideia  
Sonha um campo verde

Em cúmplices vigílias  
Reforçado sono que se deita

No mugido de horror  
Zumbidos de carroças

Ocultas nas patas  
Uma tarde de capim

Lá vai uma boiada de corte  
De rugas grossas na testa

Eis o tempo ingrato  
Nos cascos e nos chifres

No lombo aftosa crônica  
De outros campos e só

Eis o boi de charqueada  
De outras vidas e nó

De outros campos verdes  
De outros amores e só

No ah de ver o boi  
Boiandejo de ternura

Eis o boi aboiado  
De outras casas e de outros rios  
Nas patas pranchas  
O foi de todo mundo

Você caminha lento pra morte  
Eu pro esquecimento

Meu boi velho e piranheiro  
No murmurinho da chuva

No compasso do passo  
Vai marcando esta dança  
Grafo teu nome relembro  
Com escondidos remorsos

Vou de esquecimento nos ombros  
Com que morrias em dando

Em dando em que morridas  
Nos ombros do esquecimento

Remorsos vou de escondidos  
Relembro grafado teu nome

Grafado eu teu nome relembro  
Com esquecimento nos ombros

Vais nos ombros de remorsos  
Morrendo e me dando em que

Em que me dando morrias  
No esquecimento e em meus ombros

Cem remorsos escondidos  
Teu nome relembro grafado

Teu relembro nome grafado  
Escondidos com remorsos

Em meus ombros de esquecimento  
Me dando é que me morrias

Eh meu boi tão piranheiro  
Na pasteação deste pasmo

De ver de vida passado a limo  
No ver de ver este camporal!  
Lá vai a boiada, de corte  
No rumo dos rios das velhas

Vai de marcha lenta e triste  
Marcando a sua história!

Qualquer mancha de sangue  
O gado se transforma em esqueleto

Bicha maldita piranha  
Pressaga feridas funda na carne

Adentro de bois tão brabos  
Esse aleive da dor miserere

Toca o berrante, Tonicão  
Enquanto o boi piranheiro não passa

“Na fazenda de Migué Gamela  
Comprei intonse um boi velho

Pra ser jogado no rio feio  
Servindo de isca às piranhas

Mas o fazendeiro seu Migué  
Não queria vender o boi velho não

O boi foi criado na fazenda  
Desde cedo ajudava no trabalho

Agora estava velho, abandonado,  
Não servia pra nada, o coitado...”

Continua, continua, Tonicão  
Contando histórias desse chão

Deste chão que lhe marcou  
De velhas cantigas de peão

“O carreiro tinha morrido  
De febre amarela, coitado

Os tratores invadiam o sertão  
Onde o gado curtia só gramínea

O carro apodreceu na chuva  
E ao sereno, mas o boi não vendo não

Foi num estouro de boiada nas ruas  
Dessas ruas marcadas de infância



Não deixou nenhum marruá  
Se aproximar da criança

Esse boi de grande astúcia  
Era bicho de estimação

Tanto que insistiu, mas tanto,  
Que o velho fazendeiro acabou

Vendendo o boi velho  
Por tão pouco dinheiro

Tinha rugas grossas na testa  
Os chifres corroídos pelo tempo

Os cascos aftosa crônica  
De crônicas estradas esquecidas

Toca o berrante, Tonicão  
Deixa o boi velho se levantar!

Mas o boi não queria levantar-se  
Da mangueira, os peões judiaram bastante

O animal se levantou calmo  
E ternamente descontente

E cortando o silêncio  
Foi saindo pras campinas

Com a maior das tristezas passiva  
Cavando saudades no chão

Toca o berrante, Tonicão  
Aos aboios desse ferrão!

“êh, boi, você caminha pra morte  
Ê eu pro esquecimento

Sou boiadeiro de valentia  
Conduzo a boiada pro fim da estrada

Sou boiadeiro de boiada de corte  
Já tenho comigo o traço da morte”

Para o berrante, Tonicão  
Bicho maldito solta gemidos

No fim da viagem, os bois sonham  
Com os campinas verdes  
As montanhas, a mansidão do rio  
E o boiadeiro também

Lá vai uma boiada cheia de pó  
Nas estradas onde o nó não desata

Nem ninguém aprende a desatar  
Lá pro fim do dia onde a vida começa

Os boiadeiros puxam do guampo  
A cachaça branca, farinha e jabá

Enquanto bois e homens trotam  
O berrante não se importa tocar

E vai chamando, chamando  
Como quem aprende a chular

“Olha, sai de casa jitinho  
Deixei chorando meus pais...”

Para com o berrante, Tonicão  
Não basta o gemido de horror!?

Pro Tonicão, talvez seja o apocalipse  
Anjos gordos tocando as trombetas

A boiada vai pro céu da boca  
E ele, danado, pro purgatório

Desce serras, sobe morros, vira  
Num cotovelo de atalho as colinas

Canta aquele aboio, Juvêncio  
Que a agonia foice te ensinou

“Corpo de Deus sangra  
No charco e na poeira e na lama

No colorido vermelho de chapadão  
A servidão machuca, agiganta

Na poeira amarela da estrada  
Para além da capoeira, a ilusão...

Para com esse berrante, Tonicão  
Que as reses estão brabas!

Ali atrás, no rio feio, perto  
Da sepultura do Caboclo Mulato  
O fel cortou as ilusões verdosas  
Desse pasteado gado maldito

Não dava jeito a travessia!  
O rio tava cheio de piranha

Olhar triste, divagava,  
Mirando uns meninos barrigudos

Os meninos crescidos no cio da lua  
Que brincavam de boi pela fazenda

Dando o último adeus  
Ao boi velho e feio e piranheiro

Nem os cachorros latiram  
Nem mexeram com as patas

Quando o boi velho e manso  
Passava ajoujado em seu porvir

E foram conduzindo o boi velho  
A peso de fortes chibatadas

E vem em quando, o bicho soltava  
Gemidos de grande lamento

Que lhes esfriavam o coração  
E foi misturar-se com a boiada  
Bota ele na frente, Manué Piroca  
Que a hora dele vai chegar

Na boa morte é seis horas  
No escapo da tarde a mourejar

“êh, boi, eh boi do Marajó  
De muitas trilhas, trilhas só

E seguiram bois e homens  
Pelos caminhos da vida

Da enxada que rebentou  
Cheia de vidas e de muitas dores

Quando chegaram no rio  
As águas traiçoeiras brilhavam

Era um brilho na beleza da tarde  
Quando Tonicão gritou!

É hora do boi piranheiro!  
Que as piranhas são brabas

Apartaram o boi das reses gordas  
E foram empurrando-o para o rio

Na margem ele estacou, cheirou as águas,  
Molhou os cascos de indignação

Olhou em direção da boiada  
Que transluzia no poente

Suspendeu a cabeça como condenado  
E soltou um mugido longe, triste e doído

Que cortou aquelas paragens,  
Rios, montanhas, campinas

Árvores, pedras e corações,  
Modinhas, aboios e peões,

As matas se estremeceram,  
A terra se mexeu, compadecida

Impiedoso, esse Tonicão  
Empurrou-o com o varão de raiva

Ah boi, olha esse compasso  
De com passada espera desse dia

Ele foi entrando, entrando  
Conhecendo seu destino em vão

Boi de fazenda aprende o limite  
Da vida no trabalho do campo

Lascivo estende a ação  
O futuro guardado na memória

Da memória aquilo que fica  
Oculto em algum lugar do ex- paço

As águas molhavam as barbatanas  
De sal, verde mel e bagaço

Até que Frederico Terra  
O empurrou todinho pra dentro

Houve reboição, golpeios e mugidos  
Na paciência do boi piranheiro  
Enquanto os companheiros  
Fizeram a travessia da boiada

Passava boi e boiada de corte  
A caminho do Sul e do Norte

O sangue tingia o branco das águas  
Como vinho derramado em lençol

Ai, o sangue dessa indecência  
Não vale nenhum tesouro da Índia

Em Marajó no rio banhado de sol  
O velho é a passagem do novo

Isto machuca muito o Tonicão  
Que do outro lado da margem, gritou!

Frederico Terra, venha logo!  
A boiada já atravessou...

Saindo de um pesadelo  
A cabeça estonteada, vomitou,

Jogou a montaria n'água  
E saiu na margem de lá

Eram vômitos de náuseas  
Talvez de ódio oculto e renúncia

Ainda sôfrego, o suor misturado  
Com a lama do rio e o medo

Sentiu o esbarrão dos companheiros  
- Quer morrer, amigo...

Uma angústia o invadiu de chôfro  
Como de chôfro morreu o boi velho

O bolo amargo da garganta  
Se desfez em lágrimas na poeira

Sentiu-se miserável, quase lixo,  
Talvez alguma carniça

Que os urubus esqueceram  
Numa perdida greta

Se sentiu mesquinho, pequeno,  
Terrivelmente nojento  
Mas Tonicão, na dianteira  
Puxou uma moda de alegre

A canção lhe entalava no estômago  
Ao invés da voz, ele ouvia

Os sons das patas, uma canção  
Que se levantava e tomava conta

De tudo e de todos  
Com seus pesados dorsos

Carregavam uma servidão milenar  
Onde suas pernas bambeavam

Ninguém escapava da terra  
E nem dos céus

Aquela canção era corpo,  
Parte do fígado, do coração

E das pernas enfraquecidas  
Do valente peão

“Eu não era boiadeiro  
Mas boiada de corte

Onde uma multidão me seguis  
E não sabia pra onde ia

Nem pro Sul, nem pro Norte  
Sabe-se lá deus como vinha”

E deus vinha com uma vassoura  
Atrás dos destinos, apagando

Os rastros na estrada da vida  
Enquanto uma chuva pálida,

Leve, neblineta e triste  
Cobria os dorsos da servidão

Lá atrás, no rio feio,  
Ficava o esqueleto do boi velho

De escondidos remorsos  
Em que se dando morria

Aquele boi velho em esqueleto  
Pra nunca mais sonhar  
Com os verdes das campinas  
Nem os zumbidos das carroças

Nem os açoites da chibata  
Nem a canga na sua senzala



Onde faca, fuzil e canhão  
Descreve o cinzal da hora

Onde bala, foice e magicão  
Fere a ternura no limbo

Era irmão do mesmo destino  
De outra ação captada a lume

De carne cuspidada na pedra  
De guinchos pendurados no açougue

Onde seus passos mesmos lhe seguiam  
À sombra da solidão sem rumo

Foi aí que o malogrado,  
Frederico Terra, gritou em agonia!

Para com o berrante, Tonicão  
A festa acabou, tudo acabou!

Onde o homem aninha  
Onde o boi rumina

Nem sonhos, nem calor,  
Nem sol, nem lua, nem aluá

E Frederico caiu no esquecimento  
Ninguém mais falava dele

Nem dos seus confinamentos  
Agora tava velho e quase cego

Como cego agora tava quase  
O boiadeiro Tonicão Santos

Triste sentença e choro  
Desse fazendeiro e desse peão

Espantalho roto espanta as aves  
No canto matutino só de frutos

Nem vela, nem erva,  
Nem bote, bem caieira  
Nem esperança mergulhada  
Nem partida nem chagada

Só noturno em lavoura  
Onde enxada rebentou cheia de dores

De muitas dores passadas  
Na poeira amarela da estrada

Adeus amigos e companheiros  
Das pegadas espalhadas na areia

Adeus Saulo, adeus Raimundo,  
Adeus Luiz, Reinaldo e tantos outros

Adeus chula, adeus choro  
Adeus viola e samba na pedra

Adeus cantochão, adeus alquimia  
Adeus boi joanino do roçado

Adeus lume, adeus homens  
Adeus faca de dois gumes

Pra nunca mais, pra nunca  
Além de nós, uma voz

Onde tudo se acaba  
Onde o sopro da memória não fica

Onde o infinito do rio- mar  
Não cabe a nenhum espírito de luta

Nem de sua mulher Maria  
Nem de seu filho Antônio

Nem nas terras de Marajó  
As ilhas de marinatambalo

Onde o amor à terra não é barco  
Que se ancore em qualquer porto

- Para com a ladainha, Tonicão  
A vela apagou faz tempo!

**FIM DO ESPETÁCULO**

TATU DA  
TERRA:  
LENDA OU  
EROSÃO

# Tatu da terra: lenda ou erosão<sup>(8)</sup>

1982

## CENA DE ABERTURA

*(Coreografia de tatu cavando, derrubando casas, enfim, destruindo com a cidade, etc.. E na medida que os atores vão fazendo o movimento rítmico, ao mesmo tempo, vão jogando a fala que se compõe de um poema em forma de texto-ambiente, numa introdução política do espetáculo, de acordo com o ritmo e andamento da cena).*

### **CORO MASCULINO**

Cava, cava, cava, tatu  
As terras onde plantaram  
Vila Viçosa de Santa Cruz de Camutá  
Que depois virou Camutá-Tapera  
Dos cabanos e dos políticos  
Na sua revolta!

### **CORO FEMININO**

Cava, escava, tatu-açú  
Sob a luz do luar  
Onde o progresso engoliu as lendas  
Onde o mar com sua língua belicosa  
Vem dividir Cametá em três partes:

### **CORO MASCULINO**

Uma parte pro prefeito  
Uma parte pro governo  
Uma parte pro latifúndio

### **CORO FEMININO**

Cava, escava, revira, faz ruína  
Por cima e por baixo, fazendo buracos  
Daqui e acolá, onde o povo lamenta

---

(8) Melhor Espetáculo do Festival Nacional do Teatro Amador Brasileiro/ 1982. Montagem: Grupo Palha.

O tombamento aos poucos da cidade Cameté  
De eras passadas e bonitas!  
Que escavacadas sem termos desse tau-açú!

### **CORO MASCULINO**

Cava não, tatu, a orla do barranco,  
E, em baixo, quase enterrado,  
Jaz o latifúndio do teu buraco  
Onde os índios perderam as terras  
Desta terra onde tu moras

### **TODOS**

Cava não, nem por baixo, nem por cima,  
Que apesar de Camutá-Tapera  
Com seus cogumelos de cimento e pedra  
Há muitas terras pra salvar  
Desse teu latifúndio agora  
Sob a invocação de S. João Batista! ...

### **CENA 2**

*(Um grupo de pessoas na varanda. Entre as mulheres há duas que se destacam: uma botando remendos numa calça e outra passando roupa com um ferro a carvão, etc. É noite de lua cheia. Pescadores vão pro mar. Vão passando com redes e tarrafas. Ouve-se um estrondo a pouco).*

- Ouviram?
- Que foi isso, gente?
- Sei lá...
- Mal comparando, parecia o estrondo da pororoca!
- Ou será que foi o tatu-açú que escavacou mais uma parte desta velha Cameté?
- Ra! Lá você com essas marmota de acreditar nessas lendas bestas. O tatu não existe, nunca existiu. Isso é conversa fiada de quem não tem o que fazer. E fica enchendo por aí amedrontando o povo.
- Eras a senhora nem se preocupa. Fala como se não fosse filha desta Vila.
- Ou como se nada de tão grave pudesse acontecer a Cameté depois que o tal tatu apareceu por essas bandas. Eu hein!

- E carece me preocupar, minha filha? Me diz. Tou cansa de dizer que não acredito em lendas. Pouco tou ligando pra isso.
- Deus me livre, se eu não acreditar. Pois meu finado avô sempre contava das proezas desse tatu, quando eu era assim zitinho. E pelo visto tou vendo que a cidade aos poucos tá perdendo seus pedaços de terra por causa do tatu.
- Bobagens! Bobagens!
- Também pode ser a Cobra Grande que vira embarcação no mar e fica revirando tudo por aí.
- Mas quando, pequeno? Quem pode afirmar isto?
- Eu mesmo. Quando fui pro mar pescar mais compadre Zeferino, alta noite, noite alta era. E, quando dei fé, lá estava a bicha, com a cabeça boiando no meio da maré escura, que a noite fazia, com uns olhos desse tamanho, parecia dois holofote grande, vermelho, alumando pra riba da gente, e quase caí da canoa, de tão tonto que estava. Eu já me via desencadeado por ela, aí, o compadre se avexou no remo e voltamos de lá sem a tarrafa.
- Ainda assim, meu pequeno, não sou nenhuma lesa de acreditar naquilo que o povo conta por essas bandas.
- Olhe: o povo inventa, mas não aumenta.
- Mas acontece...

*(Nesse instante, entra um moleque afobado para anunciar a novidade).*

- Dona coisa! ... Seu coisinha! ... Gente, corram lá, depressa! Venham ver uma coisa!
- Que foi é infeliz?
- Fala, capiroto! Correr lá, pra onde?
- Que cara feia é essa? Parece que viu visagem no caminho.
- Hein? Que foi tu viste? Mal comparando, o filho da mãe, parece mais assustado do que aperreado pra cagar. Quá, quá, quá...
- Não é hora de brincadeira. Não vê que tou com um medo danado depois que vi aquela teba?
- Que teba, esse, então?
- Fia, vá lá dentro e traga água pra esse égua.

*(A mulher obedece e volta com uma caneca de alumínio etc).*

- Tome... Apanhei indagorinha da cacimba. Chega tafriinha no pote. Bebe!
- Quero não, quero falar do que vi... *(depois que toma a água)*. Gente eu vi o danado, ele apareceu lá praquelas bandas do trapiche...
- Cobra Norato?
- Não.
- O Boto?
- Não.
- O diabo e o tatu junto? *(Risos)*.
- Credo! Que heresia!
- Só tava brincando!
- Deixe o pequeno falar. Fala!
- Era o tatu. Um tatu preto e porrudo. Do tamanho de camburão. Eu vi! Derrubou todo o trapiche... e levou as casas pro fundo do buraco, eu vi, eu tava lá... só deu tempo de pular na água do rio e nadar até a margem *(todos se entreolham cheios de pasmo)*.
- Valha-me meu São João Batista!
- Minha Nossa Senhora de Nazaré! Que nos guarde dessa peste.
- Como é possível, gente?
- Cavando! Eu vi... olha só o tamanho do buraco. Um buracão danado. Até sei pra onde ele foi, eu vi, foi pro rumo da fazenda do seu Thomaz! ...

## **TODOS**

- Vamos lá! ... Vamos chamar os outros, gente! ... Peguem as tochas de fogo! Vamos caçar esse tatu engolidor de casas. Vamos!
- Que adianta? Ele já deve ter fugido pra bem longe!
- Atrás dele, gente! Depressa!
- Anda, Raimunda... vem, véia... vamos lá pra ver de perto essa arrumação!
- Vou nada. Vou mais custa! Uma, como eu, medrosa como quê, vou não. Eu hein!
- Mas pequena, tu mesma te esquece das coisas que diz. Tu não disseste pra comadre Beta que tu não tinhas medo de nada?
- Disse.
- Então, a modo de quê, que tu não quer ir?!



- Sabe duma coisa, a véia tá caducando, fia...
- Só pode.
- Vão! Vão, cambada! Me deixe! Me tragam notícias.
- Quem vem comigo?
- Eu nunca fui amigo de lendas, nem de erosão, nem de assombração, tampouco, muito menos de dúvida, por isso, deixei de ver muita coisa boa e muita coisa ruim, haveria de rejeitar um convite desse, agora?
- Não é vergonhoso dizer, eu também vou!
- Eu também! Vou, mas vou, armado, com uma enxada na mão.

*(Da porta).*

- Olha secundina! Seu Juscelino! Gente tomem cuidado! Não vão chegar perto! Não vá mexer com o bicho, Naneinho! *(A multidão vai sumindo)*. Com essas coisas não se brinca! *(Pausa. Enquanto falava para com os seus botões)*. Vôte. Chega me arrepiando até o cabelo da venta. Não vou dormir sossegada... Só de pensar que o capeta tem sete capas chega me dá arreliando... Ui! Cruz credo! *(Fez o sinal da cruz, pegou o terço que trazia no bolso da saia e rezou uma Ave Maria)*.

### CENA 3

*(Esta cena antecede a dança do Siriá. Enquanto isso, duas mulheres batem papo e uma troca de roupa no quarto. A cena exige uma leveza dramática)*.

- Joana! Oh Joana! *(Silêncio)*. Tais ouvindo, Joana?
- Vá falando. Enquanto me visto. Tou ouvindo, sim.
- Sabe quem vai pra festa do Siriá? O filho da dona Maria Roque, aquele bonitão, enxerido que só. Lembra-se dele?
- Me lembro. Não foi aquele que emprenhou a filha da finada Guiomar? E depois fugiu pra Belém?!
- Hum-hum. É esse um, mesmo. Mana, tu precisas ver, o diabo voltou mais bonito ainda. Anda numa pinta, mana, tem cada roupa, cada sapato bonito, parece até que vive luxando.
- Às custas do pai. Só pode. Pois ignorante como é, emprego nenhum lhe tem serventia *(Surgindo em cena, se ajeitando)*. Vamos, Mundica! Esse tá melhorzinho, não tá? *(Exibindo o vestido com as cores do arco-íris)*.
- Tá! E os sapatos?

- Vou com aquele da mamãe. Ah, Mundica, me ajude a colocar a flor na cabeça (*Enquanto calça os sapatos*). Vou pegar hoje o rapaz mais bonito da festa e dançar com ele a noite toda, todinha.
- Égua, mana! Tás bonita que só.
- Caçoando de mim, é?
- Que caçoando nada, Joana! Tou falando sério. Tu por si já é bonita por natureza, magine, ainda, com uma flor de manacá nos cabelos.
- Não tá bonito assim? ... (*A outra faz que sim com a cabeça*). A gente que não sai quase fica sem jeito pra sair, pensa que nada tá bonito na gente, se encabula, pensa que tá tudo amarrotado. Mas sabe que é só passar daquela porta e vê todo mundo lá fora, de cotovelo grudado nas janelas, a vizinhança inteira, de olho em cima, titi-patati-peupeupê, basta aparecer na rua...
- E! Para de falar e vamos embora... Vamos indo, pelas horas que são, a festa já começou, faz tempo!... (*E se sumiram*).

#### CENA 4

*(Noutro plano: a coreografia da dança do Siriá. Perceber-se ao fundo o grupo regional tocando viola, pandeiro, etc. E entre o intervalo da coreografia, feito propositadamente, os atores jogam as falas pela ordem. À essa altura, um rapaz vestido de branco, fisicamente belo e atraente, se faz notar recostado à parede observando a pista de dança, inclusive as dançarinas que tudo fazem para atrair sua atenção).*

- Bela proeza a desse prefeito!
- Do prefeito?!
- Eu sempre desconfio de cara de santos.
- Que foi que ele fez?
- Justamente o que não devia. Tomou as terra que era nossa por causa dessa tal erosão que taí, deu pra Comarca de Cametá, depois mandou o meu pobre Afonso plantar mandioca no asfalto em Belém.
- Triste justiça!
- Cachorro. Vá eu me confiar nessa gente depois das eleições! ... (*E saíram dançando*).
- Compadre, pois o Goela não físgou em Mocajuba sua linda rapariga, a Fabiciana, da Benedita Favacho! Para acolá que aos sábados carrega o anzol ou a rede, porque eu mesmo não atino com a sua astúcia de apanhar

os mapará ou os aviú. E veja as consequências: a pobre Fabiciana, andava doída com os pesadelos, a tresnoitar-se aqui no mercado; ali, em Igarapé-Miri, quentinho do seu cobertor de orelhas, a dormir sossegado o malandro, com a outra.

- Ora o mansinho, a fala mansa, quem diria, tão sério e tão correto, metido em feio arrastão! ... Deve de ter açúcar no pau *(E saíram dançando)*.
- Que novidade por aqui, meu primo! Será que não convidaram o rapaz... que tá encostado na parede... longe da dança?!
- Se bem não lhe quisesse, eu me calaria. Nem sequer avisaria. Mas já ouvi falar que o caboclo não admite brincadeira, nem caçoada alguma, certo dia, numa festa, num estouro de gênio danado, botou um cabra do avesso.
- Será tão valente assim?
- Não duvide, Joana. Mas pra teu contentamento, que me importo, passo lá conversar com ele e botar o caboclo na roda o que não merece. Não aleivante aleive, creia.
- Tu faz isso por mim!?
- Ora, quem não faria pra te ver feliz? Tu merece, Joana! Vem comigo, que eu te ajudo! *(E na dança o rapaz que tava de pé foi arrastado por ambos colocando-o dentro da roda)*.
- Mas como, Zé Pretinho? Tu tais é doido. Doido! Onde já se viu um tatu desse tamanho cavar um buraco desse tamanho pra engolir uma cidade desse tamanho! Se fosse pelo menos as entre pernas daquela cabocla ali, a Tereza, até que eu podia acreditar, porque a diaba dá pra engolir um macho inteirinho. Êta, cabocla fogosa, meu mano! *(Riu)*.
- E por que diabo o Sr. Prefeito mandou a ESTACON construir os blocos de cimento pelo cais de arrimo? Foi pra roubar mais o dinheiro do Estado, foi?!
- Ora, rapaz! Foi por causa da maré, que tem a correnteza muito forte, e não por causa de um tatu que não existe, mas que o povo inventou, esse povo mais antigo das ribeirinhas de Cametá.
- E como é então que se explica as aparições de um navio branco, todo iluminado, no meio do rio, todas as noites, aí se some quando algum pescador procura ver de perto, hein? E a cobra Joaquina, irmã do Noratinho, que toma conta dessa ilha, e que afunda com as canoas, e a tal de Itaúna essa outra cobra grande, preta como tição, que até matou o Mané Santos, afilhado do José Ferreira, bem na beira no rio? E os assobios que se escuta no meio da noite, de madrugada, e o cantar dos pássaros agourentos,

como a coruja, rasga-mortalha, xianau, socoboi, saracura? E o banzeiro d'água quando o defunto do compadre Orlando boiou, e que depois desapareceu nas vistas da gente? ...

- Ora, ora! Isso é coisa de quem tá querendo missa e não aparece por aqui um padre vai com dois três contigo pra rezar uma ladainha. E vira alma penada, como o defunto do teu compadre que desapareceu, porque foi puxado pelos peixe comedor de cu (*Riu*).

- Oh! Fila da puta... Tu não leva nada a sério, tá visto na tua descrença.

- Êta, festinha boa! Tou de olho mesmo em riba, mas na mira, mesmo, do rabão da Tereza... essa zinha gulosa! Macho chega a gemer, ali, na hora do acejo, meu mano.

*(E saíram dançando euforicamente. E, antes do término da festa, nota-se certa amorosidade entre Joana e o rapaz vestido de branco que, na verdade, vem ser o lendário Boto).*

## **BOTO**

Vem comigo!

## **JOANA**

Pra onde? Pra onde tá me levando?!

## **BOTO**

Não faz perguntas. Deixa que eu te guie os passos. Não confia em mim?

## **JOANA**

Confiar, eu confio. Mas a mana vai ficar sozinha e a mamãe...

## **BOTO**

Ninguém vai sentir tua falta. Nem tua mana. Anda, vem! Daqui a pouco a gente volta. Dou minha palavra (*e saíram dali sob a curiosidade de todo mundo*).

## **CENA 5**

*(Noutro plano. À margem de um rio sob um luar que era bem maior e no bailado de sombras o casal trocava palavras de amor. Há um breve chamego entre ambos).*

**BOTO**

A noite tá que é uma belezura! E há poesia nas estrelas... e nas tuas mãos, também, minha cabocla morena. No cheiro dos teus cabelos. No teu corpo formoso. Esse corpo teu onde flutua os mistérios de ainda. Vem, anda, vem comigo! Vamos nadar nesse rio em que tu vais me navegar.

**JOANA**

Como brilham teus olhos! Parecem dois pastores da noite. Logo vi! Estavas de olho em mim... assim que chegaste no baile.

**BOTO**

Julgas-me de certo algum idiota! Pensas que não sei?!... Pensa então que tou mentindo.

**JOANA**

Quem me dera que tivesses mentindo! Mas é real demais para ser um sonho. Nem nada. É amor!

**BOTO**

O resultado... Mostra-me, de semelhante amor. Muito melhor agora. Que estamos sozinhos.

**JOANA**

Mas afogo-me em pressentimentos, o coração me diz coisas terríveis que...

**BOTO**

Pois não sinto! Bobinha... A nossa vida será melhor *(Vai despindo-a lentamente)*. Ah! Essa carne desnuda! Esses seios de lua cheia!

**JOANA**

Que hás, rapaz? Ficaste louco?!

**BOTO**

Apixonite aguda... desde quando te vi no baile. Minha cabocla...

**JOANA**

Assim não! Não e não! Deixemos disto! Ouve, rapaz: eu preciso voltar para casa... mas, virgem.

**BOTO**

Bobagem tua... Tu és minha... Acreditando nessas coisas tolas, viraste criança agora! Mas eu vou te fazer mulher...

**JOANA**

Ah! Tás me entupindo os ouvidos de zumbidos, melodias estranhas...

**BOTO**

Joana, minha cabocla, as viagens do teu corpo me matam: se chego a fechar os olhos, mal desejo correr outro rio navegado, pois assustam-me tubarões, temporais; abertos, aí que me entrego no remanso dos teus abraços, me aflijo e me apavoro no mergulho de teu porto fundo, e não sei mais em que parte vou apertar meu destino, minha solidão. Tudo por tua causa! Cabocla patcholi...

**JOANA**

*Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii (Grita, a mode fulminada, desprendendo-se das entranhas do boto, e estirava-se em convulsões, comprimindo a vagina, tremelicando as semi-cerradas pálpebras, enquanto o Boto fugiu. E todo mundo correu pra ver).*

**NHÁ MARIA**

Joana! Que foi isso?

**JOANA**

Foi o Boto Nhá Maria! *(Chora)*. Me estragou. Depois sumiu na maré.

**NHÁ MARIA**

Te desconjuro! ... Escritinho como se deu com a Martinha do Pedro. Vôte. Gente, me ajudem a levar a mana pra casa.

**CENA 6**

*(Gabinete da prefeitura. Em seguida, entra o Guarda para anunciar ao prefeito a multidão que está lá fora querendo uma audiência com ele. Este está cercado de livros e papelório).*

**GUARDA**

Sr. Prefeito...

**PREFEITO**

Que houve? Fala!

**GUARDA**

Tem um magote de gente lá fora querendo falar com o senhor. E parecem revoltados!

**PREFEITO**

Pois manda essa gente entrar! Que tá esperando?

**GUARDA**

Mas senhor prefeito eles... eles parece que tão querendo briga como senhor.

**PREFEITO**

Mande-os entrar, já disse! Já conheço de sobra o problema deles. Deixe entrar todo mundo. Preciso ter uma conversa franca com eles.

**GUARDA**

Sim, senhor! *(Noutro plano de ação)*. Entrem, cambada! *(E todos entraram desesperados e aflitos)*.

**1º HOMEM**

Sr. Prefeito me atenda, pelo amor de Deus, me diga o que é que eu faço com as minhas terras? Os homem tão lá querendo ocupar os terreno sem ser deles. Aquilo lá custou o suor e o sangue do meu finado pai.

**1ª MULHER**

E o que o Sr. Prefeito vai fazer com o meu marido desempregado depois que os outro tomaro tudo dele? A gente tá passando fome, meu José agora vive de biscates, todo mundo sabe que ele é pedreiro de profissão, mas ninguém quer dar emprego pra ele. *(Chora)*. Oh, meu Deus do céu! Vê se o senhor faz alguma coisa pelo meu velho. Meus pirralhos precisam estudar, Sr. Prefeito, precisam se vestir e calçar, mas com essa situação como vai ser? Me diga!

**2º HOMEM**

Outra coisa Sr. Prefeito mande o compadre Manezinho me devolver os alqueire de terra que ele me roubou a mando dos políticos cabeça oca, troco de nada! Do contrário, a modo de recuperar minhas terras, vou me armar e

tocar fogo na casa dele, já tou canso de pedir o que é meu por direito. Mas me a desculpe pelo que eu vou dizer, o Sr. Prefeito parece que pouco liga para o nosso problema, mas fica sentado aí no bem bom coçando o saco o dia todo, sem tomar nenhuma providência.

## **2ª MULHER**

Também quero dizer uma coisa que tá engasgada aqui na goela, o que o Sr. Prefeito precisa saber... Mas eu acho que o prefeito sabe até melhor do que eu, que sou analfabeta de pai e mãe, que desde quando surgiu a tal de Cabanagem nessa Vila as terras nunca tiveram dono propriamente dito, mas depois que a gente toda tomou conta delas plantando mandioca, seringueiras, cacau, tudo o quanto precisava pra fazer bem à terra e a este povo, tão agora querendo nos tirar tudo por causa dessa tal de erosão. E não é preciso sentar em banco de escola para entender dessas coisas! O prefeito sabe disso.

## **3ª MULHER**

É! Queremos nossas terras de volta!

## **3º HOMEM**

Queremos nossas casas que foram destruídas pela maré! Pois não acredito nessa conversa que foi o tatu-açú ou cobra grande.

## **PREFEITO**

Do que me acusam, afinal?

## **GUARDA**

Pessoal, o Sr. Prefeito não tem culpa de nada. Como é que ele vai controlar a fúria do rio?!

## **POVO**

Puxa saco!... Intrometido de merda!... Esse bigode de xaréu! Cabra comedor da honra de filha alheia! Puxa saco duma postema!

## **PREFEITO**

*(Ao Guarda).* Cale-se, não diga mais nada. Deixe que eu a coisa esclareça... se não, o circo pega fogo *(Voltando-se para o povo)*. Vocês sabem que eu também não acredito nessa lenda absurda que seus antepassados criaram. Vocês sabem que é a erosão que está acabando com os pedaços da terra devido correr um canal natural debaixo dela, e como não há proteção, a erosão tá destruindo



do tudo aos poucos. Pois bem. Mas para isso a ESTACON está construindo 10 espigões, para proteger esta cidade, mas é necessário no mínimo 40 outros espigões para salvar Cametá de um desastre ecológico maior. Vocês sabem quantos milhões foram gastos nessa brincadeira? Tinta e seis milhões de cruzeiros! Vocês sabem que Cametá é a cidade que luta contra as águas.

### **POVO**

Chega de sermão Sr. Prefeito! Viemos aqui para que? Queremos nossas terras! Não queremos ouvir discursos! Chega de politicagem com a gente! Queremos o que é nosso! Deixemos de papo furado!

### **PREFEITO**

*(Grita). Silêncio! (Faz-se silêncio).* Aqui é um lugar de ordem e respeito. Não admito funfarrenadas aqui dentro. Não sabem o que é disciplina? Obedecer às minhas ordens?

### **4 ° HOMEM**

Pois vou tocar fogo em tudo, Sr. Prefeito! Mesmo contra as suas ordens!

### **PREFEITO**

Assim, não! Não e não! Acabemos com isto! Violência gera violência. Ouve, Domingos, e que isto sirva pra você também Manuel de Souza: eu preciso de sossego. Ao cabo de uma semana mandarei apanhar suas famílias. Há montaria de sobra pra levar vocês de volta para o lugar de onde vieram. Não quero é que essa falta de disciplina de vocês me traga mais aborrecimentos. É perigoso ficar morando em terras que não lhes pertence. Me admiro do Sr. Ambrósio, velho pescador de guerra, dos tempos da Cabanagem quase, não saber que em águas de tamanha turvação não pode tentar pescaria...

### **5° HOMEM**

Mas Sr. Prefeito, nem eu mesmo sei quantos anos tenho, porque... nunca tive certidão, quanto mais ler ou escrever, mas meu avô dizia que as terras que o tatu andu cavando, a modo pertencia a nós.

### **PREFEITO**

Bem isso era o que ele dizia se ter provas exatas, passadas em cartório. Tal despautério da parte do seu avô parece obra do satanás.

#### **4ª MULHER**

Cruz, credo! Ave Maria, Ave- Maria! (*Benzeu-se três vezes*).

#### **PREFEITO**

O impossível não acontece assim num repente, e ninguém aqui deve contar com o ovo no da galinha (*Pigarreia, disfarçando*). Quero dizer, que não se pode contar com aquele dos outros e que, para arcar com as alianças das terras, é necessário lavrar os documentos legalmente, para que mais tarde elas não possam ser invadidas por estranhos, e, portanto, difícil de recuperá-las. E você dona Eugênia, largue de pensar nessas coisas tolas, nessas lendas bestas, ore a São João Batista para que esta cidade não vá ao fundo. E bonito mexerico esse que o senhor Antônio Tertuliano andou comentando nas portas de mercado! ... Não passa de uma calúnia, de uma injúria contra mim. Cametá já não é a mesma: o progresso mudou tudo, abalou as estruturas das famílias, e como é que o senhor inventou tamanho desprazer, dizendo-se vítima de roubo de terras, se as terras eram de outros donos? Isto ficou provado através de documentos, através da lei de Uso Capião.

#### **5ª MULHER**

Ora, podiam ser documentos falsos, senhor prefeito. Meu velho, nunca foi um homem mentiroso. Nem nunca duvidou de seu caráter.

#### **PREFEITO**

Deixemos de conversa fiada! As suas terras, assim como as terras dos outros, não têm títulos previamente legalizados, porquanto a maioria mora e vive na terra alheia por teimosia, por ignorância.

#### **6º HOMEM**

Mas é fruto de labuta, doutor. A sua vida tá ganha, aqui na Prefeitura, mas a nossa, ganha-se com o plantio da mandioca ou na pescaria, quando não fazendo biscates aqui e acolá.

#### **PREFEITO**

Que há, Josino? Não se sabe, a despeito de tantas coisas, de que me acusas sem ter prova de nada! Que fique bem claro o seguinte: a prefeitura nada tem a ver com isso.

**POVO**

Mas senhorprefeito, então me diga, o que é que a gente vai fazer, se ficar sem as terras? De que a gente vai viver? Onde é que a gente vai morar? Vai plantar!?

**PREFEITO**

Dá-se um jeito.

**7º HOMEM**

Que jeito?

**PREFEITO**

Nas terras dos outros é que vocês não podem ficar. E tem mais: tanto o senhor Raimundo Barbosa como os demais que estão aqui, não me cheguem mais ao gabinete com ameaças, com reclamações ou acusações sobre terras roubadas! Terras estas que na verdade não são suas. Pertencem a outros donos. E, ao que se sabe, senhor Francisco Castanheiras, sobre esse assunto, casos dessa natureza são raros em Cametá. Pelo que sei como autoridade máxima desta Comarca, existem apenas dois ou três casos na justiça...

**7ª MULHER**

Bela justiça!

**PREFEITO**

Que disse, dona esmeraldina?

**7ª MULHER**

Nada, não. É que eu ia tossindo (*Virando-se para alguém*). Me dá meu rapé, pequeno, deixa eu cheirar um pouco! Atchim! ... Oh! Diabo!

**PREFEITO**

Como eu estava dizendo, três casos, apenas, mas que foram esclarecidos, provados pelos antigos moradores, através da lei de Uso Capião. Porquanto, quaisquer pessoas nesta cidade deveriam urgentemente regularizar seus títulos a fim de provar com seus documentos que esta ou aquela terra é de sua propriedade, e para evitar não um roubo, mas uma tomada brusca de terras. Terras que a maioria julga lhes pertencer. E não pensem que isto aqui mudou para pior depois da cabanagem ou depois que o progresso chegou até aqui entre nós. Como se fosse a casa da negra onde todo mun-

do vai entrando e atando a rede para dormir. Não! Nada disso. Estão enganados, se pensarem dessa forma. Agora voltem para suas casas, por favor, e aguardem a montaria (*E foram saindo cabisbaixos, só permanecendo no gabinete o Velho pescador, que parecia ainda titubeado pela coerência do Prefeito*).

### **VELHO**

Mas o senhor prefeito não tá acreditando que foi o tatu ou a cobra caninana que adestruiuas parte da cidade... Se eu lhe contar adepois o que vi por essas bandas de Cameté talvez o senhor prefeito queira saber mais coisa e aí limitar as nossa terra.

### **PREFEITO**

Quem? Você Olegário? (*Riu baixinho*). Na piedosa missão a que lhe trouxe aqui, ainda que surpreso e aflito com aminha decisão, acho bom o velho Olegário acender do cachimbo para sua longa caminhada. E que vá encurtando o caminho para chegar mais cedo em casa.

### **VELHO**

Tá me expulsando da sua porta? Já não arespeita os cabelo branco que o Velho Olegário tem no casco da cabeça?!

### **PREFEITO**

Meu velho, acima da natureza, preferia morrer que lhe faltar o devido respeito. Mas morrer no rio, enfrentando o rio, afogado me maresias de rio, esse monstro inferno, revoltando as entranhas líquidas, bramindo e rebramindo, crespo de fúria, e que está engolindo a nossa velha Cameté (*O Velho chora*). Vai Olegário e fica remoendo suas lendas, mas fica também aguardando as minhas ordens para embarcar na "Sereia do Mar". A única, de toda a probabilidade que tinhas de ficar na fazenda dos Ferreira, acolá, assossegado, como um dos mais antigos desse povoado, caiu por terra. Lamento que tenhas de partir também como os outros, pois o verdadeiro dono apareceu, de modo que tens uma semana para se retirar de lá.

### **VELHO**

Ai Jesus! O que não se lastima nessa terra!

### **PREFEITO**

Não se atormente! As coisas não podem ser resolvidas de outra maneira. Tenha um pouquinho de fé.

**VELHO**

Fé! Fé! Que sabe o senhor prefeito dessas coisa? (*Saindo*). O prefeito enlouqueceu. É culpado da nossa situação. Não quer tomar outras providências! Nem mesmo a minha idade, a minha velhice...

**PREFEITO**

Coitados! ... (*Suspirou fundo*). Á custa de qualquer coisa na vida, eu, por um lado, daria tudo para não estar no lugar deles.

**GUARDA**

Mas que fazer para controlar o sofrimento e o desespero dessa gente, senhor prefeito?

**PREFEITO**

Sr. Prefeito. Oh! Maldito cargo, demônio rio, esse gigante indomável! (*Apiedou-se*).

**CENA 7**

- Cobra Norato -

**MULHER**

Pajé, eu dormi com um bicho encantado, e nove luas depois pari um casal de gêmeos.

**PAJÉ**

Que nome deste a teus filhos?

**MULHER**

Norato e Maria Canina. Agora estou porque não sei o que fazer; se jogo no rio ou mato?

**PAJÉ**

Jogá-los no rio ou mata-los seria o meio mais fácil de solucionar teu problema. Mas mulher, se isso fizeres, morrerás!

**GRUPO**

Jogue-os no rio! Lá irão se criar!

**MULHER**

Estou livre!

**GRUPO**

As cobras cresceram.

Mas Canina era perversa e resolveu mexer com a cobra de Óbidos, picando-lhe bem na cauda!

A cobra estremeceu que rachou a terra como se fosse um terremoto.

Lá bem na praça da matriz de S. Ana.

**NORATO**

Não aguento mais a Canina!

**GRUPO**

E a matou!

**NORATO**

E devo continuar minha vida, vagando meu dia como serpente e de noite como vivente.

**GRUPO**

*(Contando)*. E deixava na beira do rio a casca de cobra, e ia para as festas. Um dia foi dormir na casa da mãe...

**NORATO**

Antes do galo cantar, ajude esse filho seu, jogue um copo de leite em minha boca, e dê um golpe profundo em minha calda, que estarei livre.

**MÃE**

Não posso! Não tenho coragem! És feio! És horrendo! Não posso! Não posso!

**NORATO**

Meu casco de serpente não te fará nenhum mal. Ele não faz mal a ninguém.

**GRUPO**

E continuou a vagar pelo Tocantins, vindo parar em frente a Cametá.

**NORATO**

Tu que és forte e valente, deves me fazer um favor, pois te pagarei bem.

**GRUPO**

E assim o homem fez.

**NORATO**

Estou livre.

**CENA 8**

*(Aparição de Cobra Norato para um pequeno grupo de caboclos numa noite de lua cheia, quando na hora da pescaria).*

**CABOCLO 1**

Sou velho pescador/ minha vida é o mar/ Lanço tarrafas de amor/ nas noites de luar

**CABOCLO 2**

Maré cheia não norteia/ vento brando noite e meia/ Safra é sorte ouro é Norte/ vou pescar na lua cheia

**CABOCLO 3**

Sou canoeiro de profissão/ pois só navego no luar/ Que apesar dessa escuridão/ como é gostoso tarrafeiar

**CABOCLO 4**

Homem, sei muitas lendas/ muito tenho pra contar/ Foi aqui que virei a cacunda/ quando Norato boiou acolá!

**TODOS** *(cantando)*

Barulho das ondas  
Nas ondas do mar  
Engoliu o Juvená  
Pra encher de mágoa  
Os pescadores no mar!

**NORATO** *(boiando e cantando)*

Cuidado, barqueiro  
Cobra grande vai te apanhar!  
Cuidado, barqueiro  
Cobra grande vai te apanhar!

**TODOS** (*gritando, querendo se salvar da*)  
É hora de bicho brabo, companheiro!  
Valha-me São Benedito das mandioca!  
Cobra Norato traiçoeiro  
Vai levar pro fundo essa canoa!

**NORATO**

A vida começa lá pro fim do dia  
Sob a benção da noite na imensidão do rio  
Desse rio de água suja aberto ao curso de navios  
Sou Norato, sou Boiúna dessas águas que manejo  
Sob a luz da lua cheia, ai canoa, ai canoeiro.  
Conheço as vidas desse rio  
Ontem fluindo em risos hoje esfolhando em mágoas  
Às vezes eu penso que o destino desse rio  
É destino dessa gente sem seu destino fazer  
Sob a luz da lua cheia, sou Norato, sou Noratinho  
Dessas lendas desse povo, ai tempo, ai desafio  
Vou me esquecer no rio de novo!

**TODOS** (*à salve*)

Vai cabeçudo! / de ti não tenho medo! / Vai ingrato!  
Não se mata por despeito / Pra que tanto estrago?

**CENA 9**

*(Ouve-se, pela segunda vez, o estrondo de terra caindo ou o tombamento de casas que se afundam, engolidas pelo rio. Noutro plano: em casa, uma mulher mais jovem peneirando a massa de mandioca pra fazer umas broas, e outra que vem chegando da rua apreensiva, parecendo ser mais velha, carregando apetrechos na cabeça).*

**MULHER 1**

Valha-me Deus! Mas pequena, isso só pode ser maldição do padre que morreu açoitado por essas banda.

**MULHER 2**

Mas o que foi? Que aconteceu? E de onde vem assim assustada?!



**MULHER 1**

Calcule. Faz um cálculo, Teotônia...

**MULHER 2**

Da praia. Ou do igarapé. Onde foi lavar a roupa e viu três boto semelhante ao finado marido!

**MULHER 1**

Mas pequena, tais mangando de mim? Já te dou motivos de caçoadas?

**MULHER 2**

Não. Mas não fique zangada comigo. É que derreada pelo susto que tomou por aí, com o coração abalado, como está, em tempo de sair pela boca, até respirando pela boca que nem peixe, eu só podia pensar que a senhora foi vítima de encantaria. Ou que viu pelo caminho o vulto horrível do Curupira. Rir mesmo eu nem podia.

**MULHER 1**

Pois que visse, e que não ficasse assim tão caçoísta. Eu, a modo de seu ver, sou algum bicho do fundo, alguma Matinta Perera?

**MULHER 2**

Desculpe. Falei por falar.

**MULHER 1**

Bom! Vítima de encantaria de Boto, eu não fui, e tampouco acabei de ver o Curupira no caminho, mas espiei acolá com os outro mais um pedaço de terra que caiu.

**MULHER 2**

Sim! E o que tem isso a ver com o padre que morreu açoitado?

**MULHER 1**

Uma ocasião sucedeu que o tal padre, antes de morrer, disse que enquanto houvesse os restos de seu chinelo, Cametá ia sempre regredir, inundaria todinha. E não é que tá acontecendo justinho o que ele falou. E pensar que era um santo padre.

**MULHER 2**

Que santo padre coisa nenhuma. Era, isto sim, o capeta em figura de gente, a modo de desconjurar uma cidade inteira! Quer me dá uma mãozinha? Me apanha aquela cuia de sal, acolá.

**MULHER 1**

Deixe que eu uma coisa lhe diga. Antiga moradora que sou de Cametá, por umas noites, não tenho dormido direito, e aborrecida faz tempo que vivo nessa situação, agoniada, e, ansiosa de acabar com isto.

**MULHER 2**

Isto, o quê?

**MULHER 1**

O tatu açu. Para desvanecer a desconfiança da Cobra Grande, a única solução é matar o tatu!

**MULHER 2**

Mas não tinham achado o casco dele na praia? Que o matador dele tinha sido um dos funcionário do DER?!

**MULHER 1**

Mas este um, Teotônia, é outro que apareceu. É ele que está arreliando esta cidade. Porque a cobra Joaquina faz um bocado de tempo que não aparece. A última vez que ela apareceu foi no ano passado. E fez um estrago daqueles!

**MULHER 2**

E a senhora acredita nessas coisas?

**MULHER 1**

Se acredito! ... Tanto como existe Deus no céu. Teotônia ... o tatu mora embaixo da matriz de São João.

**MULHER 2**

Duvido muito. Não acredito nisso nem um pouquinho.

**MULHER 1**

Por aquele, quando que entretanto não se acreditaria também em pouca sorte? ... por aí minha filha lhe adivinha os mistérios da vida.

**MULHER 2**

A seu modo, e por força da natureza, o bicho existe.

**MULHER 1**

Não apenas ele. Mas todos nós. Que fazemos parte desse mistério.

**MULHER 2**

Compreendi (*provando uma broa*). Hummmm! ... Essa tá gostosa que só, não sei as outras! ... Venha tomar café com broa! Venha! ...

**MULHER 1**

Tome o seu primeiro. Me deixe ajudar um pouco. Enquanto você toma os eu café, eu vou revirando essas broa pra não tostar. Com pouco tem gente aí chegando pra tomar café com as broa da Teotônia... as broa mais gostosa que há nesta Vila!

**MULHER 2**

Bondade sua, vó Clarisse. Hummmmm! ... Essa... Hum, deliciosa!

**CENA 10**

*(Um igarapé. Uma mulher grávida que toma banho pela manhã. E no segundo plano, um pássaro (Tucuanã) agourento que sobrevoa agitando fortemente as asas e canta "Seicurú, Seicurú", e pousa em uma árvore baixa, pequena, depois abre as asas e torna a cantar desafiando o medo da mulher. A gestante sente logo uma insuportável dor de cabeça).*

**MULHER**

Xô! Vai e fica-te, ingrato, para lá, com a tua praga! Xô, daí! (*E sai correndo para casa. Ao chegar foi logo dizendo o que viu e desmaiou*). Mamãe! Gente, me acudam! Pelo amor de Deus, me acudam! Minha cabeça tá doendo! Vai espocar! (*E aí correu gente pra acudir. A casa ficou cheia*).

**VELHO**

Mea mana, o que aconteceu?

**MULHER**

Tacuanã... Tacuanã... Cantou pra mim! ... Agora tou passando mal, parece...

**MÃE**

Mateus, me acode aqui, a Rosinha desmaiou!

**OUTRA MULHER**

Vigie... O beijo dela tá roxinho, a modo que bebeu açáí.

**UM HOMEM**

Dona Engrácia! Tá escritinho a cor roxa do pássaro!

**MÃE**

Me acode aqui, Mateus, me ajude a botar a Rosinha na rede. Oh! Minha Virgem Santa! Minha filha... Não! Não pode ser verdade...

**UMA MULHER**

Comadre, vou lá em casa buscar uma garrafada de arruda pra tu passar nas fronte dela. Se acarme, comadre, que ela vai ficar boa (*Sai e volta depois com a garrafada*).

**MÃE**

Traz um alho lá do armário, Minervina... Depressa! Gente, vigie... Minah filha... A menina tá ficando pálida! ... Anda com esse alho, Minervina! Oh! Gente mais cansada! Será que não tem ninguém aqui que me faça um chá? Ai Jesus!

**UMA MOÇA**

Eu faço, madrinha, deixa que eu vou fazer (*sai*). Já, já.

**MÃE**

Tem água quente na chaleira. Arreda a panela do feijão, e faz esse chá depressa. Mateus, vai na Vila, chama o médico.

**VELHO**

Médico não dá jeito, Engrácia. Vou atrás do Preto Gimba.

**MÃE**

O pajé?!

**VELHO**

Sim! Só um pajé sabe curar essas coisa (*saindo*). Nisso, o Preto Gimba é bão! Mea mana Rosinha, vai ficar curada, garanto.

**MÃE**

Minha filha... Minha pobrezita...

**LAVADEIRA**

(*Chegando*). Que aconteceu, comadre Engrácia? De longe, deu preu ouvir seus gritos, chega me assustei! Larguei a roupa e vim pra cá...

**MÃE**

Comadre Marina, a Rosinha paresque que tá morre não morre dentro daquela rede!...

**LAVADEIRA**

Mas quando então? Isso é assim mesmo, comadre, a dor de parto, a modo do primeiro filho, vem quando menos se espera!

**UMA MOÇA**

Pronto, madrinha ... Dê pra ela, inda tá quentinho.

**UM RAPAZ**

Dona coisinha, diz que a Rosinha viu o Tacuanã...

**LAVADEIRA**

Valha-me nosso Senhor Jesus Cristo!

**OUTRO RAPAZ**

É por isso que a coitada tá sofrendo.

**MÃE**

Tome, filha ... Vai passar... Tome pra passar essa dor... (*Rosinha está com os dentes cerrados*). Oh! Meu Deus! A minha filha, gente, paresque que tá morrendo! ...

**LAVADEIRA**

Tenha calma, comadre. Tenha calma.

**MÃE**

Como posso ficar calma, comadre, se a minha Rosinha tá morrendo?!

**VIZINHA**

Deixe que eu cuido dela. Ponha água no fogo. Vou fazer um escalda pé, uma fricção. Deixa que eu mesmo preparo as fementação. Me traga um emplastro, dona Cremilda, e me ajude a fazer também as quejanda mesinha, dona Ambrósia *(Em torno da enferma, num vai e vem porfiado, articula-se o cordão de experientes. De um lado, a crise demorada; de outro, a expectativa ansiosa. Enquanto semimorta, Rosinha escabuja o pássaro agourento, com gemidos).*

**MULHER**

Tacuanã... Tacuanã...

**MÃE**

Ai Jesus!

**FILOCA**

*(Chegando).* Que há, comadre? Rosinha adoeceu? Não tá conseguindo parir?!

**MÃE**

Dona Filoca, minha filha, tá morrendo! ... O Tacuanã... Oh, Deus!

**FILOCA**

Eu logo vi! É por isso que ela tá roxa e pálida. Palidíssima!

**MÃE**

Ai Deus! E o Mateus que não chega.

**FILOCA**

Aonde foi ele?

**MÃE**

Foi chamar o Preto Gimba. Ainda não voltou. Faz tempo que saiu. Vigie a menina, os olhos dela...

**VIZINHA**

Que tem os olhos dela, comadre?

## **MÃE**

Vigie, tão revirando! A Rosinha não tá mais respirando, gente! ...

## **VIZINHA**

Se acalme. Não foi nada. É mais um passamento, comadre. *(Afinal, ou nem dos remédios ou nem das orações, ela torna a si; de rosto pálido e a boca roxa, a gestante revira os olhos de sofrimento, já morrendo).*

## **VELHO**

Rosinha! ... Mea mana, Rosinha!

## **MÃE**

Minha filha! Mateus, a minha filha! ...

## **GIMBA**

Que a lua de Cristo ilumine o espírito de Rosinha... Teje onde tiver. *(Aí a notícia se espalhou por Cameté. Encheu as portas de mercado à beira mar).*

## **CENA 11**

*(Poemanação. Ou Exercícios Um da Lavoura. Os atores vão exercitando semelhante tarefa de homem rural enquanto jogam a fala através dos poemas, e assim sucessivamente).*

Trabalhas por nada/ Comes migalhas/ e evacuas água

Não podes contestar/ mas, calado, podes ficar/ A vida, assim, podes levar

Sangue podes perder ou vender/ A vez podes perder ou vender/ Se tentares gritar/ Aí podes morrer...

Por nada, a troca de nada/ por não saber nada/ das loucas voltas que essa vida dá/ talvez por não saber amar!

Mas não tarda não demora/ nessa vida vão conhecer/ no glorioso despertar/ da cômoda letargia/ a qual teimam em se entregar.

### **Exercícios dois da lavoura**

Estar com o rio não é molhar-se na água/ Nem ser leite/ É ser a água e o leite/ E o mar/ E ser as nuvens do céu

Nesse destino é o que somos/ Somos o destino e olho d'água e a foz/ somos a foz e o ruído das águas se encontrando/ E as nuvens do céu e o homem sentado numa pedra/ E a pedra

A terra do caminho/ caminha sem ninguém pra caminhar/ Espera a vida na passagem/ conversando com ninguém/ sem ninguém pra conversar

E vê o mundo passar à sua volta/ cheio de ninguém para passar/ E espera e espera o alvor para poder acordar/ para ninguém passar!

Quando é noite/ observe o rio soluçando baixinho/ para não acordar Cametá/ Ó oceano de infinitas estradas verdes/ quantas desilusões escondem teu chão de salsugem?

Ó maré marência/ de peixe pescador e roçado/ de tantas águas navegadas/ nautas de incríveis mistérios indecifráveis/ devolvem todos os objetos que são teus

Ah! Os colares de ilusões/ os anéis de núpcias/ as conchas onde se fecham os silêncios/ os amores, as alegrias/ a coragem de existir/ mesmo sabendo que se morre em cada ser!

### **Exercícios três da lavoura**

Homem é hora de andar em estrelas!/ Por em harmonia tua mulher/ tuas guerras/ tua luz interior, e até os jacarés!/ Mesmo que tenhas medo/ Estas coisas/ que não estão nas gramas/ e nem na ponta do nosso nariz!

Na descida do barranco/ Fiapos de sonho/ Torção. Esmagamento/das partes genitais/ e um tapa/ Mais um tapa/ E mais outro na cara/ Até morrer como verme, uma barata/ maldito enxidão!

Mata fome animal/ roda viva no escampo/ pasta vida colorida/ sempre essa mata/ sempre essa cana/ sempre essa arma/ Sempre mais uma noite mal dormida

Amarre pernas e mãos/ Pendure-o naquele pau/ onde embaixo tem um formigueiro/ Agora o chicote/ Chicote. Chicote/ Zaspe, trape, traque/ Mais chicotada/ Ai essa enxada danada

Trancadas: portas e janelas/ para os que vêm de fora/ faz bem gemer e deixe o sangue escorrer/ Esta é a vala comum dos mortais/ Este terçado cego/ afia e marca as batidas do coração.

### **Exercícios quatro da lavoura**

É urgente aceitar o meu vizinho/ Dizer bom dia, levantar o rosto/ e sorrir para ele/ Afinal, rente a mim/ nesta agonia ele vive

E, como eu, rema o mesmo barco/ tem medo das mesmas ondas/ chora, canta, sobrevive/ nesta lavoura e morrerá/ como eu, nem demora!



Que diabo tem este homem/ noturno, cabisbaixo/ roupa surrada, e mudo?/ O que o esmaga neste ar de pobreza/ silêncio morrendo no fim do mundo?/ taciturnas, quem sabe/ também eu , na tristeza/ sou para ele síntese de tudo!

São burros que bebem água/ esta lavra deste homem/ São garrafadas de derrota/ este maldizer que o consome

São pancadas de promessa/ mágoas de sua mulher/ São carneiros comendo a grama/ a fome de um José qualquer

São facas cortando as vísceras/ deste filho seu pra morrer/ são cachaça que sangra/ Este homem de porre curtido

São tapas na cara que derrama/ esta lágrima dentro do poço/ São alquimia do roçado/ este enforcado com batucada

São risadas de arquibancada/ este palhaço fora do circo/ São morte de quilombos/ esta lerdeza de sacrifícios

São família crucificada/ este Judas de salário mínimo/ São calvário de cão/ a fuga louca deste povo!

## CENA 12

*(Explicação: tanto a 1ª como a 2ª e a 3ª cena passam-se simultaneamente ora focalizadas em planos diferentes através de CORTE, para dar ação cinematográfica ao espetáculo).*

- Coitado. Morreu que nem passarinho, comadre... Sem dar aперreio.
- Ele andava muito doente, não?
- Andava, sim. Já não se alimentava direito. Nem mingau queria tomar.
- Trabalhou tanto pra nada!
- Pois não é, comadre... Mal e porcamente foi atendido no Posto de Saúde!
- Que miseráveis!

*(Corte. Foco em: uma multidão que passa correndo.)*

- Corre, Jandira! O tatu derrubou mais uma parte da cidade.
- Corre, gente! Se não foi o tatu, deve de ser arrumação da tartaruga gigante ou da Cobra Grande, podes crer.
- Olha a fundura, mana! O tamanho de terra que caiu!
- Santa Virgem! O rio já engoliu até a terceira rua. Olhe acolá...

- Minha Nossa Senhora de Nazaré! Mas que estrago medonho!
- E não é! Custa acreditar no que tou vendo, dona menina, mas custo mesmo! Oh! Meu Pai Eterno! Como é que um porcaria de tatu de merda, desse tamanho, assim jito, deu agora de ser forçado e ficar escavacando, a modo de acabar com a cidade?
- Eu, pra lhe falar a verdade, as coisa ultimamente não tem andado boas pra nós desde quando tudo isso começou. Olha... a modo que tudo quanto é perto, tudo quanto é roçado o rio vai engolindo, engolindo, com pouco, mea mana, não sobra nada pra gente, um pedaço de terra assim jiti-nho que seja. Tudo por causa dessa porcaria de tatu!
- Pois é, a modo que parece que nada mais tem serventia pra nós.

*(Corte. Foco em: um velório).*

- Ontonte, comadre, tivemo inté um aviso.
- Que aviso?
- O rasga mortalha passou cantando bem encima de casa. Tive logo um mal pressentimento.
- Verdade. O pássaro é agourento mesmo, e quando canta, assim, é sinal de morte: que alguém tá pra morrer.
- Nem podia escapar!
- Parece aquele que com seu canto avisa que tem moça grávida no quarteirão da rua.
- Henhen. A comadre quererá tirar uma licença, se é que não lhe traga o mínimo transtorno?
- Pois não. Não custa nada, e o finado era meu padrinho de fogueira.

*(Corte. Foco em: alguém chegando e os mesmos).*

- Bom dia, gente.
- Que "bom dia" nada! Olhe aí o estrago! ...
- Como vai, compadre Jacó?
- Assim, assim.
- Homem, não pise aí que a beira do barranco tá muito fofa, tu pode cair lá no fundo. Não se confie.

- Tomei um susto só de ouvir o estrondo! Magine, se visse o tatu. (*Reparando a fundura*). Mas que teba de buraco, hein?
- Pior é que essa história de tatu cavando daqui e dacolá, derrubando a mata, destruindo as palafitas, tão dizendo na Vila que as terra vão se desvalorizando, que as terra de outros colonos vão ficar pra Comarca, e que a maioria de nós vai ter que abanar o rabinho, e ir embora daqui.
- Mas, quem disse uma asneira dessa?
- Não sei lhe dizer. Mas corre o boato na Vila que foi as autoridade. A custo a família do Juvenal Lameira, e a família do Compadre Chiquinho foram embora. Coitados! Nem sequer sabiam para onde iam. Dava pena ver.

(*Corte. Foco em: duas mulheres que parecem lavadeiras*).

- Vó Felícia... me arranja uma cabeça de alho emprestado!
- Pra fazer remédio?
- Não! É pra botar no feijão. O Geremias saiu não me deixou um tostão.
- Hein? Seu Geremias já tá trabalhando?
- Quem disse? Só promessa. Vem hoje, volta amanhã, depois de amanhã, sabe como são, a modo pra enganar o besta do meu velho.
- Mas não perca as esperanças, comadre... Tome o alho... Não vá reparando a quantidade, é que eu só tinha essa, mesmo.
- Ora! Deixe disso, vó Felícia... Cavalos dados não se olha o rabo!

(*Corte. Foco em: os mesmos no velório, cantando a incelença*).

Coro Feminino (*Bis*)

Olhando essa matéria

Enrolada no lençol

Antes que o mal aconteça

Não quero ver a luz do sol

Coro Masculino (*Bis*)

Esse gesto doloroso

Um dia será a minha cruz

E num gesto mais profundo

Eu te agradeço Oh! Meu Jesus!

(*Corte. Foco em: os mesmos em relação ao tatu*).

- Mas eles não são besta, não? Que tão pensando? Então não tão vendo que esse negócio ou de tatu ou de cobra grande ou de erosão é conversa pra boi dormir?! Devia-se era tomar as providências para salvar esta cidade, e não mexer com quem tá quieto. Por que não mandam buscar lá em Belém os homem dessa tal engenharia falada pra cuidar disto aqui? Isso é uma pouca vergonha, gente! Mas, pelo visto, pelo que tou vendo, comadre Santa, as águas grandes vão engolir tudo aos pouquinhos, e eles no bem bom, passando a filé ou coçando o escroto. Eu dou um doce para quem quiser, se isto aqui vai voltar a ser como era antes. Duvido!

*(Corte. Foco em: as lavadeiras).*

- Ah, comadre Jesus, uma conversa puxa outra, antes que eu me esqueça, mas tu te alembra da filha do portuga, a Constantina?

- Me alembro. E como me alembro! Como não haveria, vó Felícia? Aquela uma já fez tanta duidícia na vida, mas tanta, que andou a modo piscando pra riba do meu velho. Mas que tem ela, vó Felícia?

- Agora endoidou de vez, a pequena. "Disque", né comadre, que ela apareceu prenha.

- Prenha?

- Do boto.

- Mas... Valha-me minha Santa Bernadete! ...Quem diria! ...

- Pois é. Magine, comadre, nem o pai nem a mãe quizero mais a pequena em casa por causa do bucho por acolá. Mandaram a pequena pra Belém.

- Coitada... É o que sempre digo. Malinesa do dito do fundo dá nisso. Como as outra, né comadre Jesus! A Do Carmo, do compadre Nicolau, a Das Graças, da parteira Miliana, a Das Duvirgens, do finado Santos, enfim, uma porção delas, nem me alembro mais o nome... Ih, comadre Jesus, essa eu não ia lhe contar, mais fico curiosa quando não lhe conto, mas a modo que já a Constantina por aí, até já perdi as conta.

- Mas como? Ela voltou?!

- Voltou. E tá morando com um homem casado, deixado da mulher, o Otaviano, Das Mercês, a senhora conhece.

- Hum-hum.

- Vivem amigados. *(Cochichou).*

- Essa eu não sabia! *(Riu baixinho).* Oh pequena mais andeira! Vôte. Bem... a conversa tá boa, mas vou chegando, vó Felícia...

- Espere! Não quer um café?

- Não, não! Obrigado... Com pouco, Geremias chega pro almoço... *(Corte).*

## CENA FINAL

(No 1º plano de ação: a queda do Porto Real. No 2º plano: a multidão criando tumulto diante do barranco que caiu abrindo grandes fendas na terra, e o rio engolindo as casas).

### POVO

- Será que foi o tatu ou a erosão? Mas quando então? Esse tal de tatu a modo que existe, meu mano, na imaginação de uns quanto miolo molhe por aí! ... Foi a cobra grande, isto sim! ... Para mim, isto é problema da correnteza! Dessas águas grandes! A maré tem muita força. E o tatu também! Acho que foi o Noratinho. Que Noratinho nada! Noratinho subiu o rio Tocantins faz tempo! E é jacaré-açu! Ou uma tartaruga gigante! Pois não, foi o tatu. Vamos matar o tatu! É a única solução!
- Já disse, o tatu não existe!
- Existe sim, dona Florença. Existe, sim. Só não acredito que o tatu tenha mais força que a cobra grande. Acredito não.
- Tem, compadre. Se tem, tem! E muita. O bicho é brabo pra merda. É um demônio de garras afiadíssimas!
- Então, pelo que eu tou vendo, porquanto, os bichos do fundo, vão fazer seu mutá dessa Cametá, e ninguém percebe. Ninguém tem providência.
- Garra de falar besteira, homem. Garra, garra, é que é! Tu parece o Gonzaguinha da Gameleira, a modo quando fala, sai merda pela boca (*os outros riram*). Tás escritinho!
- Santo Deus! Olhem lá... o rio tá engolindo tudo!
- Afia o terçado, amigo.
- E tu, se precisares de uma espingarda, manda em casa. De confiança a minha: não nega fogo.
- Antes de laçar o bruto pelo casco e apanhá-lo vivo. Por corda, cunhado, corre comigo. Esse já me torceu a grimpa a muito garrote façanhudo.
- Mas que ilusão besta! Na realidade, que adianta, para tatuzão de tamanho calibre, terçado afiado, espingarda carregada de chumbo ou corda?! Tudo levaria por brinquedo.
- É! O compadre Rufino tem razão. Para tal monstro, minha gente, só uma coisa: bala de canhão!
- Compreendi. Grandes valentões, sim... para troças! Eu, aliás, gostaria, muito, de apreciá-los no torneio, ali pelo matagal, ao luar da meia noite, seguro de achar graça à fanfarria de vocês.

- Bobagens e nada mais. Você, Camaleão, deu pra ser caçoísta emedroso. Cuide logo, portanto, de rezar um terço inteiro, e rume a casa que fez para o lado onde o tatu ainda não cavou (*os outros na gargalhada*).
- Ora vão pentear macacos, seus valentões duma figa!
- Eu também acho, seu Natalino, que você anda vendo ou dizendo coisa com coisa. (*Houve estrondosa gargalhada*).
- Ora! Não se ponha de caçoada. O “causo” é sério. Me admiro da senhora, dona Filomena... Olhe que uma porção de gente vive assombrada, e seus pedaços de terra afundados bem que margaram os pobres colonos dessa ilha!
- Taí. Aumentou o meu interesse, conte mais mentira pra gente (*riram outra vez*). Isso é lenda. Invencione do povo.
- Ora essa!
- Escuta Natalino rosário, não foi o trovão, por ventura, que te fez tremer terra e cair o Porto Real dessa vez?!
- Vão brincando, vão brincando, que a coisa vai ficar mais preta ainda... (*Defendeu uma mulher bizarra*).
- Tá visto, que não acreditam na palavra do velho. (*Falou Hemérito*).
- Desde que não cheire a bicho de sete cabeças, nem ao dito do fundo, talvez eu engula.
- É! E cuidado pra não virar a cacunda para o ar, se continuar cantando dessas proezas, viu Hemérito Reis!
- Ah! tão caçoando de verdade?
- Então, Hemérito oiça isto: e pra quem quiser ouvir, pelo olho do medo enxergar-se até a mão do diabo no arco da velha tarrafeando pra ele pescar. Né não, mesmo Natalino? ...
- Ora bolas! Não acreditam!?! Eu, aliás, desconfiava... Bem, enquanto o mesmo não acontece a vocês divirtam-se, porque a vez me tocará a rir de cima, bem na cara de vocês. Eu não perderei por aguardar. (*Saiu*).
- Se tão botando em dúvida a minha palavra e a palavra dele, indague de antigos moradores, por esta infortunada Cametá, onde ficava o cemitério, o primeiro cais, a igreja de São Raimundo, a primeira, a segunda e a terceira rua. O cemitério acabou-se ali em pedras de camboa; das ruas nada sobrou, poeira sequer; quanto a igreja, dessa, pela orla de barrancos, subsiste ainda um resto de cacos (*Todos ficam absortos e atentos às palavras dele*). Podem caçoar-me depois se aquele porto acola resistir a vingança do tatu açu (*saindo*). E adeus, seus filhos duma cadela, que é tempo de apanhar o meu peixinho para o almoço.

**POVO**

- Valha-me São João Batista! ... Que Deus nos guarde!

*(Corte. Foco em: uma família burguesa almoçando).*

**FILHO**

Horrível erosão.

**PAI**

Até que este ano a queda foi mais acentuada. Mas esse problema sempre existiu e Cametá.

**FILHO**

Li qualquer coisa em Belém a respeito. O povo anda amedrontado. Me avisaram quando fui visitar a família dos Romualdos, que a empresa encarregada de construir os cais de arrimo parou definitivamente com as obras que vinha realizando.

**PAI**

Verdade.

**FILHO**

E as autoridades, papai? Que estão fazendo que não tomam providências?!

**MÃE**

Olhe... Como vão seus estudos em Belém? *(Disfarçou)*.

**FILHO**

Vão bem! A faculdade é uma chatice! Vejo que existem coisas mais graves a resolver. Papai...

**PAI**

Não se intrometa. Continue estudando. O problema não é nosso.

**FILHO**

Mas é de todo mundo, papai. Não se pode encruzar os braços.

**MÃE**

Quer mais caldo de peixe, filho? Seu pirão tá muito seco! *(Fez que sim com a cabeça)*.

**PAI**

Tem uma coisa que você ainda não sabe. O dinheiro que vem para aqui com essa finalidade está sendo desviado... para outra coisa.

**FILHO**

Desviado? Como?

**MÃE**

Quer meu velho? *(Serve a ambos)*. Erminda! Traz o molho de pimenta!

**PAI**

Desviado! Agora não sei como. E nem me pergunte mais nada porque não saberei lhe responder. Mas basta você andar por aí e ver o serviço parado. As obras estagnadas.

**FILHO**

Mas isso é um absurdo! Um cúmulo! *(Erminda surge em cena)*.

**ERMINDA**

Tome... Olhe: tem um mendigo aí na frente enchendo o saco.

**MÃE**

Dá uma cuiá de farinha pra ele. Não quero essa gente sujando a calçada. *(Erminda sai de cena)*.

**FILHO**

Mas mamãe! É um pobre homem! Que naturalmente sofre calado.

**MÃE**

Cale-se você também. Olhe, que matos tem olhos e paredes tem ouvidos. Entope a boca com pirão, é que é! Porque na minha não entra mosquito. Como é que vai a sua tia, e Clarinha já se casou?

*(Corte. Blackout total)*.

FIM DO ESPETÁCULO



YBI ÊY

MÂRÃ

# Ybi Êy Mârã<sup>(9)</sup>

1984

## I PARTE - ABERTURA

Coreografia sobre o princípio do mundo na Amazônia: nuvens flamejantes, trovões, relâmpagos, ventos fortes, ruídos, tempestades. Bolas de fogo, buraco enorme, na terra. E índios amedrontados, sem fala, diante da presença dos deuses ou astronautas, vindos do espaço celeste. Depois, o silêncio. A calmaria de tudo: a paz entre os índios e os deuses ou astronautas... que parecem ensinar-lhes algo: a vida, a viver sob as leis cósmicas!

### **TODOS**

*(Individualmente).*

Céu rachou enorme,

céu rachou todo.

Tudo acabou.

Dilúvio. Longe do céu pé.

Céu escorado. O céu sobreposto.

Céu suspenso. Longe céu, longe suspenso.

### **VOZ FEMININA**

Os deuses extraterrestres, que vieram fecundar a tão cobiçada Amazônia verde e amarela.

### **VOZ MASCULINA**

Deixando um elo para sempre, seu vínculo, sua herança, sua lembrança no ventre da terra!

### **TODOS**

E nós, nação indígena. Ameríndios dessa América, seremos lendas, folclore, crendices, pedras marcadas, tatuadas, objetos, que o homem tardará achar as partes desse grande quebra-cabeça.

---

(9) Baseado em a "Missa da Terra-sem-males".

### **VOZ MASCULINA**

Aqui começa o Mundo, América. Povos das Américas!

### **VOZ FEMININA**

Mensageiros Celestes, vagaremos no imenso, e as estrelas serão nossos barquinhos brancos...

### **VOZES**

*(Individualmente).*

Eu sou Yanomami.

Eu sou Xiriana.

Eu Kaiapós.

Eu sou Tupi-Guaranis.

Eu Ianomami.

Eu sou Xirixana.

Eu sou Yanomami.

### **VOZES INTERCALADAS**

Os deuses astronautas estão aqui entre nossos nativos, América!

Somos os escolhidos pelos deuses!

Morada dos sóis e das luas e de todos os ventos!

Irmãos guerreiros, correi! ... acendei as fogueiras.

E toquem os tambores!

Pois seremos desbravados, conquistados por todos os povos, mas não condicionados por um medo de perder nossas raízes!

### **TODOS**

América ameríndia, Amazônia Latina, protótipo, utopia, querem extrair teu pulmão! Guerreiros, esquentai vossos tambores, os deuses estão aqui!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Transformaram nosso medo em coragem, na esperança nascida em cada um, os deuses falam por nós, através de nossas lendas, de nossos ritos e mitos.

Amazônia, América em ruína, chorará por nossos mortos,

por nossos defuntos, chorará pelo próprio Homem que a cobiça!

Já tínhamos transformado Deus!

E com as outras belezas nos facultou a Amazônia!

## **TODOS**

Lagos, lagoas, rios, cachoeira, igarapés, frutas em abundância, peixes, enormes rebanhos, riquezas minerais.

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Cassiterita.

Bauxita.

Diamante,

Urânio.

Ouro!

## **TODOS**

Mas querem te deixar oca, sem fala, sem nada, meu paraíso terrestre, a terra prometida dos deuses!

## **VOZ FEMININA**

Ainda que missionários, espanhóis, franceses, holandeses venham criar barreira para a pureza do teu folclore.

## **VOZ MASCULINA**

Destruindo teus templos, teus altares, teus ídolos, teus ritos, teus mitos, elevando nomes da igreja sem perdão.

## **TODOS**

América do Norte radical, América do branco, contra tua cultura contra teus mistérios, querendo enterrar tuas verdades!

## **VOZ MASCULINA**

Tuas marcas de épocas remotas, criadas pelos deuses, serão deturpadas pelos civilizados posteriores.

## **TODOS**

Todo homem é uma ilha ou um vírus?

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Tuberculose, sarampo, febre,

prostituição, gripe,

desagregação das famílias e das aldeias.

Povos indígenas, de todas as raças, de todos os credos,

inferno verde, os deuses estão aqui entre nós!  
Os Fenícios, os Assírios, os Babilônios, os Incas e Maias.

### **VOZ FEMININA**

Amazônia nativa, dos deuses e dos astronautas, visitantes celestes, Amazônia da harmonia cósmica, tua história ficará, por nossos índios mortos, por nossas flechas quebradas!

### **VOZES FEMININAS** *(Individuais)*

Em nossa galáxia, os deuses ensinaram nossos nativos a viver dentro da harmonia cósmica.

Através de usos e costumes profanos como os mitos e lendas.

Que missionários querem esconder ou destruir.

Atlântica, Atlântida, Atlantes.

### **TODOS**

Povos das Américas, ameríndios massacrados, habitantes da Mãe terra.

### **VOZES MASCULINAS**

Terra mãe: Amazônia, a cada palmo, um mistério.

Cada mistério, um fato.

Da época breve e feliz, povos dos Atlantes.

Mulheres guerreiras, grávidas de sabedoria e posse.

Impregnadas de proteção, a Mãe Terra!

### **TODOS**

América do Norte.

América do Sul.

América Latina, foram os deuses que as descobriram!

Guardai, portanto, guardai as lembranças dos deuses em suas memórias, feitiços e rituais!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Guardai seus usos, seus costumes.

Seus fusos, seus búzios.

Sua cultura mitológica.

Antes que o branco nos transforme em povos extintos, pela ambição geográfica deste celeiro.

Guardai na graça pagã de nossos indígenas,  
através dos tempos, os vestígios culturais, deixados por seres vindos do espaço!  
Descendentes dos Atlantes, índios de todas as raças, o elo ainda existe!  
Nas impressões, gestos, vontades, medos, pudor que o branco  
quer exterminar pelo sangue de vosso sangue.  
Que não sejam deturpados pelos cétricos, mas mantidos,  
longe das mãos profanas do branco.

### **TODOS**

Louvai nossos antepassados, avós e netos, pais e filhos, que se perderam  
pelas causas visionárias, também extintas pela força religiosa ou pela so-  
ciedade técnica atual.

### **VOZ MASCULINA**

Nossos deuses celestes deixaram vestígios entre nós, para cultivar em nos-  
sas mentes a ciência, a lembrança desses seres maravilhosos que se espa-  
lharam pela terra!

### **VOZ FEMININA**

Não podemos calar os tambores, tapar os ouvidos, nem cobrir os olhos...  
há uma realidade fantástica, pairando sobre nós.

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Que obra, Américas, o homem atual e visionário egocêntrico criou.  
E pode ser representada como exemplo de harmonia idêntica?...  
Ou resistir a sua própria autodestruição?

### **TODOS**

Nenhuma!

*(Individualmente).*

Nós todos, Yanomami, começo do mundo, nós vimos céu cai.

O céu está em baixo e fundo.

Nosso sangue se espalhou.

Alguns Yanomami mora sob a terra, outros aqui em cima.

Lá o céu (*cheio*) de rachadura, está rachado e os xamãs o seguram.

O céu da noite.

Pirilampos vermelhos, misturados com brancos, vermelhos,  
pretos, azuis e pintados com linhas retas vermelhas.

A grande lua. Um pirilampo.

Antigamente, eram duas, uma caiu e ficou por baixo da terra.

Muitos pirilampos pequenos e grossos.

Os que estão (*perto*) são pequenos.

Os que estão longe (*são*) grandes e grossos.

### **VOZ MASCULINA**

Os deuses que vieram de longe, bem mais evoluídos que o branco, deixaram em nós, sua ciência, medicina, sua paz, cultura e sua pureza, na construção de nossas aldeias, no buraco da terra, no cultivo da pesca, no plantio e na colheita da lavoura, depois do dilúvio, antes do branco contrariar nosso pensamento, nossas formas de vida, nossos rios, nossos povos, com doença de branco.

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Eu sou Xamathali.

Eu sou Apluétheli.

Eu sou Txukaramãe.

Eu sou Akarore.

Nós todo, Yanomami mora dentro de um cercado de paus, perto de um grande rio.

Mora outros longe uns dos outros e cultiva roça.

Um rio (*preto*). Um grande rio. Um igarapé (*Azul*).

Um pequeno igarapé. Uma serra de pedra. Outra serra de pedra. Nós todo, mora.

Tudo em volta (é) mato imenso que não acaba.

A gente caça, pesca com a mão ou com timbó, faz coleta frutos, flores e raiz, come, bebe suco.

Mas o branco acaba com tudo, mandioca nossa, batata-doce, mamão, banana, cana-de-açúcar e tabaco.

Como Omam. O tapiri. Homem das cavernas. No tapiri mata a anta e o filho da anta, golpeando com a borduna. Nós todo, vimo. Cozinha na panela muito grande. Panela de barro. Não corta, chupa os intestinos. Mata mutum, com a borduna. Omam mora na serra de pedra, não tem maloca.

Mata queixadas enormes com a borduna. Cozinha tudo. Chupa os intestinos, não joga fora. Tudo na panela grande.

### **VOZ MASCULINA**

Yanomami do mundo primeiro, por deuses vindos do espaço e por terra habitada com sabedoria, Américas Ameríndias, não deixai o branco eliminar Mãe Terra, varrer a pureza do seu solo por ganância!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Eu, velho xamã, falo morte na aldeia, feitiço de branco, branco enfeitiça povo índio com missanga, depois carrega tudo, deixa doença no povo!

Nós tem macaxeira, taioba, milho, cará, caça, branco quer levar.

Nós Yanomami nômade (quase) por motivo de brigas, por motivo de alimentação, quando anda três anos, para refazer roças, quando terra se esgota, quando caça se reduz, quando mortes entre povo, epidemia e também hostilidade entre comunidade.

### **TODOS**

Escutai, Américas, nosso canto, nosso lamento, nossa tradição Yanomami! Princípio do Mundo e Fim! ...

### **VOZES FEMININAS** *(Individuais)*

O dilúvio caiu do céu. O céu caiu, um buraco se fez no céu.

O céu estrala. Uma parte do céu ficou no lugar. Outra, caindo, matava jacamins no mato cerrado, onça sentada, matava Yanomami. O rio se encheu muito. Ficou muito grande, enorme.

Na margem do rio, a caça anda espalhada; anda capivara, jacamim, socó-boi, caxiu, jacu, papagaio, inambu-galinha. Um jacu valente nos galhos de uma árvore.

Ficaram poucos Yanomami. Acabaram. Poucos ficaram morando. A grande enchente acabou com eles. Todas as crianças morreram, enquanto trepavam nas árvores para fugir da água.

Na terra, onde desabou o céu, se fez um buraco. O buraco é muito fundo, e o fundo deste buraco é luminoso, luminoso como aqui.

Agora não sai mais água da terra. Muito longe tem uma maloca bonita de Yãnomam.

### **TODOS**

Bem aventurados todos os povos Yanomami, porque deles é aproveitada a terra, é conservada a pureza de épocas remotas!...



### **VOZES INDIVIDUAIS**

Amazônia, a morada dos deuses!

Ressurreição das Américas!

Eu sou Tupi, eu sou Kaiapós, eu sou Guarani, eu sou Krahós, eu sou Gorotire!...

### **TODOS**

Iba! Kepôra (*Habitante do céu*).

Da Ibaké peoçó (*salvação*).

Ibaképeturyba (*glória, paraíso*)!

### **VOZ MASCULINA**

Os deuses vieram de longe, para nos salvar do massacre do homem branco!  
*(Aqui surge Bep Kororoti com sua borduna trovejante, uma espécie de espada de dois gumes, grande e pesada, uma arma de raios desintegradores. Os que ali o viram correram para o mato, apavorados, protegendo as mulheres e os filhos etc. E entre trovões e fumaça).*

### **VOZES MASCULINAS**

Tupam Iand, Reco Bebê meengara! (*Deus vivificador*). (*E vozes femininas*).

### **BEP KOROROTI**

Guerreiros, nada temam! E prestem atenção, eu Bep Kororoti, vindo do céu, descí da serra proibida Pukatoti para fazê-los guerreiros valentes Krahós, outras aldeias. Não vim em missão de guerra. Vim para disciplinar a tribo, ensinar tantas coisas boas. Vim ensinar-lhes o plantio, as peças mais adaptadas, armas, a ordem.

### **VOZ MASCULINA**

*(Avança contra ele).*

Um deus ou demônio, eu mato.

### **BEP KOROROTI**

Não se atreva!

### **TODOS**

*(Investem contra ele). Matar... matar... matar... Bep Kororoti! (E suas armas impotentes viravam pé quando tocavam as vestes de Kororoti).*

## **BEP KOROROTI**

Não sejam afoitos e nem teimosos! Eu vim em missão de paz e não de guerra. Outros deuses passaram por aqui, e lhes ensinaram os dialetos, a linguagem, a ciência e a sabedoria, mas Kororoti veio para ensinar o que é lavoura, colheita, o que é direito, o que é justo.

## **VOZES INDIVIDUAIS**

*(Masculinas).*

Nós todos, não sabemos, mas não queremos.

Pescamos com mão, tem vez com timbó.

Colhemos frutos, colhemos flores e raízes.

Não sabemos de remo, nem canoa.

Rio muito grande.

Terra boa. Rio traiçoeiro.

## **BEP KOROROTI**

Ouçam! Com o tempo aprenderão muitas coisas que eu vou lhes ensinar. Por enquanto eu Kororoti deseja aprender a manejar com arco e flecha (*Os índios riram baixinho, com caçuada*) depois, a tribo se acostuma com Kororoti, com a presença de Kororoti. Prestem atenção, eu vou voltar para serra proibida e, amanhã estarei cedo na aldeia, para aprender dos arcos e flechas a façanha de caçar, a coragem e a destreza da aldeia, vou ser o melhor.

## **TODOS**

*(Animados).*

Kororoti! Com roupa prateada como o Sol! Kororoti!

*(Tempo. Noutra plano de ação, Kororoti trajando um macacão mais justo e o corpo parcialmente exposto. sua beleza. Brancura e suave simpatia fora, aos poucos, fascinando e atraindo a todos).*

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Kororoti, nosso amigo.

Nós todos, amigos agora.

Mais seguro e tranquilo, nós todos!

*(E Kororoti divertia-se aprendendo a usar as armas indígenas. Noutra plano, aparece o deus-astronauta segurando uma caça e entrega aos índios).*

## **KOROROTI**

Trouxe comida para aldeia. *(As mulheres passam a fazer as tarefas domésticas, como ralar mandiocas, buscar água e lenha, preparar a comida, fiar o algodão e cuidar dos menores, filhos ou irmãos).* Também os outros trouxeram bastante comida.

## **VOZES INDIVIDUAIS**

*(Masculinas e femininas).*

Conta avó, bisavó, a primeira mulher e Omam Tépéresi, a bonita mulher de Tépéresi. A morada deles era a cachoeira.

A roça de Tépéresi é imensa, e tem taioba, mandiocas, banana pacovi.

Xamã segura o céu. Xamã viu o jacaré, está lançando o fogo da boca.

O jacaré lançou o fogo da boca.

Kororoti, os Yãnomam, até então não tinham fogo.

O fogo era lançado da boca do jacaré.

## **BEP KOROROTI**

Agora vou lhes ensinar a construir casa, para que relatem façanhas do dia, onde os jovens vão aprender como agir e se comportar, nos momentos difíceis. A casa será, verdadeiramente, nossa escola. Todos obedecer a mim, como mestre. Vou ensinar-lhes o desenvolvimento dos trabalhos de artesanato, aperfeiçoamento das armas, vou criar um grande conselho, para debater os problemas da aldeia. Quero em tudo, melhor organização, facilitando o trabalho e a vida de todos.

## **TODOS**

Kororoti! ... Nosso amigo! ... Nosso guerreiro do espaço!... Nosso mestre!...

## **BEP KOROROTI**

Quando a caçada se tornar difícil, eu usarei minha borduna trovejante, mas de forma que não destrua o animal. Apenas o abata o suficiente para desacordá-lo. *(Tempo. Neutro plano de ação: louvação dos índios).*

## **VOZ MASCULINA**

Kororoti, meu povo te escolheu como melhor guerreiro, entre os guerreiros de nossa aldeia!

**VOZ FEMININA**

Nós todo, elevam Kororoti, por chegar mesmo a suplantar a coragem e a destreza de nossos guerreiros, a todos Kororoti transmite segurança e tranquilidade.

**VOZ MASCULINA**

As jovens índias parecem fascinadas e atraídas por sua beleza e brancura!

**VOZ FEMININA**

Kororoti... Agora, a minha vez de falar. Eu quero ser tua esposa, eu querer muitos filhos contigo, quero ser mãe de teus filhos, pois também me sinto atraída pela beleza de Kororoti.

**VOZ MASCULINA**

Nós, todo, louvar casamento de Kororoti com a filha da nossa aldeia!

**BEP KOROROTI**

Aceito o pedido de casamento!...

*(Tempo. Noutro plano. o casamento tem lugar na casa dos pais da noiva. Um velho xamã, ou outro ancião da aldeia, faz uma exortação para que vivam juntos e depois todos bebem, comem e cantam. Tempo. Noutro plano. O nascimento de uma filha que se chamou niô-pouti: o nascimento é assistido apenas por uma acompanhante, mas, nas preliminares do parto tem participação do xamã, que canta diante da parturiente e exige que ela beba água morna para afastar o espírito do macaco "baixo-xina". A criança vem à luz no chão).*

**VOZ MASCULINA**

Beba água morna, beba. Pra afastar espírito do macaco, baixo-xina.

*(Tempo. Noutro plano de ação: a caça. A distribuição entre si, numa forma coletiva, dividido entre os familiares. E Kororoti recusou levar a melhor parte).*

**VOZ MASCULINA**

Kororoti levar melhor parte da caça.

**KOROROTI**

Não quero!

**VOZ MASCULINA**

Poder levar. Kororoti nosso amigo, chefe de família.

### **KOROROTI**

Não me aborreçam com tal costume. Raramente como os alimentos comuns da aldeia. Limito-me a levar o indispensável para a minha família.

### **VOZ FEMININA**

Leva Kororoti, parte maior.

### **KOROROTI**

Assim fico constrangido.

*(Tempo. Noutra plano de ação. Os índios comentam entre si enquanto grelham a carne).*

### **VOZES INDIVIDUAIS**

*(Masculinas e femininas).*

Nós todo, da aldeia observa, faz anos que kororoti já não sai com os velhos companheiros.

E quando sai, escolhe sempre a direção da serra Pukatoti, de onde veio, não se controla mais,

Nós todo, percebe a dor da saudade em Kororoti, seu comportamento, lembra Kororoti descontente com a divergência durante a partilha entre nós, uma caçada de anta, Kororoti deixou a aldeia.

Reuniu a família, levou os filhos homens, mas não a filha Niô-Pouti, estava ausente.

Kororoti aborrecido com nosso costume.

*(Tempo. Kororoti, noutra plano, surgiu no terreiro e deu seu brade de guerra.)*

### **KOROROTI**

Insensatos! Darei a todos um corretivo!

### **TODOS**

*(Tentando agarrá-lo). Kororoti enlouquecido!... Nós todo, agarrá Kororoti!...*

### **KOROROTI**

Não se atrevam! *(Não usou arma, mas vibrações que emanavam do seu corpo derrubando grupos de guerreiros, desacordando-os. A luta durou dias).*

### **KOROROTI**

Aquele que tentar me perseguir será destruído como as árvores e as pedras, serão transformados em cinzas.

*(E do alto da Serra Pukatoti e de repente, num estrondo violento que abalou toda a região subiu para o espaço, em volta em nuvens flamejantes, fumaça e trovões enquanto os índios ficaram mudos de espanto).*

## **TODOS**

Oh! A tempestade está derrubando as matas! Kororoti se foi!... Nós todo, passar fome. Dificuldades.

*(Tempo. Foi então que Niô-Pouti, falou ao marido).*

## **VOZ FEMININA**

Nosso povo sofre. Eu, filha de Kororoti, sei onde conseguir alimentos para todos. Mas uma condição: eu e meu esposo ir até a serra proibida, Pukatoti. Aldeia ficar.

*(É lá foram os dois pra região proibida. a mulher procurou diante da casa de pedra feita por um deus, onde está gravada a figura de bep kororoti numa árvore espacial, instalando-se num dos seus galhos. levava consigo o seu filho de colo).*

## **VOZ FEMININA**

Não abandonar o local, não sair daqui. Agora pedir meu esposo pra envergar um dos galhos, até tocar o chão, não vou demorar.

## **VOZ MASCULINA**

Niô pouti! ...

*(Quando o guerreiro executou o movimento, deu-se uma violenta explosão e niô-pouti sumiu no espaço, levando uma nuvem de pó e provocando fumaça, relâmpagos e estrondos).*

## **VOZ MASCULINA**

Niô Pouti! O céu está caindo!

Niô-Pouti sumiu dias no céu.

Eu esperar uns dias. Estou exausto.

Kaiapó com fome.

*(Tempo noutro plano marido esperou alguns dias).*

*(De repente, ouviu um ruído e viu que uma árvore ainda maior reaparecera. foi grande seu espanto: ali estavam seus cunhados e sua sogra).*

## **VOZ MASCULINA**

Niô-Pouti! Meus cunhados *(meu)* sogra.

### **VOZ FEMININA**

Levar grandes cestos de alimentos. Beber esse, fica bom.

*(Ele logo se recuperou. depois de algum tempo, os parentes de sua mulher tomaram assentos nos "galhos" da fantástica árvore e ela subiu depois de uma explosão desaparecendo no céu com seus ocupantes. Niô-pouti regressou à aldeia em companhia com o marido e transmitiu a ordem de Bep Kororoti).*

### **VOZ FEMININA**

Kororoti, pedir para se mudar todos, imediatamente, para Pukatoti; lá erguer nossas aldeias defronte de Mem-Bab-Kent-Kre. Também pedir guardar sementes de frutas e legumes, verdura, na época da chuva for plantadas. *(E assim surgiram as lavouras entre os índios).*

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Nossa aldeia fica contente.

Nós todo muito contente.

Agradece Niô-Pouti nossa povo.

Niô-pouti, filha do guerreiro do espaço!

*(E passaram a dançar em homenagem a niô-pouti, uma dança ritual entre Kaiapós - que tem o nome de Niô-pouti. Tempo. Noutro plano).*

### **VOZ MASCULINA**

Eu Kaiapós, nós todo vímo árvore que soltava relâmpago, estrondo e fumaça, onde Niô-Pouti e parentes sumiu no espaço.

### **TODOS**

Américas! Alertas!

Américas questionadas!

Ameríndias derrubadas!

Ouví nosso brado!

### **VOZES INDIVIDUAIS** *(Femininas e masculinas).*

Que alimentos estranhos, frutas, verduras, trazidos do planeta de origem de Bep Kororoti para os do berço da nação Kaiapó?

Américas! Do branco exterminador, esses alimentos, essas frutas, esses cereais, esses legumes encontrados na Amazônia e cultivados entre grupos nativos não eram encontrados em outras partes da terra, salvo por "levar de mudas", para saciar a fome de todo mundo, de todo continente!

Não será alguma dessas frutas só encontradas na Amazônia, Paraíso verde de origem extraterrestre enviados por Bep Kororoti? ...

Américas de todo pecado, de toda mentira,  
de toda malícia, de toda hipocrisia,  
Américas de Lei mentira,  
não sepultai em nós a tua falta de dignidade humana! ...

### **TODOS INDIVIDUAIS**

Não escraviza em nós o despeito de tuas guerras!  
Em nome dos deuses que aqui estiveram, não transforma em deserto nossas selvas, em poluição nosso oxigênio!  
Homens de todas as raças, não concorram com o interesse comercial e político de alguns em razão de nossa morte para sempre!  
Amém.

### **TODOS INDIVIDUAIS**

Américas de todos os povos, não queremos ser dobre de sinos nos dias de finados!  
Amai e respeitai os segredos, as coisas que Deus,  
todos os seres vivos do Mundo!  
Não desnudem as nossas florestas,  
não semeiem veneno nos rios e no ar,  
não ditem regras para golpear nossa liberdade, para discriminar nossa bandeira, para invadir nossa privacidade,  
para golpear nossas aldeias, repletas de cantigas.  
Nossa Amazônia, terra generosa, morada coletiva, onde cabe todos os homens, sem guerra e sem briga! ...

### **VOZ MASCULINA**

Amazônia das descobertas, infestada pela exportação nacional e internacional.

### **VOZ MASCULINA**

Américas salvai Amazônia verde, Amazônia amarela, Amazônia depredada, invadida, rasgada, saqueada,

### **TODOS**

dividida pelo poder econômico, esmagada pelo capitalismo e pelo latifúndio, para engordar o gado da fome nacional!



**VOZ FEMININA**

Povo de todos os povos, olhai os índios Yanomami pela pureza milenar se seu povo!

**TODOS**

Resguardai do desastre ecológico e por milagre, a sua crença, a mitologia!  
*(Tempo. Noutro plano de ação: a lenda, o mito chibuí com aparências quase humanas, tendo duas "antenas" marcantes na cabeça semelhante ao caramujo e a sua cor quase branca sugere vestimentas espaciais ou até mesmo equipamentos náuticos e nos pés uma parte esbranquiçada unindo-a a um abrigo com a forma da "casa" do caramujo. pela região do salgado, as virgens tomam banho no igarapé enquanto a mais velha lava roupa).*

**VOZ FEMININA**

Maíara, Chipaia... Tomem cuidado! Chibuí ronda as águas do rio.

**VOZ FEMININA**

Não me assusta.

**VOZ FEMININA**

Nem a mim *(E caíram na risada)*.

**VOZ FEMININA**

Maíara.... se uma estiver na fase da fecundação, essa será a eleita.  
*(As virgens continuavam rindo e brincando no igarapé)*. Olhem lá, a maresia no rio calmo... lá adiante saem da água, é o chibuí que vem engravidar uma de vocês. Corram. Chipaia! ... Maíara!...

**AMBAS**

Agora não. O banho tá gostoso. Água fria é bom.

**VOZ FEMININA**

Maíara, qual das duas tá menstruada? ...

**VOZ FEMININA**

Eu, mea mana. Eu amanheci naquela.

**VOZ FEMININA**

Saia já de dentro d'água, Chipaia, olha o Chibuí que vem engravidar uma donzela.

### **VOZ FEMININA**

Ilusão! Besta. Bestêra.

### **VOZ FEMININA**

Aí! Tô com cãimbra. Pra mim, chega. *(A primeira saiu da água, a outra ficou).*

### **VOZ FEMININA**

Ui! *(Tomou susto, depois o grito).* Aaaaaiii, aaaaaaiii, tem uma coisa me agarrando!... Tá me penetrando... *(As outas não perceberam nada, mas sabiam que Chibuí estava ali insiminando-a).*

### **CHIBUÍ**

Eu sou projeção esperma-luz, inseminação de índias ou de virgens pelas ribeirinhas deste rio, assim como esperma-luz foi Jurupary na índia formosa Ceuci, sua mãe, que como Jesus, nascido de uma virgem, deveria eliminar as maldades do mundo. Mas os missionários classificaram e deturparam Jurupary como anjo mal, demônio, espírito mau habitante das florestas tropicais.

### **CHIPAIA**

Então me penetra. Tua forma horrenda, Chibuí, não me intimida. Vai! Me penetra.

### **CHIBUÍ**

Darás à luz um filho cósmico de pai extraterrestre.

### **CHIPAI**

Assim como é verdade que mesmo antes de Cristo, as virgens já concebiam filhos deuses. Virgens escolhidas e missões sempre de renovação que os deuses por essas virgens difundiam por toda a terra.

### **CHIBUÍ**

Das lendas indígenas ameríndias sobre deuses e heróis, místicos gerados por mulheres virgens na Amazônia, Chibuí será pouco lembrado pelas gerações, devido a distância, tempo, natureza e deturpação pelos homens da região.

### **CHIPAIA**

Filhos ou filhas do sol, filhos do boto, filhos do mato, filhos do céu, filhos do Chibuí... Por isso, me penetra, me penetra... Quero que meu ventre e meus seios consumam os sintomas de uma gravidez...

*(Tempo. Neutro plano: os yanomami em atividades).*

### **VOZES MASCULINAS E FEMININAS**

Agora o Yãnomam está tonando-se tati. Lá, nas serras, tem flores e frutas de naynhi.

A árvore naynhi, em pé, é muito bonita e sobressai das outras arvores.

Na serra são muitíssimas as arvores naynhi, são muitíssimas e bonitas.

Somente os Yãnomam comem muito as flores de naynhi.

Ai o Yãnomam virou tatu e, tendo virado tatu, se enfiou dentro de um buraco, na terra.

*(Noutro plano)*

### **TODOS**

O fim do mundo! A ecologia, a revolta da natureza contra todos os homens, todos os seres, todas as nações indígenas e ameríndias! Américas, o céu está contra nós, os deuses nos castigam!

*(Tempo. há uma correria no palco. relâmpagos fotografam a terra e trovões criam pânico entre os nativos).*

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Eu sou Bororó,

eu sou Tiryó,

eu sou Yanomami,

eu sou Diacuí,

eu sou Rodon,

eu sou Villas-Beas,

eu sou Asteca,

eu sou Aymoré,

eu sou Maias,

### **VOZ MASCULINA**

e todos os patriarcas, profetas e mártires da causa indígena!

### **TODOS**

Prosseguiremos vossa luta nessa batalha!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Unidos na missão de preservação do índio, voltados para a história da civilização indígena.

Unidos da memória da antiga escravidão,  
seguramos à vitória na nova servidão,

América Ameríndia, ainda na vastidão, um dia tua morte terá ressurreição,  
através de outros povos de outra geração!

Os sofrendores desta terra, queremos inventar novar terra nessa terra prometida pelos deuses, outra terra-sem-males que vem unir nossas origens!

E com os pés descalços sobre esta terra nossa, sacrossanta, retomemos a marcha dos mortos.

Com a cinza na testa dos povos exterminados, que iluminaram a rota deste êxodo buscando a terra prometida,

### **TODOS**

pelos templos destruídos, saqueados, sem defesa! ...

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Por todas as cidades destruídas!

O evangelho é a palavra de deus no leva a todos os caminhos!

Palavra de Deus da língua dos homens,  
presença de Deus na marcha dos homens,  
história de Deus na história dos homens,

### **TODOS**

Amazônia, na pascoa dos povos, na aleluia das Américas. Por fim, Amazônia celeiro do mundo! ...

### **VOZ FEMININA**

A ambição do homem e dos proscritos, querem te reduzir a nada, a escombros, a fossos, e entre os centros industriais e comerciais das Américas! ...

### **TODOS**

Todo homem é uma ilha, milha e trilha.

### **VOZ MASCULINA**

Ilha do Marajó, parte do continente perdido, colônia e centro de grande império Atlante, planícies mais férteis da Atlântida perdida.

### **VOZ FEMNINA**

Atlantes fantástica, Amazônia fantástica, de civilizações altamente técnicas. Porta de ouro, portal do Sol!

### **VOZ MASCULINA**

Visitado muito antes de Espanhóis, Franceses e Portugueses de outras civilizações...

### **VOZ FEMININA**

Antilhas, Atlântida, Atlântico... A destruição dos continentes, a separação da Atlântida da América do Sul e África e das outras Américas, O cataclismo abalou nossas costas e fez Atlântida ser estraga pelo Oceano Atlântico.

### **VOZ MASCULINA**

Por fim, parte dos dois países (*Atlântida e Lamuria*) não resistindo por mais tempo a tão pavorosos abalos por profundas vaidades, desaparecera, no oceano com seus 64 milhões de habitantes.

### **VOZ MASCULINA**

Marajó, antiga capital de Atlântida, capital de uma das colinas de Atlantes!

### **VOZ MASCULINA**

Curiosos vestígios há anos descobertos, que ainda podem ser vistos.

### **VOZ FEMININA**

Mas o branco quer acabar com o índio e o índio que acabar com o branco que quer tomar suas reservas.

### **TODOS**

Américas Ameríndias, o elo permanece entro os índios e os deuses astronautas.

Também nesse contexto: terra oca! Mundos paralelos.

Um novo triângulo da morte repetido no Norte deste Brasil, mais propriamente no Pará, onde barcos desaparecem, pessoas, tudo.

Talvez brincadeira ou experiências de seres mais evoluídos...

### **TODOS**

Amazônia fantástica, difícil de aceitar a palavra "morte" como natureza castrando o destino!

### **VOZ FEMININA**

O destino é o homem levando o homem a outros descaminhos.

### **TODOS**

A lavoura que plantamos nutre o povo que há de vir dos pobres desta terra que vem cada manha colher o que plantou para saciar a fome de outros povos sempre à procura da terra que vira.

*(Tempo noutra plano).*

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Tudo acaba, desaparecera no céu. Cairá com todos os napépe. Tudo acaba.

Tudo cai, desce de cima. Tudo acaba, indo para o fundo.

Tudo cai e acaba. Esta camada fina do céu, que está em cima, descera, o céu irá para o fundo.

Todos choram muito. Todos os napépe caem.

Depois não terá mais Yãnomam. O céu enorme cai.

O céu todo cai. Todos choram. O céu acabará. Não há mais Yãnomam.

Tudo acaba. O céu acabará todo. Toda terra um buraco. Uma teia. Todo homem o nada.

## **II PARTE**

Transamazônica desvairada – e coreografia de desbravamento da floresta, vozes de forasteiros, máquinas e veículos que circulam, gritos na selva, crianças em vozerio vibrando com a presença dos homens DNER: início da construção da rodovia Transamazônica.

### **VIGÁRIO** *(De Altamira).*

A alegria e o entusiasmo tomou conta do povo da região amazônica, Sr. presidente aqui não se fala em outra coisa.

### **VOZ MASCULINA**

Ao entregar ao trânsito permanente a ligação rodoviária da capital acreana – Rio Branco – e de Guajará-Mirim, fronteira com a Bolívia, com Porto velho, integrando aqueles pontos com o resto do país, tive oportunidade de dialogar com técnicos trabalhadores, e ouvi a afirmação de que as metas estabelecidas serão cumpridas e que, em janeiro de 1973, a Transamazônica será uma grande realidade.

**VIGÁRIO** *(De Altamira).*

De uma coisa esteja certo, Sr. Presidente, com a chegada dos trabalhadores as áreas de trabalho e com a sua ação pelo desmatamento, mudou os hábitos da terra, como os de lavar roupas e depenar galinhas nas águas do rio, em Altamira, Sr. Presidente, eu como vigário desta cidade, tenho constatado o trabalho que se desenvolve tão rápido para a construção da Transamazônica. E, graças a Deus. Altamira mudou de fisionomia.

**VOZ MASCULINA**

Sem dúvida, sem dúvida, o projeto da Transamazônica, na sua essência, não visou apenas a conquista de novas regiões, mas também uma solução para os problemas criados pela superpopulação do Nordeste. Táí a Cuíaba-Santarém prontinha. Com a decisão de fazer a Transamazônica, também e partir para a realização do plano de irrigação do Nordeste.

**VOZ MASCULINA**

Assim como na área dos transportes o Nordeste está recebendo o impulso da conclusão da sua rede rodoviária básica pavimentada.

**VOZ FEMININA**

Só? *(Ninguém deu ouvidos).*

**VOZ MASCULINA**

Graças, graças mesmo, ao esforço da Sudene, de outros órgãos e outros ministérios que plantam a industrialização e o progresso em muitas de suas áreas.

**VOZ FEMININA**

50 projetos, foi? *(Ficou sem resposta).*

**VOZ MASCULINA**

Nos estados de Sergipe, Alagoas, Bahia, Mina, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, em bacias fluviais como as dos rios São Francisco,

**TODOS**

Parnaíba, Longá, Canindé, Acaraú, Curu, Jaguaribe, Apodi, Piranhas-Açu, Paraíba, Mexotó, Pajeú, das Garças, Vaza-Barris, das Contas, Verde Frade, Capibaribe, Paraguaçu!

### **VOZ MASCULINA**

A última vez que passamos aqui, há menos de um ano, nos mostraram onde começariam a Transamazônica, agora, viajamos por ela a 80 quilômetros por hora.

### **VOZES INDIVIDUAIS**

A conquista do novo mundo!

A estrada ganha vida. Surgem os primeiros bares. O progresso.

Caminhos abertos. Vida nova. Exportações de castanha extinção fluvial, agricultura, produção recompensada pelo comprador.

Gado bovino, produção de leite e derivados. Reservas de minério de ferro e de manganês.

*(Noutro plano)*

### **VOZ FEMININA**

Nosso bar foi o primeiro da Transamazônica e ganhou fama pelo saber da comida. Cheguei aqui, com meu marido, há anos. Viemos de Tocantinópolis. E, até hoje, o movimento continua crescendo. Nossa! Nossa geladeira a querosene, nem dá mais vasão. Os peões devoram tudo. Escuta moço, tá só de passagem? ...

### **VOZ MASCULINA**

Tô no acampamento da companhia construtora.

### **VOZ FEMININA**

Como é lá?

### **VOZ MASCULINA**

Uma verdadeira cidade pré-fabricada, com suas casas, hospital, escola, grande caixa d'água, oficinas e até e um campo de pouso, balizado no próprio leito da rodoviária.

### **VOZ MASCULINA**

Um deboche! A vida esta melhorando, moço, pra muita gente aqui. Pensei que as coisas fossem ficar pretas quando o pessoal da construção da estrada começou a mudar o trecho. Mas, com a estrada aberta, passa muita gente e nós vamos vivendo bem. É melhor do que ir para o mato quebrar ba-



baçu, sulvitar mandioca, arres e, um dia, eu e meus irmãos teremos outros bares iguais a este, ao longo da estrada.

*(Noutro plano)*

### **VOZ MASCULINA**

Tô satisfeito, não. Queria ver o jogo do Bangu lá em Marabá e num vou pudê. A camisa, num sabe, é a mesma de Flamengo. Os caminhões vão e voltam carregando a terra, aí a poeira vermelha cola no rosto suado, a gente nem pode parar o trabalho pra açoar a venta.

*(Noutro plano)*

### **VOZ MASCULINA**

A grande perspectiva do programa de integração nacional da Amazônia é a fixação do homem na região misteriosa, tantas vezes louvada por poetas e prosadores na majestade de sua flora e na singularidade de sua fauna.

### **VOZ FEMININA**

Para isso há que pensar, antes do mais, na terra a ser desbravada e no homem que vai desbrava-la, donde ressalta o fator saúde, que se mantendo integro não permitirá que se repitam insucessos verificados em outras áreas e uns outros tempos.

*(Tempo noutro plano)*

### **VOZ FEMININA**

Quase morri de malária. Aqui a gente corre o risco de pegar doenças a vírus, doença parasitaria, doenças bacterianas e os mosquitos anofelinos são transmissores da malária. As casas devem ser teladas à prova deles, senão a população tá frita.

*(Noutro plano)*

### **TODOS**

Amazônia legal, Amazônia grande, Brasil grande, missão de paz, missão de vida, na missão de integrar!

### **VOZ MASCULINA**

Transamazônica avança na floresta e a estrada marca a presença definitiva do homem que chegou com a civilização!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

No silêncio da floresta, apenas o gorjeio das aves que exerce encanto no inferno verde!

Estreito e Itaituba, Itaituba a Humaitá, Santarém a Transamazônica ao restante do país.

Conquista do território na batalha da integração final.

Rasgando o passado, a história, colonizando os povos, descobrindo o celeiro do mundo, na maior bacia hidrográfica do terra!

### **PRANTO FINAL**

### **TODOS**

Tempo de mudar, é tempo de agir, homens e máquinas a construir, a desmatar! Não temos tempo de chorar!

*(Noutro plano)*

### **VOZ FEMININA**

Levanto às três da madrugada para fazer o café. No almoço, às vezes, sirvo tatu, veado ou paca. São 120 refeições de cada vez, sem contar as visitas!

*(Noutro plano)*

### **VOZ MASCULINA**

Na seca de 52, chamei a mulher e avisei. Se não voltar dentro de cinco anos, você pode casar de novo. Abandonei o Maranhão. Decidi sair pelo mundo para tentar a sorte. Homem, abri picadas e descobri caminhos no Xingu e parei em Altamira, no garimpo. Ganhei muito dinheiro pra mandar busca a família. Agora ajudo a conquistar a terra onde decidi ficar para sempre; e trouxe 74 pessoas e nós construímos a Transamazônica com derrama de sangue, ignoramos os mártires que nos fazemos, a morte de milhares de índios e de sacrificados pelas nossas ambições!

## **TODOS**

Muitos, morrendo pelo amor do Cristo. Outros “em nome” de Cristo e da ordem e progresso!

## **VOZ FEMININA**

Mártires indefesos ou heróis anônimos pela conquista da posse Transamazônica.

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Vítimas dos massacres ou dos machados que os golpeou pelo decreto de nossa história.

Pelas reduções das reservas indígenas, nos estados do Mato Grosso, Amazonas, Pará... *(citar outros etc.)*.

Pela paz entre os índios e os brancos ao longo dos caminhos insuspeitos em ritmo acelerado.

Pelas ruínas da selva e florestas onde deuses e colonizadores passaram para ensinar o cristianismo entre nós.

Pelo assassinato de chefes guerreiros e outros companheiros, pela ordem de derrubada.

## **VOZ MASCULINA**

Nossa primeira e segunda etapa da Transamazônica, sentimos a caminhada certa do povo e do país na conquista de sua própria terra.

## **VOZ FEMININA**

Em torno das nações indígenas em brado de liberdade e demarcação de terras.

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Em cultivo da libertação, também perseguida no ritual do povo índio.

Transamazônica ou se salva progressivamente ou economicamente se afunda.

Para conquistar os povos indígenas, pelos povos desbravadores dessa estrada.

Também depredados e confinados aos manuais das escolas públicas.

Para dar passagem a todos os povos de igual esperança em dias melhores que vem vindo!

## **TODOS**

Mesmo contra o sangue do seu sangue derramado!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Mesmo contra sua memória indígena apenas,  
contra chuvas, temporais, enchentes, rios, lamaçais, larvas, febre amarela,  
malária, etc.

Tudo pela marcha do seu futuro do passado cativo no saque nacional:  
Os desbravadores telúricos dessa longa caminhada, filhos da grande estrada,  
buscadores incansáveis do sonho feito realidade no êxodo da terra como-  
vente e passiva,  
terra possível, terra Amazônica, mística e poderosa,  
anarquista e masoquista, terra Brasil,

### **TODOS**

pátria amada, idolatrada, salve-se! Salve-se!...

### **VOZ MASCULINA**

Mas no dever fundamental da história humana, na alegria e na esperança  
em Jesus Cristo, senhor ressuscitado, entre o céu e a terra.

### **VOZ FEMININA**

Prometida terra que Deus pai, todo poderoso, jurou por todos os santos  
dar a seus filhos, todos nós.

### **VOZ MASCULINA**

Índios, brancos, mestiços, negros, mulatos, amarelos.

### **VOZ FEMININA**

Todos os povos de idade ou sem idade nenhuma.

### **TODOS**

Em nome da palavra, em nome do evangelho, em nome da igreja missiona-  
ria, salvai esta terra Amazônica do flagelo total!

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Com denodo sem repressão, sem vítima heroica e contra a força criada de  
muitos povos carrega o próprio fardo.

Fugindo da seca e da fome Nordestina, deixando marcas profundas no  
passado.

Que fizera emudecer sua cantiga e amedrontar seus tambores e suas flau-  
tas e o coração do seu povo!

### **VOZ FEMININA**

Transamazônica, bem eu mal, pode ser sacrilégio para uns e progresso para outros, que a própria história já contou.

### **VOZES INDIVIDUAIS**

Verdade. Acontece que os novos impérios, nacionais e multinacionais, da cobiça da terra, madeira, minério e mão-de-obra barata, continuam a fazer deste povo, um gigante pela natureza, perante os olhos impassíveis de outras civilizações.

Verdade é que a última árvore ainda está por ser tombada

### **TODOS**

do Oiapoque ao fim do mundo!

### **VOZ MASCULINA**

Esta estrada escandalizada por muita gente, nas passeatas das ruas, no cartazes em punho, na blasfêmia do povo “queremos terras, queremos casas, não queremos BNH”.

### **VOZ MASCULINA**

Cabeças de vento. Imagino que escandalizará também a outros dos meus insensatos patrícios no futuro, que tirará dessa terra, maior proveito para o sustento dos seus. Certamente. Depois da descoberta do Brasil, nada mais resta fazer, senão descobrir, descobrir e descobrir sempre.

### **TODOS**

É tão belamente uma epopeia brasileira do século!...

### **VOZES INDIVIDUAIS**

O etnocentrismo e o lucro capitalista, e todo tipo de egoísmo pessoal nessa jornada, ético ou econômico, impedem a massa de entender e assumir não apenas esta realidade, mas toda a verdade nacional que é a verdade de todo mundo!

Porque toda missão realista verdadeira escandaliza necessariamente. A realidade é sempre uma compostura, um sacrifício, uma visão libertadora da anarquia para a vida promissora.

Que todos tenham então uma consciência nacional e mais clara do risco que significa rasgar a Transamazônica para unir todos os povos, cristãos, lúcidos ou menos honestos.

A Transamazônica tem sido, para nos operários, um sossegado espetáculo de suor e morte a que assistimos passivamente e com o qual cumprimos uma prescrição patriótica.

Por tempo demasiado longo viemos passando pela experiência como quem passa por um caminhão cheio de japoneses, sem reconhecer a raça com o olhar, sem abrir mão da nossa ganância ou segurança egoísta em favor dessa liberdade.

Fechados estamos num clima contraditório, que nega o catolicismo, a autenticidade e o brasileiro aos índios, que, por sua vez, desconhecem, de Deus e sua oblação em prol de todos os irmãos.

Nesse caso, só temos a desbravar e os índios, a calar contra nós.

## **TODOS**

E nós somos herdeiros de seus pecados e de seus méritos!...

## **VOZ MASCULINA**

Embora não sendo eclesial nem coletivo, o home erra e nem por isso deixa de ser humano por tentar acobertar em cada um os erros cometidos ontem e hoje pela igreja de Jesus, às vezes, com a melhor boa vontade!

## **VOZ MASCULINA**

Por exemplo, foi em nome do evangelho, chamado cristão, que os conquistadores, acompanhados dos evangelizadores destruíram, de fato, não apenas culturas, mas povos inteiros. Segundo estatísticas seríssimas, dentro das várias opiniões, o Brasil, na época da conquista, teria cinco milhões de índios.

## **VOZ FEMININA**

Nossa! Era índios pra burro!

## **VOZES INDIVIDUAIS**

Hoje tem cento e oitenta mil. O que não significa condenar as intenções dos homens do passado.

Bom, já por si só, o novo testamento é um juízo do testamento velho, feito pelo próprio filho de Deus. Daí não adianta nada bater papo com os índios ou temer a represália deles, nós temos que caminhar com a história.

Evidentemente. Sem essa de perder a terra, perder a língua, perder os costumes.

Mas perder tudo isso, é perder a própria identidade, é perder o chão da vida, é perder a consciência, é deixar de ser.

Deixar de ser o quê? Menos povo? Menos gente? Que me perdoe o evangelho, a fé, a cultura e as culturas de todos os tempos, mas não vou remar no tempo e no espaço, para aperfeiçoar o esquema que foi traçado. Seria o mesmo que cagar no deserto e limpar o cu com o dedo!

Lógico! Transamazônica não é brincadeira, muito menos uma fantasia, um show. É um eixo nacional, que ambienta e traduz todas as línguas na comunicação da estrada.

Apaixonante. Por ser a gente o que é e porque, sem paixões, sem pieguismo, frescura, já não mais provinciano ou primitivo.

### **TODOS**

Amazônia Brasil, Amazônia Ameríndia, Amazônica, Transamazônica, gente de todo o Brasil, escreve teu enredo maior, com lágrima e suor!

### **VOZES INDIVUAIS**

Em nome do Pai de todo só os povos que a todos os homens faz clamar, excelso senhor!

Em nome do Filho, que a todo só povos nos faz ser irmãos.

Em nome da luz de toda cultura assassinada!

Em nome da terra perdida no lucro, e ganhada na dor!

Em nome da morte antecipada, em nome da vida castrada.

### **TODOS**

Morremos, oh senhor!

**FIM DO ESPETÁCULO**

O BURACO



# O buraco

Comédia em ato único - 1986

## PERSONAGENS

Pedro Batista - 43 anos

Heloisa - 43 anos

Bertoldo - 27 anos

Nathan - 18 anos

Arimateia - 25 anos

## CENÁRIO

Mostra o palco, reduzido, na forma de um funil onde se vê alguns caibros dando a impressão de uma construção qualquer, em cujo teto percebe-se um pequeno orifício por onde penetra a luz solar, e no chão, alguns caixotes, que servem de cama, pratos e canecas de alumínio. Ao fundo, um desenho na parede, surrealista, exibindo uma gravura anal.

## O TEXTO

Foi baseado na segunda fase da “operação desarmamento” na região do Bico do Papagaio, em área do Estado do Pará, executada pela polícia Federal, durante uma semana, que resultou na apreensão de nada menos do 60 armas de tipos variados; cerca de 25 fazendas vistoriadas e a revelação mais importante desta que foi considerada uma das maiores operações de combate ao crime organizado, posta em marcha em marcha pelo Departamento de Polícia Federal no Pará: 63 trabalhadores, frentistas em desmatamento na futura Fazenda Santo Antônio, no município de São Félix do Xingu, puderam voltar para suas casas ou ser absorvidos por outros projetos agro pastorais da região, depois de quatro meses de regime de escravidão.

A alteração encontrada no texto, com diálogo cuidadosamente coloquial, e recursos cênicos estudados, tem a simples intenção de dar ênfase à trama teatral contida no espetáculo, já que o latifúndio continua se alastrando na Amazônia legal, chamada erroneamente de “inferno verde”.



## **CENA 1**

*(De fundo, na tela branca, o relho em lânguido movimento e cá, no palco, os prisioneiros reagem à chicotadas, tendo as mãos atadas em fio de nylon praticamente pendurados, forçando a eles a ficar com os dedos dos pés fincados no chão. Na medida em que o relho provoca chicotadas a todos instantes eles vão caindo no chão ao desprender-se das marras com dificuldades).*

### **PEDRO BATISTA**

Sou pago para cumprir ordens!

### **BERTOLDO**

Puxa saco é o que você é! Seu calhorda!

### **PEDRO BATISTA**

Cala essa boca!

### **BERTOLDO**

Ai! Seu miserável! Seu sujo!

### **PEDRO BATISTA**

Já disse! Eu sou pago para cumprir ordens! Ordens! Ordens!

### **NATHAN**

Seu miserento! Seu imbecil! Não vê que nos açoitando desse jeito você só estará prejudicando a mão de obra?

### **PEDRO BATISTA**

Acontece que sou pago para cumprir ordens!

### **BERTOLDO**

Pô! Que ordens? ...

### **PEDRO BATISTA**

Vão para o inferno!

### **NATHAN**

No inferno já estamos, seu pistoleiro puxador de saco!

**PEDRO BATISTA**

Oh! Seus atrevidos!

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

## **CENA 2**

*(O pistoleiro ou aliciador de trabalhadores está no 1º plano da cena com o revólver, com o qual procura bater de leve em suas mãos e nas pernas. Parece nervoso e assustado. Enquanto isso, no 2º plano, surge uma mulher de dentro das sombras. E sua postura é altiva e imponente apesar das circunstâncias que a cercam. A cena tem um caráter dramático, dividida em dois focos dando ênfase cinematográfico à própria cena, que então separa socialmente os dois personagens no palco).*

**HELOISA**

Mandou me chamar?

**PEDRO BATISTA**

Mandei, sim.

**HELOISA**

E posso saber pra quê?

**PEDRO BATISTA**

Pra início de papo, não vou com tua cara.

**HELOISA**

Nem eu com teus cornos! Você é o “gato” mais nojento que apareceu por essa banda.

**PEDRO BATISTA**

E você uma grandessíssima mulher safada, capaz de nos denunciar, como nos denunciou, à Polícia Federal. Por quê?

**HELOISA**

Porque não acho justo o que vocês estão fazendo com a gente. Além da falta de pagamento de salários e da pessimidade de alimentação e alojamento, essa prática diária de espancamento aos prisioneiros.

**PEDRO BATISTA**

Isto não é de sua conta!

**HELOISA**

Mas eu também parte do mesmo aliciamento de trabalhadores braçais! Não é justo essa sub escravidão. Fomos enganados em nossa boa-fé! Portanto, alguma coisa tinha que ser feita, e eu fiz o que tinha que ser feito há muito tempo! E não estou nem um pouco arrependida.

**PEDRO BATISTA**

Tá vendo! Você parece uma mulher corajosa e valente, apesar de tudo.

**HELOISA**

Disso me reconheço atrevida, até certo ponto, quando necessário, e o resto da minha raça não nega fogo!

**PEDRO BATISTA**

E por causa disso, minha cara, você provará das circunstâncias mais amargas.

**HELOISA**

O quê? Não entendi.

**PEDRO BATISTA**

Eu tou querendo dizer que você por ser a única mulher no acampamento de 63 homens era também a única pessoa que desfrutava de uma certa liberdade aqui dentro, tinha livre acesso a quase tudo, podia andar e conversar com todos eles por aí, mas pelo que vejo jogou fora essa liberdade.

**HELOISA**

Espere... modere seu linguajar comigo. Sou mulher de um homem só, sobretudo, casada com ele, meu chapa.

**PEDRO BATISTA**

Foi uma força de expressão da minha parte. Esqueça.

**HELOISA**

Aqui tem a minha certidão de casamento (*Exibe o documento e ele passa a vista*). Aliás, respeito é bom e eu gosto.

**PEDRO BATISTA**

Não aqui, no meio da mata fechada, no meio de tantos homens sediciosos, e a única construção existente é a cantina, assim mesmo, esta fica num raio de 13 quilômetros daqui.

**HELOISA**

Quem não sabe disso morreu ontem de papo pro ar, para dar de comer aos urubus!

**PEDRO BATISTA**

Como é seu nome todo?

**HELOISA**

Não sabe ler? Taí no papel. Heloisa Maria dos Santos Pinheiro. Sou filha de paraibanos.

**PEDRO BATISTA**

Você é casada mesmo com esse tal mineiro?

**HELOISA**

Sou. Por quê? Há alguma dúvida?

**PEDRO BATISTA**

Perguntei por perguntar.

**HELOISA**

Casamos no dia 9 de fevereiro deste ano, na sede do município de Santana do Araguaia. Há um mês que a gente tá por aqui.

**PEDRO BATISTA**

É uma pena! Por que então aceitou a proposta de trabalho na Fazenda Santo Antônio, em vez de criar pinto em casa.

**HELOISA**

Cínico. Necessidade de ajudar ao meu marido e de cozinhar para ele... e também passei a cozinhar para três outros peões. A comida que é servida no acampamento não presta e custa os olhos da cara.

**PEDRO BATISTA**

Bom... (*Pigarreia*). Com todo esse privilégio a senhora achou de dar fuga aos prisioneiros e nos denunciar à polícia. Você não devia ter feito isso!

**HELOISA**

Fiz e não me arrependo! Eu já não aguentava ver mais os espancamentos sistemáticos contra os peões, seu peste! Tou revoltada! Vocês nos enganaram a todos com promessas de altos ganhos, bons alojamentos, boa comida, tudo dentro das leis trabalhistas. Tudo mentira! Uma tremenda farsa! Uma pouca vergonha!

**PEDRO BATISTA**

Não adianta protestar, tais ouvindo. Você terá o mesmo destino dos outros.

**HELOISA**

Que outros? Que eu não sei!

**PEDRO BATISTA**

Os que foram enterrados vivos numa cela lacrada.

**HELOISA**

Lacrada?

**PEDRO BATISTA**

Com cimento e tijolos. (*Dá uma gargalhada*). Já pensou? Você junto deles, arrastando-se que nem cobra pelo chão. É de morrer de rir.

**HELOISA**

Pelo amor de Deus, não faça isso comigo! Me dê uma chance de defesa! Oh, meu Pai do céu!

**PEDRO BATISTA**

Como eu disse, eu sou pago para cumprir ordens.

**HELOISA**

Não! Não faça isso comigo! Me dê outro castigo, menos esse, me coloque pra lavar roupa, pra cozinhar pra todos eles, não me negue esse favor, pelo amor de Deus! Eu...

**PEDRO BATISTA**

Prometo ser boazinha. Eu juro (*Arrasta-se aos pés dele*).

Frescura. Não há favor melhor do que este. Lá, você encontrará seu maridinho e há de curtir com ele até a última gota de sangue.

**HELOISA**

Monstro! Seu miserável!

**PEDRO BATISTA**

Além daquela cela, existem outros buracos e mais outros no meio da mata, cheio de terror, onde ninguém ouvirá seu grito, nem lamentos (*Heloisa afasta-se dele por um momento*).

**HELOISA**

Você tá louco!

**PEDRO BATISTA**

Apenas tou cumprindo ordens.

**HELOISA**

Cada vez mais frio e calculista! Deve está louco de verdade para fazer uma coisa dessas com a gente! (*Tenta se acalmar e convencê-lo*). Olhe, seu "gato" imbecil, se você quiser, poderá me possuir inteira, eu procurarei obedecer às suas ordens, eu farei tudo o que você quiser. Tudo.

**PEDRO BATISTA**

Coisa oferecida não tem preço, minha cara. E você ridícula como é, não faz gênero. Detesto bagulhos. Depois quem muito se abaixa o rabo aparece.

**HELOISA**

Pois eu lhe dou o meu rabo. Em troca, quero a minha e a liberdade do meu marido. Então?

**PEDRO BATISTA**

Saia daqui! Fora! Você me causa asco e nojo ao mesmo tempo, mulher sem brio, mulherzinha vulgar. Você merece a força!

**HELOISA**

Frouxo! Covardão! Você tá é com medo de mim! Palhaço!

**PEDRO BATISTA**

Com muita honra, Heloisa. Mas esse gostinho não vou lhe dá, não. De jeito nenhum! Quero sentir um prazer diferente: o prazer da sua morte, mulher traíra, traidora.

**HELOISA**

Você deve pagar caro no inferno pelo que está fazendo!

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

**CENA 3**

*(Os mesmos, Heloisa está sendo arrastada até aos outros que, por sua vez, famintos e enfraquecidos, deambulam pelo chão como bichos, catando migalhas pelo chão. Toda a cena é ensombreada, com pouca luz, com exceção do ciclorama que permanece aceso como suporte à própria cena).*

**PEDRO BATISTA**

Entre o relho e a fome, o fim de muitos sonhos, não é mesmo Heloisa Maria?

**HELOISA**

Ai, meu corpo! Tenho pena de você, seu “gato” nojento! Isto não te leva a nada, a lugar nenhum, a promoção nenhuma, seu miserável!

**PEDRO BATISTA**

Cala essa boca! E não me chame de “gato” que eu não gosto. Meu nome é Francisco Martins Ferreira e vim do Maranhão a fim de tudo por aqui.

**HELOISA**

Que diferença faz agora? Seu miserável! Seu marginal!

**PEDRO BATISTA**

Ser aliciador da Firma não é lá uma posição invejável, eu sei, mas não se esqueça nunca do meu nome.

**HELOISA**

Vá para o inferno! Seu bunda suja!



**PEDRO BATISTA**

Cala essa boca, já disse!

**HELOISA**

Por favor! Não faça isso comigo! Tomara que a polícia descubra esse “inferno” e acabe com essa escravidão que existe aqui, vasculhe tudo, esse acampamento, de cabo a rabo, até embaixo dos barracões, e extermine com todos vocês, seus miserentos! Seus porcos!

**PEDRO BATISTA**

Vou fazer calar essa matraca e já!

**HELOISA**

Não! ... não faça isso! ...

**PEDRO BATISTA**

Tome este, mais este e mais este pra quietar!

**HELOISA**

Ai! Meu Deus! Que o medo e o diabo juntos te persiga pro resto da vida!

**PEDRO BATISTA**

Cala essa boca!

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

**CENA 4**

*(Os mesmos e Heloisa amarrada a uma das coleiras sendo arrastada para dentro do enorme buraco, juntamente com os outros, em câmera lenta, até as últimas consequências. Heloisa não aguentando as feridas acaba morrendo logo depois; onde os demais passam a devorá-la como urubus a carniça, de tanta fome. Era a única saída para se manterem vivos por alguns momentos).*

**BERTOLDO**

Corre o boato que foi assim que a mulher do mineiro morreu. Depois de morta, os prisioneiros doentes lhe devoraram quase toda.

**ARIMATEIA**

Que coisa horrível! Medonha!

**NATHAN**

Eu também acho. A fome dói muito. Faz a gente pirar de vez.

**BERTOLDO**

E nós? Que eles vão fazer com a gente agora?

**ARIMATEIA**

Não tenho a menor ideia. Só sei dizer que a polícia prendeu os três pistoleiros que por sua vez denunciaram o “gato”, mas o filho da mãe conseguiu fugir em companhia de dois irmãos, Alfredo e Ozemar.

**NATHAN**

Esse teve sorte. E o fazendeiro goiano? O latifundiário?

**ARIMATEIA**

Bom, acho que o denunciaram à polícia também, mas foi o gerente geral do Grupo Santo Antônio, conhecido por Luiz Bang-Bang, domiciliado em Santana do Araguaia, que pagou o pato.

**BERTOLDO**

Como assim?

**ARIMATEIA**

Os cara da Delegacia Regional do Trabalho intimaram ele a pagar todos os direitos trabalhistas dos trabalhadores. E dos 63, cinquenta retornaram às suas cidades de origem. A grande maioria dos peões liberados é da cidade do Porto Nacional, no Estado de Goiás.

**NATHAN**

Queria que prendesse era esse tal de “gato” Francisco Martins.

**BERTOLDO**

Ó cara sortudo esse!

**ARIMATEIA**

Pois é, rapaz. O cara escafedeu-se.

**NATHAN**

É um elemento perigoso. Foi ele que nos trancafiou aqui neste buraco, neste beco sem saída.

**ARIMATEIA**

Começo a sentir medo, sabia? Depois, como e de que maneira a gente pode escapar dessa? Todos nós estamos fracos. A gente tem estado doente, não tem comido nada, nem bebido. Oh, meu Pai do céu! Deve haver alguma saída, não é possível! ...

**BERTOLDO**

Acredito que sim! Caso contrário, não haveria aquele buraco ali no teto por onde entra o ar que respiramos!

**ARIMATEIA**

Você tem razão! A gente precisa fazer alguma coisa!

**BERTOLDO**

Eu já tentei enquanto vocês dormiam! Mas não consegui, minhas pernas bambearam, quase caí lá de cima, quase... por um triz. Tou de pernas fracas pra tentar de novo. Só se o cara aí que é mais jovem e...

**NATHAN**

Eu tenho 18 anos e, como quase todos, viajei da cidade de Porto Nacional para São Felix do Xingu, bicho. Vim para trabalhar no roçado. Tinha que roçar mil metros por quinhentos em quatro semanas para ganhar Cz\$ 7 mil cruzados. Comigo trabalhavam dois companheiros, mas mesmo assim não deu, cara. A malária me pegou de jeito.

**ARIMATEIA**

Gente, tou me sentindo mal aqui dentro. O ar que a gente tá respirando é muito pouco.

**NATHAN**

É muito pior do que na cantina, quando fui internado.

**BERTOLDO**

Você queria um ar condicionado aqui dentro?

**ARIMATEIA**

Não brinque! A coisa é séria, muito séria. O organismo tá enfraquecendo. Daqui a pouco a gente não terá nem sustança pra falar. Aqueles remédios “prescritos” pelos pistoleiros e que nos deram lá cantina é ruim pra caramba. Parece que piora mais os bofes da gente. Eu, por exemplo, tou me sentindo zonzo, zonzo.

**NATHAN**

Engraçado... além dessa função, eles se incumbiam também de dar a “alta”. Pelo modo mais violento possível, fui obrigado a levantar.

**BERTOLDO**

Que eles fizeram?

**ARIMATEIA**

Cagaram vermes em sua boca?

**NATHAN**

Pior do que isso! Foram chutes e chutes com uma bota com prego na ponta.

**BERTOLDO**

Filhos sem mãe!

**NATHAN**

Jamais vou esquecer o que fizeram comigo. Tentei fugir, cara, para o mato e chegar até alguma fazenda da região para denunciar tudo isso aqui, mas não consegui.

**BERTOLDO**

A fazenda mais próxima é a Tiraximim, do grupo Sul América de Seguros, que só poderia ser atingida por um avião monomotor. Mas que aconteceu?

**NATHAN**

Ferido como estava não poderia ir muito longe. Eles me coagiram com os cães policiais amestrados para esse fim. Me trouxeram da mata a peso de coronhadas de espingardas nas costas, ó, tá vendo essas marcas? *(Exibe marcas profundas na pele).*

**ARIMATEIA**

Pobre rapaz!

**NATHAN**

Eu só fugi porque não cumpri a missão de roçar todo o lote, e não podia prestar contas. Você sabe a cantina...

**ARIMATEIA**

Aquela cantina era uma desgraça. O saldo na cantina era sempre devedor. O preço do medicamento, arbitrado pelos pistoleiros, era debitado na conta do paciente, já extensa por causa da alimentação, que, igualmente, era obrigado a pagar.

**BERTOLDO**

Se é que podíamos chamar aquilo de comida, caldo de jabá com arroz e farinha, ainda por cima diziam "só vão sair daqui quando pagarem o que devem".

**ARIMATEIA**

Verdade. Muita gente tentava deixar este inferno fugindo pela mata, mas nenhum o conseguiu. Pelo menos, nós três aqui, talvez. A gente tem mais é que fazer alguma coisa em vez de ficar nessa inércia. Senão, a gente vai morrer de fome e dede e esse ar que vem lá de fora é muito pouco, não dá para encher os pulmões de ar.

**NATHAN**

Tem toda razão!

**BERTOLDO**

Que razão nada! Quem é você para achar quem é que tá com a razão se por tua causa nós estamos com esse problema.

**NATHAN**

Por minha causa?

**ARIMATEIA**

É, sim! Pensando bem, você nos trouxe encrenca desde que nós se juntamos a você. Por sua causa é que nós estamos futricados aqui dentro, encurralados como gado que vai para o matadouro, tais entendendo.

**NATHAN**

Eh, cara ... eu não tou legal, eu tou doente de verdade, eu juro! Como é que eu podia?

**BERTOLDO**

Cala essa boca, seu molongó! Me mete é nojo um cara desses.

**NATHAN**

Peraí, pessoal. Calma no cartório. Gente, não vamos perder a cabeça agora. O pior já passou.

**ARIMATEIA**

Muito pelo contrário... o simples fato de você não me lançar à caçada do porco do mato foi o fim de tudo para nós. A coisa começou por aí.

**NATHAN**

Mas ó cara, o que tu querias que eu fizesse? ... ora porra!

**BERTOLDO**

*(Interfere a briga).* Calma, calma, acho melhor todo mundo se acalmar. Desse jeito a gente não encontra uma saída. Se a gente continuar agindo desse modo, desconfiando de todo mundo, tá na cara, que a gente vai perder tempo e energia também!

**NATHAN**

Tá legal. *(Deu de ombros e foi se sentar em um canto do palco).* Tou perdido *(Disse quase chorando).*

**ARIMATEIA**

Por mim, tá tudo bem. *(Concordou, em seguida, acendeu um cigarro, o último que tinha).* Fuma? *(Ofereceu-lhe).*

**NATHAN**

Não, obrigado.

**ARIMATEIA**

Bertoldo?

**BERTOLDO**

Detesto. Faz mal à saúde.

**ARIMATEIA**

Que diferença faz agora? *(Não obteve resposta).*

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

**CENA 5**

*(Os mesmos, dentro da cela, imaginando-se torturados pelos seus algozes, para logo depois, caírem em degradação).*

**BERTOLDO**

Claro que os três pistoleiros contrataram um caçador – às vezes eles próprios faziam o serviço – para abater porco- do-mato.

**NATHAN**

Como sabe disse?

**BERTOLDO**

Eu sou do Sul do Pará, tenho 27 anos, paraense papa chibé, meu caro, sei das coisas, principalmente as que acontecem à margem do rio Fresco, um afluente do Rio Xingu, situado a 200 quilômetros em linha reta da cidade de Redenção, no Sul do Pará. Foi lá que nasci e aprendi muitas coisas, pescando boto no remanso da maré.

**ARIMATEIA**

Deixe de conversa cumprida, homem... dê logo por encerrado o assunto e vá entrando ns conforme da nossa conversa.

**BERTOLDO**

Tá bom. No mato, logicamente, o sacana matava dezenas de animais e sinalizava o local da queda.

**NATHAN**

Sujo!

**ARIMATEIA**

Bota sujeira nisso! Quando ele voltava ao barracão, tá lembrado? Era um ritual abusante: caderneta na mão, os pistoleiros reuniam os homens famintos e ofereciam à venda. Perguntavam quem queria comer.

**NATHAN**

Cachorro! Veado! *(Gritou revoltado em direção às paredes).*

**ARIMATEIA**

É o que sabe a respeito.

**BERTOLDO**

Com exceção de mim, que sentia apenas uma terrível sede, vocês caíram no conto do pago...

**ARIMATEIA**

Basta. Aqueles ordinários! Quando eu sair daqui vou matá-los um por um!

**NATHAN**

Engraçado... e lembravam o preço da comida: independentemente do peso do animal, ele Cz\$ 180,00.

**BERTOLDO**

Disso nós sabemos. Aos que se interessavam, era indicado um perímetro dentro da mata onde o porco poderia ser achado.

**ARIMATEIA**

É! E com o débito mais alto, o peão se lançava a essa segunda caçada.

**NATHAN**

Se encontrássemos o porco, tudo bem. Ia ter comida. Se não, os cabra cobravam do mesmo jeito.

**ARIMATEIA**

Porra. Caímos que nem patos! Quando me lembro disso, porra, chega me dá raiva.



**BERTOLDO**

E tem mais, há suspeitas de que os pistoleiros davam pistas erradas ou, simplesmente, não faziam o abate.

**ARIMATEIA**

É por isso que ninguém acertou na mosca.

**BERTOLDO**

Aí, a fome impedia o peão de trabalhar para cumprir seu contrato e, também, o mantia longe da tentação de querer fugir. Foi o que aconteceu com vocês... além dos espancamentos, é claro. Eis porque estamos aqui para à míngua.

**ARIMATEIA**

Você acha?

**BERTOLDO**

Acho sim!

**ARIMATEIA**

Sei não. Mas tenho a impressão de que a gente não tá mais raciocinando legal como antes.

**NATHAN**

Eu também concordo! A coisa tá atingindo a cabeça da gente.

**BERTOLDO**

Acho que é essa expectativa de alguma coisa, essa fome, essa sede, enfim!

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

**CENA 6**

*(Os mesmos, comendo detritos do chão, como ratos de esgoto. Depois, todos eles querendo se agasalhar pra dormir e não estão conseguindo conciliar-se ao sono).*

**NATHAN**

Droga! Tenho fome, tenho sede, tenho sono!

**ARIMATEIA**

Eu também!

**BERTOLDO**

Também tou com sono e não tou! Que diabo que a gente não consegue pegar no sono!

**ARIMATEIA**

O que é pior, através do sono, a gente sabe se é dia, se é noite, como agora. Deve ser noite!

**BERTOLDO**

Pelo buraco a gente desconfia. Vejam! Talvez seja um luar luarando lá fora!

**NATHAN**

Até quando isto aqui? Será que ninguém vem nos tirar daqui de dentro?

**BERTOLDO**

Sei lá. Tudo parece silêncio! Não há o menor ruído. Ouça!

**NATHAN**

*(Pausa)*. É mesmo! Oh, meu Deus!

**ARIMATEIA**

Se ao menos o silêncio fosse menos silêncio, claro, que a gente teria uma chance! *(E passou a andar nervosamente de um lado para outro da pequena cela)*. Você tem cigarro?

**BERTOLDO**

Já disse! Eu não fumo. o fumo faz mal a saúde, porra.

**ARIMATEIA**

Nem você?

**NATHAN**

Eu também não fumo, cara.

**ARIMATEIA**

Pois devia. O cigarro faz a gente passar o tempo, sabia?

**BERTOLDO**

Pra quê? Pra jogar depois na privada? Ora te enxerga!

**ARIMATEIA**

Olha o tom! Vê como é que você fala comigo! Eu não admito que você fale comigo nesse tom, tás entendendo. *(Tentou agredi-lo pelas costas).*

**BERTOLDO**

Ora vai tomar no cu! Me larga, porra!

**NATHAN**

*(Intervindo).* Parem! Parem com isso! *(Fez-se silêncio entre ambos).* Parecem crianças brigando por uma coisa à toa! ... o que é que há? Tão perdendo o juízo de vez, é cara?

**BERTOLDO**

Você tá certo. A gente tá ficando de miolo molhe, mesmo. Enquanto a gente briga aqui dentro, os 60 homens se foram liberdade, digo, se foram em liberdade.

**NATHAN**

Quem diria. Foram cagados de sorte.

**BERTOLDO**

E levados em um monomotor para a Fazenda Tiraximim depois que a polícia vasculhou tudo de cabo a rabo, até embaixo dos barracões.

**ARIMATEIA**

E nós? Por que sobramos?

**NATHAN**

Falta de sorte, eu acho. Ninguém sentiu a nossa falta. Foi isso.

**BERTOLDO**

Será? Quem pode garantir se o miserento do “gato” não alterou a lista apresentada à polícia, excluindo o nosso nome?!

**ARIMATEIA**

Suponhamos que sim. E daí?

**BERTOLDO**

E daí...? Eu acho que pelo menos os que foram postos em liberdade pensarem na gente, eles não terão o que comemorar. Nem mesmo na hora de receber os cheques das mãos do delegado Newton, será indiferente, sabendo que a gente ficou para trás, compreende.

**NATHAN**

Egoísmo seu. Eu não penso assim. Nem acho justo! Eles têm direito à vida do mesmo modo que teríamos direito à nossa liberdade.

**ARIMATEIA**

Que liberdade? Essa de continuarmos vivos dentro de um buraco? Você acha, meu caro Nathan, que Cz\$ 180, 00 foi o preço mais reduzido que demos a ela?

**NATHAN**

Cala essa boca! Não diz besteira.

**BERTOLDO**

Calma, pessoal. Vocês não entenderam o que eu quis dizer. Procurem raciocinar comigo: tenho certeza que a maioria quando estiver em suas casas, tomando cafezinho, cousa e lousa, há de sentir um pouco de remorso, não vai aguentar e vai botar a boca no trombone. Entendeu agora?

**NATHAN**

Tomara que não seja tarde demais. Tudo vai depender de sorte.

**ARIMATEIA**

Bom, de qualquer maneira, há uma esperança!

**BERTOLDO**

Vamos torcer para que tudo dê certo! Oh, meu Pai do Céu!

**ARIMATEIA**

Enquanto isso, eu quero me apresentar a vocês pra gente se conhecer melhor.

**NATHAN**

É uma boa.

**BERTOLDO**

Concordo. Diga lá quem é você e como se chama!

**ARIMATEIA**

Sou piauiense, tenho 25 anos, solteiro. Eu cheguei na área projeto da Fazenda Santo Antônio no dia 7 de abril deste ano. Meu nome é Arimateia Machado dos Santos, seu criado.

**BERTOLDO**

Muito prazer. *(Apertou a mão dele ao ser estendida).*

**NATHAN**

Igualmente, cara. *(Faz o mesmo).* Assim fica bem mais fácil a gente se entrosar um pouco.

**ARIMATEIA**

Vou confessar uma coisa. Conheço tua terra Bertoldo, terra de gente boa, acredite. Sou do Piauí como disse, mas há sete radicado no Pará. Fui amigado com uma adorável mulher, chamava-se Helena, e era mais velha do que eu, tinha 43 anos, natural de Conceição do Araguaia. A gente não se casou porque não dava pra se casar mesmo, senão a gente tava aí juntos até hoje. Ela morreu. *(Chora).*

**BERTOLDO**

Sinto muito, companheiro.

**NATHAN**

Quanto a mim não dá nem pra sentir, porque nunca fui casado ou amigado, tinha apenas um quebra galho dessas que pintam um dia qualquer na vida da gente pra descarregar, sabe como é, nada de tão sério.

**ARIMATEIA**

O que é pior, gente, aos poucos a gente aqui dentro vai perdendo o contato com a realidade das coisas, vai esquecendo parcialmente tudo, parece uma espécie de amnésia, sei lá o quê, que tá acontecendo com a gente.

**NATHAN**

Pare com isso! Você tá ficando louco e quer que a gente fique também, é isso.

**ARIMATEIA**

Tou não. Tou falando sério.

**BERTOLDO**

Escuta aqui, Nathan, faz esse cara calar a boca ou então não respondo por mim! Porra. Esse cara tá mais é a fim de gozar com a cara da gente, né bandidheira.

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

**CENA 7**

*(Os mesmos, Nathan que volta ao caixote para dormir um pouco. Os outros fazem o mesmo imitando-o, deitando-se nos seus respectivos caixotes que são utilizados como camas no palco. Tempo. Amanhecido outro dia. Lá fora, o sol da manhã e o cantar de pássaros de toda espécie, uma sinfonia amazônica despertando a flora).*

**BERTOLDO**

Bom dia, sol! Bom dia, dia! *(Espreguiçou-se fora da cama).*

**ARIMATEIA**

Não sei se direi o mesmo! Nem pude dormir direito!

**NATHAN**

Nem eu! A barriga todo tempo roncando.

**BERTOLDO**

Pois eu dormi! Parecia até um sono do tamanho do verão e deu até para sonhar.

**ARIMATEIA**

Como é que pode? Pois eu sinto, cá dentro, que as forças já me vão somente para me deixar apenas esse vão das coisas que não amanhecem nunca! *(Chorando).* Oh, meu Deus, eu quero viver!

**BERTOLDO**

Ouçam! *(Fez-se silêncio outra vez).* Tão ouvindo? São os passarinhos! Como é doce ouvir o cantar do rouxinol!!

**NATHAN**

Você tá ficando pirado!

**ARIMATEIA**

Se ao menos o ronco do motor do avião sobre área não tivesse alertado os pistoleiros que fugiram, talvez a gente não teria sido jogado aqui dentro e na hora de conferirem o número saberiam que a gente...

**BERTOLDO**

Silêncio! Escutem! *(Todos olham em direção a o teto).*

**NATHAN**

Que foi?

**BERTOLDO**

Tem alguém andando lá em cima!

**ARIMATEIA**

Deve ser algum porco-do- mato fuçando a terra.

**AMBOS**

*(Gritam).* Tem alguém aí?... Quem tá?... Por favor, responda! Tirem-nos daqui! ... Tirem-nos daqui por favor!... Eu quero sair daqui! *(Não houve resposta. E eles degradação novamente).*

**ARIMATEIA**

É o cúmulo do azar!

**BERTOLDO**

Jurava que fosse uma pessoa. Dava pra sentir isso. Alguém deve estar à nossa procura! Tenho certeza absoluta.

**NATHAN**

Espera... Então não são mais 63 homens que foram libertados?

**ARIMATEIA**

Sei lá, sei lá... Pouco me importa o número.

**BERTOLDO**

Mas a gente é um número até encontrar a saída.

**ARIMATEIA**

Que número o que! Que saída? Você tá sonhando acordado! Essa é a pior indignação que um home possa receber de um outro homem!

**BERTOLDO**

Algo me diz que o fim definitivo da nossa condição de escravos ocorra talvez no momento do reencontro com a família da gente, numa boa.

**ARIMATEIA**

Que “boa” nada!

**BERTOLDO**

Como eles agora!

**ARIMATEIA**

Que “eles” porra nenhuma!

**BERTOLDO**

Claro. Não era o que eles mais queriam na vida? Tu não visse o João Matos falar, porra? Quando o delegado Roberto Porto perguntou quem queria ir para casa: quase todos queriam ir para casa. Somente 13 decidiram se fixar na região. Os 50 decidiram sair do Pará, seguiram viagem rumo a seus Estados de origem. Isto é, depois que foram transportados para Santana do Araguaia onde receberiam seus salários. Aqueles foram mais sortudos que a gente.

**NATHAN**

Peraí, gente. Agora tou encucado. Bom, se eram 63 homens prisioneiros, e 13 ficaram na região e 50 foram embora, então tá certo, mais do que certo o número de prisioneiros capturados pela Polícia. E aí eu pergunto: e nós? Quem somos nós? Que fazemos aqui, gente?

**BERTOLDO**

*(Fala ilegível no texto original do autor)*



**ARIMATEIA**

Pensando bem. O garoto tem toda a razão. Talvez a gente já tenha morrido faz algum tempo. Eis porque estamos aqui discutindo, discutindo, querendo encontrar uma saída e não encontra! E sabem porque? Porque isto aqui é um purgatório onde vamos expurgar a nossa alma, os nossos pecados, até a última gota!

**BERTOLDO**

Pare com isso! Cuidado com o que fala! Como pode prever o futuro, seu imbecil?

**ARIMATEIA**

Não grite comigo!

**BERTOLDO**

Grito sim! E daí? Porrada eu sei que você não vai me dá! E além do mais, você não é melhor do que um de nós.

**ARIMATEIA**

Ora vai te fuder!

**BERTOLDO**

Vai tu ó cara!

**ARIMATEIA**

Eu exijo mais respeito comigo!

**BERTOLDO**

Que exige coisa nenhuma! Tás querendo o quê? Eu te quebro todo no pau, porra, tás entendendo. *(Atracaram-se pelo chão como dois pivetes de rua).*

**NATHAN**

Parem! Parem com isso! *(Obedeceram ao mais novo).* Pô! Parecem crianças, porra. Puxa vida, a gente tem que achar uma saída! Deve haver alguma saída!

*(Corte/ blackout/ foco em:)*

## **CENA 8**

*(Os mesmos. Todos deambulando pelo chão procuram uma saída através das paredes e do teto como fantasmas anímicos, quase sem forças para escalar este ou aquele caibro).*

### **ARIMATEIA**

Tirem-nos daqui!... Tirem-nos daqui!... Eu não quero morrer!

### **BERTOLDO**

Não grite. Não adianta. Ninguém nos ouve. Guarde sua energia.

### **NATHAN**

Oh, meu Pai do céu! Tenha misericórdia da gente!...

### **BERTOLDO**

Só há uma única alternativa!

### **NATHAN**

E qual é?

### **BERTOLDO**

O Luiz Bang-Bang. Só ele, que é considerado pela Polícia como sendo de participação no aliciamento dos trabalhadores, poderá nos tirar daqui.

### **NATHAN**

Como assim?

### **BERTOLDO**

Muito simples. Foi ele que pagou as despesas trabalhistas que ficaram em torno de Cz\$ 350 mil cruzados.

### **NATHAN**

E daí?

### **BERTOLDO**

Ele pegou também o transporte aéreo dos peões entre as fazendas Santo Antônio e Tiraximim e o rodoviário até Santana do Araguaia.

**ARIMATEIA**

E o que é que isso tem a ver coma gente?

**BERTOLDO**

Bom, acontece que o gerente do grupo Santo Antônio espera ser ressarcido pelo fazendeiro Antônio Inácio da Silva, já que o dinheiro era de sua conta bancária.

**NATHAN**

Olha, continuo não entendendo aonde você quer chegar.

**BERTOLDO**

Eu explico. O homem tem um coração de ouro! Com certeza o Luiz Bang-Bang vai voltar a este lugar para reaver o dinheiro que ele gastou nessa transação toda, e vai estar certamente no barracão e no barracão, ele vai encontrar a nossa mochila, nossas coisas.

**ARIMATEIA**

Pura ilusão!

**NATHAN**

É uma esperança muito remota. Até lá, quem pode garantir se estaremos vivos?

**ARIMATEIA**

O Nathan tem razão. Depois aquele cara nunca esteve aqui e não será agora, com toda essa confusão, que ele estará pra ver o quê? Acho que essas expectativas tá dando margens à sua imaginação, às suas fantasias!

**BERTOLDO**

Talvez sim, talvez não.

**ARIMATEIA**

Se eles soubessem o perigo de vida que estamos correndo aqui dentro!... Oh, meu Deus!... Eu não quero morrer!... Eu tenho família me esperando! *(Grito)*. Eu quero sair daqui! Me tirem daqui! Eu quero sair daqui!

**BERTOLDO**

Acalme-se, companheiro. A gente vai sair daqui de qualquer maneira. Vocês vão ver.

**NATHAN**

Como? De que jeito?

**BERTOLDO**

Deus dá um jeito pra tudo, até mesmo pra morrer, não é mesmo. Se Ele achar que merecemos a liberdade, tudo bem... Caso contrário, será o caos, o fim de tudo.

**ARIMATEIA**

Acho que chegou a nossa hora. E isso!

**NATHAN**

Você acha?

**ARIMATEIA**

Acho sim! Essa é uma forma de suicídio lento que, aos poucos, vai nos comendo, acabando com a gente.

**NATHAN**

Loucura!

**ARIMATEIA**

Quero ver quando a gente começar a sentir os vermes saindo pela boca, pelos olhos, pelo nariz e pelos ouvidos...

**NATHAN**

Meu Deus do Céu! Pare com isso! Você deve estar louco para pensar uma coisa dessas!

**ARIMATEIA**

O que é pior, eu não vejo saída alguma. Fomos enterrados vivos, e acabou-se. Eis porque estamos aqui todos juntos, tentando se agarrar em alguma coisa. Na verdade, acho que morremos faz algum tempo. É isso. *(Chorou outra vez).*

**BERTOLDO**

Será? *(Ficou assustado)*.

**NATHAN**

Acho que você não tá legal, cara. Mas eu tenho uma ideia. Que tal a gente subir esse caibro até ao teto e descobrir se há alguma saída, hã?

**BERTOLDO**

É uma boa ideia! *(Reavivou a esperança)*.

**ARIMATEIA**

Sem dúvida, é uma ótima ideia! Mas quem garante que um de nós tem força suficiente para alcançar o topo?...

**NATHAN**

Vamos tentar.

**ARIMATEIA**

E se cairmos...?

**NATHAN**

Continuaremos tentando.

**ARIMATEIA**

E se não houver mais força pra subir?...

**NATHAN**

Droga! Continuaremos tentando, tentando...

**ARIMATEIA**

E se ninguém conseguir?...

**NATHAN**

Porra! Conseguiremos, sim! *(Berrou)*.

**BERTOLDO**

Quem vai subir primeiro?

**ARIMATEIA**

Você. Que é o mais valente entre nós!

**NATHAN**

Espere... Vamos decidir isso na “porrinha”, quero dizer, no jogo do palitinho. Conhece?

**BERTOLDO**

Conheço. Comece você.

**NATHAN**

Não. Comece você primeiro.

**ARIMATEIA**

Eu? Por que eu? Primeiro é você! Você é quem teve essa... essa ideia maravilhosa.

**NATHAN**

Bora ver quem vai primeiro, par ou ímpar?

**BERTOLDO**

Eu quero ímpar *(Pausa. Enquanto tenta escalar o caibro)*. Eu... eu não tou conseguindo... tou sem forças...

**ARIMATEIA**

Tenta! Continua tentando!

**BERTOLDO**

Ai, meu Deus... eu... eu tou escorregando... eu vou cair! *(E caiu resfolegando de cansaço)*.

**ARIMATEIA**

Porra. Parece moça! *(Protestou)*.

**BERTOLDO**

Então experimenta pra ver se consegue. Que eu duvido. Vá!

**ARIMATEIA**

Vou mesmo! Quero é ver se não consigo (*Também não conseguiu*). Droga! Eu não consigo!... Tou derrotado!...

**NATHAN**

Agora é a minha vez! (*E foi a mesma coisa*). Gente, eu não tou conseguindo, meu Deus, estou sem forças, também!...

**BERTOLDO**

Tenta!

**ARIMATEIA**

Tenta uma, duas, três vezes, mas tenta, Nathan. Vai! Força, isso!... Tenta mais uma vez! Você é mais jovem do que nós dois. Por isso tem mais energia.

**NATHAN**

Tentarei pela última vez. Agora, ajudem-se a colocar os caixotes um em cima do outro, isso, agora sim, talvez eu consiga.

**BERTOLDO**

Vai Nathan! Força, rapaz! Força!

**ARIMATEIA**

Isso! Aguenta firme! Você vai conseguir!

**NATHAN**

Consegui! (*Gritou de alegria*). Eu consegui!

(*Corte/ blackout/ foco em:*)

**CENA FINAL**

(*Os mesmos, onde Nathan consegue finalmente descobrir o segredo da cela. Há um breve silêncio entre si depois da euforia.*)

**ARIMATEIA**

Que tá espiando? que houve agora?

**BERTOLDO**

Fala alguma coisa, rapaz! Perdeu a língua?

**ARIMATEIA**

Pelo amor de Deus, fale! Diga alguma coisa, garoto!

**BERTOLDO**

Fale! *(Berrou desesperadamente).*

**NATHAN**

Aiiiiiii!!! *(Gritou grandes gritos).* Fomos de fato enterrados vivos. Não há saída. Tudo está lacrado por fora com tijolos e cimento, pedra, tudo, sei lá... Só existe este pequeno buraco no teto por onde respiramos um pouco de ar e penetra a luz do sol, gente. *(Nathan cai em degradação e quase não consegue deter o soluço).*

**ARIMATEIA**

Meu Deus! É por isso que ninguém nos ouve!

**BERTOLDO**

Não é possível, meu Deus! Eu não quero morrer!

**NATHAN**

Eu começo a sentir medo. Muito medo. A gente nunca vai sair dessa. Nunca! Sabiam? A gente vai morrer aos poucos asfixiados!

**ARIMATEIA**

Cala essa boca!

**NATHAN**

Você tem cigarro?

**BERTOLDO**

Quem? Eu? Não fumo, já disse! Quantas vezes tenho que repetir? Pombas!

**NATHAN**

Você tem?

**ARIMATEIA**

Acabou.



**NATHAN**

Droga! Sempre foi assim. Ninguém tem nada pra me dá.

**BERTOLDO**

Largue-me!... Você tá louco!...

**NATHAN**

Seu nojento! Você tá me negando um cigarro?

**ARIMATEIA**

Eu fumei o último! Você não viu?

**NATHAN**

Não devia!

**BERTOLDO**

Parem! Parem! Parem com isso! *(Desapartou os dois)*. Como é que pode? Vocês dois brigarem por causa de um simples cigarro.

**NATHAN**

Desculpe. Acho... acho que é a minha cabeça.

**ARIMATEIA**

Olhe! *(Mostrando a carteira vazia)*. Está vazia, Nathan. Eu nunca fui capaz de enganar ninguém, e muito menos um companheiro de cela.

**NATHAN**

Tá bem. Acho que é isto aqui, essa expectativa de alguma coisa que tá nos deixando neuróticos. É isso.

**BERTOLDO**

Oh, meu Pai do Céu! Até quando? Quanto tempo, meu Deus?

**NATHAN**

E pensar que eu tão jovem, longe de casa...

**ARIMATEIA**

Continue! Desabafe! Que faz bem pro espírito.

**NATHAN**

Eu ... eu tava pensando na minha mãe, no meu pai, nos meus irmãos e nos amigos... *(Chora)*.

**ARIMATEIA**

Compreendo. Acho que estamos num beco sem saída!

**BERTOLDO**

Ouçam!

**ARIMATEIA**

Que foi?

**BERTOLDO**

Psiu! Silêncio! *(Pausa. Enquanto ouvem-se antepassos pisando lá fora e, cá dentro, no buraco, respiração forte, a emoção da fala e dos gestos)*. Tão ouvindo?

**NATHAN**

Alguém parece andar lá fora, lá em cima! Quem sabe se não é o pistoleiro de volta?...

**ARIMATEIA**

Quem tá aí? Alguém táí?

**BERTOLDO**

Tirem-nos daqui! Por favor!

**NATHAN**

Tem alguém aí em cima? Responde! Custa responder? Pelo amor de Deus, ajude-nos a sair daqui! Tire-me daqui!...

**ARIMATEIA**

Pistoleiro! Ei, pistoleiro! Nós estamos aqui dentro! Tire a gente daqui! Ei, pistoleiro! *(Fez-se silêncio outra vez)*.

**BERTOLDO**

Se foi!

**NATHAN**

Acho que não era ninguém. Foi impressão da gente.

**ARIMATEIA**

Mas como sair daqui? Isto aqui é um cativeiro! Eu não vou me habituar a isto. *(Grito)*. Tirem-me daqui!... Eu quero sair daqui!... Me deixem sair daqui, por favor!... *(Nesse instante,, o teto começa a desabar sobre eles soterrando-os)*.

**NATHAN**

Olhem! O teto tá caindo!

**BERTOLDO**

Talvez, estejam passando a máquina lá em cima! Meu Deus!... Eu quero viver! Por favor! Parem a máquina! Parem... Parem com essa...

**ARIMATEIA**

Tudo está caindo! Tirem-me daqui!

**NATHAN**

Por favor! Parem a máquina! Parem... Parem com essa...

**BERTOLDO**

Oh, meu Deus...

**ARIMATEIA**

Por que isso... por que...

FIM DO ESPETÁCULO

CABEÇA  
DE SANTO

# Cabeça de santo<sup>(10)</sup>

1988

## PERSONAGENS

Idalina - jovem

Luiz - jovem

Eroncina - velha

Pai Serafim - velho

Tanael - jovem

Rosinha - adulta

Padre - adulto

Coro - seis ou oito pessoas

## CENÁRIO

Toda cena passa-se num vilarejo do Pará, onde a cobertura das casas é feita de palha de boçu, de ubin ou anajá, à moda do caboclo interiorano, bem como as paredes em madeira ou em barro, muitas vezes, guarnecidas por lona ou por sarrapi-lhas. Se preferir, a gosto do diretor, a situação dramática poderá desenvolver-se em algum subúrbio de Belém, em tempo mais moderno, podendo utilizar outros recursos cênicos, com tablado etc. Todavia, tanto o cenário como o figurino e adereços tem de estar de acordo com os hábitos e os costumes da região, paralelos ao espetáculo. O resto fica ao cargo dos atores.

## TEXTO

Trata-se de uma acentuada dose de humor e crônica, muitas vezes, alimentada por lembranças folclóricas ou evocações tradicionais de minha terra natal: Belém do Pará. Será? Se houver outra indagação dentro da montagem do espetáculo, meu motivo foi o mais simples de todos: o de fazer uma brincadeira com são Francisco de Assis, numa boa. E divertir-me na criação e na obrigação do trabalho sob a dura pena de levar a sério as coisas sérias da vida. Mas nem sempre. *(O Autor)*.



---

(10) 1979 - Prêmio “Elmano de Queiroz” de Teatro da Academia Paraense de Letras; 1980 - Projeto de roteiro cinematográfico, o qual seria realizado pelo cineasta Libero Luxardo; 1981- Leitura Dramática pelos alunos da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará, sob a direção do teatrólogo Cláudio Barradas.

**CENA 1** (*Idalina e Luiz*).

**LUIZ**

(*Que vem da rua, afobado*).

Que coisa mais medonha de acreditar!

**IDALINA**

(*Costura algo*).

Luiz! Pensei que não vinha mais...

**LUIZ**

Idalina, a serpente do velho não me deixa trazer de volta o espantalho, do mesmo jeitinho que anda, ele dá o bote.

**IDALINA**

Foi lá no terreiro de novo?!

**LUIZ**

Fui, Idalina, fui.

**IDALINA**

E Pai Serafim? O que foi que ele disse?

**LUIZ**

Acha que não. Não me devolve o espantalho. Nem faz negócio comigo. Conforme a nossa conversa, num piscar de olho, levei um susto danado, o diabo do velho mugiu feito um boi brabo, daí a pouco foi chegando o pessoal dele, gente de toda parte, esperançados que estavam pela fé de curar suas enfermidades, até beatas com ex-voto de toalhas de renda e um monte de peditório.

**IDALINA**

Meu Pai do Céu!

**LUIZ**

Fizeram dele uma imagem do santo que não é, e botaram um montão de pedido de cura em cima dele, coitado. Idalina, na hora da reza, aquilo tudo mexeu com a minha consciência, pilheriei um pouco por ali, cousa e lousa, quis me levantar do tamborete, mas cadê força? A custo, dei conta de empurrar o banco e me mandei.

**IDALINA**

E vó Erondina, coitada! Que acredita nos milagres, até me aconselha a frequentar o terreiro! *(À essa altura, com uma moringa cheia d'água sobre a cabeça, Erondina, já de volta, escuta a conversa atrás da porta sem ser vista pelo casal).*

**LUIZ**

Vou te contar. Nunca vi velho tão tinoso, tão encapetado como aquele Pai Serafim pra fazer maldade contra a gente.

**IDALINA**

Não, tenho para mim que não é ele não, Luiz.

**LUIZ**

Quem pode ser então?

**IDALINA**

São Francisco de Assis.

**LUIZ**

Idalina, deixa de zombaria...

**IDALINA**

Não tou zoando não, Luiz. Ele cuidou de marcar você. A influência do santo é muito grande entre os outros. Repara. Não é nada, não é nada, mas tudo que você tem feito de lá para cá, até agora, não tem dado certo. E por quê?... A roça tá lá se acabando... O cavalo que tinha pra carregar o carvão morreu, em cima do barranco, a cobra envenenou o cachorro, enfim Luiz, tudo virou uma coisa que não tem mais lá sua serventia. O castigo é mais forte que a vida, nego... Pensa bem. Com pouco, a cidade inteira vai ficar sabendo...

**LUIZ**

Sabendo de quê?

**IDALINA**

De tudo. Que foi você quem pegou uma tora seca de cedro e, com canivete, entalhou um boneco magro, de cara espremida, que nem maracujá murcho, olhos esbugalhados, e que acabou virando santo...

**LUIZ**

Não foi não, Idalina. Tenho certeza. Espantalho não vira santo.

**IDALINA**

Quem vai acreditar em você? Olha! Luiz, você cometeu um sacrilégio e dos grandes.

**LUIZ**

Não cometi não, juro. Palavra de honra. Quando eu tava entalhando, fiz sem intenção de ofender o santo. Tu não te lembras? Tudo começou com uma brincadeira. Foi tudo uma desforra calada com o Berlamino da Rosinha que andava de pileque comigo e já tinha o apelido de “Cabeça de santo”.

**IDALINA**

E você deu fé também? *(Acomoda-se no chão ao lado dele).*

**LUIZ**

Dei sim! A olhar para ele era desapontada para baixo, no feitio de pera. Aí fui colocando para fora do pau a ideia que me vinha na cabeça. Me precipiei a entalhar escritinho a cara dele. Agora, o povo reza para ele sem preconceito.

**IDALINA**

Que heresia essa tua, entalhando São Francisco de Assis, Luiz? Tu és doído? *(Ri baixinho).* Que Deus me perdoe por estar rindo!

**LUIZ**

É assim mesmo. Psiuuuuu... Ri baixinho, Idalina. Vó Erondina pode escutar.

**IDALINA**

Escuta não. Ela foi apanhar água na cacimba. Bem que eu gostaria de ver a cara dela. Ela se apegou ao santo por causa dos milagres.

**LUIZ**

Coitada da velha. Ela tem fé nas coisas. Assim como o povo tá tão crente nos milagres dele.



**IDALINA**

Um defeito que não tenho, é o de acreditar nessas coisas de milagres... Eu hein! Acredito mais custa!

**LUIZ**

Lembra? Quando...

**IDALINA**

Olha! Luiz, vou te dizer uma coisa, povo que paga promessa não acreditar que aquilo seja um espantalho, nem mesmo o Sr. Vigário, é difícil de acreditar, viu Luiz.

**LUIZ**

E não é pra acreditar, mesmo, Idalina, o espantalho fitando bem pra ele, tá escritinho um santo naquele altar. Um, como eu, por mais que não fosse entalhador, jamais acreditaria e apreciava cada vez mais aquela imagem de santo-espantalho. Porra. Idalina, se contar pro povo, é o mesmo que pisar nos calos dessa gente, aí vai ser pior.

**IDALINA**

Nem pense nisso! Mas, se Deus quiser, a gente vai encontrar um jeito de acabar com essa palhaçada toda. Nem que para isso a gente tenha que roubar o santo e fazer uma fogueira dele.

**LUIZ**

Bom, agora cuida, Idalina, me deixa dormir um pouquinho. (Encolhe o corpo e coloca a cabeça em cima das pernas dela).

**IDALINA**

Ah, Luiz! ... Axi! ... Assim não dá... Fico danada de raiva quando você chega assim, com essa moleza, credo! ... anda, Luiz, vamos pro quarto... Vamos pra cama, anda! Vem, nego, preciso tanto de você esta noite, anda, nego!

**LUIZ**

Pra fornicar? Não. Tou cansado, Idalina. Deixa primeiro ir embora esse cansaço.

**IDALINA**

Que cansaço coisa nenhuma. Tá vendo? Até pra fornicar tu tás assim, molongó... Quer um cafunezinho?

**LUIZ**

Hum! Isso é bom... Faz, nega, faz... *(Nesse instante, Erondina faz pigarro com que anunciar sua preença, entra em cena, carregando a moringa na cabeça).*

**CENA 2** *(Os mesmos e Erondina).*

**ERONDINA**

Me ajuda aqui, Idalina... tou ficando tonta coma bilha d'água. Vôte. Até parece que a velha vai morrer, daqui a pouco de fraqueza, Virgem Santa.

**IDALINA**

Teimosia sua! Não devia ter ido. Deixava que eu fosse buscar amanhã, de manhãzinha, mas não, quer porque quer provar que tem os nervos de aço, com essa astúcia de carregar peso. Ainda não percebeu que tá velha e cansada?

**ERONDINA**

Não tão velha e cansada que não possa trabalhar, nem muito menos morta como tu, que não nada, fica aí o dia inteiro matutando pela casa... Sua medrosa.

**IDALINA**

A senhora não tem mais jeito, vó Erondina! Credo. A língua já não cabe mais na boca. Eu hein!

**ERONDINA**

Ara, ara. Tu disse que não pra cacimba a essa hora da noite porque o povo diz que a noite é feita de assombração, que não presta apanhar água na cacimba, nessa horinha, por causa das almas penadas que rondam por lá. Ara ara. Onde já se viu? Olha! Eu tenho medo, mas é dos vivos, isto sim, as almas não fazem mal a ninguém *(Reparando em Luiz)*. Idalina?

**IDALINA**

Senhora!

**ERONDINA**

Não deixa ele dormir aí no chão, não. A frieza do chão faz mal pro corpo. Leva, pequena... Leva ele pra cama, Idalina... anda!

**IDALINA**

Ainda tá cedo. Deixa ele aqui um pouco... *(Luiz finge dormir)*.

**ERONDINA**

Não senhora. Acorda ele com jeitinho. Assim, como está, é pior, pode até pegar doença de pulmão *(Vai saindo para os fundos da casa)*. Olha! Vou fechar a porta da cozinha, depois vou dormir também, tenho que ver amanhã mais um zitinho que vai nascer...

**IDALINA**

Boa noite, vó Erondina *(Pausa)*. Essa tua mãe adotiva é fogo, viu Luiz. Às vezes, ela se torna rabugenta!

**LUIZ**

São coisas da velhice, Idalina. Tenha paciência com ela. Vó Erondina deu a sua vida em troca da minha, quando meus pais morreram na enchente da maré, mesmo viúva de há muitos anos, ela fez de tudo para acabar de me criar. E, se aprendi bons modos, dou graças a ela que mandou me educar em Belém...

**IDALINA**

E por que não ficou por lá?

**LUIZ**

Por que me acostumei com o egoísmo da cidade grande, aí resolvi voltar pra roça... Pro lado dela. Foi quando conheci você, naquela festa do compadre Tanael, lembra? *(Confirma um "sim" com a cabeça)*. Por que parou? Continua com o cafuné, Idalina. Tava gostoso.

**IDALINA**

Ih, parece que essa noite... nada. Nem o cheiro do bicho...

**LUIZ**

Idalina, minha nega, tou mais morto que vivo. Procura entender.

**IDALINA**

É difícil dominar meu pensamento.

**LUIZ**

Então, não pensa naquilo que tá pensando, pronto.

**IDALINA**

É difícil passar sem... Bem... Pra encurtar conversa, a má sorte te acompanha, do jeito como vai, tu vai acabar virando...

**LUIZ**

*(Dá um salto).* Virando? Virando o quê? Que ideia mais sacana, Idalina!

**IDALINA**

Te assustei?

**LUIZ**

Não! Só fez balançar o coreto dos escrotos aqui, pô! Vou acabar me virando!... Me virando em quê?...

**IDALINA**

... em beato de igreja, droga!

**LUIZ**

Ah! Agora, sim, tá explicado.

**IDALINA**

O que era que tu tava pensando? Que eu tivesse dito?

**LUIZ**

Nada. Era besteira minha. Esquece. Deixa agora eu repousar um pouco, tá nega.

**IDALINA**

Não tem jeito, Luiz, já disse! O jeito mesmo é ficar preocupada contigo por causa do espantalho *(Luiz volta a deitar-se no colo dela)*. Se ao menos o Pai Serafim devolvesse o espantalho, depois as coisas se resolveriam, né.

**LUIZ**

Que o espantalho é o Berlamino em figura, cagado e cuspidado, lá isto é! Talvez se fosse gente não se parecesse tanto, nem com ele nem com o São Francisco de Assis. Viu Idalina, dá gosto a gente ver a beleza dele na hora que todo mundo tá rezando, em parte, isso muito me orgulha. Porque vem provar que sou um bom entalhador, mas o que mais me aborrece nisso tudo é ver que o povo leva oferendas pro meu Berlamino e canta rezas. O que é pior, nem posso falar nada na frente de ninguém.

**IDALINA**

Escuta, Luiz, me diz uma coisa, me responde com sinceridade, como o espantalho foi parar no terreiro do ...?

**LUIZ**

Hein? Não te contei, não? Foi astúcia do velho que anda muito na noite por aí. Pai Serafim tem mania de juntar as coisas. Uma noite, contou ele, viu o boneco lá na vargem de arroz e achou parecido com São Francisco de Assis, então, levou pra casa. Dizendo, o encapetado do velho, que era aparição do dito cujo, daí procurou incutir na cabeça do povo de que o espantalho é santo. Magina! Me admiro um homem daquele, sofrido e experiente da vida, que muita marmota não o engana facilmente, se engraçar do boneco! (*Rindo com ironia*). Agora, por razões que desconheço, o meu "Berlamino" virou santo e anda fazendo milagres. Pode?

**IDALINA**

Tou com medo, Luiz. Não sei... Tenho cá meus pressentimentos.

**LUIZ**

Não há de ser nada, Idalina. A gente vai por a roça pra frente, você vai ver, ela voltará a ser o que era antes. Deus não dá asas à serpente.

**IDALINA**

É! Mas quem cala consente.

**LUIZ**

(*Dá outro pulo*). Porra. O que você quer que eu faça?

**IDALINA**

Não grita. Fala baixo, porcária.

**LUIZ**

*(Continua).* Sair por aí de porta em porta avisando que o São Francisco de Assis não é santo, coisa nenhuma? Que é o meu “Berlamino”, o meu espantalho?

**IDALINA**

Ora! Se tem tanto medo assim, por que não tenta através da vó Erondina.

**LUIZ**

Ficou louca? Seria o mesmo que jogar água quente na fervura! Aquelas beatas jamais acreditariam. Não, Idalina. Não vou mexer em casa de marimbondo. Vó Erondina passaria por louca.

**IDALINA**

Mas Luiz! Pensa no nosso futuro.

**LUIZ**

Não, não e não. Não vou prejudicar a minha velhinha, isto não. Muda de assunto, Idalina. Não tou gostando de nada disso.

**IDALINA**

É uma pena! Queria apenas abrir tuas ideias. Só isso.

**LUIZ**

Repara. Tinha delas, que até rezava um terço atrás do outro, pra ele, uma noite inteirinha de penitência...

**IDALINA**

Cruzes! Que exagero! Pra que tanta reza, meu Pai do céu?

**LUIZ**

Pois é. Mas quando acabavam de manhã o resultado era de dar calos nos joelhos ou muita alegria. Não tinha como cortar a empolgação delas. Deus o livre! Você entende isso?

**IDALINA**

É como diz vó Erondina, tu andas azarado, que nem urubu debaixo, lambreado pelo de cima, ultimamente.

**LUIZ**

Não diz besteira (*Bocejando*). Aaaaah... Tou morto de sono, vou dormir... (*Encaminha-se para o quarto*).

**IDALINA**

Amanhã tem festa de dança lá no terreiro da Guiomar.

**LUIZ**

Você vai?

**IDALINA**

Vou sim! (*Aproxima-se dele amorosamente*). O nego vai?

**LUIZ**

Conforme for... Ah... Agora me deixa dormir, Idalina... me deixa, nega... te quieta... o corpo tá cansado, já te falei...

**IDALINA**

(*Virando-se para um lado*). Droga. Dorme então. Não vou te incomodar, não... porcaria. Amanhã quando tu quiser tou nem aí pra ti, vou é tacar pimenta nesse teu troço (*Apagando a lâmparina com um sopro*). Fica aí, parece um inválido... Não sei pra que serve esse troço que tu tem aí entre as pernas?... Não serve de nada!

**CENA 3**

(*Idalina e Erondina. Tempo. Luz. Palco aberto. Erondina vem chegando da rua, tabuleiro cheio de bugigangas, enquanto Idalina está varrendo o saguão da casa*).

**IDALINA**

Já comeu, vó Erondina?

**ERONDINA**

Já. Na casa do Juvenal. Faz um par de horas.

**IDALINA**

Não quer mesmo almoçar? Já tá pronto.

**ERONDINA**

Não, Idalina. Tou cheia... cheinha de mariscos... Faz mal comer de novo. Deixa pra quem quiser. Me ajuda aqui, minha filha, me ajuda a desentrelhar esse tabuleiro... (*Idalina obedece*). Ainda tenho que tirar goma e o tucupi da mandioca a modo de fazer o tacacá...

**IDALINA**

Não tá cansada?

**ERONDINA**

Um pouco. Um pouquinho só. Mas tou acostumada com essa vida de andança, pra riba e pra baixo, aparando filho de uma, aparando filho de outra, de muita geração, até hoje tou vivendo.

**IDALINA**

O que é que vó Erondina faz pra viver tanto assim?

**ERONDINA**

Assim como?

**IDALINA**

Assim, com tanta energia...

**ERONDINA**

Ara ara. Isso é pergunta que se faça? Até a criançada da rua sabe que a gente morre quando Deus quer... Quando ele quer, não tem remédio que dê jeito... Agora, se tenho que morrer de hoje pra amanhã, morro satisfeita...

**IDALINA**

Satisfeita? Mas satisfeita por que, vó Erondina?

**ERONDINA**

Ora por que! Porque esta preta velha aqui já fez muita presepada no mundo, minha filha, já rodou a baiana de muita gente por aí, e viu muita geração nascer e morrer antes de mim. Só por isso. (*Idalina vai até a janela e volta preocupada*).

**IDALINA**

E Luiz que não chega pro almoço! Vó Erondina, a senhora viu o Luiz?



**ERONDINA**

Olha! Vi sim, minha filha! Passou lá na praça. Diz que foi lá pro terreiro do Pai Serafim.

**IDALINA**

Meu Deus do céu! O Luiz é mesmo teimoso. Nossa! Ele me prometeu que não ia mais, lá no terreiro, cobrar o santo de novo.

**ERONDINA**

Credo, Idalina! Desde quando São Francisco de Assis paga imposto de renda? *(Ri baixinho)*. Essa Idalina tem cada uma...

**IDALINA**

*(Saindo aborrecida)*. Diabo, diabo, diabo.

**ERONDINA**

Credo! Idalina, parece que tá vendo assombração pela casa *(Ri)*. Tá vendo cobra no lugar de lagartixa...

**IDALINA**

Mas antes fosse! E queria *(Indo e voltando visivelmente preocupada)*, que todo mundo visse o que tou vendo agora! Quero que... Santa Luzia me cegue se o diabo do Luiz não vai acabar virando beato por causa dessa arrumação!

**ERONDINA**

Mas quando então? Idalina, tá mais é com ciúmes por causa dos rabos de saia que tão lá perto do Luiz.

**IDALINA**

Ah, tou! Não tá vendo os meus olhos cheios de lágrimas? Se o problema fosse só esse, seria de menos. Mas a questão é outra. Para ser sincera, a senhora nem ninguém sabe o que eu sei.

**ERONDINA**

Eu nem quero saber! *(Aborreceu-se)*. Vai atentar o cão com reza. Vai encher tua barriga com farinha, vai! E me deixa trabalhar sossegada. Eu preciso aprontar o meu tacacá. Sai daqui, sua porcaria! Fica perto de quem come e longe de quem trabalha. Ara ara.

**IDALINA**

Tá aborrecida comigo? *(Dá de ombro)*. Azeite! *(E sai para o fundo da casa)*. nunca vi gente mais embirrenta. Eu hein!

*(Luz. Palco aberto noutro plano. No palco, está Tanael acabando de almoçar, amassando o feijão com farinha e fazendo "macaquinhos" de pirão com a mão, dentro de uma cuia pitinga etc. Lá de dentro, ouvem-se apenas a voz de uma mulher que fala como quem anda pela casa e ajeita as coisas no lugar).*

**CENA 4** *(Voz feminina, Tanael e Pai Serafim).*

**TANAEL**

Arre. Chega tou empachado, mãe.

**VOZ FEMININA**

Bem feito! A gente come pra viver e não pra morrer. Tanael, mal comparando, tá mais parecendo o filho do Manezinho, não podia ver comida que en-doidava, comia que nem bicho.

**TANAEL**

E não é bom, barriga cheia?

**VOZ FEMININA**

Quando tem.

**TANAEL**

*(Olhando pela janela do saguão)*. Ih, mãe! Aí vem vindo Pai Serafim.

**VOZ FEMININA**

Penitência. O filho da mãe tá velho, mas não deixa de macumbar. Agora uma noite assim, outra não, o velho vem avisar de porta em porta, uma noite de batuque, outra de ladainha lá no barraco dele...

**TANAEL**

Ele já tá chegando, mãe. Disfarça um pouco.

**VOZ FEMININA**

Atende ele, que agora tou ocupada... *(A mulher começa a cantar e o filho intervém)*.

**TANAEL**

Desse jeito, mãe? Cala o bico (*Entre dente*). Aí vem ele... (*Faz-se silêncio*).

**PAI SERAFIM**

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**TANAEL**

Para sempre seja louvado. O que é hoje?

**PAI SERAFIM**

Ladainha. Cadê dona Sara? Dê o aviso pra ela (*Saindo ao mesmo tempo*). Que eu ainda tenho que avisar os outro.

**TANAEL**

Tá. Pai Serafim! Um minutinho só... Me diga uma coisa, apenas por curiosidade minha, também não precisa responder, mas se quiser... Eu fico satisfeito.

**PAI SERAFIM**

Ora! Deixe de arroteios comigo e faça sua pergunta se isso lhe satisfaz!

**TANAEL**

Pai serafim, por que o senhor gosta de umbanda e reza ladainha?

**PAI SERAFIM**

Pois eu lhe respondo com outra pergunta: por acaso, o povo não tá inserido nesse contexto hoje em dia? Pois é, cabara... Gosto de Umbanda, do mesmo jeitinho que você é sacristão na igreja do Pe. Bento, porque foi na umbanda que curei meus pileques, minhas mania... Coisas que não prestavam e tavam me prejudicando a torto e a direito. Desde então, tenho servido a dois senhores.

**TANAEL**

Mas o senhor já tinha essa vocação para a umbanda?

**PAI SERAFIM**

Já! Ih, desde o meu tempo de molecote. Mas precisei sofrer muito, mas muito mesmo, pra chegar a baiá no terreiro. Só vivia tomando pinga com os outro, fazendo arruaça das grandes na rua. Enfim, comprava briga com todo mundo. E brigava com um demônio.

**TANAEL**

Santo Cristo! *(Faz o sinal da cruz).*

**PAI SERAFIM**

Não tinha força de homem mais taludo que me domasse. Tudo era inferno e danação misturada com violência.

**TANAEL**

E daí? O que houve depois com o senhor?

**PAI SERAFIM**

Me levaram pro hospício, cabra, lá descobriram que o meu “causo” era outro, não tinha nada, nada de loucura. Era coisa do fundo...

**TANAEL**

*(Estarrecido).* Era, como se diz, Exu...

**PAI SERAFIM**

Não. Era uma mistificação assombrosa. Dessa de arrepiar o cabelinho da venta. Enquanto eu não cumpria com a obrigação, que trazia de berço, aqui-lo continuava me azarando. Aí minha mãe – que Deus a tenha em bom lugar! – deu que conhecia a dona de um terreiro e me levou pra lá, onde acabei entrando na roda. *(Ri baixinho).* A negra Minervina trabalhava pras sete linha.

**TANAEL**

*(Batendo na madeira).* Cruz credo! Ave Maria, Ave Maria!...

**PAI SERAFIM**

Também conhece as sete linha, cabra?

**TANAEL**

*(Sem jeito).* Não, não. Deus me livre!

**PAI SERAFIM**

Olha! Vi muito neguinho de crista caída por causa da macumbagem daquela negra. Vote. Aquilo era macumba no duro. Pegava mesmo. Fazia marido enjoar da mulher, botava sapo na barriga de alguém, mandava desfazer qualquer feitiço, qualquer amorosidade, olha, o diabo a quatro. Aquela negrita, era macumbeira de mão cheia. Era das boa. Mas agora... do quê se

tem conhecimento, bem pouco restam por aí... Bom, deixe-se ir andando... Porque no fundo da noite, logo mais, bem dentro dela, gente de umbanda nos guia, nos vigia, nos catuca pro terreiro, faz a ronda... Até raças! Pobres e ricos. Todo mundo procura a umbanda (*Vai saindo*). Até, cabra!... Vou cumprir missão que me deram.

### **TANAEL**

(*Indeciso*). Pai Serafim!... Eu... Qualquer noite dessas vou lá no terreiro... Posso ir?

### **PAI SERAFIM**

Por que não? Vá mesmo, criatura. Vá tomar um passe. E pelo que tou vendendo, quem sabe? Você é cavalo e precisa desenvolver, em vez de andar tomando o vinho do santo padre (*Risos*).

(*Tempo. Luz. No terreiro, Pai Serafim prepara o incenso no defumador. Ao fundo, ver-se o altar do santo enfeitado de fitas e velas, depois entra em cena Erondina cheia de raiva e zombaria*).

### **CENA 5** (*Pai Serafim e Erondina*).

### **ERONDINA**

(*Indo em direção ao altar recostado num canto*). Louvado seja o “nosso” senhor Jesus Cristo.

### **PAI SERAFIM**

Para sempre seja louvado.

### **ERONDINA**

Mas não esse pedaço de madeira!... Esse traste aí... (*Reparando no santo*). Esse molambo de carne velha nunca viu coisa igual, tão parecido... tão semelhante.

### **PAI SERAFIM**

Deu agora pra caducar, vó Erondina? O que é que você tem?

### **ERONDINA**

Nada.

### **PAI SERAFIM**

Pois sim! Você não me engana, acho que esse nada é tudo para tua alma.

**ERONDINA**

Quem disse que a velha tem alma?

**PAI SERAFIM**

Tá visto que a velha tá nervosa... Eu nunca vi você assim. Você caiu?

**ERONDINA**

Não.

**PAI SERAFIM**

Você não tem nada mesmo? Ou tá fingindo que não tem?

**ERONDINA**

Já disse, velhos: nada. Não tenho nada.

**PAI SERAFIM**

Então algum parto não deu certo e alguém maltratou a velha. Só pode.

**ERONDINA**

Não, homem dos inferno. Por que haverá? Não faço mal a ninguém, depois as criança que a velha aparou tão até hoje passando bem, gozando saúde.

**PAI SERAFIM**

Pois então, me responda direito, sua atrevida. Custa responder? Custa?

**ERONDINA**

Ara ara. E não tou respondendo?

**PAI SERAFIM**

Não. Você tá fingindo. E pelo tempo que conheço, vó Erondina, tenho para mim que a velha tá com minhocas na cabeça, viu... Tá me ocultando qualquer coisa. Foi por "causo" da ladainha que deixei de avisar uma semana? Olha velha, eu tava ruim dos bofe, não dava pra dar um chega até lá, mas mandei aquele sacrista do Tuité te avisar. Ele não avisou?

**ERONDINA**

Pai Serafim, vigie... Só saio daquele cativheiro quando as comadres me andam chamar, na hora que a mulher vai ter filho, quando não, passo a manhã cedinho fazendo tapioca, ou ajudando a Idalina a enxaguar a roupa,

à tarde fico de novo no fogareiro, fazendo cuscuz e cozinhando pupunha pro pessoal da Vila. Mal vejo a vizinhança toda, ou tenho tempo de coçar, ou pra mode de vim aqui, ou dá um cochilo. Portanto, pra mim, isso é coisa pouca, não vou me aborrecer.

**PAI SERAFIM**

Vôte! Vó Erondina tá deveras de fígado azedo hoje, hein?

**ERONDINA**

Tou sim! (*Começa a esmiuçar fumo na palma da mão e guarnecer o cachimbo*). Tou danada de raiva.

**PAI SERAFIM**

Pela nossa velha amizade, me diz, o que é que tá te atazanando o espírito? Fala pra mim. Senta aí no tamborete, e vamo conversar um pouco. Talvez teje precisando tomar um passe, um banho de descarrego...

**ERONDINA**

Que passe! Que banho coisa nenhuma! (*Olhando pro santo*). Santo! Que santo! Essa porqueira... Berlamino... "Cabeça de santo"... Nunca vi melhor espantador de passarinhos daniscos. Pra mim, não é mais novidade, nem pra você seu santo espantalho duma figa... Se eu tivesse caduca era porque tava caducando, hum!... quem diria! Custu acreditar. Farinha e sal me lave os pecado, mas me curvar perante este um, nunca mais viu, nunca mais...

**PAI SERAFIM**

Mas... Que tá dizendo? Parece que tá perdida nos pensamento, fica olhando dum jeito pro santo, como quem rompe com as coisas de Deus, até me assusta.

**ERONDINA**

Hoje tem reza?

**PAI SERAFIM**

Tem. E muito bem rezada por dona Zuzu. A velha não fica pra puxar o canto?

**ERONDINA**

Não. Só vim aqui porque precisava ver a cara desse "santo" e já vou mi'mbora.

**PAI SERAFIM**

Pois sim! Um dia como hoje a velha ficava, rezava com as outra, até cantava muito bem, tirava uma ladainha que dava gosto de ver. Há qualquer coisa de amargura em você, vó Erondina. Olha! Essa sua indiferença me preocupa. A velha tá esquisita, tá mudada demais de uns dias pra cá, já não é a mesma, não.

**ERONDINA**

Ara ara. Todos nós não mudamos, homem dos quintos? Cada um vai envelhecendo cada ano que passa. Agora, teu velho que, quando envelhece, em vez de criar vergonha na cara, vira é um charlatão de primeira, um embusteiro, assim como você, seu velho capeta.

**PAI SERAFIM**

Vó Erondina.

**ERONDINA**

Esse molambo de carne, não sei mesmo pra que existe, não sei mesmo.

**PAI SERAFIM**

Heresia! Pura heresia! Vó Erondina, fica falando coisa com coisa, não respeita mais o santo. Vôte!

**ERONDINA**

Quê? Esse aí? *(Ri)*. Que Deus me perdoe por caçoar dele! Não respeito nada.

**PAI SERAFIM**

Isso é uma judiação muito grande.

**ERONDINA**

Judiação? Que judiação? Pai Serafim é que tá brincando com as coisa séria que nem o capeta... *(Ao santo)*. Mas, de hoje em diante, seu santo de merda, esta velha parteira não vai ter mais joelho pra se curvar perante espantafreio nenhum.

**PAI SERAFIM**

Vó Erondina! O que tá querendo dizer? Tá querendo tirar alguma desforra da minha cara? Você tá passando da conta!



**ERONDINA**

Ora, ora! Não se faça de bobo! Tou falando dessa diabrura de enfiar na cabeça do povo que o santo é santo. Você tá mais perverso que o capeta. Mais mentiroso do que foi. Posso ser velha mas, ainda, não tou caducando e nem cometendo sacrilégio, como você, seu cara deslambida. Porque mais bobo que o bobo é ouvir o velho dizer que o espantalho do Luiz é São Francisco de Assis.

**PAI SERAFIM**

Ah, a velha tá ficando maluca! Piorada dos miolo.

**ERONDINA**

Maluco tá você. O santo aí nunca foi santo coisa nenhuma! Nem aqui e nem na caixa prego, seu velho macumbeiro. Esse é o Berlamino, o espantalho que o Luiz da Idalina entalhou, a modo de espantar passarinho na roça dele, tirando uma desforra com a cara do finado, marido da beata Rosinha, e que você roubou de lá da vargem de arroz e depois fez o povo acreditar que era...

**PAI SERAFIM**

Chega! Chega de conversa fiada! Não tinha graça eu desconfiar do pobre santo lá no meio do mato, sua linguaruda. Era, isto sim, uma aparição sagrada e que me foi encarregada de mostrar ao povo, a modo de afugentar os maus espírito.

**ERONDINA**

Toma cuidado, velho! Não há nada que não se descubra neste mundo de pecado onde o diabo perdeu as esporas e Deus a paciência. Quando tudo for descoberto, aí quero ver, tudo vai virar inferno pra tua banda, a população inteirinha vai cair em cima de você, até vão queimar o velho como fizeram com os bruxo no passado.

**PAI SERAFIM**

Cala essa boca, infeliz! Você não sabe de nada.

**ERONDINA**

Sei o que você sabe, seu velho tihoso. Com pouco, o povo vai ficar sabendo que foi enganado em sua boa fé, assim como fui. E até me arrependo de ter trazido para cá o meu braço de cedro.

**PAI SERAFIM**

Mas a velha ficou curada do braço perrenge.

**ERONDINA**

Verdade seja dita! Quem me curou foi a fé. Mas não um pedaço de madeira que levou uma semana pra ficar assim.

**PAI SERAFIM**

Louvado seja N. S. Jesus Cristo!

**ERONDINA**

Louvado seja o demônio que há de rondar esta casa, velho safado. Mentiroso.

**PAI SERAFIM**

A velha tá de cabeça virada. Nunca vi uma velha mais discomungada como você, tá ouvindo. Até me arrependo de dá confiança pra você.

**ERONDINA**

O velho tá maroadado (*magoado*), vai ser desconjurado por ele, qualquer dia... Mas o que tá feito não tá por fazer, e esse negócio de me arrependo, é conversa fiada: é história pra boi dormir. Mas vou m'imbora antes que o espanhalho faça assombração! Antes que esse velho herege vire mula sem cabeça!

**PAI SERAFIM**

Tua alma tá carregada, vó Erondina, tá precisando de missa!

**ERONDINA**

Olha, coisa ruim! Quem tá precisando é tu. Que vai pagar caro no inferno por isso. Que tá ficando de miolo molhe. Pai Serafim, não é mais cristão! E vai se acabar assim: velho e mentiroso de marca maior. E de tanto ficar aí sentado vai morrer, isto sim, com bicheira na bunda.

**PAI SERAFIM**

Pois te espero na cova, velha sem vergonha. Porque você vai morrer pior que eu... Vai morrer enforcada pelas crianças que abortou, sua velha piolhenta.

**ERONDINA**

Uma foi a tua, negro seboso! A outra foi da tua mãe, aquela zinha safada!

**PAI SERAFIM**

Vá se embora daqui, velha corubenta! Sua doida varrida. Antes que eu te mostre com quantas cajadada na cabeça se faz uma brecha no teu miolo de galinha!

**ERONDINA**

*(Saindo).* Cachorro. Que dá nada o que, coisinha nenhuma! Tá desmoralizado, tu não serve mais pra nada, negro pirento. Seu sem vergonha dum figa. Seu velhaco. Seu macumbeiro safado. Desde quando o espantalho “Berlamino” virou santo, seu peste!

*(la fechar a porta atrás de si, quando deu de cara com Padre Bento que vinha chegando, acompanhado do sacristão, da beata Rosinha etc. Esta cena tem um caráter cômico e melodramático ao se dar o encontro dos personagens).*

**CENA 6** *(Os mesmos, Pe. Bento, Tanael e Rosinha).*

**PADRE**

Virgem Santa! Que gritaria é essa por aqui, vó Erondina?

**ERONDINA**

Padre Bento! O senhor por aqui?

**TANAEL**

Lá da rua deu pra ouvir os berros dela. Nossa mãe!

**ROSINHA**

Verdade! E eu ouvi qualquer coisa referente ao meu Berlamino, que tinha virado santo, será verdade, Padre?

**PADRE**

Cale-se! Não diga tamanha asneira!

**TANAEL**

Eu também acho! O finado era cheio de pecado mortal. Nem poderia entrar no reino do céu!

**PADRE**

Cale-se você também! Ninguém pediu sua opinião.

**ERONDINA**

Sua benção, padre.

**PADRE**

Deus lhe abençoe, filha.

**ERONDINA**

Que mal pergunte, o que veio fazer aqui, padre?

**PADRE**

Não é da sua conta. Isso é um assunto que só a mim diz respeito e ao Pai Serafim. Não se preocupe. Acho bom ela calar essa matraca, a senhora tá ficando com a língua do tamanho de um Boeing.

**TANAEL**

Essa foi boa! *(Ri baixinho)*.

**ROSINHA**

Bem feito pra cara dela! Eu acho é pouco!

**ERONDINA**

Desculpe. Eu não queria me intrometer. Mas, que é uma novidade a presença do santo padre aqui, lá isto é! *(Foi se sentar, isoladamente, num canto onde Pai Serafim estava próximo)*.

**PAI SERAFIM**

Vê se vai agora começar com a esculhambação na frente do santo padre.

**ERONDINA**

Hum!... Não duvida não, velho... Sou pior que cascavel no mato quando quer dar o bote, visse.

**PADRE**

Bom, recebi seu recado Pai Serafim, aqui estou. Como é que vai o nosso santo milagroso? O senhor já pensou em nosso acordo? Enfim, a que conclusão o senhor chegou?

**PAI SERAFIM**

O santo padre vai levar.

**TANAEL**

Que ótimo! Graças a Deus!

**ROSINHA**

Que bom! Assim a nossa paróquia não estará vazinha de gente, apenas ocupada pelos anjos e santos que, por sua vez, não tem como dizer... O mesmo potencial, a mesmíssima influência que tem São Francisco de Assis.

**TANAEL**

Eu também acho. Afinal de contas, é na igreja o lugar do santo, lá ele estará mais bem guardado.

**PADRE**

Oh! Sem dúvida, sem dúvida! E, sem a voz dos fiéis, automaticamente, não haveria mais missa neste lugar, isto é, com exceção da famosa ladainha do Pai Serafim. O que, a meu ver, não é interessante para mim, na qualidade de sacerdote de Deus. Isto pega muito mal, quer dizer, não fica bem para uma igreja, sem o santo milagroso!

**PAI SERAFIM**

Hum hum. Nunca pensei que o tal Berlamino depois de morto fosse causar tanta confusão.

**ROSINHA**

Que foi que disse?!

**PAI SERAFIM**

Nada não. Eu ... eu só tava assuntando um pensamento longe.

**ROSINHA**

Não, senhor. O senhor falou qualquer coisa sobre o meu Berlamino.

**PAI SERAFIM**

Foi nada disso. Qual o quê? Eu me referia ao pobre santo que tá triste, cheinho de mofo, longe da igreja.

**ROSINHA**

Pai Serafim, Padre Bento, a coisa que mais tenho apurada, são os meus ouvidos. Eu não sou doída, não. Nem tou caduca.

**PADRE**

Cale-se! Que eu saiba, neste mundo de meu Deus, nunca ouvi dizer que o seu Berlamino fosse parecido com o São Francisco de Assis, muito menos santo como ele, ao contrário: era um grandessíssimo pau d'água, farrista e mulhereengo, não se esqueça disso.

**ROSINHA**

*(Envergonhada)*. Padre Bento!

**PADRE**

É isto mesmo! E eu não retiro o que disse.

**ERONDINA**

*(Rindo)*. Bem feito, sua papa hóstia! É assim que tu me paga, sua vara de quiabo!

**ROSINHA**

Com licença da palavra, vá para o inferno, sua bruxa velha!

**ERONDINA**

Quê? Bruxa velha? Bruxa velha é a vó torta da tua mãe, que morreu de fome e virou formigueiro.

**ROSINHA**

Minha Santa Mãe de Deus! Nunca ouvi tamanho insulto!

**TANAEL**

Nem eu!

**PADRE**

Silêncio! Silêncio! Vamos parar com essa discussão sem fundamento. Me admiro da senhora beata Rosinha em se trocar com a vó Erondina, uma senhora de idade, pra falar com franqueza, sem escrúpulos com nada, sem uma certa educação, um certo afinamento com pessoas de nossa natureza *(Olha para o santo)*, muito menos consideração e respeito com as coisas de Deus.

**ERONDINA**

Quê? Educação eu tenho, sim, senhor padre. Agora, não vou deixar é ninguém pisar nos meus calo, passar a mão na minha bunda pra ver se tou ca-

gada, pois esta velha aqui não leva desaforo pra casa. Nem veio ao mundo, a modo de se igualar a ninguém, inda mais, com essa papa hóstia dumma figa.

**ROSINHA**

Oh! Que desaforo! Que horror!

**PADRE**

Calem-se pelo amor de Deus. Que coisa! *(Fez-se silêncio)*. Ahhh... Deus que me perdoe pelo que eu vou dizer, mas desde quando cheguei aqui, nesta casa, a minha presença parece causar uma grande confusão, uma torre de Babel! Nunca pensei em trazer problemas para o senhor, Pai Serafim, nunca pensei que a minha presença fosse causar tanto mal-entendido, até parece obra de satanáas. Ave Maria, Ave Maria *(Faz o sinal da cruz)*. Ufa!

**PAI SERAFIM**

Pelo que entendi, o santo padre tá querendo dizer que o povo de quibanda tá rondando todos nós aqui, então, vou tirar esse descarrego... *(Começa a defumar o ambiente, inclusive embaixo das pernas do Padre etc.)*.

**PADRE**

Que tá fazendo? Eu não sei dessas coisas. Eu não quis dizer nada.

**PAI SERAFIM**

Antão, pensou qualquer coisa, pois quem tem boca diz o que quer e quem tem ouvido, ouve se quiser. Acho bom o senhor levar o santo agorinha mesmo...

**PADRE**

Ótimo. *(À beata Rosinha)*. Por favor, o papel em branco?

**ROSINHA**

*(Distraidamente)*. Ah, sim... *(Retirando da bolsa preta)*. Aqui está... *(Entregando o papel em branco ao padre)*. Graças a Deus!... Nunca mais vamos ver a igreja vazia, né padre? ... Só com aqueles quatro ou cinco gatos pingados que mal podem dar sua contribuição para a manutenção da paróquia.

**PADRE**

*(Segredando)*. Comporte-se. Olha o vexame. *(Indo ao Pai Serafim)*. O Pai Serafim não se importa ao assinar uma folha em branco, não? É apenas um proto-

colo da nossa parte, a fim de provar que o santo vai ficar, temporariamente, em nossa capela. Não se assuste.

**PAI SERAFIM**

Teje tranquilo... que o velho ainda tem palavra. Não precisa assinar uma folha em branco...

**PADRE**

Ótimo. Não é de admirar, vê-se logo, que o Pai Serafim nunca tratou de negócios. Mas, pelo menos, gostaria de saber por que não quer assinar o documento?

**PAI SERAFIM**

Eu não sei escrever. Sou burro de pai e mãe, tá escrito.

**PADRE**

Ótimo. Quero dizer, assine a rogo, dona Rosinha, bem aqui. Ótimo! Ótimo! Isto é que é chamar de espécie de adjuntório do povo pelo povo. Ao mesmo tempo, trata-se de uma ação filantrópica da parte do Pai Serafim, que será lembrado, naturalmente, com carinho por todos nós, inclusive em nossas orações. Não é mesmo, sacristão?

**TANAEL**

Claro... *(Sem jeito)*. Claro que é, né padre?

**ROSINHA**

E certamente o Pai Serafim voltará a frequentar a igreja, afinal, vivemos em pleno ecumenismo, não é mesmo. Por outro lado, da nossa parte, cumprimos com a nossa obrigação de vir trazer algum adiantamento pro senhor. Não é mesmo, padre?

**PADRE**

*(Sem graça)*. Claro.

**ROSINHA**

É claro que nós viremos semanalmente trazer a sua partezinha... Será nada mais, nada menos, uns cinquenta por cento pra cada um.



**PAI SERAFIM**

Chega! *(Berrou. Enquanto os outros se assustaram)*. Eu não quero isso... antão, quero esclarecer uma verdade a modo de afugentar as más língua...

**ROSINHA**

Que verdade, Pai Serafim?

**PAI SERAFIM**

*(Visivelmente dramático)*. Aaaahh, eu não sei... sei lá... Nem sei como explicar... Nem sei se devo tocar no assunto, mas... Deus me perdoa...

**ROSINHA**

Ah! Já sei. Já entendi. Ora, Pai Serafim, não se acanhe. Nada de cerimônia com a gente. Não fique constrangido, não. O senhor está diante de duas criaturas esclarecidas, altamente religiosas e compreensivas, que sou eu e padre Bento, portanto, nós entendemos *(entenderemos)* perfeitamente o seu problema.

**PAI SERAFIM**

Por favor, gente... Eu só queria...

**ROSINHA**

Não, não. Nada disso. O senhor tem que aceitar a nossa proposta, a gente faz questão. Magina! Seria uma desfeita muito grande. Uma ofensa!

**PADRE**

Claro! Nó fazemos questão de lhe dar a sua parte!

**PAI SERAFIM**

Antão, peraí um instante... *(Pausa. Enquanto Pai Serafim vai até o altar e retira o santo com esforço)*. Vem cá, seu daníscio... Hoje "Cabeça" tu me paga o novo e o velho...

**PADRE**

Pai Serafim! Tá ralhando com o santo?

**PAI SERAFIM**

Tou não. Tou é brincando com ele... Teimosia dele é minha derrota... Já me trouxe muito aperreio, muito aborrecimento, esse fútil...

**ROSINHA**

Minha Santa Luzia! Custa acreditar no que tou vendo!

**TANAEL**

Deus padre! *(Enquanto o padre, o sacristão e a beata ajudam a envolver o santo numa toalha de renda, Pai Serafim apanha um chicote e o açoita duas vezes).*

**PAI SERAFIM**

Anda!... Deixa de prosa comigo, ai do terreiro... Ou te dou mais chicotadas daquelas...

**ROSINHA**

*(Fica na frente do santo).* Não! Pelo leite que você mamou em criança! E nome de Deus, Pai Serafim, não faça isso!

**PADRE**

Que maldade, Pai Serafim! Por que fez isso? Não compreendo. Tá querendo castigar o santo agora pelos pecados cometidos no passado. Ora, ora!

**PAI SERAFIM**

Ele já me deu muita dor de cabeça hoje... Leva esse diacho pra bem longe da minha vista...

**TANAEL**

Virgem Santa!

**ROSINHA**

Minha Nossa Senhora de Nazaré!

**PADRE**

O Pai Serafim endoidou. Só pode. Dona Rosinha, traga um pouco de água benta pra jogar no Pai serafim...

**PAI SERAFIM**

Não perca seu tempo. Faz de conta que o velho tá com a alma pura e lavrada se livrando dele. Tinha até graça jogar água benta no Pai Serafim! *(Nesse instante, vão chegando algumas pessoas para a ladainha etc.).*

**PADRE**

Ótimo! Está tudo bem. Assim não perco meu tempo em serviço, digo, a serviço de Deus. Quanto mais breve a gente se entender, melhor, é necessário que se diga. E aproveitando a sua “deixa” Pai Serafim, a gente vai embora...

**ERONDINA**

Com licença, indagorinha eu não tinha entrado na conversa, pro modo ninguém me chamar de enxerida, mas que vieram fazer aqui?

**POVO**

Vimos pra ladainha...

**ERONDINA**

Pois então eu tenho uma pra contar pra vocês. Ouçam! Venham ouvir a história do santo que não é santo merda nenhuma! É, isto sim, o “Berlamino” da beata da Rosinha!... O espantalho que o Luiz da Idalina entalhou, a modo de espantar passarinho! E que foi roubado lá da vargem de arroz pelo Pai Serafim... Que incutiu na cabeça do povo que o espantalho era santo!

**POVO**

*(Saindo).* Santo Cristo!... Vó Erondina ficou louca!... Padre, leve a velha pro asilo!... Ei gente, a vó Erondina tá doida!

**ERONDINA**

Vão rir da vó torta!... Beatas assanhada. Quem sabe que o Berlamino dessa zinha tinha o apelido de “Cabeça de Santo”? Que o Luiz da Idalina andava de pileque com ele? Que o apelido dele foi por causa da cabeça dele, que era no feitio de pera?

**PADRE**

Chega, vó Erondina! Isso é um desaforo ao pobre santo! Uma blasfêmia! Uma heresia!

**TANAEL**

Eu também acho!

**ROSINHA**

Uma calúnia sem perdão! Minha senhora, se assim fosse, acho que o meu Berlamino não me ocultaria tamanha honraria, ao morrer.

**ERONDINA**

Como é que podia se era um segredo do Luiz? Que teve a coragem de entalhar isso aí, entalhou o boneco e colocou o nome do pariceiro... Depois, colocou na roça, com uma semana que o boneco tava lá quietinho, no meio da vargem de arroz, vigiando os passarinhos, já não tava mais, o Pai Serafim tinha roubado, trazido ele pra cá, com invencionice de que era santo!

**PADRE**

Sabe o que eu acho? A senhora realmente está precisando de um asilo! Quem diria, hein vó Erondina, a senhora acusar a pessoa de sua maior estima de ladrão! Como se não bastasse, a senhora acabou de levantar falso testemunho, não só contra o Pai Serafim, coitado, mas contra o próprio santo que nenhum mal lhe fez.

**PAI SERAFIM**

Não liga não, padre... Era de se esperar, partindo de uma velha esclerosada. Vó Erondina me provoca de todo jeito que é pra mim ficar com a alma machucada. Mas não vou nessa indignação dela...

**ERONDINA**

*(Indo embora).* Cara de pau... Cão danado... Cachorro pirento... Mal comparando, parece um bando de urubu na carniça... Que sacrilégio! ... Esse filho dos diabo tá levando todo mundo na conversa, até o santo padre caiu no conto do santo espantalho. Olha! Velho... Tas enforcado ao se vender que nem Judas. Tua alma já no inferno, e tá mais frita que nem tainha na banha, nego catíngoso... *(Some-se).*

**PAI SERAFIM**

Te desconfio, oh infeliz!... *(Aos outros).* Não carece tremer de medo, seu padeco... Leve essa marmota pra bem longe daqui...

**PADRE**

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**PAI SERAFIM**

*(Ameaçando-os com o chicote).* Vão saindo!... Vão saindo!...

**ROSINHA**

Ai! Não precisa açoiar a gente!

**PADRE**

Boa... Boa noite, Pai Serafim!

**PAI SERAFIM**

Vão, vão, vão saindo daqui!... E pode deixar que a cambada de sem vergonho vão roçar o joelho lá na igreja, até criar calo... *(Ri)*.

*(Tempo. Luz. Palco aberto. Enquanto Luiz troca de roupa e conversa com Idalina.)*

**CENA 7** *(Idalina e Luiz)*.

**LUIZ**

Cadê a minha camisa branca?

**IDALINA**

Tá em cima da cadeira, nego.

**LUIZ**

*(Reparando na camisa)*. Hummmmmmm... Tá cheirosa. Que perfume é esse?

**IDALINA**

Também esqueceu? ... É catinga de mulata... Como você gosta.

**LUIZ**

Annh!... É... Tá tão limpinha, tão passada que...

**IDALINA**

Não quero o meu nego andando amarrotado por aí. Dá o que falar.

**LUIZ**

Idalina...

**IDALINA**

Fala, nego!

**LUIZ**

Faz uma porrada de tempo que você não sai. Por quê?

**IDALINA**

Por nada. É que não me dá vontade.

**LUIZ**

A Idalina bem que podia ir com a gente.

**IDALINA**

A procissão do santo? Vou não. Vou mais custa!

**LUIZ**

Lá você se distrairia um pouco...

**IDALINA**

Mas não vou. Não tou com vontade.

**LUIZ**

Que moleza, Idalina! Reza faz bem, criatura de Deus. Faz bem a gente. À alma da gente. Ela fica mais leve. A gente dorme com mais sossego.

**IDALINA**

Você vai mesmo?

**LUIZ**

Vou sim! Deus me livre se eu não for! O padre Bento me engasga.

**IDALINA**

Eu sei...

**LUIZ**

Depois, Idalina, a gente que vive neste mundo conturbado, com tanto crime, com tanta violência espalhada por aí, a gente tem mais é que se agarrar em qualquer coisa, numa crença, por exemplo, a fim de salvaguardar as coisas do espírito, compreende. Não se pode viver que nem ateu que não acredita em nada espiritualmente.

**IDALINA**

Quer dizer que você vai mesmo me deixar aqui sozinha?

**LUIZ**

Vou, Idalina. Eu preciso. Olha! Também tem festa de dança, Idalina ... e arraial!

**IDALINA**

Eu sei! Mas não quero ir e pronto.

**LUIZ**

E por que você não quer ir então? Fica aí nessa morrinha o dia todo. Vem, Idalina!... Faz isso por mim! Anda ... Bota aquela roupa de domingo, anda!...

**IDALINA**

Não vou, Luiz. Não insiste. Não gosto daquela gente abusada.

**LUIZ**

Por que diz isso? Por causa do espantalho?

**IDALINA**

Não sei. Talvez sim, talvez não.

**LUIZ**

Então te entendo menos ainda a cada dia passa. (Breve pausa).

**IDALINA**

Luiz!...

**LUIZ**

Fala!

**IDALINA**

Sabe? Prefiro ficar só... Sozinha... lembrando certas coisas.

**LUIZ**

Lembrando o quê?

**IDALINA**

A nossa vida passada. Tanto tempo ficou pensando... De noite, durante o dia, toda hora, Luiz! (*Chora*). Você tá cada vez distante de mim. A gente nun-

ca teve um filho. E você sempre adiando isso. Enfim, eles me roubaram você, nego. Transformaram você em beato de igreja... Tudo por causa daquele maldito espantalho, eu sei, sei lá...

**LUIZ**

Não diz asneira, Idalina. Para com esse teu choro besta. Pra que isso agora? Eu não tou aqui?... Pertinho de você, hã?

**IDALINA**

Mas é como se não estivesse, é diferente...

**LUIZ**

Diferente por quê? Por que a gente não tem um filho? Ora! Isso nunca foi problema. Até porque, um filho tem que ser planejado hoje em dia, eu já te falei isso!

**IDALINA**

Não, não tou me referindo a isso. Mas diante da tua estranheza eu só posso imaginar que estejas de rabicho preso com outra por aí.

**LUIZ**

Ah! Agora o ciúme? *(Saindo de perto dela)*. Essa não! Bom, se você não vai, eu vou... Preciso ir, Idalina...

**IDALINA**

*(Enxugando as lágrimas no vestido)*. Pode ir, nego. Vá! Por mim, pode ir. Divirta-se com quem quiser ou com o que puder. Quando voltar tem café bem forte na garrafa, viu.

**LUIZ**

*(Da porta)*. Olha! Não deixa não. *(Vai saindo)*.

**IDALINA**

Por que, Luiz?

**LUIZ**

*(Sumindo)*. Porque... porque não volte hoje, nega...



*(Tempo. Luz. Palco aberto em 2 planos. No 1º Plano está Idalina abraçada à roupa íntima de Luiz e no 2º plano, Erondina ajeita as panelas no tabuleiro para vender tacacá na porta de casa. Depois, Idalina vem ajudar a velha nos apetrechos, levando as cuias no alguidar e reparando o fogo no fogareiro. Enquanto conversam. Esta cena exige movimento natural).*

**CENA FINAL** *(Erondina, Idalina e a Procissão).*

**ERONDINA**

*(Resmungando).* Minha filha, depois que eu tive aquela com o padre e os outros, ninguém mais acreditou na velha, até perdi a confiança das comadre, as crianças agora têm nascido na mão das outra por aí, ou nos hospital.

**IDALINA**

Hipocrisia. Pura hipocrisia. Cachorras! A vontade que tenho é de tacar o tapa na cara delas, ir na porrada com elas. Aquelas nojentas!

**ERONDINA**

Deixa pra lá, Idalina... Não esquenta... Esquece, minha filha. Depois que adianta? É causo que nem ligo!...

**IDALINA**

Hein vó Erondina? A senhora não sabe nada do Luiz? Se Luiz tem outra mulher na rua?... Alguma beta enxerida?

**ERONDINA**

Não, Idalina. Luiz é homem bom, minha filha... acredita... ou tá na roça ou na igreja cumprindo com as obrigação dele... é plantando maniva... é ajudando o padre na missa, nem vai quase na cidade... Olha, quem leva e traz encomenda pra ele é o Rafael, filho da comadre Ambrosina.

**IDALINA**

*(Categoricamente).* E por que Luiz num trepa mais, vó Erondina?

**ERONDINA**

Credo, Idalina! Que palavreado é esse, pequena! Isso são modo de falar do seu marido?

**IDALINA**

Desculpe. Acho que a senhora entendeu, né? Droga! Claro que ele virou beato! Mas beato também funciona, né não vó Erondina? Que diabo. A não ser que isso tudo esteja acontecendo entre a gente por castigo do santo, sei lá... qualquer coisa assim... ou então, ele tem outra por aí e não quer e dizer.

**ERONDINA**

Sabe duma coisa? Idalina tá botando pólvora dentro do corpo, tá vendo coisa onde não deve, tipo formiga, quando quer se perder, cria asa.

**IDALINA**

Tou sim! Tou em tempo de explodir!

**ERONDINA**

Baixa teu fogo, Idalina. Tenha paciência com ele. Vai ver que não é nada.

**IDALINA**

Vó Erondina, me ajude! Senão, ainda vou acabar fazendo uma desgraça com Luiz. Eu nunca ouvi dizer que mulher alguma passa sem homem nenhum, a não ser depois de velha. Mas eu tou jovem, vó Erondina.

**ERONDINA**

Garra de pensar besteira. Deixa... Deixa que eu vou falar com ele. Agora, vem me ajudar, anda!... Cuida, Idalina... Daqui com pouco começa chegar gente pra beber tacacá...

**IDALINA**

*(Abanando o fogareiro).* Vó Erondina, o fogo pegou!

**ERONDINA**

Coloca em riba o tucupi pro mode de esquentar, ficar quentinho... *(Idalina obedece).* Agora, fica mexendo a goma pra não embolar, enquanto vou lá dentro... Volto já, já... Só vou buscar a cuia do camarão e o jambu em riba do fogão. *(Breve pausa. Enquanto Idalina ajeita os bancos, lateralmente, para os fregueses se sentarem).*

**VOZES**

*(Ao longe, de fundo).* Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo! Para sempre seja louvado! *(Duas vezes).*

**IDALINA**

Valha-me Nossa Senhora! (*Chamando*). Vó Erondina, oh vó Erondina! Corre aqui depressa!... Vem ver, vó Erondina... Venha logo!

**ERONDINA**

(*Em cena*). Ai, meu Deus do céu! Que é, pequena?

**IDALINA**

Olha lá... (*Apontando*). A procissão do padre Bento que vai passar.

**ERONDINA**

(*Ri*). Lá se vai o "Berlamino" do Luiz! E Luiz atrás! Olhe só! O espantalho que virou santo, né Idalina.

**IDALINA**

É! (*Subindo num banco*). Tem jeitinho mesmo de santo!

**ERONDINA**

E vão tocando bonito! (*Ri*). Quem diria!

**IDALINA**

O pessoal tava comentando que vão levar ele lá praquelas bandas do cemitério, onde ele foi achado.

**ERONDINA**

Ih, minha filha... Então vão chegar de manhãzinha. (*Respira fundo*). É... Pensando bem, parece que é a sina dessa gente, minha filha... A vida é assim mesmo: alegria pra uns e morte pra outros, tenho dito. Depois que esta velha bater as botas, tiver mortinha da silva ninguém mais vai pisar no rabo dela.

**IDALINA**

(*Com afeto*). Ah, vó Erondina, deixe de amargura... A senhora tá com saúde de ferro!... Ainda vai vender muito tacacá, muita tapioca nessa pinoia... Pra encher o rabo deles (*Erondina solta uma gargalhada sonora*).

**ERONDINA**

Benza-te Deus! Deus queira! Deus te ouça!

*(Aqui a procissão toma corpo no palco vindo da plateia. Passam homens e mulheres com velas acesas, rezando e cantando; na frente levam o espantalho do Luiz.)*

**CORO**

*(Masculino)*. Orai pela alma de todos os homens.

**TODOS**

Amém.

**CORO**

*(Feminino)*. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**TODOS**

Para sempre seja louvado. *(Repetem este final duas vezes)*.

**FIM DO ESPETÁCULO**

NEGO

TRIPA

# Nego Tripa

Teatro adulto - 1988

## PERSONAGENS

Vários

## CENÁRIO

Um fundo de quintal, onde vê-se, ao fundo, um barracão de ensaios de boi-bumbá, ou se preferir, uma área de ação onde ocorre todo o espetáculo sujeito a mudanças de cenários, conforme a situação da trama, exigindo recursos cênicos que o teatro popular oferece enriquecendo a montagem.



## CENA 1

*(Mostra dona Gimina chegando cansada e adentrando a porta da sala, onde há alguém costurando fantasia na máquina velha de costura. Depois do falecimento do marido, dona Gimina impõe um certo poder contra a resistência da família em não querer mais botar o "Boi da Lua" nas ruas e nos terreiros juninos, cumprindo assim o pedido do marido antes de morrer).*

### **DONA GIMINA**

Uffa! Nunca andei tanto em minha vida como agora.

### **COSTUREIRA**

Deu pra avisar todo mundo? *(Ficou sem resposta, e sem graça).* Hum! Olhe, dona Gimina, tenho um recado do alfaiate pra...

### **DONA GIMINA**

Já sei, já sei! Vim de lá agora mesmo.

### **COSTUREIRA**

As fantasias já estão prontas?

**DONA GIMINA**

Quase todas. Só faltam alguns arrematezinhos. Coisa pouca. Mas o seu Léo tira isso de letra como bom alfaiate que ele é por essas bandas daqui de Soure.

**COSTUREIRA**

A julgar pelo sorriso estampado em seu rosto, está na cara, que a senhora está feliz em realizar seu sonho este ano, pois não?

**DONA GIMINA**

Muito! Muito! Não só o meu como o do meu falecido marido. Tempos atrás Almerindo pensou montar e fundar um boi pra desfilar apenas nas ruas da cidade de Soure na época junina. Mas infelizmente o meu Almirindo durou muito pouco e não viu o seu sonho transformado numa realidade. Daqui em diante o “Boi da Lua” vai brilhar como se fosse uma estrela no céu.

**COSTUREIRA**

Tenho fé em Deus. Mesmo contra a vontade da família dele.

**DONA GIMINA**

Tenho razões de sobra. Considero o boi-bumbá uma coisa mais linda do nosso folclore popular. É uma manifestação artística que poderá se acabar se os “botadores de boi” não se unirem hoje em dia e recorrerem aos organismos do Estado.

**COSTUREIRA**

Mas quando a maioria pensa assim? Cada qual pro seu lado. Cada um na sua. O resto é papo furado! É falta de iniciativa e criatividade. Não vê a dona Gimina? Resolveu numa hora pra outra colocar o Da Lua no festejo, sem grana, sem nenhum apoio, aproveitando tralhas, reciclando fantasias antigas, do tempo do “ronca” ainda!

**DONA GIMINA**

Também não exagere, viu dona Rosa! Nem que seja uma meia duziazinha de comerciantes daqui de Soure colaboraram sim, né. Isso é muito importante colaborador da nossa festança.

**COSTUREIRA**

Eu sei! O boi também faz parte da nossa cultura. Mas o povo brasileiro dá sempre um jeitinho pra sair tudo bem, não é mesmo?

**DONA GIMINA**

O que está me preocupando agora não é isso.

**COSTUREIRA**

O que é então?

**DONA GIMINA**

O “tripa” do boi. Não tenho ninguém pra fazer o papel do “tripa”.

**COSTUREIRA**

Pronto. Esta aqui já está nos trinquês. Está linda, não tá? (*Exibiu-a enquanto dona Gimina estava pensativa, distante, tão preocupada*). E o seu Chicão não vai sair mais no boi?

**DONA GIMINA**

Vai. Dona Rosa, acontece que já fiz teste com uma porrada deles e ninguém deu conta do recado. Hoje daqui a pouco vai uma outra turma lá pro barracão de ensaios.

**COSTUREIRA**

Olhe! A dona Gimina sabe que eu não sou pessoa de tirar as forças de ninguém nesse mundo, Deus me livre, Deus me defenda duma atitude dessas, mas mea mana, se as coisas não estão dando certo de um lado ou de outro, então desiste desse negócio. Está tudo muito em cima da hora.

**DONA GIMINA**

Desisto nada! Até parece que vocês não me conhecem. Quando eu desejo uma coisa, vou fundo, persigo, insisto, vou à luta, até conseguir um resultado satisfatório. Quer saber mais? Mandei buscar um cabra na Vila de Muaná pra mode resolver esse problema. Tomata que ele me atenda. Mandei um barco buscar ele, daqui à noitinha, ele vai estar por aqui entre nós.

**COSTUREIRA**

Quem já?



**DONA GIMINA**

O Nêgo Barriga! Conhece? *(E foi saindo para o interior da casa).*

**COSTUREIRA**

*(Agilizando as costuras).* Não é aquele que engravidou a Do Carmo do seu Miguel Caipora?

**DONA GIMINA**

*(Dos fundos).* É esse zinho mesmo! *(Puxou a descarga, depois aparece na sala enxugando as mãos na saia).* Foi ele também que buliu com a filha do finado Olegário e outras a gente não tem conta por aí.

**COSTUREIRA**

Nossa mãe! Ô cabrazinho macho! *(Ambas caíram na risada).*

**DONA GIMINA**

Deixe-me ajudá-la um pouco. Me dê essas bainhas por favor.

**CENA 2**

*(Tempo. À boca da noite dona Gimina recebe a visita do Nêgo Barriga em sua casa e que além de puxasaqueiro, bajulador, é seu admirador. Dançarino da fama, bom de "tripa" e de gole, só dava ele na seleção dos biriteiros de Muaná, terra do açaí e do camarão. Era sempre o Nêgo Barriga o ganhador de vitórias nas partidas de "batidas" e caipiroscas pelos bares de Muaná).*

**BARRIGA**

*(Empurrando a porta).* Mandou me chamar, dona Gimina?

**DONA GIMINA**

Mandei sim. Entra, Barriga, vai entrando!

**BARRIGA**

Algum fuxico contra a minha pessoa? Alguma procriação minha por aqui?

**DONA GIMINA**

Sente aí. Como é que foi de maré alta?

**BARRIGA**

Fiz uma viagem ótima. A maré não atrapalhou. Mas diga do que se trata.

**DONA GIMINA**

Dona Rosa...

**COSTUREIRA**

*(Retirando-se da sala).* Já sei! Nem precisa falar. Com licença...

**DONA GIMINA**

Mande-nos servir um cafezinho ou um licor de açaí, por favor.

**BARRIGA**

Prefiro um licor! Meio copo. *(Pausa).* Sim! Me diga o que tenho por fazer.

**DONA GIMINA**

Nêgo Barriga, já tenho todos os instrumentos, até foram distribuídos para os brincantes do boi de acordo com a aptidão de cada integrante. As fantasias já estão praticamente prontas. Os ensaios já começaram, parecia que a coisa ia tudo bem, de repente surgiu um pequeno problema.

**BARRIGA**

*(Recebendo o licor das mãos de dona Rosa).* Que problema? Essa senhora tem a boca linda, os olhos então... *(Enquanto ela saiu de cena).*

**DONA GIMINA**

Barriga! Tenha modos, homem. Que coisa!

**BARRIGA**

Eu tava só brincando. Bom, qual foi o assunto que me trouxe aqui?

**DONA GIMINA**

Rapaz! Todos os componentes do "Boi Lua" passaram pelo teste pra ver quem seria o "tripa" do boi e ninguém deu conta do recado.

**BARRIGA**

Nem o Zé do Pandeiro?

**DONA GIRMINA**

Nem ele, nem o Júlio da Sofia, nem o Catuaba... pro azar meu! Foi aí que o Zé do Pandeiro se lembrou do Nêgo Barriga que já andou fazendo alguma presepada no boi-bumbá do seu Olegário, até foi "tripa" do boi dele...

**BARRIGA**

*(Levantou-se ajeitando as calças).* Ah! Mas isso foi no tempo de rapazola!! Quando eu era moleque, presepeiro, cheio de prosa e fantasia, mas agora... tou fazendo quase nada, a situação mudou, já tou meio quebrado.

**DONA GIRMINA**

Ora homem! Quem foi rei nunca perde a majestade!

**BARRIGA**

É o que todos pensam. Não é a mesma coisa de antigamente quando eu era jovem, cheio de saúde, jagica, muito afoito, agora já tou meio velho, meio usado dona Gimina. *(Deixou escapolar um riso malicioso no canto da boca).*

**DONA GIMINA**

Nêgo Barriga, chega de trololó, vamos ao que nos interessa: sabe ou não sabe do “tripa” de um boi melhor do que você? Veja ele aqui como está. *(Retirou o lençol que lhe cobria a carcaça do boi revestida de veludo num canto de isolamento).* Parece tão triste! Porque na rua a muito não lhe vejam...

**BARRIGA**

Olhe! Me dá dó vendo o bichinho assim coberto de poeira. Sabe dona Gimina? Saber eu sei, né... mas faz uma porrada de tempo que não danço, desde quando se acabou o “Boi Milagroso”, boi da minha predileção, acho até que já desaprendi, sabe como é, a gente que não dança a muito tempo, fica com o corpo duro, sem molejo, sem xinga, fica enferrujado.

**DONA GIMINA**

Mas não é o que dizem por aí. Tenho ouvido muita falação a seu respeito sobre sua desenvoltura no boi, de ponta a ponta, nesta cidade.

**BARRIGA**

É mesmo? Ora que beleza! Eu não sabia. É novidade pra mim.

**DONA GIMINA**

Não fique desconversando. Eu sei que o senhor sabe e faz isso muito bem. Sei até que o “Milagroso” ficou famoso na época por sua causa. Ganhou prêmios e mais prêmios em Belém. Ficou famoso. Virou sucesso.

**BARRIGA**

*(Com orgulho).* E foi verdade mesmo! Não tinha outro boi que fosse o melhor, o mais bonito, o mais organizado, o mais produzido do que o nosso. Dúvido! Fazia gosto brincar nele, dona Gimina. Apesar da proibição política que havia naquela época. Mas todos nós tirávamos de letra. A gente fazia qualquer negócio pra botar o boi na rua. Era bingo, era festa de arraial, era rifas, era sorteio, o escambau a quatro.

**DONA GIMINA**

Ora, ora! É bom ver tanta empolgação. E o Zé do Pandeiro era o encarregado das fantasias e dos instrumentos, não era? Foi ele que me contou também!!

**BARRIGA**

A gente tinha união e respeito pelo boi. Até hoje sentimos saudade daquele tempo que não volta mais.

**DONA GIMINA**

Acredito. É uma pena!

**BARRIGA**

Olhe! Era um boi tão respeitado, tão bonito, tão formoso, dona Gimina, que não tinha melhor cantador, melhor tirador de prosa que o Zé do Pandeiro!!! Êta homem bom de goela! Era de dá gosto para o “tripa” dançar embaixo dele cheio de lantejoulas e estrelas... *(Aproximou-se da carcaça).* Mas o seu é bonitinho também, dona Gimina, tem um veludo bom, de primeira...

**DONA GIMINA**

Experimente!

**BARRIGA**

Eu? Mas quando? *(Deu uma risada baixinho).* Lá vou aguentar!

**DONA GIMINA**

Ele – o Da Lua – é todo seu! Meta-se dentro dele. Mate a sua saudade. Volte a dançar. Dance dentro dele de novo. Dance pra mim, dance pra você. Dance rapaz!!

**BARRIGA**

Será que devo? *(Convincente).* Ra! Vou experimentar. Não custa nada tentar.

*(E saiu dançando pela sala sob os sons dos tambores ao longe, enquanto ocorre mudança de luz no cenário, existindo apenas um foco sobre sua figura dando ênfase ao seu movimento dançante etc.).*

**DONA GIMINA**

*(Na penumbra, emocionada). Excelente! Lindo! Excelente! (Dona Gimina acabou convencendo o Nêgo Barriga a dançar como "tripa" do boi fazendo belas evoluções. Como se ele se imaginasse acompanhado por todo o instrumental próprio do bumbá. Depois parou a dança, deixando ver sua alegria estampada no rosto.)*

**BARRIGA**

Que tal? Passei no teste?

**DONA GIMINA**

*(Com gracejos). Mais ou menos. (Abraçando-o fortemente). Você é ótimo!!*

**BARRIGA**

Gostou mesmo? Ou a senhora tá caçuando da minha cara?

**DONA GIMINA**

Nunca falei tão sério. O Nêgo Barriga é o único nessa região. Acredite!

**BARRIGA**

Então fico feliz. Pensei que eu tivesse enferrujado, mas não tou não... né.

**DONA GIMINA**

Tá inteiro! É o cabra certo, o mais indicado pra dançar no boi como "tripa".

**BARRIGA**

Mas quando já? Ainda faltou muita coisa pra mostrar!

**DONA GIMINA**

Ora! Deixe de modéstia. A partir de hoje já está contratado pra dançar no boi, e será a pessoa mais importante do "Boi da Lua".

**BARRIGA**

Assim, de supetão? Sem dar um ensaio primeiro com a rapaziada?

**DONA GIMINA**

Se depender de mim... Pra mim é coisa de talento. Quem não tem talento, nem criatividade, acaba no fim da fila, acaba sobrando.

**BARRIGA**

Tá certo! Mas eu faço questão de ensaiar com a turma no barracão.

**DONA GIMINA**

Combinado então. Está satisfeito?

**BARRIGA**

Satisfeito é pouco. Tou é muito feliz! E partindo de quem vem o convite... maior é a minha felicidade. Pra mim é uma honra. Vou dançar pra senhora.

**DONA GIMINA**

*(Insinuante)*. Tome bastante cuidado. Um tombo não ficaria bem no palco.

**BARRIGA**

Pode confiar no meu taco. Bote fé! Comigo, o boi arrasa, não tem grilo não, sou cabra de palavra empenhada.

**DONA GIMINA**

Acredito. Então tá combinado assim. Já está contratado e com exclusividade. Nem pense dançar em outro boi a partir de hoje!

**BARRIGA**

Claro que não. Estarei sempre ao seu dispor. Pode confiar em mim.

**DONA GIMINA**

Agora pegue suas coisas e as leve pro barracão, por favor. Lá ficará hospedado e terá suas refeições durante o festejo junino.

**BARRIGA**

Bem aonde fica?

**DONA GIMINA**

No Arraial do Boitento, que era do João da Idália, e como aquilo não foi pra frente nem gerou eventos, acabei comprando e o transformando num espa-

ço cultural alternativo. É pra lá que a moçada nova vai pegar do zabumba e da dança quase toda noite.

**BARRIGA**

Pra mim, tá tudo ótimo!! Porque tou por assim dizer de bolso furado, sem grana, sem nenhum tostão pra comprar linguça. E o Zé do Pandeiro, posso contar com ele?

**DONA GIMINA**

Pode. Claro que pode! Ele é encarregado do instrumental e das fantasias. *(Chamando)*. Dona Rosa!!!

**COSTUREIRA**

*(Saindo de trás da porta, onde estava ouvindo a conversa)*. Diga, mea mana tá precisando de mim?...

**DONA GIMINA**

*(Desconfiada com a empregada)*. Aonde a senhora estava?

**COSTUREIRA**

Aqui pertinho... no atelier de costuras.

**DONA GIMINA**

*(Soltou um gemido)*. Hum! Espero que sim. A senhora sabe do Zé do Pandeiro?

**COSTUREIRA**

Sei não... digo, sei sim! *(Ficou nervosa)*. Ele foi no rumo da alfaiataria "Santa Inez" do seu Léo pra acertar as minudências dos modelitos, depois ele ia apanhar as botas e os calçados com o sapateiro Joca, daí ele ia...

**DONA GIMINA**

Chega! Imagine se a senhora não soubesse de nada. Eu hein!

**COSTUREIRA**

Foi o recado que ele passou pra eu passar pra senhora...

**DONA GIMINA**

Agora vá cuidar de suas obrigações! *(Neste momento, entra o Zé do Pandeiro trazendo algumas tralhas penduradas nos ombros)*.

### **COSTUREIRA**

*(Reparando nele).* Falou no diabo, o rabo logo aparece! Olha ele aí chegando arreliado... Que diabo traz bufando desse jeito, homem? *(E se retirou).*

### **BARRIGA**

*(Alegrou-se ao vê-lo).* Zé do Pandeiro!! Meu bom amigo!

### **ZÉ DO PANDEIRO**

*(Arreando as tralhas no chão).* Nêgo Barriga! Meu companheiro de farra! *(Trocaram abraços e traços de capoeira).* Que bons ventos o trouxe até aqui?

### **BARRIGA**

Dona Gimina. Essa mulher de fibra, inteligente e tenaz, à quem não sabemos dizer NÃO no momento em que ela mais necessita do nosso apoio.

### **ZÉ DO PANDEIRO**

Podes crer, malandro. Vamos nessa. Mas vamos pra valer! *(Indicando as tralhas).* Tá vendo tudo isso aqui, dona Gimina? São as botas, cintos e sapatos que o seu Joca me entregou. Tá tudo safo, tudo nos conformes, pode espisar, pode olhar, dona Gimina.

### **DONA GIMINA**

Estou vendo, estou vendo. É um belo trabalho! O seu Joca é um sapateiro de mãos santas. Faz cada “milagre” em sapatos velhos que só vendo. Olhem este aqui como é que ficou: lindo! Perfeito!

### **BARRIGA**

Bom! Deixando de lado essas tralhas, me leve agora ao barracão de ensaios. Tou cuíra pra saber onde ficaria eu hospedado. Também doido pra tomar um gordo banho dessa água de Soure. Dizem que é a melhor.

### **ZÉ DO PANDEIRO**

Puro bairrismo. Venha comigo, companheiro! Com licença dona Gimina... *(Se retiraram em seguida, auxiliando em suas bagagens, mochilas e uma maleta).*

### **DONA GIMINA**

Boa sorte!!



## **BARRIGA**

*(Tomando o último gole do licor). Pra nós tudo!*

### **CENA 3**

*(A partir daí o Nêgo Barriga passou a ser mais um integrante do "Boi da Lua" o melhor "tripa" dessa brincadeira junina, o mais famoso daquela ilha de Soure, um dos arquipélagos de Marajó. À estas alturas dos acontecimentos, na barbearia "São João" e na alfaiataria do seu Léo onde o mexerico rolava).*

## **BARBEIRO**

*(Com a navalha, barbeando). Seu Toinho, o senhor tá sabendo quem é a pessoa mais importante daqui de Soure e que dança embaixo do boi?...*

## **FREGUÊS**

E eu não sei? Não é o tal do Nêgo Barriga, que veio de Muaná pra ficar por aqui?

## **BARBEIRO**

É esse zinho mesmo. Ontonce o disgramado esnobou na dança do "tripa". Imagine que todos nós que fizemos teste pra sair no "tripa" não deu certo...

## **FREGUÊS**

Aí veio um neguinho lá dos cafundós de Muaná, pan, botou no rabo de vocês. Eu acho é pouco!

## **BARBEIRO**

Mas seu Toinho, o caboclo é bom de negócio mesmo! Não tem ninguém igual a ele. O cabra é sagica, dança que nem um cão.

## **FREGUÊS**

Tome cuidado com essa navalha, seu Manduca. Mas posso lhe garantir uma coisa: o que aquele negro tem de bom na dança, no caqueado, no remelexo, tem de cabra safado e ladrão.

## **BARBEIRO**

Pronto. Tá novinho em folha!

**FREGUÊS**

*(Passando a mão no rosto). Nada melhor do que uma barba bem feita. Quanto lhe devo? (Vasculhou o porta-cédula).*

**BARBEIRO**

Foi barba e cabelo... são R\$ 5,00.

**FREGUÊS**

Aumentou?

**BARBEIRO**

Tudo aumenta nessa ilha, seu Toinho. O pão, o feijão, o café, o...

**FREGUÊS**

*(Interrompe, saindo). Até mais ver! (Em outro plano de ação ocorre a cena da alfaiataria onde o seu Léo está despachando alguns clientes etc.).*

**LÉO**

Aqui estão as encomendas, meus amigos. Voltem sempre! Estou aqui a seu dispor. Qualquer remendo, alinhavos ou pregar botões é comigo mesmo! *(Saíram e ficaram três pessoas na sala, no seu modesto atelier interiorano). Agora... são vocês três, pessoas mandadas e recomendadas por dona Gimina Ferreira, a dona do "Boi da Lua" que contratou um descarado pra dançar entre gente decente.*

**FELIPA**

Quem foi que disse isso?

**JOANA**

Especulação. Só pode.

**ALFREDO**

Isso é o tipo de coisa sem fundamento, mexerico de gente que não tem prazer nenhum na vida, muito menos de dançar!

**FELIPA**

É isso mesmo!

**JOANA**

Pura bestagem dessa gente fuxiqueira. Dança no boi quem quiser.

**LÉO**

Eu que já não ensaiava mais no boi agora mesmo é que não compareço. Não faço mais a fantasia do “tripa”. Ele que vá vestir saco de estopa, sarapilha sei lá...

**JOANA**

Tá ficando bilé, seu Léo? O “tripa” veste qualquer roupa. Não precisa fazer fantasia pra ele. E como o cabra dança bonito, não é Felipa?

**FELIPA**

Adoro ele! E vê-lo dançando então, aí é que me endoida!

**LÉO**

Deixe de chique, mulher! Levem as fantasias pra casa: esta aqui é do Pai Francisco, esta outra da Mãe Catirina, estas duas aqui são do... Cazumbá e da mulher dele, a Mãe Guimá, que são compadres do Chico e da Catirina.

**FELIPA**

Estão lindas! Vamos indo, pessoal?

**ALFREDO**

O seu Léo já foi prestigiar os ensaios?

**LÉO**

Ainda não. Basta o chá de cadeira nesse atelier o dia inteiro. É cansativo para mim. Mas já ouvi falar que está muito bonito, inclusive, com o “negro tripa”, quero dizer, como Nêgo Barriga dançando nele, tá fazendo crescer o boi, o número maior de participantes.

**ALFREDO**

É verdade. Este ano, vamos resgatar o “Quadro dos Matutos” que havia antigamente. Vai ser uma novidade por essas bandas daqui.

**LÉO**

Que bom! É, ou melhor, era a parte que eu mais gostava no boi! Onde a gente até esquecia os problemas.

**FELIPA**

Onde está esse quadro?

**LÉO**

Já foi entregue pra dona do boi.

**FELIPA**

Então vamos indo. Borimbora pessoal. Deixem o seu Léo trabalhar. *(E foram saindo carregando as fantasias. Enquanto adentrava um jovem brincante no seu atelier).*

**LÉO**

*(Apreensivo).* Beto! O que faz aqui rapaz a estas horas? Já não devia estar ensaiando no barracão?!

**BETO**

Devia. Lá, tá tudo bonito, tudo certinho, mas tem uma coisa me grilando a cabeça.

**LÉO**

O que, por exemplo? Vocês jovens são cheios de complicação, cheios de mi-nhocas na cabeça!...

**BETO**

O senhor já deu uma paradinha lá? Já foi assistir o ensaio?

**LÉO**

Confesso que não. Mas dizem que está muito lindo e eu estou torcendo pra que tudo dê certo, afinal, a dona Gimina merece.

**BETO**

Eu sei! Todo mundo sabe disso. Só não entendi ainda, viu seu Léo, aquele drama do “Quadro dos Matutos” que ela quer botar no boi. O senhor não... não acha que tal drama quebra o ritmo do boi-espetáculo?

**LÉO**

Ah! É isso que está esquentando a tua cachola? Rapaz! Aquilo no meu tempo era a maior atração. O sucesso era tanto que a cambada ficava com dor de barriga de tanto rir. E quem fazia o papel do nhú filho, era eu! A moçada só faltava mijar nas calças.

**BETO**

Eu não! Eu não tou conseguindo. Tou muito inçoso naquele papel. Acho que não nasci pra encarnar aquela coisa.

**LÉO**

E quem disse que alguém nasce pra esta ou aquela coisa? Trata-se de conceito errado. As coisas ou as aptidões na vida vão surgindo de acordo com o que você vai encarando, levando a sério e sempre estudando, pesquisando!! Veja eu, por exemplo, estudei pra ser dentista e acabei numa alfaiataria. Era minha sina. Coisa do meu bisavô. Coisa hereditária. Já tava no sangue.

**BETO**

Claro que eu gosto do “Boi da Lua” e vou brincar nele, mas aquele drama...

**LÉO**

Quer saber duma coisa? Deixe de bestagem. Tenha coragem. Seja audacioso. E não deixe a peteca cair de maneira alguma. Vá lá naquele barracão e comprove - diante dos outros colegas e de uma plateia - que o Beto tem talento e postura cênica, assim... *(Assimilou algum ator)*.... seja um Paulo Autran da vida. Vaiiii, rapaz!! Não seja tão molenga.

**BETO**

Mas antes de ir... só uma perguntinha impertinente: o senhor não acha que a falta de apoio aos grupos folclóricos vai acabar vestindo o pessoal de trapo?

**LÉO**

Isto depende da criatividade de cada grupo. A coisa também não pode ficar nesse paternalismo cultural. Veja, por exemplo, a dona Gimina, ela tem dado prova da sua capacidade criativa, tem sabido administrar o pessoal, tem provado a todos nós sobre sua bravura e inteligência. Mas taí novamente com muito brilho o seu boi na rua! Só falta entrosamento entre os brincantes e total integração na brincadeira.

**BETO**

É aí que a vaca torce o rabo. Será que vale a pena? *(Coçou a cabeça)*.

**LÉO**

Claro, rapaz! Não seja pessimista. Você é muito jovem para ficar angustiada desse jeito. Não pensa muito. Agite! Não é o dinheiro, o cache simbóli-

co que se ganha, nem o letreiro luminoso anunciando em cartaz os artistas, mas o prazer de mostrar o seu talento verdadeiro.

**BETO**

Valeu! Eu tava precisando ouvir seus conselhos. *(E saiu correndo)*. Valeu!!

**LÉO**

Ah, esses adolescentes de hoje! São tão confusos, tão indecisos. *(Voltou a costurar costuras de encomenda etc.)*.

**CENA 4**

*(Como toda família grande e importante da redondeza, os Ferreira, em particular, dona Gimina como patriarca, na sua maneira de ser e de agir, também tinha no seu Léo um vínculo de amizade e de apoio intelectual. Era alfaiate de muitos cortes e medidas tiranas, de casa bem montada e tudo, homem de estatura mediana, maduro, gordo, era um grande bajulador em função do seu belo ofício na cidade de Soure. Mas a minoria discordava).*

**MARIANA**

Mas como, Marina, tu acha que se o boi fosse rico dona Gimina precisava coletar dinheiro por aí no comércio! Quem foi esse que inventou isso? Me diz.

**MARINA**

O alfaiate.

**MARIANA**

Mas que descarado que ele é! Pois fique sabendo que o “Boi da Lua” tem tudo aquilo arrojado porque muita gente ajudou, inclusive, os comerciantes daqui. O seu Léo tá muito enganado ou mal informado.

**MARINA**

Com certeza está com puxamento de saco pro lado da dona Gimina que, por outro lado, quebra o galho dele nas horas vagas, sabes como é essa gente! Por debaixo dos panos vão escondendo uma sujeira atrás da outra.

**MARIANA**

Nem te conto uma coisa... Mea mana, outro dia desses, eu tava lá na casa dela ajudando a peneirar a massa da macaxeira pra fazer tapiquinha quando ele iniciou uma conversa besta sobre modelos de roupa. Era dona

Gimina pra cá, dona Gimina pra lá, que puta merda, ninguém aguentava mais. O que ele falava mal do “negro tripa” então, nossa mãe, tu precisava ouvir. Era puro preconceito e discriminação com o pobre.

**MARINA**

Escuta aqui: esse “negro tripa” que tu chama não é o Nêgo Barriga, que engravidou muitas serigaitas assanhadas?

**MARIANA**

Justo. Justíssimo!

**MARINA**

*(Insinuosamente)*. Por sinal, Nêgo bom de “tripa”, não acha?

**MARIANA**

E de gole também! Um biriteiro de primeira.

**MARINA**

Mas de grande valia para todas nós! Diga lá... o tamanho da “cobra santa”? *(Fez menção com o braço, esticando-o)*.

**MARIANA**

Eu, pelo menos, não tenho do que me queixar. Eu já o conhecia há muito! Mas foge dele como o diabo foge da cruz. Ele não passa de um aproveitador.

**MARINA**

Quem dá as coisas pra ele? Esse negócio de roupa lavada, comida, sapato e outras despesas como ele no barracão?

**MARIANA**

Adivinha? *(Breve pausa)*. Dona Gimina Ferreira, quem mais poderia ser?

**MARINA**

*(Suspirou)*. Ainda bem! O pessoal comenta a boca pequena que ele é ladrão e...

**MARIANA**

Ladrão porco. Ladrão de galinha. Um macoqueiro que não dá trabalho para a polícia.

**MARINA**

Ele tem tido um lero-lero pra minha banda. Mas hoje mesmo vou me safar dele. Vou dar um basta nisso.

**MARIANA**

E faça isso mesmo!! Antes que você fique estrepada com um filho dele no bucho pra mode criar sozinha.

**MARINA**

Mas, mea mana, cadê Maria Augusta que não sai mais desse quarto pra ir ao ensaio, minha Nossa Senhora.

**MARIA**

*(Saindo do quarto visivelmente linda). Que tal estou? (Deu uma rodada).*

**MARINA**

Eras, mea mana, como estás linda, maravilhosa!

**MARIANA**

Arrasou! Com essas flores de manacá nos cabelos, então, parece uma santa!

**MARIA**

Santa, eu? *(Ouvem-se o batuque do boi ao longe)*. Só se for “santinha do pau-oco”, outra coisa não posso ser. Tá caçoando de mim, é Mariana da Cruz?

**MARIANA**

Longe de mim! Estou sendo sincera. Tens uma beleza tão linda pra nenhum homem botar defeito.

**MARINA**

Tá linda, linda, como uma santinha!! *(Agachando-se)*. Deixe-me ver a barra do vestido, tem um fiapo de linha se arrastando...

**MARIA**

É mesmo! Sabe como é, a gente que demora a sair, quando sai, fica sem jeito, sempre falta algo, quando não é o vestido amarrotado, é uma bainha por fazer ou um botão por pregar, sei lá...



**MARIANA**

Bom! Vamos indo? O ensaio do boi já começou! Tão ouvindo o batuque?

**MARIA**

*(Saindo, acompanhada pelas duas amigas).* Borimbora! O mano que vanha atrás!

**MARINA**

Vou deixar um recado no caderno dele. *(Escreveu).* Pronto. Vamos indo! *(Apagaram-se as luzes da casa e foram embora na penumbra do luar dentro de casa).*

**CENA 5**

*(Com a chegada dos integrantes do boi, começaram os ensaios, inicialmente pelo ensaio do "drama" de acordo com o pedido de dona Gimina. Enquanto o resto do elenco ficava "atrapalhando" de propósito o ensaio, fazendo barulho, dispersando falatórios no barracão enquanto aguardavam sua vez de entrar em cena. Era um clima de festa e algazarra. Foi quando dona Gimina gritou).*

**DONA GIMINA**

Porra. Silêncio, pessoal! Façam silêncio, por favor! Isto aqui não é a casa da sogra. Olhem o ensaio, seus porra! *(Todos silenciaram).* Se continuarem atrapalhando o ensaio desse jeito, eu paro tudo, não faço mais esta pinóia. Mando todo mundo ir embora pra casa! Aí, eu quero ver onde alguém aqui vai brincar. *(Aos atores no palco).* Atenção! Vocês atores, por favor, comecem o ensaio desde o começo!! *(E vão para trás dos bastidores a fim de entrarem em cena pela ordem etc.).*

**PAI**

Qué dizê entonse, nhú filho, que tô mermo levando chifre?

**FILHO**

Tô dizendo nhú pai. A nhá mãe tá passando o sinhú pra trás, tá que tá de fogo aceso, desde quando nhú pai veio pra cá despachá a carga de laranja em Belém e num vortou mais. E tem mais: daqui cum pouco nhá mãe tá vindo aí atrás do sinhú cum cabo de vassoura que ela falou.

**PAI**

Nhú filho, me diz, quem é o infeliz?

**FILHO**

É cum o tá de seu cumpadi Picolé...

**PAI**

Não! Num me diz! Mas logo com quem! Cum o meu próprio cumpade Picolé!!

**FILHO**

Sim, sinhú.

**PAI**

Bem aonde nhú filho viu a chifrudice?

**FILHO**

De trás da recrete. Era um chamego arretado, era assim pra lá e pra cá, cumo quem tá na trave esperando dá um gô a gô.

**PAI**

Cumo nhú filho?

**FILHO**

Assim. A nhá mãe se butava embaixo das trave, que era as pernas dele, aí se balançava tudinha, aí o seu cumpade Picolé, que num é tolo, nem nada, só chutava a bola pro gô.

**PAI**

*(Decepcionado).* Nhú filho vem cá. ... A sua nhá mãe num de fazê isso comigo! Eu nunca traí a sua nhá mãe aqui em Belém, nem noutro lugar, só quando eu percisei afogá o ganso pra mode tirá o atraso, mais do que isso, foi uma graninha a mais que dei porque tava danado de bom, aqui na Zona. Cumo dizê pro nhú filho, aqui sozinho, sem minha véia, meio aperreado, se não tem tu, bom, vai tu mermo.

**FILHO**

Eras nhú pai, tu também és de morte. Por mim, nhú pai tá perdoado... mas o sinhú tem de contá tudinho pra nhá mãe. Cadê o penhoá que nhá mãe pediu e nem nhú pai mandou?

**PAI**

Mas taqui guardadinho na maleta. *(Abriu a mala e o exhibiu)* Espia... É da cor que sua nhá mãe gosta. *(Sorriu).*

*(Em seguida, entra em cena, a nhá mãe toda tronja e desajeitada, ostentando uma bolsa preta e um guarda-chuva debaixo do braço.)*

**MÃE**

Mas é aqui nestas pelunca Fedegundes que tu veio se metê, morando pertinho da Zona, quase a ilharga dessas pivas de capitá? É por isso que tu num qué e nem se alembra de vortá pra casa!! Seu semvergonho.

**PAI**

Tu já não arranjú útro?

**MÃE**

Que útro, Fedegundes? Quem te contú? *(Olhou pro filho que está alheio).*

**FILHO**

Eu num fui, nhá mãe. Juro pela fé da mucura.

**MÃE**

Se arranjei útro só se for pra cheirá na vara do Batista pra alimpá a vista. Mas tudo não passú de invenção minha e do cumpade Picolá que era pro nhú filho vê e vim contá como contú. Tudo pro meu velho vortá pra casa. Eu juro! *(Chorou escandalosamente).*

**PAI**

Sendo assim...

**MÃE**

Quedê o penhoá que lhe pedi e quedê a caixa de ôme, tu comprasse?

**PAI**

E pra quê tu qué "caixa de ôme"? Já num chega em casa eu e nhú filho, não?

**MÃE**

Deixa de ser burro, homi. Tu fica sabendo que penhoá é sutiã pra mode encobrí os peito, e a caixa de ôme é aquela de sabão em pó de lavá roupa.

*(Puxou a orelha dele).*

**PAI**

Anh sim!

**MÃE**

Agora tu sabe o que é, seu pucaria. E agora vem cá nhú filho pruma conversa que vamo tê pra nunca mais ficá assustando coisa que num deve, coisa de gente grande, gente adulta. Menino enxerido! *(A mãe avança para dar-lhe umas palmadas na bunda. O filho corre em volta de um lado para outro num ziguezague até deixá-la cansada, exausta.)*

**PAI**

*(Feliz).* Ô molequinho escrutu!!

**MÃE**

Ah, se eu te pego, pequeno, te esborracho no chão e te toro em 3 pedaços!!!

**PAI**

Num bate nhá véia no bichinho. Ele é ainda muito pixixito, num sabe que diz nem o que tá fazendo.

**MÃE**

Tá bom. Dá próxima vez esse moleque vai ingolí uma penca de banana!

**FILHO**

Mas assim, não! Pôxa nhú pai! A nhá mãe já tá passando das conta. Tá bom do nhú pai metê o relho na nhá mãe num instante nhá mãe ficava mansa.

**PAI**

E vai fica nhú filho! Espia... *(Chamando o elenco da festa de dança).* Pessuá! Vamo cantá, vamo dançá pra mode esquecê tudo, briga, arenga, encrenca...

**FILHO**

Pronto. Agora tô fuzilado. O nhú pai é gaitêro pra merda e já esqueceu que é chifrudo!

**MÃE**

Vamo, vamo. Quem canta primeiro és tu nhú véio.

## **PAI**

Tá certo. *(Ao maestro do conjunto pau e corda e rebeca etc.)*. Intão toque aí seu maestro Boquinha que eu, nhú filho e nhá véia vamo cantá um samba pra mode alegrá essa cambada!...

## **MÃE**

Toque logo seu maestro! Também quero dá a minha rodada!

## **FILHO**

Eras nhú pai, falú em dança, nhá mãe sacode a pança, fica logo assanhada!...

*(Música e letra tem a improvisação do elenco. Após a referida encenação dona Gimina levantou-se da cadeira e deu ordem para o grupo do bumbá entrar em cena e jogar as entoadas, sempre mantendo o seu ar de liderança e de empatia entre os componentes do "Boi da Lua".)*

## **DONA GIMINA**

Está ótimo. Mas ainda está faltando mais um pouco de tempêro nisso. Mais um desempenho com garra. Agora entra o pessoal aí do boi-bumbá!! Ei "negro tripa" quero ver agora hein, dá conta do teu recado, arrasta contigo o pessoal que depende da tua evolução. Manda brasa!... Botem pra valer esse boi na rua eternize ele no teatro como espetáculo!!! Vamos lá cambada, desenvolvam as toadas, o palco agora é todos nós!

*(Dona Gimina voltou a sentar-se exausta na cadeira. Parecia aparentemente feliz e contente com o bom resultado dos ensaios diante dos aplausos da plateia. Durante o desenrolar das toadas e do auto popular o apito do amo se faz ouvir em primeiro plano para daí iniciarem a cantoria, a evolução artística do "tripa", acompanhado por pai Francisco, mãe Catirina, cazumbá e mãe Guimá - que são seus compadres - além dos comediantes cooperadores, que representam a cabroeira da fazenda. O amo apita convencionalmente e dá início a função, cabendo-lhe tirar a primeira toada. Enquanto dona Gimina morria lentamente na cadeira dando a impressão que estava cochilando ou dormindo.)*

## **AMO**

*(Cantando a toada).*

Levanta meu boi do chão  
e acorda a madrugada!  
Vem brincar neste barracão  
vem alegrar nossa rapaziada

*(Ergue-se o boi a este canto. O "tripa" procura imitar o escavar dos touros bufando de raiva, pisando forte, num balanceio arrastado, "urrando", investindo contra a roda, espantando o povo, como se o "animal" estivesse enfurecido, disposto a enfrentar qualquer inimigo. Para acalmar a fúria do boi, o amo apita, chamando os vaqueiros, e canta outra toada.)*

### **AMO**

Cadê meu bom vaqueiro  
que não o vejo no curral  
pra vim brincar com meu boiandejo  
que é pai neste curral!

*(Convocados por esta ordem, os vaqueiros vêm para o meio do terreiro, tentando enfrentar o boi, livrando-se das chifradas, dançando no compasso da toada, até que o amo faz novamente soar o apito e eles tornam aos seus lugares, não conseguindo vantagem sobre o "tripa", que encarna a valentia do "animal". O amo, todo confiante, tão soberbo, canta nova toada, e se apresenta diante do boi, mostrando destemor.)*

### **AMO**

Ô meu "Boi da Lua"  
quero te ver dançar faceiro!  
Ensina pra esta moçada da rua  
o que é boi-bumbá no terreiro!

*(O povo vibra para o lado do boi, que tem os olhos vidrados, feitos de fundos de garrafas, e sente, como se fosse a luta de verdade, aí o amo, batendo no "bicho" com o rebenque, retira-se para o seu lugar, e tira outra toada, para os índios se exibirem com sua indumentária característica e com coreografia inativa das danças dos aborígenas.)*

### **AMO**

Oê cadê a indiada, a maloca  
que não vejo no arraial!  
Meu boi de fama dança agora  
e vem mostrar como á colossal!

*(A maloca entra em cena soltando gritos de guerra, pinoteando para cima do boi, estilizando passos, dando saltos miúdos, empunhando arcos e flexas; assim como entendem ser a dança dos "selvagens". Até que o amo, com o apito, os faz voltar à "última forma".)*

### **AMO**

Bumba meu boi bumbá  
até o dia clarear no quintal.  
Quem não brinca vai dançar  
mais um ano não faz mal.

*(Neste quadro e nos outros seguintes, toda a roda circulando, repete cada verso ditado pelo amo, num acompanhamento monótono, num tom para que o boi se amanse ou mostre cansaço. Mas o "tripa" não recapitula e continua nas suas "investidas".)*

### **AMO**

Este boi é meu Da Lua  
ele é manso, ele é brabo,  
pois quem roubar ele na rua  
terá sete anos de atraso!!

*(Sem que o amo interfira, surge pai Francisco, mãe Catirina no primeiro plano da cena; depois mãe Guimá e compadre Cazumbá, que fazem uma dança de improvisação, desafiando o boi, que os ataca num ímpeto, sem conseguir atingi-lo. A cena de ambos é super engraçada. O amo vai tirando outras toadas.)*

### **AMO**

O meu boi por estas bandas  
é o que há de melhor!  
Só brinca em casa de família  
pra descolar uma grana maior!

### **TODOS**

No arraial do boi da lua  
quem é bom já nasce feito.  
Deixo aqui o desafio pra turma  
ou pra quem tem preconceito!

### **AMO**

Pai Francisco entrou na roda  
ele veio se assanhar...  
Mãe Catirina então rebola  
que é pro povo se alegrar!

**TODOS**

Dança indiada! Dança maloca  
até o dia clarear!  
Mãe Guimá dançando namora  
com o compadre Cazumbá!

*(Feito essa "patuscada" do pai Francisco e seu pessoal, o amo comanda, com o apito, a retirada do boi que deixa o "curral" (naqueles tempos atrás!) para sair às ruas disposto a tudo, aos encontros aguerridos ou cordiais na incerteza do seu destino, conforme outra toada, anunciada pelo amo, etc. Digamos que aqui no texto final, a história parcial do boi bumbá, deixam de ser contada fielmente ao pé da letra. Em síntese: neste ato final, ouvirão cânticos que simbolizam o "roubo" ou a "morte" do boi, com o recurso do teatro popular.)*

**AMO**

Ô seu prefeito daqui do lugar  
não mande caçar meu boi-bumbá  
que vive lá no quintal  
este ano foi preciso tirar ele do curral.

**TODOS**

Seu doutô não prenda o boi  
este zinho é mandingueiro!  
Ano que vem ele volta como foi  
pra dançar no seu terreiro!

**AMO**

Nem tudo que reluz é ouro  
nem tudo que brilha é prata.  
O meu boi se despede do povo  
é pai de muita manada!

**TODOS**

Senhora dona de casa  
querem o meu boi matar  
esconda o "Boi da Lua" agora  
amanhã bem cedo venho buscar!!



### **AMO**

Compadre Chico que malvadeza  
em matar meu boi de estimação?  
O “Boi da Lua” na destreza  
dançará também no meu coração!

### **VAQUEIRO**

Da “morte” deste boi  
duas partes vou levar:  
uma parte pra Mãe Catirina  
e outra pro seu prefeito  
que ao boi mandou soltar!

### **TODOS**

Não chora bom vaqueiro  
debaixo dessa verde rama!  
Morrerá meu boi faceiro,  
morremos nós, deixando a fama!

### **PAI FRANCISCO**

*(Após o cântico, graceja).* Agora quero vê quem é duro. Catirina vai comê do bom e do mió e bem gostoso! Desejo dela vai ser consumado.

*(Feito isso, o amo tira outra toada para que venha o “rebolô”, um menino de chambre, que segura nas aspas do boi e movimenta os quadris, de um lado para outro, com a finalidade do Chico “amolar” o facão, em trejeitos gaiatos, ao som desta última toada.)*

### **AMO**

Vem menino rebolô  
rebola, rebola, pra amolá  
esse facão desse tôle  
pra poder o boi cortar!!

**TODOS** *(Uníssonos, repetem o mesmo verso no final).*

*(Ao término do ensaio, perceberam de longe que, sentada na plateia, dona Gimina não se mexia ou não reagia ao sucesso de sua trupe através dos aplausos da plateia que delirava pedindo “bis”. Dona Gimina falecera durante a sua exibição. O coração não aguentou tanta emoção. Estava frágil demais. Noutro plano da cena, o elenco se acercava da figura estática e patética de dona Gimina.)*

**BARRIGA**

*(Saindo-se da carcaça do boi, choroço).* Dona Gimina! Não faça isso com a gente, oh meu Deus! *(Caiu aos prantos no chão).* O que será de nós agora?

**LÉO**

*(Saindo da pele do Amo).* Calma, calma, pessoal. Agora mais do que nunca, temos que continuar com o sonho de dona Gimina! Não vamos deixar a peteca cair. Combinado assim?

**TODOS**

*(Pessoal técnico e elenco).* Combinado!!! *(Apagam-se as luzes do palco, só ficando um foco fixo na plateia direcionado ao corpo de dona Gimina).*

**OVAÇÃO DO POVO**

*(Em off. No escuro)* Viva dona Gimina! Viva! Viva! Viva!... *(A luz do foco vai se diluindo no decorrer da fala.)*

FIM DO ESPETÁCULO

ZUMBI  
CONTRA A  
PRINCESA  
ISABEL

# Zumbi contra a Princesa Isabel

Teatro popular em performance/ musical/ comédia - 1988

## CENA 1

*(Mostra um belo amanhecer. Na medida em que o foco de luz for clareando o ciclorama na tela branca, o coro feito pelos atores vai tomando corpo no palco, em movimento alegórico e em várias direções, jogando o texto, ao mesmo tempo, com vozes intercaladas num crescendo).*

### CORO

*(ao som dos atabaques).*

Lei Áurea!!!

Treze de maio de 1888!!!

E a epopeia da raça a 20 de novembro de 1695?<sup>(11)</sup>

## CENA 2

*(Feito isso, some a luz do ciclorama enquanto surge um foco em resistência no centro do palco, onde um ator vestido de milícia é reconhecido pelo público durante a fala seguinte).*

### ATOR 1

Quem não se lembra ou ainda se choca com 13 de maio, quando a princesa Isabel sancionou, no Paço da Cidade, o projeto de Rodrigues Silva, que declarava extinta a escravidão no Brasil? ... Mas, para mais de 600 grupos de negros, não faz sentido. Ora! A desgraça do Brasil foi o 13 de Maio, que deu carta de alforria e cartilha do ABC aos pretinhos, segundo o cabano paraense Dalcídio Jurandir, através de seu personagem o Coronel Coutinho! Vem daí a reivindicação dos seus direitos e outras cositas mais enquanto negros, enquanto escravatura e sobreviventes da injustiça social e preconceituosa!

## CENA 3

*(Ao término da fala, existe um corte na cena, através do foco direcionado e, assim sucessivamente, nas cenas posteriores, dando uma visão cinematográfica ao espetáculo como um todo. Em seguida, entram em cena, dois atores a representar o folclore e a cultura afro-brasileira).*

---

<sup>(11)</sup> O dia 20 de novembro relembra a morte de Zumbi dos Palmares, que aconteceu em 1695.

**ATOR 2**

Pessoal. Estejam todos aqui no palco. Capitães de Palmares, do chefe Zumbi!!! Entra, mestre Zumbi!...

**ATRIZ 1**

Entrem, por favor! Cazumbá, Mãe Guimá, Caipora, Pai Francisco, Mãe Catirina, Mãe Preta, Chico Rei!!! Todo mundo pra brincar com a vida!!!!...

**ATOR 1**

Vem Boi-Bumbá! Orixás! Vem Brasil Negro prestar homenagem a tua raça!!! Brasil Negro!!!

**TODOS**

De navios negreiros!

**ATOR 3**

Dessa raça, dessa gente mestiça, desse povo negro, cafuço, branco, índio que a custo da servil escravidão milenar cavaram neste chão a sua história.

**TODOS**

O seu folclore, a sua cultura negra que perdura até hoje, mais viva do que nunca!!!

**ATOR 2**

E foi neste chão também que cavamos – a exemplo da vida Severina – a nossa própria sepultura, a nossa ira, a nossa amargura sob sete palmos de fundura!!!

**CENA 4**

*(Aqui, os outros vão surgindo obedecendo a ordem de chamada. Todos ostentam figurino conforme a característica de cada um, para melhor entendimento da plateia. Todos são atores personagens desta história que passarão a questionar com ênfase. Podendo acrescentar outros dados ou outras figuras "da historiografia negra do Brasil").*

**ATOR 2**

Eis aí a cambada toda (*citar o nome de todos*). Todos pra contar uma história negra dentro de outra tão malvada, não contada ainda!!!

## **CENA 5**

*(Neste momento, rufam os tambores, os maracás e os atabaques que vão marcando uma evolução coreográfica entre si, em plena arena. Toda cena trata-se de um ritual afro-brasileiro, onde todos cantam e dançam demonstrando alegria e magia. Em meio à cantoria, cada personagem, vai jogando o texto de acordo com o que está acontecendo, atrás de si, no cenário. A música é livre e o canto também o é).*

### **ATOR 3**

*(Com ênfase).* Quem sabe de nós, os negros, senão nós mesmos???...

### **TODOS**

*(Uníssonos).* Negros! Negros! Negro Zumbi contra a princesa Isabel!!! Axé!!!

### **ATOR 1**

Axé Zumbi! Zumbi dos Palmares. Axé!

### **ATRIZ 3**

A 20 de novembro de 1695: remonta a resistência e a epopeia da raça nesse dia, em Palmares, para nós, uma data muito importante!

### **ATOR 3**

Super importante! Fundamental! Pois foi nesse dia que o chefe Zumbi e seus capitães preferiram morrer, atirando-se de um rochedo, do que se renderem às tropas do paulista Domingos Jorge velho que, juntamente com os contingentes de Pernambuco e de Alagoas, puseram a fim às tentativas de se criar com os escravos fugidos das cidades e dos engenhos, uma espécie de “República” dentro do Estado do Brasil!

### **ATOR 4**

Tá vendo? É por isso que temos repúdio à historiografia oficial, que parece não ser verdadeira!

### **ATRIZ 4**

E não é pra menos, xará! Nem sempre nossa preocupação é desvalorizar os méritos dos que lutaram, no século passado, pela abolição do tráfico de negros, pela Lei do Ventre-Livre, pelos direitos dos sexagenários, e pela extinção da escravatura.

### **ATRIZ 5**

Claro, claro! É lógico que a causa da emancipação e da liberdade ocorreu à revelia dos governos imperiais ou de que nada se compare a José Bonifácio de Andrade e Silva...

**TODOS** *(Com vozes intercaladas).*

A José Clemente Pereira...

A Eusébio de Queiroz...

Aos Nabucos, ao Visconde de Jequitinhonha...

**TODOS** *(Com vozes intercaladas).*

A Rio Branco,

a Cotegipe,

a João Alfredo!!!

### **ATOR 5**

E a tantos outros que contribuíram para o resgate e a alforria dos cativos. Nem cabe discutir que o negro foi o artifício principal de sua própria libertação!

### **ATOR 6**

Bravo. Bravíssimo! Já o dizia mestre Arthur Ramos: e basta uma rápida passagem pela História, contando as fugas e as revoltas, os quilombos e as desforras, para se reconhecer que o movimento abolicionista surgiu e avançou, ao correr dos séculos, em função, principalmente, do heroísmo e da extraordinária bravura dos homens de cor.

**TODOS** *(com vozes intercaladas).*

Nos porões dos navios negreiros ou nos arremates da campanha abolicionista, com o Rebouças e José do Patrocínio...

Nas minas e nas plantações de cana...

Nas senzalas e nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito também!

Sempre a reagir, sem descanso e sem medo, contra o estatuto iníquo e infame que os oprima!

Bota opressão nisso!

**ATRIZ 6**

Quem sabe de nós, os negros, afro-brasileiros, das cantigas africanas, dos gemidos das guitarras, da quentura de nosso sangue derramado em suor e dos lombos de ternura milenar, até nos tempos de hoje? ...

**ATOR 1**

Certamente, menos sabe, dessa matéria orgânica indissolúvel ao lado esforço conjunto para criar e construir o Brasil, os negros lutavam bravamente contra os sofrimentos e os vexames preconceituosos...

**TODOS** *(Com vozes intercaladas).*

As algemas e as gargalhadas cretinas...

O trabalho forçado sobre chicotadas no lombo dessa ternura escrava...

E a corda atada ao pescoço laçada pelo capitão do mato...

Até hoje isso perdura – ninguém se iluda! – embora de maneira diferente.

Como se essa poeira de ódios, ocultos nos gabinetes, tivesse ainda de ser banida dos bastidores políticos, dos palácios faraônicos!

**ATOR 2**

Sabemos disso. Entretanto, reconhecer essa odisseia não significa que se deva repudiar a intervenção dos governantes e estadistas que também se bateram pelos mesmos ideais...

**ATOR 3**

Longe disso! Nem poderíamos pensar numa hipótese dessa. Seria o mesmo que omitir os aspectos humanizantes com que os próprios senhores escravos passaram a preparar o caminho da liberdade: a defesa da família, a garantia do pecúlio, o alimento durante a doença, a emancipação como paga de serviço extraordinário etc.

**TODOS**

*(Com ironia).* Que história mais porreta! Que glória mais sacana!

**ATRIZ 1**

Leia-se, a propósito, o ensaio de Perdigão Malheiro sobre a “Escravidão no Brasil”, publicado em 1866, portanto, 22 anos antes de ser assinada a tal “Lei Áurea” ...



**TODOS**

Sem dúvida!!! Até faz morrer de rir. *(Com deboche)*. Ra-ra-ra.

**ATRIZ 2**

Nada tão justo, assim nos parece, querer reduzir o 13 de Maio a uma simples manobra escravocrata ou igualar o decreto da Princesa Isabel às estrofes condoreiras de Castro Alves, por outro, não vemos razões para pensar que... na aura do sacrifício e da matança dos negros palmarinos, se tenha esgotado todo o processo de libertação.

**ATOR 4**

Mais ainda, minha cara: ao glorificar-me, entre as névoas da lenda e as certezas da História, a coragem e a heroicidade de Zumbi, não devemos esquecer o que foi ele, ao rejeitar a proposta de paz, já aceita e em que fora assegurado aos negros o “o foro de vassalos de El-Rei, para ficarem debaixo de sua proteção”, quem deu início à luta medonha e brutal, que terminou com a morte e o aprisionamento de milhares de quilombolas.

**TODOS**

Viva Zumbi! ... Viva!!! ... Viva nosso rei Negro!!!...

**ATOR 5**

Para Zumbi ser rei, minha gente, muito sangue correu a rodo pelas fraldas da Serra de Barriga. E foi, sobretudo:

**TODOS** *(Com vozes intercaladas)*.

Sangue de homens!!!

De mulheres!!!

E de crianças negras!!!

Axé! Homens de todas as raças do Brasil!!!

**ATRIZ 3**

Axé, para o mundo inteiro!

**TODOS** *(Uníssonos)*.

Para todas as raças!!! Branco e negro! Índio e mestiço! Gente boa! Boa gente!

## CENA 6

*(Aqui todos dançam, freneticamente, numa demonstração da beleza pagã do povo afro-brasileiro. Ao término da coreografia, todo o elenco passa a recitar o poema "Mãe Preta" de Bruno de Menezes, sob o acompanhamento instrumental adaptado à cena que termina com o surgimento da lua, na forma de pandeiro, simbolizando a poesia e o folclore popular de um povo que acredita na libertação da raça negra em todo o mundo).*

**TODOS** *(Com vozes intercaladas).*

Escuta nosso pranto, Mãe Preta! "No acalanto africano de tuas cantigas/  
nos suspiros gementes das guitarras/ veio o doce langor/ de nossa voz/ a  
quentura carinhosa de nosso sangue!"

És Mãe Preta, uma velha reminiscência das cubatas/ das senzalas/ com  
ventres fecundos/ padreando escravos!/ Mãe do Brasil? Mãe dos nossos  
brancos?

És Mãe Preta, um céu noturno sem lua/ mas todo chicoteado de estrelas/  
Teu leite que desenhou o Cruzeiro/ escorreu num jato grosso/ formando  
a estrada de São Tiago!

Tu que nas Gerais desferraste o servilismo/ tatuando-te com pedras pre-  
ciosas/ que destes festas de esmagar!

Tu que criaste os filhos dos Senhores/ embalaste os que eram da Marquesa  
de Santos/ os bastardos do Primeiro Imperador e até futuros Inconfidentes!!!

**TODOS** *(Uníssonos).*

Quem mais teu leite amamentou, Mãe Preta? Luiz Gama? Patrocínio? Mar-  
cílio Dias? ...

Dos teus seios Mãe Preta teria brotado o luar?

Foste tu que na Bahia alimentaste o gênio poético de Castro Alves?/ No Ma-  
ranhão, a glória de Gonçalves Dias? Terias ungido a dor de Cruz e Souza?  
Agora como ontem és a festeira do Divino/ a Maria Tereza dos quitutes  
com pimenta e dendê!

És finalmente a procriadora cor da noite/ que desde o nascimento do Bra-  
sil/ te fizeste "Mãe de Leite" ...

Abençoa-nos pois aqueles que não se envergonham de Ti/ que sugamos com  
avidez teus seios fartos/ bebendo a vida!/ que nos honramos com teu amor.

**TODOS**

Tua benção Mãe Preta!!!

*(Voltando à cena inicial do soldado de milícia, um ator se destaca dentro do foco da lua á contraluz).*

**ATOR 1**

*(Como soldado)* Ra! 13 de Maio. Zumbi contra a Princesa Isabel. Até que nos prove ao contrário!!!

**FIM DO ESPETÁCULO**

TUCUXI

# Tucuxi

Pirayaura - 1994

## PERSONAGENS

**Mindoca** (adulto); **Zulmira** (adulta); **Chiquinho** (moleque)  
**Velha** (mãe de Zulmira); **Pescadores** (1, 2, 3 e 4 adultos)  
**Parteira** (velha); **Beata** (adulta); **Beato** (adulto)  
**Zezinho** (adulto afeminado); **Madrinha** (velha parteira)  
**Rapaz 1** (jovem moderno); **Rapaz 2** (jovem antiquado)  
**Homem 1 e 2** (adultos); **Boto** (jovem negro)  
**Rosilda** (jovem); **Raimundo** (adulto matreiro)  
**Porvilho** (adulto) e **Povo** (7 figurantes)

## CENÁRIO

Uma área de ação, onde ocorre todo o espetáculo, podendo ver, ao fundo, elementos simbólicos mostrando um vilarejo ribeirinho ou um matagal típico da região amazônica com igarapés, plantas silvestres, aquáticas etc. ou ainda, a mudança de recursos cênicos conforme a característica e situação da trama do espetáculo. Nem sempre o cenário fixo no palco ajuda a performance do ator, só atrapalha toda a sua vivência enriquecida pela linguagem plástica.

## TEXTO

Mostra, com suavidade poética e lírica, a lenda do mito amazônico, que às mulheres causa inveja e aos homens provoca ódio, em virtude de sua beleza física e sedução, até desfazer o mistério doutra lenda na encantaria, com o nascimento do filho do boto Tucuxi para ficção do autor, significando que a lenda não pode acabar. Será um belo espetáculo.



## **CENA 1**

*(Tempo. Nascimento e infância do Menino negritinho que virou boto, hoje chamado de Tucuxi, e "Pirayaura" pelos índios, que significa o "senhor das águas").*

### **MINDOCA**

*(Adentrando).* Bom dia, comadre Zulmira...

### **ZULMIRA**

*(Aos afazeres).* Bom dia, bom dia. Entre, comadre Mindoca, vá entrando, sente aí na cadeira pra mode tomar fôlego.

### **MINDOCA**

Mandou me chamar, comadre? *(Sentou-se e foi logo abrindo a garrafa térmica de café e tomou uma talagada, depois um porronca, cuspiu de lado e tragou).*

### **ZULMIRA**

Mandei sim.

### **MINDOCA**

Algum problema?

### **ZULMIRA**

Tava ocupada?

### **MINDOCA**

Tava. Tava só esperando umas roupinhas dos meninos, dos macaquinhos lá de casa *(Sorria)*. Ó meninos, pra sujar tanta roupa, credo.

### **ZULMIRA**

Agora a senhora vai saber por que mandei lhe chamar... venha ver uma presepada do Francisco...

### **MINDOCA**

Esse meu afilhado... o que foi desta vez?

### **ZULMIRA**

Vigie como ele se comporta *(Mostrou a criança na rede brincando com as próprias fezes)*.

**MINDOCA**

Credo, comadre (*Rindo*). Olhe, o que ele tá fazendo... amassando a própria bosta. Vigie... daqui cum pouco, quando a senhora der fé, o danadinho tá comendo merda.

**ZULMIRA**

E não é comadre? Pois é essa a minha preocupação... que esse menino venha tomar isso como um vício. Será que isso é doença? (*E foi banhá-lo no alguidar, com catinga de mulata*).

**MINDOCA**

Né não. Acho que não. Os meus – quando pequenos – tivero esse negócio de remela nos olhos, catarro no peito, era um chiado danado, até sarampo, catapora eles tivero, mas nunca amassar merda. Eu, pelo menos, nunca vi. Ah! Pra não dizer que nunca tivero “vício”, dois, deles cinco, o Geremias mijava numa garrafinha e bebia, e o Rogerinho comia as sobras de sabão grosso, escondido no banheiro, na horinha que todo mundo em casa tirava uma soneca depois do almoço. Ah, mas dei uma surra daquelas neles, num instante largaro o vício.

**ZULMIRA**

Mas esse daqui é pixixito demais pra apanhar, comadre... esse menino, todo dia, pela manhã, faz as necessidades, depois fica amassando... por que tu faz isso hein Francisco? Espie a cara dele, comadre... desse sem vergonho. Parece que não é com ele que a gente tá falando.

**MINDOCA**

Olhe! Não tou querendo “adivinhar” nada, mas esse pequeno ou vai ser padeiro ou mais um “peixe fora d’água”.

**ZULMIRA**

Peixe fora d’água? Onde já se viu peixe fora d’água? A comadre tá ficando doida, tá malucando?

**MINDOCA**

O boto.

**ZULMIRA**

Não diga bobagem!

**MINDOCA**

Mas esse será sim. Vigie, como se comporta na água.

**ZULMIRA**

Comadre, comadre... não venha botar apelido no menino. Eras!

**MINDOCA**

Que apelido nada, Zulmira. Vigie. Espia só. Não tá escritinho o “bicho do fundo”?

**ZULMIRA**

Cruz credo, comadre Mindoca. Vira essa boca de azar para lá (*Após o banho*). Pronto. Agora o Francisco tá cheirosinho. Quer segurar ele um pouquinho, comadre?... Não quer embalar ele no colo?

**MINDOCA**

Quero sim. Me dê ele aqui. Vai ajudar o pai na montaria, não é Chiquinho?... Né não, comadre?

**ZULMIRA**

Não sei. Deus é que sabe. O destino dele tá nas mãos de Deus.

**MINDOCA**

É tão engraçadinho ele, né comadre. Tão nitinho... ninito da madrinha... zinho, zinho. Olhe comadre, os olhinhos... fica espiando tudo em volta... parece que já conhece as coisas do mundo. Será, comadre? Vigie.

*(Corte: foco em).*

**CENA 2**

*(Tempo posterior. O desaparecimento do Menino na encantaria das águas de Aruanda).*

**ZULMIRA**

*(Costurando costuras – Chiquinho na varanda, ao vê-lo passar).* Chiquinho...

**CHIQUINHO**

Que é, mãe?



**ZULMIRA**

Aonde pensa que vai?

**CHIQUINHO**

Eu? Eu já me vú com o papai, né mãe.

**ZULMIRA**

Mas pra onde já, pequeno?

**CHIQUINHO**

Vú pro mar com ele... na montaria nova.

**ZULMIRA**

Tá bom, seu moleque. Mas não te desgruda do teu pai. Toma o caminho do atalho... cuidado com a maré alta, com a maré grande. Faz muita maresia. Tem muita marola. Bom!

**CHIQUINHO**

Não tenho medo não, mãe. Gosto mesmo é do mar, de ficar espiando o mar bem longe...

**ZULMIRA**

Escuta menino, se tu sentir tontura novamente, pede pro teu pai voltar pra casa, imediatamente, pede pra ele...

**CHIQUINHO**

*(Interrompe)*. Mãe, vú trazê um peixão pra senhora: um tucunaré ou um xaréu pra senhora cozinhar no tucupi com jambu e pimenta *(Saiu de cena)*.

**ZULMIRA**

A senhora ouviu isso? Tucunaré.

**VELHA**

*(Mãe de Zulmira)*. Quem ouve, pensa que é verdade... ô menino enxerido, pre-sepeiro!

**ZULMIRA**

Mamãe, a senhora não sabe da maior. Ele contou pra senhora que viu uma assombração no mar?...

**VELHA**

E não era pra contar? Havia curiosidade demais nos olhinhos dele, Zulmira. Acho até que ele ficou “mundiado” durante a pescaria com o pai, foi por isso que ele vomitou várias vezes, aí, o coitadinho acabou vendo a tar de assombração... disque chamando por ele, assim, disque o vulto ia e vinha, andava e vortava... oferecendo coisas pro menino... nuazinha.

**ZULMIRA**

Custo acreditar, viu mamãe. Nem sei o que isso significa.

**VELHA**

Não significa nada, Zulmira.

**ZULMIRA**

Será mesmo? E essa história da Mãe d’água ficar buiando nas águas do mar?

**VELHA**

Diabruras de criança, Zulmira. Só isso. As crianças somente elas têm a capacidade de “enxergar” tudo em volta, até o diabo na porta do céu pedindo pra entrar. Larga de pensar em besteira.

*(Corte/ foco em).*

**CENA 3**

*(Coreografia da lenda sobre o mito amazônico, enquanto os pescadores tentam reparti-lo em pedaços).*

**PESCADOR 1**

Prende o bicho, Mané. Segura ele, segura, força ômi.

**PESCADOR 2**

Não deixem esse porqueiro fugir, não deixem. Vamo levar o disgramado pro morredouro...

**PESCADOR 3**

Vamo levar não, Vicente. A gente vamo acertar o bicho aqui mermo.

**PESCADOR 4**

Pai d'égua. E vai dar muitas fatias pra mode dá pra tudo esse puvu, né pavulagem.

**PESCADOR 1**

Vam'bora amarrar ele primeiro, cumpadi Hernani. Traga de lá, da casa do Mocajuba, o terçado, ande ômi, se apresse.

**PESCADOR 3**

Tá bão. Mas uma fatia maior será minha. *(Sai e volta)*.

**PESCADOR 1**

Agora traz aquela tora de par pra mode cortar ele em riba. *(Todos o imitam "fingindo" amarrar o boto em cipós)*.

**CENA 4**

*(Entra em cena, uma velha parteira, depois uma Velha beata e um Beato, seu marido)*.

**PARTEIRA**

Mea mana, mea ajuda aqui, eras. Tu não tá vendo que tou com peso na cabeça? D'janira, me dá uma mãozinha aqui, vôte.

**BEATA**

"Vôte" digo eu. Que marmota é essa? Que velha parteira mais teimosa. Em vez de ficar quietinha num canto, fica por aí vasculhando coisas que não deve. A senhora ficou doida? Deu agora de carregar bagulho, foi?

**PARTEIRA**

Isso. Esculhamba. Xinga. Maltrata quem te deu leite um dia e te alimentou com mingau de macaxeira.

**BEATA**

*(Fugindo dela)*. Deixe de invencionice. Esqueça o que eu disse.

**PARTEIRA**

Não. Agora tu vai me ouvir, sua santinha do pau oco. Isso tudo aqui são cueiro, são lenço dos fio que amparo, ou que ajudo a abortá, assim que nem

os teus e os da comadre Loló, que ajudei a jogar fora nos igarapé, tais ou-vindo? E tu, minha afilhada, com essa cara deslambida, ainda me diz que isso é doidice.

**BEATA**

Doidice sim. Doidice sua. Doida você, viu madrinha.

**PARTEIRA**

Doida eu? (*Riu baixinho*). Doida quem me diz. Que largú o marido depois dos aborto que teve e vortú pra igreja e virou a beata que tu é, sonsa. Ainda por cima, arranjou esse pimba mole, esse molongó, esse carachué.

**BEATA**

(*Ao Beato*). E tu não sabe te defender não, Flor? Vais continuar calado?

**BEATO**

Melhor assim. Pelo menos não fico esquentando a cachola por coisa insignificante. Vamos orar por ela e por todos nós (*Ajoelhou-se contrito diante da imagem da Santa etc.*).

**BEATA**

Tá vendo? Ah, minha velha e boa parteira dos antigamente, mudei tanto, mas tanto, que até pareço mais doida do que você, sabia?

**PARTEIRA**

Quá! Deixe de caçoada comigo! Todas nós mudamo na vida. Mas praquê tu diz isso?

**BEATA**

Olhe só pra isso? (*Apontou pro Beato*). Eu pensei, minha santa, que me casasse, que me amigasse, que me amancebasse, mas não... quebrei foi a cara, de tanto desgosto. Nem Santo Antônio deu um jeito nessa "coisa", fiquei todo esses anos a ver navios.

**PARTEIRA**

Coitada da minha afilhada. Mas escuta aqui, fia, nem um chameguinho... uma fornicãozinha... nada?

**BEATA**

Nada. Nem, nem.

**PARTEIRA**

Só assanhamento sem nenhuma esperança?

**BEATA**

*(Negativamente)*. Hum hum.

**PARTEIRA**

Bom, fia, quando a cabeça não pensa, o corpo padece, a gente adocece, ape-la pra tudo, depois vira crente. É fato. A merma coisa aconteceu com o Chiquinho: acabou virando uma lenda por essa imensa região amazônica, aí tu já viste né? Todo mundo tem na conta de que ele é o boto Tucuxi, o tar do boto preto, que vira embarcação na boca da noite, que fica prenhando as mulher dos outros. Acho é pouco! Mulher assanhada tem mais é que gemer no par.

**BEATA**

A senhora fala como se fosse verdade. Ainda se lembra dele cm saudade, com tanta convicção.

**PARTEIRA**

Se me lembro? Ora se me lembro! *(Choramando)*. E como se fosse hoje. E tu com a tua sina, e eu com a minha, fia. A gente nunca esquece. Como esquecer, D'janira? Se fui eu mesma que ajudei o negritinho a vir ao mundo! A comadre Zulmira ainda existia no Afuá de Dentro, na Vigia.

**BEATO**

*(Ligado ao papo)*. Coitada. Morreu? Quando?

**BEATA**

*(Advertindo-o)*. Olhe o terço!

**PARTEIRA**

A Zulmira se mudou, foi embora pra bem longe daqui, tá morando em Belém. Queria esquecer essa história de Chiquinho.

**BEATA**

Isto, é pra você ver. Só deu tempo do menino crescer até aos doze anos de idade, pra depois desaparecer na espuma da maré.

**PARTEIRA**

*(Complementando)*. Guiado pela montaria nova, depois puxando para o fundo da correnteza, vigie, umas sete noite, mais sete lua. Aí nunca mais vortu. Virou uma lenda.

**BEATA**

Tem gente que vê ele, disque, abicorando as festas de terreiro e dança, muito lindo, formoso, vestido de branco e chapéu branco na cabeça, depois desaparece na escuridão, feito uma miragem.

**PARTEIRA**

É isso que não me conformo, D'janira. Como é que ele ia desaparecer e aparecer muitos anos depois, sem falar, se querer conversar cum a gente, sem dar notícia... um recado, um bilhete falando onde mora, com quem convive. Faça uma ideia o quanto a comadre Zulmira tem sofrido até hoje com essa história meio...

**BEATO**

*(Arrota ao pronunciar)*. Ave Maria.

**PARTEIRA**

Ui. *(Assustou-se)*.

**BEATA**

Que é isso, Flor? Tá querendo matar a pobrezinha do coração? Tenha modos.

**PARTEIRA**

*(Saindo)*. Te desconjuro, ora vote *(O Beato arrotou de novo)*. Isso é nojento. Um maldito. Um fresquinho.

**BEATA**

Viu o que fez?

**BEATO**

Ah, ela é uma chata. Eu tava doido pra lhe dar umas escovadelas na surdina. *(Abraçou-a freneticamente).*

**BEATA**

Mesmo?

**BEATO**

Ainda duvida? Olhe só pra isso? *(Exibiu o sexo através das calças).*

**BEATA**

*(Prazerosamente).* Nossa. Que “cobra santa”!

**BEATO**

Milagre. Santo Antônio é muito porreta. Voltou a “funcionar” D’janira.

**BEATA**

*(Melancolicamente).* Agora, no final da vida?...Final da linha?

*(Corte: foco em).*

**CENA 5**

*(Na coreografia da fala e todo mundo dentro do poema, numa mesa de botequim e o boto aqui pertinho).*

**RAPAZ 1**

Acreditar mesmo, não acredito. Não sou velho. Coisa do fundo ou da encantaria, pra mim, tanto faz, como tanto fez.

**RAPAZ 2**

Pois eu acredito. Com coisas do fundo não se brinca, viu cara. Eu mesmo já vi uma assombração no meio da estrada e não quero ver mais, égua, fiquei todo arrepiadinho. Deus me livre.

**HOMEM 1**

O boto na figura de gente é um teba ... *(Entre um gole e outro)* um rapagão fa-  
ceiro, todo taludo, cheio de prosa, metido a galanteador, a dançarino, tu-  
do o mais.

**RAPAZ 1**

O senhor já viu ele? Assim, cara a cara?

**HOMEM 1**

Ver mermo, mermo não vi. Mas o pessoa da Vila disque vê ele rondando, por essas bandas daqui, fala com ele, mas o façanhudo logo desconversa, e vai logo enrabando os útro que se mete na frente dele, aí tu já viste né, o estrago, que ele faz no rabo de alguém.

**HOMEM 2**

Olhe cumpadi, do que se tem notícia mermo, desde o Baixo Arari, na Ilha de Marajó até os rios da Vigia, Afuá de Dentro, Afuá de Fora, o boto Tucuxi tem feito um estrago danado praquelas bandas, mas por demais! Não tem sossego. Nem paradeiro. Agora mermo, quando eu tava vindo pra cá, indagorinha, o infeliz surgiu de dentro do bananal e deu de me seguir sorrateiramente... Olhe lá! (*Apontou a miragem de costas, elegantemente vestido*). Não é ele? O tal que pinta na festa, misterioso, todo de branco?

**RAPAZ 1**

Vamos ver se é ele mesmo. Peguem as tochas. Peguem o facão, rápido.

**RAPAZ 2**

Vamos agarrar ele. Atrás dele, pessoal. Peguem esse cabra.

**HOMEM 1**

Desta vez não escapa. Vamo dá porrada nesse filho da puta.

**HOMEM 2**

Filho do tinhoso. Vem cá, seu cabra safado. Seu gigolô do mar. (*Mas o boto consegue fugir de novo etc.*). O porra escapuliu.

**RAPAZ 1**

Para onde? Aonde terá se escondido esse?...

**HOMEM 1**

Aqui no aningá, ele num tá, o mandingueiro... nem ali, nem acolá, atrás da moita.



**HOMEM 2**

Égua xiri. Te desconjuro. O filho da puta enrabadú sumiu mermo. Vai ver que foi lá pra festa da Rosilda.

**RAPAZ 2**

Então vam'borapra lá todo mundo. Vamos procurar ele lá.

*(Corte/ foco em).*

**CENA 6**

*(Era festa do siriá na casa de Rosilda, todos parecem alegres e divertidos dançando; o boto já estará em cena "conversando" com Rosilda).*

**RAPAZ 2**

Ei Miro, olha pra acolá... o cara já entrou na festa. Foi mais ligeiro que a gente.

**RAPAZ 1**

Rapaz, vamos ficar de "olho" nele. Qualquer coisa a gente taca a porrada nele, baixa o pau pra valer.

**HOMEM 1**

Desta vez ele num escapa, viu moçada. *(E saíram dançando etc.)*.

**BOTO**

Senhorita Rosilda...

**ROSILDA**

*(Quase de boca fechada).* Sim?

**BOTO**

Sorria. Você é tão linda. E me dê o prazer dessa dança?...

**ROSILDA**

*(Ao sorrir, acanhada, mostra os dentes podres na boca).* Pois sim, meu belo rapaz. O prazer é todo meu, sem dúvida. Mas peraí, cumo é qui sabe o meu nome?

**BOTO**

Muito simples. Nas linhas mestras de suas mãos *(Beijou-lhe as mãos)*.

**ROSILDA**

É mermu? O que dizem mais? Vai! Vai falando! Isso me faz bem, meu lindinho.

**BOTO**

Ficará comigo esta noite, Rosilda? E Rosilda será minha. A minha namorada... a minha amada...

**ROSILDA**

*(Afastando-se dele).* Mas, quando pequeno? Papai não quer, a mamãe e vovó não deixam mermo. Ainda sou cabaço. Só se casar, meu pretinho lindo, lindão.

**BOTO**

Isso é legal. Então me caso.

**ROSILDA**

Mermo? Tu nem me conhece direito. Nem sequer sei teu nome.

**BOTO**

Não importa. Anda, vem comigo, antes que o dia amanheça! Vamos sair desse terreiro. Vamos pra canoa namorar ao luar, vamos?

**ROSILDA**

Eu topo. Num quero morrer virge. *(E saíram os dois na direção do rio. Em seguida, os dançarinos perseguem o boto com lanternas, isqueiros, lamparinas etc.).*

**TODOS** *(Vozes intercaladas).*

Olhem! O boto levou a Rosilda, essa lesa! Atrás dele. Corram de pressa.

Vamos tocar fogo no rabo desse Tucuxi duma figa.

Nessa moita ele num tá, cumpadi Carioba... nem nessa outra aqui... deve de ter ido praquela tapera da beira do rio.

Ele não é assombração? Então. Deve tá na ilharga da gente, invisível, junto de nós, aqui pertinho. Chega tou arrepiadinho.

Vamo vortá pra festa, pessoa. A festa num pode acaba pro modi duma visage visagenta, né não?

Deixe de medo, Malato. Deixe de ser Medroso, ôme. Nem parece que tem culhão. *(Nesse instante, o boto atravessa o cenário a olhos vistos).*

- Olhem! O bicho tá fugindo outra vez!
- Pega a tua arma, cumpadre Raimundo. Atira nos cornos do safado. Deruba o visagento.

### **RAIMUNDO**

Putá merda. Perdi a mira. Sou ruim de pontaria. Mas da próxima, viu cumpadre Porvilho, nem que eu tenha que vortá pro meu Igarapé Miri, de lá, trago o meu facão, aí enfio no rabo desse boto afrescalhado. Meto-lhe o sarrafo no rabão dele, o senhor vai ver. *(Todos riem)*.

### **PORVILHO**

Eras, cumpadi Raimundo, intão o senhor, tá tomando as dor desse viado!

### **RAIMUNDO**

Tou e num tou. Porra. O coitado só faz enrabar, enrabar... lá um dia tem que tomar no rabo também, pra mode ver se é bom. Falando em viado, a gente bem que podia assuntá um aqui pertinho de nós *(Piscando-lhe o olho)*, né não, Zezinho?...

### **ZEZINHO**

*(Efeminado e engraçado)*. Eu? Eu não sei de nada. Vira essa búca pra lá. Sou contra violência. Inda mais, com o pobrezinho do boto. Mas, não me meto com bicho do fundo não. Magina! Gosto de gente de carne e osso, quer dizer, mais carne que osso... tou aqui para proteger a minha queridíssima amiga Rosilda!

### **TODOS**

*(Caçoando)*. Amiga, é? Olha aqui... *(Estendem o braço)*. “aplica”.

### **RAIMUNDO**

Tais é afim do boto, seu viado incubado.

*(Corte: foco em)*.

## **CENA 7**

*(Coreografia do coito do boto no tucuxizeiro, e todo o elenco participa da cena, dando ênfase à maresia do corpo, na concepção poética da fala)*.

### **MULHERES**

*(Com gemidos sensuais).* Ó meu belo rapaz!/ Meu espanto, espantinho das marinhas/ Me leva nas tuas águas de Aruanda!

### **HOMENS**

*(Simulando o movimento sexual).* Vem, minha morena.../ Vem provar dos meus ardidos beijos/ Vem nadar nas ondas que te ondeia/ Vem com Tucuxi esse moço bonito e mandingueiro/ A marear rio abaixo rio acima/ Nesta sina de tucuxizeiro/ E não conte ao mundo o segredo/ Desse nosso encontro na vida/ Em nosso mar de degredo!

### **MULHERES**

Anda, vem! Me penetra, vai!/ Aiiiiii, diabo/ Rasga esse cabaço!

*(Corte: foco em).*

## **CENA 8**

*(Cena final. Sequenciada com o nascimento do filho do boto que foge para o mar, depois ocorre uma chuva de estrelas, em torno da morte de Rosilda).*

### **MADRINHA**

*(Socorrendo-a).* Rosilda!

### **ROSILDA**

Sim, madrinha? Fale! Aiii, essa criança tá se mexendo muito, parece que tá querendo nascer.

### **MADRINHA**

Mas, vai nascer. Tenha calma. Me ajuda, fia. Se mal pergunto: quem é o pai dessa criança? O teu namorado, o Tavico?

### **ROSILDA**

Antes fosse! A minha vida agora está ligada ao tucuxizeiro... que a beira mar domina. Tucuxi foi porreta comigo. Como foi prazeroso seu gozo.

### **MADRINHA**

Assim que foi cum as útra por aí, magine. Inté paresque que esse tapuiu tem açúcar no par. Hum hum! *(Aqui nasce a criança, metade gente, metade peixe).*

**MADRINHA**

*(Assustada)*. Minha Virgem Santíssima. Parece o filho do proscrito. Que coisa mais medonha! E vai fugindo o danisquinho!

**ROSILDA**

Tadinho, madrinha *(Chorando)*. Ele vai em busca das águas... em busca do pai dele, do Pirayaura... que os índio fala *(Ouve-se um grande estrondo, barulho, galhos quebrando etc.)*. Minha Santa Bárbara! A senhora ouviu isso, madrinha?

**MADRINHA**

Ouvi sim. É o estrondo da pororoca se arreando para cá. Vai acabar cum as maromba do cumpadi Zé Venâncio. Eu ainda disse pra ele que aquele currá tava podre, véio demais, num dava pra prender o gado, nem as galinha, mais dois carneiro.

**ROSILDA**

*(Em transe)*. É ele... o boto Tucuxi. Pirayaura é Tucuxi, Tucuxi é pororoca, madrinha. Ele faz esse estropiço. Ele veio buscar a criança... ele vem agora me buscar...

**MADRINHA**

Cala essa búca herege. Não brinque cum as coisa de Deus.

**ROSILDA**

Acredite, madrinha. Eis o seu segredo. Ele me contou.

**MADRINHA**

Que “segredo” esse, herege?

**ROSILDA**

Madrinha... o Tucuxi é o senhor das águas, o Pirayaura que os índio chama...

**MADRINHA**

*(Segurando-a no colo)*. Rosilda... minha fia, o que tá acontecendo?... Tua cabeça tá se ardendo em febre, meu Pai do Céu...

**ROSILDA**

O boto... tá me levando agora, madrinha...

**MADRINHA**

Minha fia, isso é leseira... isso é tonteira, isso passa, tua madrinha vai fazê um caribé bem forte, tu vai miorá.

**ROSILDA**

Adeus, madrinha... adeus... não deixe ninguém acabar cum o tucuxizeiro, madrinha... cante... cante um acalanto... ele gosta.

**MADRINHA**

*(Entre lágrimas e soluços, canta).* Rosilda, minha fia... praquê isso agora! *(Cantando).*

Na saga desse rio eu vi - eu vi  
Um barco branco a naufragar  
Foi o boto Tucuxi - Tucuxi  
Vindo da banda de lá

Foi boto, sinhô/ Foi boto, sinhá/ Foi esse maroto/ Que afundou o barco  
no mar/ Barqueiro! Joga a rede no mar!/ Não deixe o bicho fugir/ Tucuxi,  
vai vadiar.

*(Corte/ blackout/ chuva de estrelas caindo).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

ESPELHO  
DA NOITE

# Espelho da noite

## Texto de sonoplastia - 2000

**MÚSICA Nº 01.** (*Reflexões*). Inicia o espetáculo por 10 segundos ligando-se com a **MÚSICA Nº 02.** (TUM TÁ TÁ - NILSON CHAVES) seguindo de fundo.

(*Cena de abertura. Barco e barqueiros numa viagem pelos rios e matas da Amazônia*).



### CENA 1

#### BARQUEIROS

Rema rema Raimundo

Senão o barco vai pro fundo!

Nós temo é que tomar cuidado cum o boto preto que vira embarcação na búca da noite.

Eia maré braba. Vamos chegar dimanhãzinha, aí tu já viste não.

Vôte cobra d'água. A milher em casa vai dá pinote de raiva. Só dorme comigo, ali, na ilharga, esquentando a virilha. (*Os outros riram*).

Esse cabra é de morte.

Tá vendo lá, Raimundo... o boqueirão da noite! Vamo que vamo passar dentro dele.

Paidégua. Essa eu pago pra ver. Eia só, espelho da noite!

#### TODOS

Espelho do negrume. (*Aqui a neblina da noite os envolve e some com eles para bem longe*).  
(*A música 02 fica até o término da fala "Espelho do negrume"*)

### CENA 2

#### MÚSICA Nº 03 (NOVA ERA)

(*Nessa viagem, os barqueiros, se deparam com os duendes das águas na espuma da maré alta*).



**DUENDES DAS ÁGUAS** *(Coreografando a fala).*

No espelho da noite  
o negrume me criou  
e me fez espanto espantinho  
no espelho das águas,  
que daságuam meu pranto  
e minhas mágoas.

**CENA 3**

*(De dentro das águas, surgem os peixinhos de prata ao luar, anunciando a aparição do Boto Tucuxi).*

**PEIXINHOS DE PRATA**

É neste rio que deságua  
tua ternura ao luar  
onde o povo de Aruanda  
lançaram teus sonhos ao mar! *(bis).*

**CENA 4**

**MÚSICA N. 04** (TIÃ TIÃ TIÃ - WALTER FREITAS)

*(Ao término da coreografia dos peixinhos, haverá uma performance teatral sobre o mito Amazônico).*

**MULHERES** *(Com gemidos sensuais).*

O meu belo rapaz!  
Meu espanto espantinho das marinas!  
Me leva nas tuas águas de Aruanda...  
Não tem outro caboclo que me prenda!

**HOMENS** *(Semi nus).*

Vem, minha morena...  
Vem provar dos meus ardidinhos beijos!  
Vem nadar nas ondas que me ondeia...  
Vem com Tucuxi esse moço bonito e mandingueiro,  
a marear rio abaixo, rio acima.  
E não revele ao mundo o segredo  
desse nosso encontro na vida  
em nosso mar de degredo. *(Sumiram nas águas).*

*(Obs: A música 04 fica de fundo até o término da fala, ..."Mar de degredo")*

## **CENA 5**

**MÚSICA N. 05** (FRUTA RACHADA - WALTER FREITAS)

*(Cena dos barqueiros continuando a viagem até as margens do rio).*

### **BARQUEIROS**

Também, a modo que todo mundo conta muita presepada desse povo do fundo.

Conheço a vida desse rio como a palma da minha mão. Às vezes, paresque, que o destino desse rio é o destino da gente, sem seu destino fazer.

Entonse. É como dessas lendas... desse negócio de Mãe d'água... Mãe da Mata... Cobra Norato... inda tem o da MatintaPerêra.

Te desconjuro, égua. Chega tôarrepíadinho.

Olhe, cumpadi, cheguemo no barranco... pertinho do sumitério.

Porra. Num tinha outro lugar pra aportar?...

*(Aqui surge a imagem do cemitério e a velha MatintaPerêra na matintagem).*

Olhe, quem vem lá, com o corpo véio "cansado de guerra"!

É a mais antiga lavadeira do lugar, que vira matinta.

## **CENA 6**

**MÚSICA N. 06** (ORAÇÃO DA CABRA PRETA - WALTER FREITAS)

*(MatintaPerêra e a coreografia do batuque).*

### **MATINTA**

Ai, ai, ai, ai. Sou negra, sou pixaim, sou Matinta sempre Perêra desses rios, desses campos nas noites de lua cheia. Sou assombração e medo no caminho desse povo, que anda exterminando com a floresta.

### **VOZES**

Ei matinta! Quem te matintou?

### **MATINTA**

Garra de me molestar, sataná. Mas que sabe mermo? Foi o rabo da mãe que me pariu a noite inteira, e me deu a sina desse destino dessa penitência de todas as sextas-feiras, e que vêm de gerações passadas que me dero a vida. Isto não basta? Seus porqueiras.

**VOZES** *(Cantando).*

À meia-noite na matintagem  
a Matintamatintou,  
quando o negrume os tambores clareou  
na floresta que se acabou! *(bis).*

**MATINTA** *(Em transe, fingindo).*

Meu São Cipriano, debaixo dessa jaqueira,  
onde o “cavalo” vem e se espoja,  
me deixa cumprir o meu fado à meia-noite  
de todas as sexta-feiras. Quero tacar fogo  
no rabo do Homem que tocou fogo na floresta!  
Mea ajuda, meu cipri, mea ajuda, a matintar  
esse corpo véio quebrado e tinhoso.  
Aiii, mea ajuda, diabo dos infernos, aiii...  
Fiiiite, matintaperera. Fiiiite... Desisto.  
Diacho de corpo véio morto, nem pra recebe o  
maldito tu serve. Te desconjuro. *(Vai embora).*

**CENA 7**

**MÚSICA N. 07** (SALVATERRA - WALTER FREITAS)

*(Os barqueiros, dentro da mata, ao amanhecer, onde se esbarram numa Cobra-grande e dançam).*

**DANÇARINOS** *(Cantando/dançando).*

Olha a Cobra-grande na enchente da maré,  
barqueiro toma cuidado  
Cobra-grande vai-te comer!  
Seu tamanho é um desafio  
seu olhar me amofina.  
Se eu morrer, ninguém se importe  
oi, se eu matar, a sorte é minha.

*(Ao término da dança, eles passam a colher frutas na mata, onde reverenciam a Mãe da Mata).*

## CENA 8

### CONTINUA A **MÚSICA N. 07**

*(Com expressão corporal e depois levam açoites da Mãe da Mata, por colherem mais do que deviam).*

Na terra dos caminhos  
eu vi passar... Mãe da Mata  
salpicada de estrelas!  
Veio da mesa farta pro seu povo,  
veio oferecer tanta riqueza! *(bis)*.

*(Obs: a música 07 fica de fundo até o término da fala:... "tanta riqueza")*

## CENA 9

### **MÚSICA N. 08** (REFLEXÕES)

*(Performance do pássaro Tucuanã e as lavadeiras cantarolando no igarapé).*

### **LAVADEIRAS** *(Cantando e lavando roupas).*

Foi Tucuanã que matou o meu amor  
quando Bento veio do mar.  
Já no rumo de casa ele caiu  
no meio do caminho, sentindo saudade  
e muito dor.

### **TUCUANÃ**

*(Alçando vôo). Seicuru, seicuru...*

### **COMPANHEIROS** *(Carregando o cadáver numa rede).*

Ei madrinha Ogusta, a modo pra onde a gente enterra Bento Vigílio?

### **MADRINHA**

Lá praquelas bandas da terra dura, onde não há passarinhos daníscos.  
Entonseva'mbora rapaziada.  
A modo atalhando os caminhos vamo chegar demanhãzinha aqui lonjura.  
*(E vão tocando icalença).*

*(A música continua até aqui.)*

## CENA 10

*(Noutro plano de ação, o elenco formará o aprisionamento do Boto Tucuxi numa rede de pesca).*

**PESCADORES** *(Cantando/dançando).*

Na saga desse rio eu vi – eu vi *(bis)*.

Um barco branco a naufragar

foi boto tucuxi – tucuxi

vindo da banda de lá.

Foi boto, sinhô

foi boto, sinhá

foi esse maroto

Que afundou o barco no mar.

**PESCADOR**

*(Se destaca).*

Barqueiro! Joga a rede no mar!

**TODOS**

*(Pianinho).*

Não deixa o bicho fugir, tucuxi

vai vadiar. *(Aqui começa em ritmo de carimbó).*

## CENA 11

**MÚSICA N. 09** (JANATAÍRA - WALTER FREITAS)

*(Sequenciando a cena, surgem os índios, pedindo para libertar o boto preto, o senhor das águas).*

Olhem! *(Aponta o facão).*

Os índios!

O que eles querem com a gente desta vez? Terreno? Casa?

Não estraguem a nossa festa! Se quiserem um pedaço de boto, a gente dá cum gosto. Podem levar. *(la matá-lo, quando).*

**ÍNDIOS**

*(Detendo o terçado e o homem).* Libertar pirayaura senhor das águas! Boto preto vai trazer pororoca. Pororoca mata povo índio.

## **CACIQUE**

Toda aldeia vem avisa. Tucuxi é pororoça. Índio toma conta dessa Brazil, tucuxi toma conta do povo índio.

## **PESCADOR**

Que absurdo! Isso é lenda! Vamos retalhar tucuxi esse enrabador da mulher dos outros. *(Os índios se retiram em silêncio, da mesma maneira que entraram em cena).*

## **CENA FINAL**

### **MÚSICA N. 10 (REFLEXÕES)**

*(Cena final. Coreografia da pororoça. E todo mundo dentro do poema).*

### **TODOS (Grito).**

Olha a pororoçaaaaaaa!!!!!!!

### **PESCADORES**

Soltem o bicho!

Agora é tarde! *(O Boto foge sem ser visto ou apercebido).*

### **VOZES INTERCALADAS**

Cumpadi Isaias, prenda essas galinhas que aí vem a danada!

Afonso, meu filho, prende o gado na maromba!

Cumadre Genó, ô cumadri Genó, olha essas crianças no jirau! A tromba d'água tá chegando! Depressa!

Ei Juvená! Tira esse pequeno do açazeiro. Depois ele trepa.

Minha Santa Bárbara, me valei!

Eta pororoça paidégua! Ela vem que vem derrubando tudo, engolindo tudo nós.

Vamo correr!

Não dá mais tempo.

### **TODOS (Morrendo).**

Aiiii, Cristo. Socorrooooo... *(Silêncio total).*

*(A música continua de fundo até aqui.)*

**MÚSICA N. 11** (REFLEXÕES)

**VELHO PESCADOR** (*Noutro plano de ação, sentado, tragando porronca*).

Entonse foi ansim o mistério douda lenda. O tar de buto sumiu cum o puvo daqui. Era lua cheia. Tava luar que era uma belezura, tarrendo. Adispois, nem eu, nem o finado Zé Raimundo, nem o cumpadi Pé de Légua, vortamo mais pro mar. Acabou-se tudo. Só restú lembrança. Búanúite.

*(Fecha o foco na imagem do "velho" etc.).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

CRISTOS  
DA TERRA



# Cristos da terra

2001

## PERSONAGENS

Cristos - vários

João Batista - adulto e político

Maria - jovem

Maria - adulta

Anjo - adolescente

Lavadeiras - várias

Homens - de 1 a 3

Mulheres - de 1 a 3

Judas - adulto e louco

## CENÁRIO

Experimental. Arena. Ou palco italiano. Sem definir o tempo ou local. História passada em qualquer estação.

## TEXTO

Um relato litúrgico numa linguagem coloquial e contemporânea. *Cristos da Terra*, como espetáculo, tem a cumplicidade dos desabafos íntimos religiosos e de tudo aquilo que é emocional, verdadeiro, sem apelações estereotipadas contra os dogmas da Igreja.

Em síntese, e em tese, o desabafo é um fator psicológico exigido pela pessoa humana. Ninguém foge dessa necessidade, a não ser quem tem uma autoconfiança exagerada, até escravizante. No todo, *Cristos da Terra*, somos todos nós enquanto povo de Deus, personagens excluídos dos políticos vigentes nos países do mundo, como os flagelados, descamisados, sem-terra, sem-tetos, entre outros.

*O Autor*



## CENA DE ABERTURA

*(Tempo: Ao entrar pelo fundo do palco, João Batista, depara-se com outros companheiros meditando na sinagoga quase em penumbra. O ambiente precariamente iluminado pelas velas parece traduzir uma espécie de morbidade).*

### **JOÃO BATISTA**

Isso. Meditem. É importante meditar. O mundo é o reflexo daqueles que vivem nele e aqueles que vivem nele são reflexos de suas próprias atitudes, de seus próprios caminhos, de suas próprias escolhas. Meditar é muito bom. Mas olhem para isto! *(No telão, imagem mostrando algo mortífero)*. A humanidade está perdida. Temos vivido num mundo de catástrofe: doenças, guerras, secas, enchentes, terremotos, violências, mortes absolutamente desnecessárias e, acima de tudo, catástrofe da falta de compaixão da falta de humanidade. *(Breve pausa. Enquanto inicia a apagar as velas no cenário, uma por uma)*. Meditem! É necessário sim! *(Dando-lhes algo numa bandeja)*. Provem deste pão... Desta carne... Deste sangue...É puramente paixão. A Paixão de todos – que aqui estão presentes. Às vezes, eu João Batista, vagueio por entre os vivos e mortos deste planeta.

### **TODOS** *(Intercalados)*

Mortos-vivos?...  
Vivos e mortos?...  
Deste planeta?...  
Mas como?

### **JOÃO BATISTA**

Sim, sim, sim. Mais mortos que vivos pelas atitudes homicidas. A um passo do terceiro milênio, ao invés de estarmos representando a evolução do homem e as consequências de sua tecnologia e de sua inteligência, estamos à beira de um abismo, de um abismo sem volta. Sem volta!

### **CRISTO 1**

Nossa destruição foi detalhadamente planejada!

### **CRISTO 2**

Pensada!

## **JOÃO BATISTA**

Triste contradição: construímos nossa própria destruição.

## **TODOS**

Este planeta está morrendo!

## **JOÃO BATISTA**

*(Apagando a última vela).* Este planeta é uma bosta escatológica. E tudo por quê? Por culpa do distúrbio do próprio homem abrindo espaço para sua morte.

*(Corte: foco em).*

## **CENA DE ANUNCIAÇÃO**

*(Tempo posterior: Um anjo andaluz que surge e desaparece quase ao mesmo tempo. A impressão que se tem é de que ele veio temente a Deus, trazendo uma mensagem aos homens na Terra).*

## **ANJO**

Mesmo apontando uma série de defeitos nos homens e nas mulheres deste planeta, ainda continua sendo o guardião da vida, de suas vidas. Para elas, parece impossível viver sem o marido e sem o amor. E eles, na verdade, demonstram uma inclinação à renúncia desse amor que tentam preservar *(Saindo)* não sei por quanto tempo.

## **HOMEM 1**

Eis aí o Anjo que nos visita em nome dessa reflexão.

## **HOMEM 2**

Por que um anjo andaluz?

## **HOMEM 3**

Para preservar nossa identidade com o mundo lá fora.

## **HOMEM 1**

Também para dar direção a todos nós. Raimundos...

## **HOMEM 2**

...Pedros... Mathias...

### **HOMEM 3**

...José de Arimatéias. *(Noutro plano)*. Talvez Madalenas. Verônicas.

### **HOMEM 1**

Martas, Marias.

### **HOMEM 2**

E Cireneus da vida. Todo mundo em busca desse amor e dessa paixão, que estão ligadas, efetivamente, a Cristo e aos Anjos que nos protegem de longe.

## **CENA DA VENTANIA**

*(Tempo consequente: Ao fundo, no telão, imagem de uma forte ventania arrancando árvores, destruindo casas, pontes, armazéns e afogando pessoas nas enchentes do planeta).*

### **TODOS**

*(Ajoelhados e de mãos postas para o céu)*. Senhor, Senhor! Porque nos abandonastes?! *(Juntando-se aos escombros no palco)*. Eis todos nós Cristos da Terra.

## **CENA DA MORTALIDADE**

*(Sequenciando a cena. Todos carregam algo sobre os ombros a suportar os maus-tratos daquelas que cometem homicídios nas ruas da cidade grande).*

### **TODOS**

Eis o homem que castiga. Eis o Cristo em mim. Eis à bala desse fuzil. Eis a vala comum dos mortais, onde morre este homicida.

## **CENA DA CRUCIFICAÇÃO**

*(Tempo: Movimento dramático, trabalhando com ênfase a cada palavra).*

### **VOZES INTERCALADAS**

Eis todos nós Josés carpinteiros, pedreiros, marceneiros, açougueiros, funcionários públicos, bancários, faxineiros, motoristas.

Judas e Barrabases.

Todo mundo! Carregando suas cruzes, cada qual com seus porquês e destinos.

*(Noutro plano. Muito além do que poderiam supor os homens-tiranos que infernizam a vida a três pancadas, os Cristos da Terra, assimilam sua própria "Crucificação" em praça pública).*

Eis o martelo que vai pregar minha alma cruz urbana.

Eis todos nós, quase crucificados, nessa cruz de pouco peso e muitos preços.

Ei-lo surrado, tão desgraçado, mais do que expoliado e morto pelos pecados nossos de cada dia, dai-nos o perdão agora, ó Cristo Pai!

*(Vão formando o calvário simuladamente).*

Sem as Madalenas para chorar por nós, os descamisados.

Sem as Verônicas para enxugar nosso rosto, em suor tão amargo.

Sem as guardiãs que nos ofereceriam o vinagre na ponta da lança, a saciar nossa sede, em praça pública.

### **CENA DA VIA-SACRA**

*(Participação de o todo o elenco, além de figurantes vestidos de trapos e lavadeiras com trouxas de roupas na cabeça cantarolando).*

**LAVADEIRAS** *(Cantando).*

Louvados sejam, homens ingratos, nessa terra de Santa Cruz/

Dai-nos a benção ó Virgem!/  
Mãe de Deus e do Cristo Jesus...

**HOMEM 1**

Mas, Cristo subiu ao céu no terceiro dia, para estar ao lado de Deus-Pai para nos salvar das tragédias no mundo.

**HOMEM 2**

Rapaz! Essa é a dupla Via-Sacra: a minha vida excluída pelo poderio, e Paixão e Morte Dele, em nome de todos.

**HOMEM 3**

Aí, meu Cristo-irmão, meu Cristo-pai, não me permita mais tanta espoliação humana neste planeta.

**MULHER 1**

Oh, Cristo! Volta outra vez, mas dessa vez, para acabar com a miséria humana.

## **LAVADEIRAS**

A injustiça/ a Fome/ o Desamor que imola as multidões.

## **MULHER 2**

Nós, as Martas que a vida predestinou a ser irmãs de Lázaro, não sabemos de igual sacrifício que não seja pela cura desta lepra social que o mundo gerou.

## **CENA DA APARIÇÃO DE JUDAS**

*(Ajoelhados aos pés da cruz onde um dos atores passa a ser o Cristo Crucificado, enquanto vai ouvindo a seguinte fala).*

## **MULHER 3**

Cristo foi aquele que menos viveu e deu sua vida em troca da nossa, até nos perdoou pela traição de nosso Judas.

## **TODOS**

Senhor, Senhor! Volta novamente para ensinar que o perdão é para quem se arrepende e que o Amor estará dentro de cada um.

## **JUDAS**

*(Camuflado em trapos e bugigangas, chocalhos). Vejam... Vejam Nele uma súplica sutil, um pedido tão desesperado quanto delicado. Vejam Nele uma urgência tão urgente de não transformar nada numa desgraça, numa tragédia (Mastigando migalhas de pão). Aquele beijo (?) era de inveja sim!! Era também uma farsa política por conseguires arrastar multidões no caminho e eu não. Nunca consegui. Depois daquele beijo, retratando a solidão que me sufocava, a Vida agora deixou de ser magia e passou a se tornar algo frágil, indecifrável, incompreensível. Uma coisa é certa. Não há paz contínua, não há liberdade de ser, as pessoas não sabem para onde ir e nem a quem recorrer. Os inimigos já não usam mais uniformes. Eles vivem conosco no dia-a-dia e dormem ao nosso lado. (Caindo em si) Oh, Senhor! Estou falando de morte da alma, de destruição do espírito, de escuridão no coração. (Tenta o enforcamento outra vez). A Palavra "Humano" ... Já não faz mais sentido. Devo repetir o mesmo gesto de há 2000 anos atrás? Será que devo? (Todos correm para socorrê-lo a tempo).*

## **TODOS**

Libertem o Judas força milenar. Jesus também o perdoou. É urgente destruir certas palavras. Ódio, Solidão, Crueldade...

## **MULHER 1**

Alguns lamentos e muitas espadas. É necessário inventar alegria, multiplicar os beijos, as searas, as igrejas, os templos de oração. *(Aqui entra a Música delineando a cena da "Pietà" logo a seguir quando Judas sai de cena).*

## **CENA DA PIETÁ**

*(Tempo: durante a música o Ator que simula Cristo caindo da Cruz tem por Compaixão e aconchego o colo de sua Mãe, que chora ao vê-lo morto).*

## **MARIA**

Quantas Marias também amparando seus filhos no colo, viram seus filhos morrerem à míngua na fila do pronto-socorro ou de algum posto de saúde, por falta de atendimento médico. É muito triste, meu Deus, quando a gente vê uma alma generosa e se percebe que ela vai indo embora deixando uma mãe sozinha. Meu filho amado, o que será de mim agora sem te ver brincando pelos quintais da manhã.

## **CENA DE REAPARIÇÃO DO ANJO**

*(Tempo: Os atores se recomporão à cena do sofrimento no purgatório, aí ressurgindo das cinzas, eles passam a perceber a divina luz do Anjo).*

## **HOMEM 1**

Eis o Anjo!

## **HOMEM 2**

Ei-lo que ressurge trazendo boas-novas!

## **HOMEM 1**

Será?

## **HOMEM 3**

Silêncio! Ouçamo-lo, primeiro.

## **ANJO**

Pai. Que estais no Céu santificado seja teu nome aqui na terra. Pois todo esse povo está e sempre estará disposto a descobrir a verdadeira razão de Todos estarem aqui. Todos em busca de um mundo melhor. E não falo da casa de cada um, das relações de cada um, do ambiente em que cada um vive, hoje, aqui agora. Oremos ao Senhor! *(Desaparece da mesma maneira que surgiu).*

## **TODOS** *(Intercalados).*

Por toda esta reflexão que deve ser posta em prática urgentemente.

É urgente o Amor pelas pessoas, pela Natureza, pelo planeta Terra.

Também pelas crianças que choram na sarjeta crônica do desamor.

Pelos artistas em geral, pelas mães solteiras, pelos assalariados.

Oremos ao Senhor!

Pelos loucos, pelos enfermos, pelos idosos no esquecimento social.

Pelas vossas feridas ó meu Cristo-Santo, pelas chicotadas em tua face, pelas chibatadas em teu corpo sacrossanto. *(Breve pausa).*

E por todos que estão aqui presentes neste encontro de Paz, em razão do Vosso Santo Amor e sagrado nome!

Também pelos amigos e colegas que se ausentam, numa autêntica ressurreição da alma, deixando saudades aqui na terra de tantas queixas. Cantemos ao Senhor!

## **TODOS** *(Cantando).*

O Senhor fez em mim maravilhas. *(Bis)./*

Santo é o seu Nome!/

O Senhor é do mar, é do mar/

O Senhor é do amor, é do amor/

Ele vai nos salvar, vai nos salvar/

Vai nos salvar!

*(Tempo: Ao término da coreografia da dança, os atores se envolvem com um imenso lençol, cada um, deixando a ver uma simulação de figuras ou imagens sacrossantas. Feito isso, a maioria vai caindo por terra ao som da música final, ficando estática ao centro aquela que representa a anunciação de Maria grávida, gravíssima de graças plenas. Morre a música e a luz que estava direcionada ao "quadro").*

**FIM DO ESPETÁCULO**



AGAMENON

# Agamenon

2001

## PERSONAGENS

Agamenon

Genovês

Gerôncio

## CENÁRIO

Um beco sem saída, um enorme esgoto ao fundo, bugigangas pelo chão etc..



## CENA 1

*(Agamenon conversa com alguém "invisível" à sua frente, enquanto deambula-se com dificuldade. Sente frieza nas pernas e, às vezes, no corpo todo. É coxo. Ele enxuga o suor que imagina escorrer na testa).*

### **AGAMENON**

Eh, cara. Tás por fora, ó. Vê se tu saca essa. Tu és um número... eu sou um número... todos nós aqui somos um número. E, xará! Um número, um número, seu abestado. *(Breve pausa. Enquanto vasculha algo no canto).* O que, porra?... Fala aí, fala. *(Berro)* Fala!!! *(Faz-se silêncio).* O berro do silêncio se calou, foi? Foi? Tás é doido. Promíscuo és tu otário; que dá a bunda pra todo mundo *(Adiante, quase próximo da plateia, visivelmente enlouquecido).* Ei, cara. Quem é essa coroa, essa mulher? O que ela quer comigo? O quê? Amiga minha? Minha amiga, é? Tás é lesa, eu nunca tive amiga. Nem amigos. Veio me buscar, foi? *(Ri baixinho).* Eras! Veio me buscar! Ora veio me buscar!...*(Delira).*

## CENA 2

*(Sequenciando a cena, Agamenon, brinca harmoniosamente com cacos de vidros coloridos. Simula um banquete. Bebe a própria urina que este mija numa lata enferrujada).*

### AGAMENON

Guaraná dos deuses. Quem disse isso? Tou louco não. Esta é a mesa. Esta é a mesa do banquete de Nero, não faltarão Cleópatra, Messalina, Lucrecia Bórgia, Dalli, Hitler e outros convidados como você, otário, vampiros, medusas, zumbis e duendes que servirão, em bandejas de ouro, cálice de espermas. E, cara *(Ri baixinho)*. Ora, não força! Que eu não caí nessa!... Mas tu quer mesmo me chupar por inteiro, todinho, seu promíscuo... Vai!... Cai fora... Vai embora daqui... Vai tomar no rabo... Espera, quem são vocês? O que estão fazendo? O que vão fazer comigo, droga?!...

## CENA 3

*(Nesse instante, Agamenon é visto indo amarrado por elementos da saúde pública, depois, colocado num asilo de loucos, onde Genovês e Gerônimo aparecem trancafiados na cela).*

### AGAMENON

O que é isso? O que é isso?... Não, decididamente, não quero... nem devo tomar essa porcaria de remédio. Eu não quero! Indagorinha, eu tomei, cara. Você viu? *(Para outro)*. Você não viu?

### AGENTES DE SAÚDE

Calma, calma. Venha conosco. Você vai ficar bom. Vai tomar banho, vai comer.

### AGAMENON

Mas eu tou calmo. Calmíssimo. Qual é a tua, hein cara? Me larga! *(Grito de angústia)*. Eu quero a minha liberdade! Me soltem, por favor! Eu preciso voltar pra praça, cara. Por favor! A minha casa é lá. Debaixo das mangueiras, das marquises, às vezes, eu moro no mictório, cara... mas é lá que eu vivo, cara. *(Pausa. Há uma mudança na luz e no cenário)*. Enfermeira... Enfermeira, eles chegaram!... Vieram todos me ver. Que bom! Que bom que eles vieram me ver. Agora, não tou sozinho. Sabe enfermeira? Eu conheço aquele bicho ali... aquele lá, com camisa vermelha... ele foi meu amigo de infância, mas finge não me ver. Por favor, enfermeira, me deixa falar com ele, conversar um pouquinho, só um pouquinho... me deixa, cara!

*(Apela. Cai a luz no cenário, quando a luz volta, Agamenon estará ausente do palco. Só há vazío, o silêncio, que será preenchido por Genovês e Gerôncio surgindo das sombras, os quais passam a agir fora da realidade).*

#### **CENA 4**

*(Ambos, em palcos diferentes, jogando as falas intercaladamente, audível).*

#### **GENOVÊS**

*(Tocando uma gaita ou realejo). Genovês toca, toca mais uma vez. Toca outra, que esta não valeu. Tou péssimo, tou péssimo, tou péssimo... tarrendo, tarrendo, tarrendo. Esta gaita tá com a moléstia, com a gota serena, com a peste bubônica. O Genovês, como é que vai a noiva? A noiva foi! Foi, foi minha. Ela me abandonou... me abandonou no altar. Jurema piranha, Jurema vagabunda. Sabe o quanto vale? Nenhum tostão furado, porra nada. Tarrendo, tarrendo, tarrendo... ela foi pra... *(Genovês passa a batucar numa lata velha, em seguida, procurou urinar num cantinho do quarto. Parece endemoniado)**

#### **GENOVÊS**

*Deixa-te está, bichinha miúda. Tu vais ver só uma coisa. Ó, se eu te encontrar, vou te enfiar um fio até o gargalo da boca, até o pescoço e tudo. Tarrendo... tarrendo! *(Gritou)*. Sou muito macho pra enfiar nesse teu rabão. *(Sequenciando a cena, Genovês, noutra plano do palco, começa a mastigar pedaços de pão dormido, com pirão de farinha, num prato de alumínio etc.)**

#### **GENOVÊS**

*Jurema gulosa, pega aqui na minha piroca. *(Ri)*. Genovês! Toca, toca outra. Aquela que fala do defunto do filho que era fresco, um viadão, que lambeu o fiofó da mãe dele e depois morreu, foi?... Só queria ver o estropício daquela coroa de bundão pra cima, assim. *(Exibiu a bunda através do rasgão das calças)*. Ó cambada de cretino! Ó, tudo duma laia só. Duma putaria só.*

#### **GERÔNCIO**

**(Interrompe com ameaças)*. Duma putaria só, não. Mas de muita sacanagem. De muita pilantragem, tás entendendo.*

#### **GENOVÊS**

*Ó, vai pra casa do cacete!*

**GERÔNCIO**

Vai tu, corno manso! Safado!

**GENOVÊS**

Cala essa boca! Cala, cala. Tarrendo, tarrendo. Vai tomar no traseiro, seu carachuê. Chupão. Pimba molhe.

**GERÔNCIO**

*(Afastando-se dele).* Bosta n'água. Nêga bingola. Chifruda. Galinha. Escuta cara, escuta aqui, tu não é normal. E não há motivos para ser diferente, o cara que leva um par de chifres nos cornos. O que foi que mudou? A relação, a amizade, o carinho, a paixão?...

**GENOVÊS**

Cala essa boca. Tarrendo, tarrendo. Vou tocar mais outra, mais outra... e tu vai cagar na vala. Tarrendo.

**GERÔNCIO**

A paixão, ah! paixão!... Isso continuo sentindo. Nunca pensei que fosse terminar assim.

**CENA 5**

*(Gerônimo pressente algo à sua frente, manuseia algo como se fosse um professor e fica alegre feito criança. Apanha um velho violão sem corda e canta alguma coisa).*

**GERÔNCIO**

Ih! Faz uma porrada de tempo. Quanto tempo? Bota tempo nisso! Muito tempo. Bastante. Um tempão *(Ao violão como um seresteiro)*. Lua que acorda a madrugada.../ vai dizer praquela ingrata/ que a saudade ainda maltrata/ o meu pobre coração.../ lua, nem sei da minha dor/ quando ela abriu as pernas e morreu no fudedor/ Dó-ré-mi-fá- sol-lá-si-dóóóó.

**AGAMENON**

*(Surgindo das sombras).* Cala essa boca, pederasta *(Faz-se silêncio)*. Então, tu não sabe que tu és um número?... Eu sou um número, tu és um número, ele aí é um número, todos aqui são um número só.

**GERÔNCIO**

Sou porra nenhuma.

**AGAMENON**

Um número. Apenas sum número, cara. Tu és um número, cara. Seu porra louca. Bacu. Baitola. É! Viadão esse cara.

**GENOVÊS**

Tu não tens nome? Todo mundo tem. Como é teu nome? O nome de vocês? A gente tá junto, todo mundo aqui, tem que saber.

**AGAMENON**

E como te chamas?

**GENOVÊS**

Genovês! Prazer... *(Estendeu-lhe a mão, mas não obteve resposta)*. O teu?

**GERÔNCIO**

Gerônimo! E o teu cara, qual é?

**AGAMENON**

O meu? Agamenon... eu sou Agamenon! O Rei da França!

**GENOVÊS**

Rei da França? Tás é doido.

**GERÔNCIO**

Tu és um fudidão, cara. Um pé rapado. Não tens onde cair morto.

**AGAMENON**

E tu tens? E tu tens? *(Passou a agredi-lo)*. Vou cortar tua língua.

**GERÔNCIO**

E eu teu pescoço de galinha!

**GENOVÊS**

*(Apartando a briga)*. Parem! Parem com isso! Que aí vem o camburão!

## **GERÔNCIO**

Zé ninguém. Tu não mexes comigo. Tu não mexes. Vai te aquietar. Não quero briga. A gente, todo junto, não pode brigar *(Barulho de sirene policial)*.

## **GENOVÊS**

Corre! Aí vem a polícia! Vamos se esconder atrás do chafariz. *(E todos correm para se esconder atrás de alguma coisa)*.

## **CENA 6**

*(Ambos escondidos, de um lado para outro do palco, passam a desenvolver rápido um diálogo, quase aos escondidos)*.

## **AGAMENON**

Você conhece a minha vó? Não! Ela é altona, meia gorda, bunduda, e tem os cabelos compridos. Não conhece? *(Ficou triste)*. E, então, deixa pra lá. Depois eu falo com ela. Depois eu dou um penico de presente pra ela...

## **GERÔNCIO**

Eu ando atrás de minha mãe. Ela me deixou aqui, mas disse que voltava e ainda não voltou. Tu conhece a minha coroa? E você? Você a conhece? Ela era uma puta da zona que me cuspiu pelo rabo. Foi sim. Nome dela? É Josefina... ela tá muito braba comigo, tá vendo? Diz que vai me internar no hospício, porque incendiei a casa dela. Mas tou louco não. É mentira. Tou louco não, eu juro *(Saindo do esconderijo, indo a um canto)*. Ó, se a senhora me mandar pro asilo dos loucos, eu fujo de lá quantas vezes quiser, e olha o que eu falo de você, ó. Corto o pescoço. Corto as pernas. Corto os braços e jogo no mar. Mentira! Mentirosa! O doutor falou que esse negócio na minha cabeça é coisa de fraqueza, melancolia, depressão... cala essa... *(E chorou feito criança, aos soluços)*.

*(Os outros fazem a mesma coisa para acudi-lo, ao saírem de seus esconderijos etc.)*.

## **GENOVÊS**

Tarrendo, tarrendo, tarrendo. Tá péssimo, tá péssimo. Genovês, toca mais uma música, tarrendo.

**AGAMENON**

Toca não. Sua música não presta. Não vale aquilo que o gato enterra. O que foi? Perdeu a memória?

**GENOVÊS**

Conta mais da tua história, talvez alivie.

**GERÔNCIO**

Talvez sim, talvez não. Nem tu, nem ninguém sabe mais de porra nenhuma. Me deixa em paz! *(Fugiu deles e foi estar encolhido a um canto, cabisbaixo, fechado em si).*

**AGAMENON**

Vai pro inferno! Seu pederasta!

**GENOVÊS**

E por que você não conta a sua?

**AGAMENON**

O quê? *(Passeia entre eles).* Pois eu conto, sim. Foi num banquete de Nero, numa tarde assim, chuvosa, cheia de trovões e relâmpagos, que a gente perdeu a vergonha na cara. Fizemos amor no meio da sala. No chão. Feito cachorro no cio. Perdemos o pudor na hora de cagar. Aquela velha cegueta e bunduda apareceu na porta e me fez lambar o chão onde caísse o esperma. Velha escrota. Depois, me deu de beber o chá da calcinha da afilhada dela. Aí fundiu a minha cachola. Pirei de vez. Fiquei doido. Maluco. *(Voltando-se para ela, lá fora, na plateia).* Olha! Olha aqui, velha rabugenta! Vou decepar o meu pinto e mandar pra ti de presente, velha escrota. Cai fora! Eu não preciso da tua visita! Nem da tua piedade!

**GENOVÊS**

*(Em transe).* Enfermeira... enfermeira... me tirem daqui! Me tirem daqui!...eu não quero morrer aqui! *(Apelativo)* Por favor, enfermeira!...

**AGAMENON**

*(Quieto, em outro plano).* Cala essa matraca. Eu quero dormir. Preciso.



**GENOVÊS**

Genovês! Toca, toca outra, aquela do acalanto do menino doidinho, que comia no penico de barro.

FIM DO ESPETÁCULO

TODO  
MUNDO

# Todo mundo

Drama social - 2002

## PERSONAGENS

Vários

Todo Mundo - personagem central

## CENÁRIO

Teatro arena. Com colunas gregas. Tendo ao fundo um grande esgoto a céu aberto onde lacrimejavam as estrelas etc.

## TEXTO

Trata-se de um trabalho litúrgico moderno que questiona a Moralidade do Tempo em nossa época e que remonta os valores éticos e estéticos envolvendo a Humanidade, tanto no passado quanto no presente, usando uma linguagem simples, objetiva e coloquial. Tudo dentro duma maquinaria teatral inovadora, experimental, onde o espetáculo, como um todo, exige a naturalidade e técnica de emoção dos personagens por intermédio dos atores no palco. Algo fundamental para a audiência imediata com a plateia que complementa sua trajetória e composição.



## CENA 1

*(O elenco surge das colunas gregas).*

**TODOS** *(Uníssonos).*

Ninguém escapa ao seu destino. Todo homem é uma ilha. Todos nós somos uma ilha. Somos todos, ilha.

**HOMEM 1**

Ou uma corda atada ao pescoço!

**HOMEM 2**

Ou um precipício sobre um abismo demasiado escuro e nojento.

**TODOS** (*Chamando*).

Todo mundo! Onde está você?

**HOMEM 3**

Esse homem é um cara desintegrado pela sua real condição humana.

**HOMEM 4**

Um grande palhaço, eu diria.

**HOMEM 1**

Um crápula!

**MULHER 1**

Um falso herói! Um bandido! Em verdadeiro hipócrita!

**MULHER 2**

Há, nisso tudo, uma transgressão vertiginosa, ao que me parece, contra a tal lei da gravidade, sabiam? Aqui se deve, aqui se paga!

**TODOS**

Mas até onde vai a necessidade da destruição?

**HOMEM 4**

Sim! Quem poderá explicar bem o que é a Vida e a Morte?

**MULHER 3**

Ninguém. O mistério continua. Bem feito pra ele! Pra ele, que desacredita na existência de Deus.

**TODOS** (*Grito*).

Todo mundo! Por que não aparece?

**MULHER 1**

Vocês sabiam que o Homem vira e mexe é um gesto obsceno na moral da História? Ou uma cagada federal no bom senso da Vida Brasileira, que anda desajustada ultimamente...

**HOMEM 1**

Certamente. Nem poderia ser ao contrário. Pensa bem. O nosso destino é o que somos, não o que desejamos ser, embora vivendo numa sociedade decadente, diga-se de passagem.

**TODOS**

Vem Todo Mundo! Vem, herói burguês! Vem com tua loucura maldita!!!...  
*(Há uma breve pausa norteando o silêncio).*

**HOMEM 1**

Por que não respondes, canalha?!

**HOMEM 2**

Vem negar em cena, aqui neste palco, os teus valores caducos!

**MULHER 2**

Estás com medo, bicho-homem?

**HOMEM 3**

Cara... O horror está em toda parte, em cada parte do nosso corpo. O que nos causa mais impacto ainda. Pois o Satanás, o Besta Fera, já assumiu o poder atmosférico. Pensa nisso também.

**TODOS**

Vem! Vem seu bastardo!

**CENA 2**

*(Todo Mundo surge de dentro das sombras, sofrível e angustiado, visivelmente dramático).*

**TODO MUNDO**

Eis-me aqui. Por que me chamaram? Tirando-me das sombras onde vivo esfumaçado, sacaneado por essa raça tola e cruel. Mas, eu que sou? Sei alguma coisa? Quem sabe? Presumi demasiado de minhas forças. Aos 30 anos, já tenho uma cara de pau, gente, estou velho, calcei chinelos, tenho a cabeça pesada, a alma entorpecida. Droga! Estou esgotado, batido, quebrado, sem fé, sem esperança, sem amor, sem objetivos... e vagueio por entre os vivos... já não sei quem sou, por que vivo, o que quero... Antonio, João, José, Raimundo, Bastião, quem sabe, talvez em mim toda decadência des-

ta burguesia que está lá fora. Aqui tenho vivido num labirinto de sombras, onde morro a cada segundo que respiro.

### **TODOS**

Cala essa boca! Maldito canalha! Atenta para os teus pecados mortais!

### **TUDO MUNDO**

Mas quem são vocês para falarem desse jeito comigo?!

*(Aqui o elenco se reveste de seus verdadeiros personagens etc.).*

### **COMPLACÊNCIA**

Eu sou tua Complacência!...

### **HIPOCRISIA**

Eu sou tua Hipocrisia, aquela que não resta a menor dúvida!...

### **GANÂNCIA**

Eu sou tua Ganância!...

### **FALSO PUDOR**

Eu sou teu Falso Pudor!...

### **MEDIOCRIDADE**

E eu tua Mediocridade!

### **TUDO MUNDO**

Então, estou irremediavelmente perdido, perdido por minha mediocridade e transigência, por minha covardia e complacência, por minha hipocrisia e ganância, enfim... por meu espírito vulgar e estreito, por minha simulação e falso pudor. Será que haverá perdão pra mim?!

### **COMPLACÊNCIA**

Seu canalha! Maldito burguês! Ainda ousa zombar de todos nós.

### **MEDIOCRIDADE**

Pior que isso, como tua Mediocridade, ainda te acompanha nessa tua trajetória, mas, por tua causa, perdi foi a vergonha na cara, a timidez, e o meu próprio medo, enfim... a moral dos bons costumes. *(Deu uma risada)*. É muito divertido!

### **TUDO MUNDO**

Mas lembra que fui eu o teu “salvador”, livrando-te das mágoas, da hipocrisia, liberando essa tua falsa modéstia e esse teu ar de sensatez... quando moravas num barraco imundo na periferia. Esqueceste disso?

### **MEDIOCRIDADE**

Não. Claro que não. Nem poderia! Afinal, reconheço uma coisa: me deste a luxúria por recompensa e me oferecete a ira por piedade. Enquanto tu sacaneava com a minha família, com os meus amigos e parentes. Todos foram soterrados num mar de lama e de vergonha. Foi quando perdi a minha própria identidade com o mundo lá fora.

### **TUDO MUNDO**

Agora é tarde. Nada mais posso fazer para ajudá-la.

### **MEDIOCRIDADE**

Será? Mas se você, Todo Mundo, está confinado ao mundo das sombras e das derrotas, vivendo nos becos ou nos esgotos da cidade, o que direi eu, se já não sei mais se te pertença por mais um minuto, um minuto não, um segundo. Agora tenho que voltar pra dentro de mim mesma (*Vai saindo*) e saber o quanto fui enganada por ti e por teus caprichos maldosos.

### **TUDO MUNDO**

Escuta! Não vá embora ainda! Nem por minha intrepidez! Eu preciso de ti, mais do que nunca, pra dissecar meus pecados, meus velhos pecados novos!

## **CENA 3**

*(Os mesmos e a Complacência trazendo numa mão uma candeia acesa e na outra, uma balança).*

### **COMPLACÊNCIA**

Como vê, Todo Mundo? Ninguém te ouve. Todos te abandonaram de vez! Numa boa. Não tens como escapar do medo e da solidão ou de um enfarto.

### **TUDO MUNDO**

Miserável! Quem é você? Como ousa falar comigo nesse tom?!

**COMPLACÊNCIA**

Cala essa boca! (*Gritou*). Eu sou tua Complacência. Eis-me aqui, com esta luz que me levará a outros destinos e com esta balança para medir tuas infames loucuras no mundo, seu canalha.

**TUDO MUNDO**

Minhas loucuras! E foram tantas assim?

**COMPLACÊNCIA**

Seu cretino! Agora és incapaz de repor as coisas que foram negadas ao povo faminto e sem emprego, ou aquilo que eu mais desejava na vida.

**TUDO MUNDO**

O que, por exemplo?

**COMPLACÊNCIA**

Tudo.

**TUDO MUNDO**

Tudo? Mas tudo o quê?

**COMPLACÊNCIA**

Minha família. Meus amigos. O meu emprego honesto.

**TUDO MUNDO**

Não me atrevo! Mas fala pra mim: que caminho pra onde devo ir. Diz, em nome de Deus, em que casa, com que família, ou até mesmo um asilo de velhos, devo pernoitar esta noite?

**COMPLACÊNCIA**

É difícil. As pessoas vivem com medo. As portas fechadas. As janelas gradeadas. E essa condição de vida que me deste, tenho a noçãozinha de que isso levou alguma coisa minha, sobretudo, os amigos que não mereço, e os que mereci tê-los na vida, com modéstia amizade e franqueza, muito me orgulha, embora em número muito reduzido.

**TUDO MUNDO**

Então te sobrou uma coisa boa.



### **COMPLACÊNCIA**

Sim! Mesmo sendo parte derradeira de teu corpo, já não faço mais sentido nesse instante. Depois, tem aquela situação que Todo Mundo sabe.

### **TUDO MUNDO**

Eu sei?!

### **COMPLACÊNCIA**

Sabe sim! Não se faça de besta comigo, seu cretino! Você sabe que no seu jogo político e sujo, as coisas boas que foram negadas e proibidas ao Povo inteiro reduziram você a uma coisa vã: um verme. Um antraz.

### **TUDO MUNDO**

Basta, basta, basta! Chega de tortura! Não vê que também sofro com isso?

### **TODOS**

*(De dentro das sombras)*. Sofre nada. Todo Mundo não merece perdão. É um hipócrita.

### **HIPOCRISIA**

Você Todo Mundo está irremediavelmente perdido, obstruído nesse mar de lama e detritos, dormitando nos esgotos, nos escombros, nos lixos atômicos. E você, meu caro, é o maior canalha do Brasil.

### **TUDO MUNDO**

Isto eu já sabia! Mas não queria me dar conta disso. E você? Quem é você, tão cheia de frescura, toda perua, toda bregachic?

### **HIPOCRISIA**

Quem sou eu? Ora quem sou eu! Tá na cara que eu sou a tua Hipocrisia. Eu sou aquela que não resta a menor dúvida! O que é pior, nem toda nudez de pureza, nem toda bravura de luta, nem todo desamor que tens implantado nesta vida fará modificar teu espírito destruidor, mesmo usando o nome de Deus e da Paz!

### **TUDO MUNDO**

Está certo. Também não sei se mereço, nem sei se devo ainda contemplar a tua beleza, apesar de tudo, acalantar o meu espírito apavorado, com o frescor da tua juventude! Minha adorável Hipocrisia! *(Tentou abraçá-la em vão)*.

**HIPOCRISIA**

Safado. Você está velho, Todo Mundo. E, com isso, já não correspondo mais essa tua linguagem hipócrita e nojenta. Lembra, seu canalha? Quando você tomava parte dos meus banquetes de orgia?!

**TUDO MUNDO**

Ah, como era prazeroso tudo aquilo!

**HIPOCRISIA**

Era terrível. Você, Todo Mundo, tinha, por meu intermédio, tudo aquilo que queria e desejava. Nem mesmo tanta ganância, tanta beleza e sensualidade, que me desnuda agora, fará resgatar o elo que perdemos.

**TUDO MUNDO**

Perdemos?!

**HIPOCRISIA**

Tenho pena de você, seu bastardo! Pena dessa tua dor, desse teu desalento. Talvez um dia, quem sabe, eu terei pena ou compaixão do teu sexo a conduzir a humanidade, ao caos de tantas doenças horríveis. *(Sumiu)*.

**TUDO MUNDO**

Cale-se cretina! Quanto menos sabes da minha dor, mais ignoras o meu desalento. Oh, meu Deus! Em que porta irei bater esta noite? Em que ombro amigo vou depositar minhas nuas queixas? Oh, ninguém vai acreditar que sofro! *(De repente, se refaz)* Mas, droga, não há tempo para lamentação e sim para se fazer justiça. Justiça!

**CENA 4**

*(Nesse momento Todo Mundo recorre ao enforcamento, mas em vão).*

**TODOS**

Todo Mundo! Desesperadamente, deliberadamente, angustiadamente tentará o seu próprio enforcamento, como todo homem covarde.

**TUDO MUNDO**

Diabo. Esta é uma maneira pela qual poderia remediar o meu caso.

**TODOS**

Adiantaria?

**TUDO MUNDO**

Claro. Se assim não fosse, os covardes jamais se enforcariam, os suicidas jamais se envenenariam. Droga! *(Sem resultado desejado)*. Mas que diabo de corda é esta que não consigo dá um nó? Desisto. Mas da próxima vez... vou ao fundo do poço.

**TODOS**

Todo Mundo não conseguiu o resultado desejado. Mas caiu em depressão com sua loucura num ato de vingança contra si mesmo.

**LOUCURA**

*(Feito um espantalho com trapos)*. Ei Todo Mundo!... Você pode tentar quantas vezes quiser!

**TUDO MUNDO**

E quem é você para insinuar-me tal coisa, já que não deu certo na primeira tentativa?

**LOUCURA**

Oh, seu cretino! Ainda por cima, me desconhece ou finge ignorar a minha atitude, ao lado da sua. Pois bem. Vou refrescar essa tua memória falida. Eu, na verdade, sou tua loucura infame, essa que acabavas de fazer nessa corda fuleira, chinfrinha. Ouça uma coisa única: nenhuma folha em branco escreverá aquilo que és, como metáfora. Ou, o que ainda em ti desconheço como crápula e herói, vitorioso e vencido, acovardado e reivindicador.

**TUDO MUNDO**

Isto me conforta um pouco, mas...

**LOUCURA**

A morte em si não é problema, a qual desejas rápida e sozinho como há pouco tempo atrás. Mas é difícil sair da Vida na ponta dos pés, sem ser percebido.

**TUDO MUNDO**

Mas que importância tem isso agora?!

**LOUCURA**

Mas assim? Sem medalhas, sem estátuas veladas em praça pública, sem nome de rua ou oratórias, com inauguração de placa, com discurso de lugares comuns, semelhantes àqueles nos palanques políticos? Ouve-me Todo Mundo: a Loucura também tem um nome sabia? Mas, nem por isso, ela deixa de pintar no pedaço, assim, bem vestida, bem alinhada, toda brega-chic, mesmo que não seja convidada, e sem usar cartões de visita. É por isso que estou na crista da onda, estou aqui, a seus serviços, para justificar teus delírios na solidão que te abrasa e te leva à loucura.

**TUDO MUNDO**

Deixe-me em paz. Deixe-me em paz. Oh. Deus! Afastai de mim os maus pensamentos. Quero paz, muita paz. Vá embora daqui, sua infame loucura!

**LOUCURA**

Irei, irei, irei! Claro que irei embora. Não, sem antes de dizer uma coisa, que contigo percorri as manchetes nos jornais, nas revistas, os meus dólares, a minha mochila sem nenhum passaporte. Mas depois, fiz escândalos horríveis pelo mundo, virei a mesa, fiz muita gente passar vergonha e sofrer degradação humana, enfim, botei quente no rabo do mundo...

**TUDO MUNDO**

Cala a boca!

**LOUCURA**

Transformei tudo num rio de lágrimas e miséria, numa tragédia só, através das guerras e terrorismo em toda parte desse mundo. Deixei cair pedra sobre pedra e soterrei famílias inteiras.

**TUDO MUNDO**

Por Deus, esquece isso!

**LOUCURA**

Não posso. Quando contigo fiz também viagens lindas, lindas, maravilhosas, até comprei livros, relógios, revistas pornográficas, assisti filmes eróticos, ópera-pornô, vídeo sobre sexo explícito e peças de teatro proibidas. Achei o máximo! Este mundo moderno é uma loucura só! Agora vou indo...

**GANÂNCIA**

*(Surgindo).* Quase te perdi de vista, no momento em que te achei! Vim, porque precisava do teu jogo, jogo sujo que me dava toda uma riqueza, conforto e jóias caríssimas, que me cobriam de beleza e sedução.

**TUDO MUNDO**

Mas eu te dei tudo isso?

**GANÂNCIA**

Muito mais do que isso!

**TUDO MUNDO**

E você, quem é? Assim coberta de ouro e prata!

**GANÂNCIA**

Eu sou tua Ganância! Aquela que nunca mediu esforço para obter tanta luxúria e tanta ira pra conseguir as coisas no poder, no peito e na marra. Eu fui a tua tábua de salvação, a tua lavoura de ganância, a tua lavagem de dinheiro por aí no mundo.

**TUDO MUNDO**

Oh, minha fiel Ganância! Diga-me agora: em que porta vou bater esta noite para agasalhar esta minha carcaça?

**GANÂNCIA**

Não haverá lugar para Todo Mundo! Todo Mundo morrerá assim esfumado pelos becos e túneis da cidade, onde não existirá lugar para mais ninguém. Tudo será um caos, um deserto só, onde a riqueza, o luxo, a grandeza dos poderosos será inútil. Tudo será em vão. É por isso que agora vou me recolher ao mundo das sombras, para onde me confinastes para sempre e lá, ficar, no marasmo, sem luxo, sem nada, sem amor e morrer... Adeus, Todo Mundo!...

**TUDO MUNDO**

Escute, volte aqui! Não me abandones agora! Eu preciso de ti, para soerguer meu estandarte e meus elmos de palha nesse mundo decadente!...

**FALSO PUDOR**

Então, Todo Mundo, você pensava que fosse menos pior? Seu canalha!

**TODO MUNDO**

E quem é você para usar desse tom comigo, como se eu fosse seu capacho?!

**FALSO PUDOR**

Eis-me aqui, teu Falso Pudor! Ajoelhado eu te imploro, dá um basta nisso!!

**TODO MUNDO**

Chega! Chega de tortura! Cai fora daqui! Vocês todos estão me deixando louco, atordoado, com esse zumbido nos meus ouvidos fazendo um coro de gemido e dor que azucrina. Não aguento mais, oh, meu Deus!

**FALSO PUDOR**

Eu também já não te pertenço mais, nem por um minuto! Tenho que retornar ao mundo das trevas e do fogaréu das fogueiras, que irão destruir todos aqueles que desobedecerão as leis de Deus.

**TODO MUNDO**

Dane-se você! Dane-se quem quiser! Dane-se todo mundo!

**FALSO PUDOR**

Todo Mundo é digno de pena! Com o meu desaparecimento, cairá tua máscara por terra, ainda assim, tentarás ser verdadeiro, transparente. Porque depois de mim, virá aquela que tem maior poder do que todos nós, nessa definição de Todo Mundo. Você que representa todo mundo neste palco deve saber.

**TODO MUNDO**

Eu não sei de nada. Eu não sou adivinho. Nem sou cartomante. Nem jogo búzios ou tarô.

**FALSO PUDOR**

Mas tente descobrir. Ela é o karma final de Todo Mundo! Adeus... *(Saiu)*.

**TODO MUNDO**

Quem?... A bonecona do Batman?... A mariconna do Sancho Panza?... Ou Dom Quixote ou o Super-Homem do Terceiro Mundo? *(Correu pelo palco)*. Seja quem for, pois que venha, em nome de Deus e do Diabo! Quero vê-lo cara a cara! Quero vê se é mais feio do que o diabo e o homem juntos!

## **CENA 5**

*(Nesse instante, ouvem-se o rufar dos tambores misturado ao barulho de latas e de guizos metálicos).*

### **MORTE**

Todo Mundo! Vem comigo!

### **TUDO MUNDO**

Quem é? Quem me chama?

### **MORTE**

Huu-huuu, queridinho! Chegou a hora de prestar contas a Deus!

### **TUDO MUNDO**

*(Tremendo de medo).* É a morte?

### **MORTE**

Sou.

### **TUDO MUNDO**

A Mercadora de Almas?

### **MORTE**

Sou. Também me chamam de muita coisa, ou de tudo quanto não presta neste planeta. Todos pensam e falam em mim, constantemente. Alguns usam adjetivos amenos, para confundir-me com a vida esdrúxula que levam...

### **TUDO MUNDO**

Lá isto é verdade!

### **MORTE**

Outros, me chamam de tudo quanto não presta: agrotóxico, queimadas, latrocínios, suicídios, assassinatos, incêndios, terrorismo, enforcamentos, como você me chamou.

### **TUDO MUNDO**

Chamei?

**MORTE**

Chamou sim! Não se lembra? É por isso que estou aqui para levá-lo comigo.

**TUDO MUNDO**

Ora! Mas eu não pensei que fosse tão rapidinho assim!

**MORTE**

Acontece que eu sou muito eficiente no meu trabalho. Não perco tempo em serviço, ainda mais, com um certo estropício que nem você. Detesto defunto pobre! Há alguma dúvida?

**TUDO MUNDO**

Acho que nenhuma. Eu só queria que me desse uma última chance!

**MORTE**

E pra quê? Pra continuar “aprontando” no mundo? Negativo! Desta maneira, não perderei tempo com você. Entretanto, Todo Mundo, veio se esconder aqui no esgoto da principal avenida, ainda por cima, fica apelando para Deus, fica torrando a paciência de Deus. Mas você vai comigo, sim, não tem escapatória. Nem que seja a troco de pontapés na bunda, nem que tenha que levar muita porrada, paulada, cacetada, bofetada, quem sabe até esmagado, atropelado por um caminhão qualquer.

**TUDO MUNDO**

Por Deus! Não faça isso comigo! Piedade, piedade, minha querida senhora!

**MORTE**

Anda! Vem comigo agora! (*Gritou*). Sai desse mundo de sombras e horror!

**TUDO MUNDO**

Por favor! Não vê que estou ficando sem forças, vou me acabando de vez, a senhora está me deixando mole, muito frágil.

**MORTE**

Eu acho é pouco! Já é tarde, e eu tenho que dar conta dessa tua matéria apodrecida.



**TODO MUNDO**

Isto quer dizer que não vai me dá uma chance? *(Não obteve resposta)* Está certo. Talvez, eu não seja mesmo merecedor de sua piedade. Mas confesso... que não gostaria de ir agora, não, sem me despedir de ninguém, levando a saudade dos amigos e daqueles que ficam em silêncio no mutismo das palavras.

**MORTE**

Cretino! Fica aí se lamuriando para me engabelar e fazer perder meu tempo com você, ou pensarias que fosse menos pior?!

**TODO MUNDO**

Droga! Mas não era bem isso que eu queria! Que fosse dentro de casa, num quarto, num asilo qualquer, mas no meio da rua, dentro deste enorme esgoto onde todos vomitam suas náuseas e me defecam com nojo. Não seja tão amarga, tão vingativa diante da dor que sinto agora! Transformando o meu corpo em húmus de sangue.

**MORTE**

Ora! Um mau caráter é sempre um mau caráter, um ladrão é sempre um ladrão, jamais esquece sua índole. Da minha parte, estou cumprindo as ordens superiores de Deus. O teu ciclo de vida acabou, não existe a tal escolha.

**TODO MUNDO**

Mas eu tenho um plano que dará certo.

**MORTE**

Não, não. Chega de plano. Já perdi muito tempo contigo, seu canalha. Anda, vem comigo! Retira essa máscara da cara e vê se me encara "olho no olho".

**TODO MUNDO**

O que está fazendo comigo? Aiii, que dor mais sórdida, cá dentro, no peito. Parece sufocar-me nessa agonia foice, e talvez... Preciso de ar puro, de algum balão de oxigênio, por favor!...

**MORTE**

Para quê?

**TUDO MUNDO**

Para respirar através dele, para que eu possa corrigir aquilo que fiz de errado, em troca de perdão. Ajude-me!

**MORTE**

Hipócrita.

**TUDO MUNDO**

Mas o que fiz, não fiz sozinho, pois a Ciência tem uma parcela de culpa.

**MORTE**

Ora a Ciência! Manda a Ciência se vestir de luto! É necessário sair dessa inércia, desse caos fulminante, para dá passagem e boas vindas a uma nova Humanidade, onde não haverá ódio, nem guerras, apenas Paz. Bom, o seu tempo está esgotando!

**TUDO MUNDO**

Espera! Me dá um minuto, um minuto não, cinco.

**MORTE**

E para quê?

**TUDO MUNDO**

Para olhar de frente, este azul no meu céu de muito comum, até chegar minha hora...

**MORTE**

Está querendo me dá um dribla, é? Está querendo ganhar tempo, como se isso fosse remediar o seu caso. Não adianta. Todo esforço é válido, é digno de elogios. Até merece um hino nacional com bandeira hasteada e tudo. Embora, na maioria das vezes que acontece, nem sempre a pessoa é merecedora de fato. É como jogar fora a grana do povo para oferecer méritos a certas pessoinhas indesejáveis, sem talento nenhum! Concordas comigo? *(Ficou sem palavras)*. Não, não! Não é necessário que me respondas. Não faz mal. Você tá muito ofegante. Vem! Vem comigo, minha paixão, meu desterro de alma e perdão. Eu te ajudarei a te colocar naquela escada para o céu ou ao lado daquela estátua...

**TUDO MUNDO**

Para onde está me levando?

**MORTE**

Silêncio! Ouça primeiro. Está ouvindo?

**TUDO MUNDO**

Não. Nada.

**MORTE**

Eles estão sorrindo. Estão sorrindo para você.

**TUDO MUNDO**

“Eles” quem?

**MORTE**

Eles estão lhe desejando boas vindas. Olha, eles estão vindo para recebê-lo com festas.

**TUDO MUNDO**

Mas quem são eles?

**MORTE**

Acho que são seus parentes, sua família. Talvez seu irmão, seus amigos.

**TUDO MUNDO**

Nunca os vi mais gordo. Sabe? Você, dona Morte, é muito... muito... linda...  
*(Aqui, durante a fala do personagem, a luz vai caindo em resistência, dando ênfase e valor à imagem da Morte, no plano físico e humano das pessoas, que continuam duvidando da existência de Deus, diante dos homens que massacram com o nosso planeta Terra).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

CASA

DOS ANJOS

AMORDAÇADOS

# Casa dos anjos amordaçados

2002

## PERSONAGENS

Donata

Dona Ivana



## CENA 1

*(Mostra dona Ivana que trabalha, consertando bonecos quebrados que Donata sua irmã junta da rua pra revender-los na feira dos artesões, etc.).*

### **DONATA**

Mas você gosta do que está fazendo, não gosta?

### **DONA IVANA**

E há outro jeito? Outra maneira melhor de nós duas, depois de velhas e na miséria, ganhar a vida honestamente?

### **DONATA**

Faço isso por você! Que não pode sair às ruas da cidade!

### **DONA IVANA**

Não senhora. Você faz isso por nós duas que não temos outra opção na vida, a não ser esta a de artesãs...

### **DONATA**

Na verdade, catadoras de lixo na rua, catando esses bonecos feios, quebrados, alguns mais escangalhados que os outros pra nós duas consertar e depois vendê-los de volta pro mesmo dono, quem sabe?

### **DONA IVANA**

É um trabalho honesto, sensato, minha irmã. Ninguém tá roubando.

**DONATA**

Mas fica em mim uma sensação de vergonha e medo! De repente alguém pode me reconhecer feito uma mendiga na rua e mandar o rapa me prender.

**DONA IVANA**

É natural. Mas se isso acontecer, queridinha, seja mais esperta que o cara, execute aquela “caridade” que você sabe fazer em troca de alguma propina.

**DONATA**

Qual delas?

**DONA IVANA**

Não seja cínica.

**DONATA**

Eu sou mais especialista em “frango assado” ...

**DONA IVANA**

Coisa de puta. Então, dê a bunda pra ele! Mude de tática.

**DONATA**

Ai, credo! Não seja maldosa. Nem malvada comigo. Eu nunca faria isso pra salvar a “cara” dos seus bonecos feios e ridículos. Eu hein!

**DONA IVANA**

“Bonecos feios” que nos têm ajudado na nossa sobrevivência depois que caímos no esquecimento social e comercial como cafetinas.

**DONATA**

E “donas” também duma “casa de massagem” para homens. E que homens, meu Deus!... másculos, musculosos, pernudos, cabeludos ou pimpudos...

**DONA IVANA**

Hipócritas e canalhas. Que podiam ser até mais nocivos do que nós duas a deixar eles “despidos” de grana, também.

**DONATA**

Coisa de puta, como você diz. Atarefadas. Fazendo tudo sozinhas. Ocupadíssimas com o pinto deles feito cachorros no cio.

**DONA IVANA**

Ai, credo! Pra quê ficar lembrando de história de vidas passadas? Assim, o tino da palavra “saudade”, com suas anotações pejorativas, soa inadequada como algo pornográfico.

**DONATA**

Tem razão. Nem adianta lembrar. *(Volta ao trabalho)*. Olhe este aqui, Ivana... o “Olhão de Boi” que o apelidei... é o que mais tem saído.

**DONA IVANA**

É verdade. Essas figuras vão e vem e a gente percebe os padrões que o público gosta, prefere.

**DONATA**

Das bonecas, é esta zinha aqui, a mulatinha, da cor do açaí... é linda!

**DONA IVANA**

Positivo. Já tinha observado isso.

**DONATA**

Ivana... Minha irmã, é incrível, é impressionante a reação do comprador quando vê o boneco. Ninguém na euforia das compras implica com alguma anomalia ou percebe até mesmo que tá “comprando” seu lico de volta, que o próprio morador jogou na lixeira do calçadão.

**DONA IVANA**

É emocionante! Ainda mais quando, você fala desse jeito com tanta paixão! Obrigada, viu mana! Obrigada mesmo! *(Abraçou-a com afeto)*.

**DONATA**

O que eu não faria por você? Pra vê-la feliz a sua maneira? *(Afastou-se)*. Um cafezinho pra comemorar o nosso sucesso? *(Serviu-lhe o café com torrada)*.

**DONA IVANA**

Que bom! Graças aos meus “doces e meigos anjinhos amordaçados”! Que ficam aí calados, não falam nunca, ficam só no mutismo das palavras, talvez concordando com isso que a gente faz, ou aceitando a imposição de seus antigos “donos” que os amava e depois petulantemente os atirava na lixeira como “brinquedos velhos”, quebrados, imprestáveis.

**DONATA**

Ai, credo! Chega me arre pia. A Ivana fala deles como quem fala de gente. Eu hein!

**DONA IVANA**

Claro que não. Mas vamos supor que seja. Veja o nosso caso em comparação a eles. Pensa bem, minha irmã.

**DONATA**

Já entendi. Isto significa que nós duas, além de putas velhas solteironas, estamos na clausura social, abandonadas pelo preconceito e pela discriminação contra as mulheres dessa categoria.

**DONA IVANA**

Poxa. Até que enfim você concorda comigo!

**DONATA**

Concordo nada. Eu não tou morta não, Ivana. Eu só tenho 46 anos. Assim como sei que essa foi uma maneira honesta e sensata que a gente achou para sobreviver depois de todo um glamour na juventude. Mas isso também não impede de eu transar com algum homem na rua...

**DONA IVANA**

Até um mendigo?

**DONATA**

Até um mendigo sim! O cara não é macho? Contanto que tenha uma rola.

**DONA IVANA**

Coisa de puta, mesmo! E de putinha relé, decadente.

**DONATA**

Engraçado... A venda desses bonecos nos dá a sensação de independência e liberdade, mas não nos permite a paixão por alguém! Também quem vai querer se apaixonar por nós duas: uma ex-cafetina e uma ex-prostituta?... Quem ousaria tamanha façanha a nos levar pruma cama bordada de sedas? Quem?!



**DONA IVANA**

Talvez um homem qualquer que tenha uma natureza humana e sensível, capaz de dá amor sem exigir nada em troca, a não ser amor, também, fidelidade. Coisa que puta não tem.

**DONATA**

Não tem porque não quer! Até por conta de diferenças religiosas quando se trata da família do cara. Enquanto isso, nós duas, como anjos de pedra, a envelhecer aqui dentro desta casa, estamos sozinhas na solidão, e sem homem algum do nosso lado, que fique fazendo carícias sexuais em nossa xoxota, que tá sem lubrificação espermatozóica, seca, vazia, coitadinha. Mas sem aquela dificuldade que o machismo implica na pregação do... amor livre sem sofrimento. Com a camisinha na hora H. Concorda comigo?

**DONA IVANA**

Esqueça essas coisas. Não se martirize com essas lembranças. Lembrem-se que a nossa vida tumou outro rumo diferente. Acabou tudo, o luxo, a beleza, o requinte, não há nada de burocrático, não existem mais velhas coside-rações de velhos amigos, nem de empresários, nem de políticos ou de bancários, muito menos convites sociais para eventos filantrópicos, mas apenas, e além do que a exposição pública dos nossos bonecos na feira.

**DONATA**

Isto quando o rapa não me amola na rua e me obriga a pagar propina dando o rabo pra ele atrás das mangueiras ou em terrenos baldios, abandonados. Isto é uma vergonha pra mim, uma humilhação sabia?

**DONA IVANA**

Sei sim. Isto também significa aquilo que restou de nós duas: duas carcaças ambulantes, que passam pelas ruas despercebidas, porque ninguém se lembra delas, não tá nem aí pra elas, não é verdade? Sempre há canalhas que nos prejudicam a vida... e as prostitutas sabem demais da vida deles, isso os incomoda, aí mandam “destruir” tudo, acabar com tudo, até te ver na miséria total, no isolamento social.

**DONATA**

*(Levantando-se).* Vou servir um lanche pra nós duas. Tou morta de fome.

## CENA 2

*(Donata serve o lanche para a irmã mais velho com um certo respeito e zêlo deixando Ivana comovida).*

### **DONA IVANA**

Obrigada, mana. O que seria de mim se eu não tivesse você aqui! Já pensou! Eu já tinha me suicidado por causa de dívidas no jogo. E pensar que nesta casa passaram gente importante, gente boa, também gente ruim.

### **DONATA**

Foi uma trajetória alegre e triste ao mesmo tempo! Hoje estamos esquecidas por esses canalhas que adoravam a nossa “casa de massagens”.

### **DONA IVANA**

Ainda bem. Assim a gente não tem que pagar Imposto de Renda, nem IPTU, morando neste barraco imundo, cercado de ratos e baratas por todos os lados.

### **DONATA**

Hum-hum. Quem diria! Eu, a “Greta Garbo” de São Brás, aos 16 anos, fui parar na feira dos artesões como vendedora de bonecos retirados do lixo! Nunca mais serei a “princesinha de olhos verdes” como antigamente.

### **DONA IVANA**

Eu com meus 50 anos impolutos, em plena superioridade do vigor sexual das mulheres.

### **DONATA**

*(Satisfeita).* pois é isso que nos faz diferente da maioria, viu Ivana... E o que nos faz diferente não são os problemas vividos por cada uma de nós duas no decorrer da semana, mas a inevitabilidade do ciúme humano e a força das diferenças sociais.

### **DONA IVANA**

Já lhe disse! Não se martirize com esse assunto... que trazem lembranças negativas. Ainda existem outras conquistas e elas estão presentes na sociedade.

### **DONATA**

Existe outra escolha?

**DONA IVANA**

A começar pela violência do rapa contra as pessoas inocentes e indefesas.

**DONATA**

Isso é ridículo. Mas virou moda, virou status. A pretexto de derrubar as hierarquias, tá na cara, que a contracultura da polícia gerou uma mentalidade mimada e invejosa, onde a competição raramente sai dos limites do ódio. No Brasil, então, nem se fala, basta lembrar das cenas e das reportagens em que se lê diariamente.

**DONA IVANA**

Por causa disso que a depressão é muito crescente no país. Tanto o povo e o policial trocam tabefes na rua numa crise de violência quase animal.

**DONATA**

Quero mais é que se exploda! A melhor coisa que eu faço agora é ajeitar os bonecos na minha "arara" pra vender amanhã. *(E foi arrumar pendurando os bonecos na "arara")*.

**DONA IVANA**

Ah: Donata... meu Deus do céu, acabei por esquecer duma coisa!

**DONATA**

Do quê?

**DONA IVANA**

Menina, desde ontem, eu tava precisando mandar você ao Lar de Maria apanhar minha encomenda.

**DONATA**

Ai, credo. E precisava me dá um susto danado só por causa disso? Agora... só amanhã, pela manhã demanhãzinha, quando eu for deixar aquela ourta encomenda na Castelo, em São Brás, fica próximo de lá.

**DONA IVANA**

Mas eu precisava pra hoje aqui agora. Tenho que comprar arranjos, canekalon.

**DONATA**

Tá bom. Eu vou.

**DONA IVANA**

Faça isso pela sua irmãzinha querida!

**DONATA**

Mas fique arrumando as coisas pra mim. Daqui a pouco estarei de volta.

**DONA IVANA**

Vá depressa. Não vá “parando” pra juntar coisa que vê pelo caminho...

**DONATA**

Volto já. Prometo. *(Saiu afobada, antes colocando jóias nos dedos).*

**DONA IVANA**

Vá correndo! Critura... digo, criatura. Pra quê anéis nos dedos agora?

**DONATA**

São meus. E são lindos! *(Sumiu).* Eu os adoro!

**DONA IVANA**

*(Na direção em que ela saiu).* Vou continuar contabilizando, colocando o preço nos bonecos, pode deixar. Eles já fazem parte da nossa história. *(Falando consigo mesma).* Vai... Vai correr beira. Essa minha irmã depois dos quarenta deu pra sair correndo atrás de homem. Só quer um pretexto pra arranjar namorado na rua. Coitada. Só me resta tolerar suas manias depois dos quarenta. Bons dias aqueles em que o fim do mês não era também o fim da picada. Xô azar! Xô, xô, eu hein!...

### **CENA 3**

*(Depois de alguns minutos, Donata entra em cena com uma única preocupação com o roubo de seus anéis).*

**DONATA**

*(Nervosa).* Essa foi o cúmulo da pissica...

**DONA IVANA**

Mas o que foi, minha irmã?

**DONATA**

Parece uma praga. Coisa feita.

**DONA IVANA**

Mas o que houve? Para de resmungar e me conta, vai!

**DONATA**

Ivana... Todos, sem exceção, na parada do ônibus, viram o desgraçado do ladrão me roubando o relógio e meus anéis de prata e de ouro com brilhante.

**DONA IVANA**

E o meu dinheiro? Levou também?!...

**DONATA**

Aquele desgraçado. Um morta-fome. Eu queria tanto meus anéis de volta.

**DONA IVANA**

Pare de chorar por causa de porcaria.

**DONATA**

Você não tinha dito que os anéis estavam no seguro?

**DONA IVANA**

Eu disse?

**DONATA**

Disse sim!

**DONA IVANA**

Se eu falei alguma coisa nesse sentido, garanto que foi para acalmar você naquele dia do seu aniversário. Você tava muito agitada, muito nervosa... tava como se diz com a piriquita coçando, doida pra dar uma.

**DONATA**

Eu tava? Mais do que nos outros dias? Mesmo?...

**DONA IVANA**

Ah, Donata tenho pena de você! Como é que pode você, ainda, não conseguir diferenciar as coisas: a ficção da realidade, nem ouro, nem prata do latão, nem brilhante da pedra de vidro. É uma balzaquiana babaca. Burra.

**DONATA**

Ivana é muito malvada comigo. Tira sarro da minha cara. Faz de mim o seu “moleque de recado”, quando não o seu “aparador de desculpas” desde pequenina, quando mamãe falecera...

**DONA IVANA**

Por que não escreve um diário que chegue a intimidades da mulher jamais vistas antes na literatura? Claro que suas descrições não seriam nada elegantes, nem seus diálogos, nem seus amores que começaram com nossos tios e nossos primos, vindo parar na Zona do meretrício. Enfim, a Donata por ter sido mais puta do que eu, mais escrota, mais piva, se apropriaria da ficção de hoje não para falsear a realidade, mas para torná-la mais palpável, mais presente, mais excitante. Percebe? Garanto que faria sucesso com os personagens reais da sua história. O leitor adora história de puta ou de putaria onde ele goza mentalmente.

**DONATA**

Ai, credo. Que fértil imaginação é essa sua minha irmã! Nem eu mesma tenho esse talento para tamanha desenvoltura. Você mesma disse que eu sou...

**DONA IVANA**

Esqueça o que eu disse. Vem cá: antes que eu me esqueça, você foi ao Lar de Maria?

**DONATA**

*(Esquecida).* Fazer o que lá?...

**DONA IVANA**

Ah, não! De novo com essa amnésia? Minha irmã, você ficou de apanhar a minha grana no Bazar de lá. Era assunto do nosso interesse. Lembra? Você foi lá ou não foi?

**DONATA**

Claro que fui. Não fica em São Brás? Ou será que não fui?

**DONA IVANA**

Veja na sua bolsa se não tem o dinheiro... *(A outra vasculha, mas não encontra nada, está vazia).*

**DONATA**

Tá vazia. Veja... *(Virou a bolsa do avesso).* Nada. O infeliz roubou!

**DONA IVANA**

Olha aqui, Donata, isso é falta de responsabilidade sua. Se o ladrão tirou ou não o dinheiro da sua bolsa, o melhor remédio pra gente assim como você amnésica, neurótica, é se atirar debaixo dum carro em grande velocidade, a fim de não sobrar nadinha de você.

**DONATA**

Ai, credo. Ivana! Me admiro de você sendo minha irmã!

**DONA IVANA**

*(Saindo de perto dela).* Cansei, viu? Cansei! Tou cheia de você, das suas leseiras, das suas levindades, enfim, dessa sua falta de responsabilidade consigo mesma! É bem capaz de inventar que o “ladrão roubou” pra depois gastar o dinheiro com outra coisa por aí, com algumas bugigangas de marreiros nas esquinas!

**DONATA**

Nossa! Eu sou muito honesta com você. Isto eu posso lhe garantir. Eu podia ser esperta, mais inteligente, mais sabidona, mais falante como você, minha irmã. Mas ladrona eu não sou. Nem mesmo quando fui pra cama com o homem mais canalha do Brasil, eu não seria com minha própria irmã que me criou... que foi meu pai, foi meu tudo... que eu iria fazer um mísero furto de 50 reais. Mas dizer e desejar que eu morra atropelada na rua, é demais! *(Arreando a saia e retirando de lá de dentro da calcinha o dinheiro envolvido num plástico).*

**DONA IVANA**

*(Desconsiderando-a).* O que está fazendo? Não vai querer agora exhibir sua xoxota molhada de esperma, vai?

**DONATA**

Nada tão imoral como a sua ingratidão. Toma! Dentro deste saquinho plástico tem o dinheiro que escondi na calcinha antes de chegar na parada do

ônibus. Foi a maneira que encontrei para safar a grana. Na verdade, eu estava querendo brincar com você dando-lhe um susto sobre o dinheiro...

**DONA IVANA**

*(Respira fundo).* Ainda bem! Que brincadeira de mal gosto, Donata! Mas e agora os anéis que eram de verdade? Anéis que herdamos de nossa mãe!

**DONATA**

O cara levou. Não tive reação quando vi ele pegar na minha mão e repetir o gesto de arrancá-los dos meus dedos, sem ninguém manifestar indignação, fiquei ali a mercê daquele homem fedorento, catíngoso, imundo. Ai, que nojo eu tive do cara!

**DONA IVANA**

*(Abraçando-a).* Desculpa. Me perdoa. Foi um gesto de respeito para comigo, e eu lhe desejo toda felicidade do mundo, viu minha irmã?!

**DONATA**

Está bem. Eu não devia ter lhe provocado.

**DONA IVANA**

Lembra quando mocinha? Aquilo que me dizia ou que discutia comigo na tentativa de me magoar ou me humilhar nem me atingia... mas agora, qualquer palavra maldosa e felina me tira do sério, fico embucetada, puta de raiva, dá vontade de tacar a mãe na cara. Portanto, faça tudo pra evitar um grande constrangimento entre nós duas. Está bem?

**DONATA**

Está bem! Fique tranquila. Agora vamos ao trabalho que o andar é forte e o santo é de barro! *(O telefone toca com insistência. Ambas ficam indecisas em atendê-lo. Não sabem o que fazer).*

**DONATA**

Mas o que é isso? O “mudinho” falou finalmente!

**DONA IVANA**

Faz tanto tempo, um tempão que tá cortado por falta de pagamento, agora tá chamando.



**DONATA**

Foi você que pagou? Ou mandou pagar?

**DONA IVANA**

Eu? Com que dinheiro? Nem apurando dinheiro da venda de bonecos quitaria a porra da conta.

**DONATA**

Eu atendo?

**DONA IVANA**

Mas naquele estilo que a gente atendia nossos clientes na “casa de massagens masculinas”. Vá! Atenda! Como num faz-de-conta.

**DONATA**

Atendo mesmo? Ah, eu tenho receio!

**DONA IVANA**

De que, sua boba? (*Berra*). Atende logo essa droga! Que aporrinhação!

**DONATA**

(*Elegantemente*). Alô... Alô! Palácio dos Anjos, bom dia... Pois não, senhor? Em que posso servi-la? Sim, sim... Claro, que atenderemos sua... o que? Ah, sim! Sua preferência sexual por moças e rapazes numa suruba à quatro. Sim... são sim, de vários tamanhos. Temos mulheres peitudas, boazudas, bucetudas, que adoram galinhagem de toda maneira. Como? Certamente, “numa boa”, “o que os outros pensam” deixou de ser uma preocupação logo... a ausência do “Big Brother”, seu as mulheres a ousadia de se afirmarem sexualmente, de saírem da estratégia atitude de submissas e honradas, para momentos prolongados e repetidos de prazer com outro cara na rua, mesmo sendo casada. Como é? Tá “testando” a minha vã sabedoria?...

**DONA IVANA**

Despacha logo esse desgraçado. Esse pexinheiro duma figa.

**DONATA**

E o senhor acha que toda piva escrota é burra, não tem compostura na vida? Não tem compromisso com nada, nem com família, é? Pois fique sabendo, meu queridinho, que a maioria tem filho pra criar, tem família pra

dar de sustento. Pensa que é fácil tá na rua, nas calçadas, no meio da ma-  
drugada, pegando frio, correndo atrás dum michê que só dá pra comprar o  
café da manhã ou mal e porcamente o almoço. E a janta? Como é que fica?  
Está bem. Noutra ocasião o senhor... sim, Sr. Otaviano... pode nos visitar. O  
senhor gosta é? Olha, também temos belos rapazes, musculosos, bem do-  
tados, pimpudos e bundudos. Não exatamente. Quando querem, pra fal-  
sear a realidade, viram franguinhas numa cama... Verdade... Alô, alô... Des-  
ligou. O filho duma puta desligou na minha cara. Nem deu tempo de falar  
pra ele sobre o michê da rapaziada.

**DONA IVANA**

Tá vendo? Eles continuam sendo pão-duro, mão de vaca. Não tem diálo-  
gos que dê jeito. É a maneira deles de negociar que prevalece. Esses cana-  
llhas. É por isso que a maioria das mulheres, que por sua “liberdade sexual”  
estavam sempre a mercê de homens controladores, interessados apenas na  
auto-satisfação, acabam botando chifres neles.

**DONATA**

Eu acho é pouco!

**DONA IVANA**

Eu acho lindo! Todo corno que se preza quando vê sua mulher transando  
com outro homem, sente logo uma gana de matar o traidor e sabe por quê?

**DONATA**

Sim? Diga!

**DONA IVANA**

Das duas uma: ou o cara tem muita banha no abdômen, estômago alto, bar-  
rigna grande, barrigudão ou a vara dele é curta, não dá pra catucar nem pra  
fazer cócegas no bicho mijador. E quando o cara percebe que sua “cobra  
santa” é curtinha, apenas cabeçuda, e tem a sensação íntima de abandono,  
de preconceito contra o pênis dele.

**DONATA**

Mas isso é algo inevitável.

**DONA IVANA**

E interessante... é um tanto ilusória sua reação porque, na verdade, o homem traído não cai na real por causa do puro machismo de geração a geração e daí? Não será eu nem você que irá contradizer a contracultura do mundo!

**DONATA**

Em última hipótese, a real ilusão de quem ama, economiza choro sem ter que morrer de amor. Todos os apressados do sexo nos motéis, se não usarem a camisinha naquela horinha do afroucho, pagarão tributos na cama e serão talvez lembrados em praça pública no dia de finados.

**DONA IVANA**

Pobrezinhos.

**DONATA**

Bom, vamos ao trabalho! Até a volta. *(la saindo quando: o telefone toca)*. Agora é a sua vez. Não tou interessada em atendê-lo. *(Saiu)*.

**CENA 4**

*(Donata "finge" sair e fica escondida atrás da porta por curiosidade. Ivana trêmula de medo fica indecisa em atendê-lo, mas consegue)*.

**DONA IVANA**

Será que devo? Não tenho nenhuma referência a dar ou que marcaria um encontro amoroso aqui, nem que fosse o último da minha vida, antes que minha irmã volte do comércio. Assim, o uso da palavra "palácio", com suas conotações pejorativas, soa inadequadamente porque não existe mais tanta finura ou tanto gamour nesta casa, apenas dois anjos sacramentados pra envelhecerem e morrerem solteironas, pobres, sozinhas, abandonadas pelos amigos mais íntimos. Alô! Palácio dos Anjos... boa... Eim? Arnaldo! O que? Foi você que pagou a conta telefônica? Mas como soube disso? Ah, sim... pela própria companhia! Mas e agora como é que a gente vai te repôr esse dinheiro, essa grana toda, menino?... Ah! Obrigada então. Deus lhe pague! Quem? A Donata? Foi à feira! Tá certo. Darei o recado pra ela, assim que ela voltar da feira. Sim, sim. Obrigada mais uma vez, querido. Sim! Muita coisa mudou, é claro, principalmente no comportamento sexual dos dito machões e das mulheres, e vai dos mais variados cardápios desde então... até as trepadas nas ruas, debaixo das marquizes ou nos tron-

cos de mangueiras por aí. Um abuso sexual! Claro que você tá correto. Prefere a sacanagem caseira a dois, dentro de casa, sem aluguel de horário, no escurinho do quarto. Tá certo. Tá bom. Não, não estou triste não. Apareça sim e quando quiser... Como nos velhos tempos... Não! Eu disse como nos velhos tempos e não “velhos putos”, longe de mim, nem pensar! O que? Convidá-lo para comer pirarucu com côco e baião de 2, nem morta, porque não outra coisa!... O que, por exemplo? Uma vagina, uma bunda! O coitado desligou. Disse pra mim que não comia vagina velha nem velha bunda. Canalha! Tava com remorso e pagou a conta que me devia a anos, quitando agora o telefone. Esse malandro. *(Donata sai de trás da porta e foge dela que se aproxima)*. Donata! Vem cá!

**DONATA**

*(Estava chorando atrás da porta)*. Sim, mana?...

**DONA IVANA**

Você não perde essa sua mania de ouvir atrás da porta!

**DONATA**

Me perdoa. Não houve má intenção, eu juro.

**DONA IVANA**

Não seja falsa puritana. E por que tá chorando?

**DONATA**

Por nada.

**DONA IVANA**

Por nada? Então você tá ficando louca. Nunca ouvi dizer que alguém chora a troco de nada. Eu hein!

**DONATA**

Choro por Arnaldo. Não foi ele quem telefonou?

**DONA IVANA**

Foi. E daí? O que Arnaldo tem a ver com suas lágrimas? Diga-me!

**DONATA**

Ele tá no hospitaç internado. Tá doente de Aids.

**DONA IVANA**

Também? Aquele rapagão bonito e bem reservado, agora atingido pela trágica epidemia do século, meu Deus! Mas ele nem sequer mencionou nada, a não ser o desejo de comer pirarucu com baião de 2 mais nada. E disse que tinha pago as contas do telefone por conta do que ele nos devia. Só isso.

**DONATA**

Também não foi Arnaldo que telefonou... foi o irmão dele que trabalha no banco e que vem quitando suas dívidas aos poucos... foi o que restou do irmão pro coitado pagar.

**DONA IVANA**

E Arnaldo, se mudou pra outra cidade? Fugiu com seu novo “caso”?

**DONATA**

Antes fosse! Arnaldo morreu a duas semanas.

**DONA IVANA**

Oh, meu Deus! Tá vendo? É o que dá essa tal “libertação sexual” dos anos 60 até hoje. Na verdade, era o principal produto daquela nova mentalidade: o sexo deixando de ser um tema tabu para a sociedade, a tal ponto que se tornou o principal assunto ou subtexto da mídia atual, carregando essa nova geração pro buraco. Eu hein!

**DONATA**

Já tou indo! Desta vez, eu vou mesmo! Tchau, mana. *(Sai e volta).*

**DONA IVANA**

O que houve? Esqueceu seu atestado de doida?

**DONATA**

É assunto sério. Posso falar? *(Ficou sem resposta).* Mas na hora da venda se o rapa aparece e cobra propina, como é que fica?...

**DONA IVANA**

Ara, esconda o dinheiro na calcinha, depois diga que não apurou nada e ofereça a bunda pra ele, aí ele lhe devolve a mercadoria.

**DONATA**

Ai, credo! Ivana... Nunca pensei chegar a esse ponto!

**DONA IVANA**

Mas chegamos. É pura mentira de quem ironiza a presunção de que a aids teria deixado as pessoas mais puritanas, de que teria reduzido a obsessão pelo assunto, as infidelidades e angustias, a gravidez de adolescentes, a indústria do sexo, etc. Tudo mentira. Não ocorreu nada disso.

**DONATA**

Tchau, dona Ivana. A senhora está sem vida longa, com o pé dentro da cova, eu tenho ainda que me virar. *(Fugiu dela, dos arremates dela).*

**DONA IVANA**

Você sim, sua filha duma puta. Na rua, não vai te faltar calor humano, nem aquele tipo de vara que tanto gosta. *(Pausa)*. Sempre foi assim desafortada quando adolescente mimada, protegida por mim, tão paquerada pelos jovens, tão odiada pelas meninas da época por ser a mais linda, a mais bem vestida e muito vaidosa. Hoje... de nós duas, quase resta nada. Virou lembrança. Recordações de um passado não muito distante. *(Ligou a TV e assistiu o rapa na praça levando sua mercadoria, maltratando a sua irmã ora sem fala e estática)*. Esse corno filho duma puta. Corre atrás dele. Dá o rabo pra ele. Olha lá... a lesa da minha irmã "paradona" no meio da rua! Xinga a mãe desse cara. Diz que a mãe dele é puta, que a irmã dele é piranha, é mulher de programa do shopping... fala que o puto dorme com outro. Fala, Donata! *(Silêncio)*. Mas ela não falou. Ficou traumatizada. Coitada da minha irmã. Até hoje não voltou mais pra casa. Ficou perambulando por aí nos becos da cidade. Maldita Gini. Houve um "colapso" na memória dela, eu acho. Quando sentir saudade, certamente ganhará liberdade e voltará para mim.

*(O telefone toca várias vezes. Dona Ivana se recusa atender. Fecha as janelas e a porta da "Casa dos Anjos Amordaçados". A luz cai no cenário).*

**FIM DO ESPETÁCULO**

DEVO,  
NÃO NEGO,  
PAGO QUANDO  
PUDE

# **Devo não nego, pago quando puder**

**Sátira/comédia - 2002**

## **PERSONAGENS**

**Cornélia** - adulta, vendedora de tacacá

**Julieta** - velha, aposentada, mãe de Cornélia

**Ciloca** - jovem, muda, serviçal de Cornélia sua madrasta e mãe adotiva

## **CENÁRIO**

Palco italiano e área de ação, onde ocorre todo o espetáculo. Vê-se, ao fundo, casebres em palafitas, na frente do palco um barraco de família assalariada, demarcando uma rua periférica de Belém, capital do Pará.

## **TEXTO**

Mostra a realidade do cotidiano sendo questionado pela personagem central desta peça, Cornélia, numa dosagem de humor, sátira e comédia, induzindo o espectador à sua própria reflexão e indignação vivenciada no seu dia-a-dia. Cornélia, uma mulher forte, com reações fortes, fazendo valer sua liberdade de expressão, uma batalhadora, mulher guerreira, que não acredita em milagres, a não ser nas suas habilidades domésticas. Julieta, na sua melhor idade, é uma senhora impoluta, aposentada, que mudaria aquela famosa frase “de poeta e louco todos nós temos um pouco” pra quem não se comunica com ninguém. Ao passo que a menina Ciloca, intermediária das duas mulheres, é a grande vítima dessa série de violência que vem abrindo precedência contra nossas crianças, contra nossos filhos, hoje sem expectativa de futuro. É um belo espetáculo que tem a ousadia de declarar que nossa Cidade das Mangueiras também entrou bonito na dança do atual modernismo. Isso sucedeu, realmente, num bairro de Belém.





## CENA 1

*(Cena de abertura do espetáculo. Julieta está aos cochilos na sala. Depois, entra em cena, sua filha Cornélia vindo da feira vai jogando a sacola de compras em cima da mesa da cozinha).*

### **CORNÉLIA**

Ainda cochilando nessa cadeira, mamãe. Por que a senhora não volta pra casa? Vá, mulher, vá dormir mais um pouco. Gente aposentada que nem a senhora tem mais é que ficar assim dormindo, sem fazer nada, sem pensar na vida ou no amanhã.

### **JULIETA**

Mais custa! Não morri ainda. Tou velha sim, mas não tou morta. *(E vai atrás dela na cozinha).* Vem cá, tu compraste o...

### **CORNÉLIA**

Comprei. Claro que comprei suas folhas pra fazer o chá. Uffa. Ai, meu Deus, como tou cansada, chega tou exausta.

### **JULIETA**

Eu também. Enquanto a Cornélia fazia a feira eu tava aqui varrendo a casa, lavando as louças, limpando tudo, até lavei uma trouxa de roupa suja...

### **CORNÉLIA**

Porque quis. Eu já falei pra senhora não fazer nada. Deixa que eu mais a Cicloca damos conta do recado. Pode deixar. Não quero vê-la doente e acamada.

### **JULIETA**

Mas eu não tou inválida, minha filha. Ainda posso me virar sozinha. Detesto ficar parada. Não me acostumo com isso.

### **CORNÉLIA**

Não, senhora. Nada disso. A senhora já trabalhou muito na vida pra nos sustentar, agora chegou sua vez de receber nossos cuidados, nosso carinho. *(Ao retirar as compras da sacola).* Égua, mamãe, se a senhora soubesse o que tanto andei hoje naquela feira feito uma condenada, pra lá e pra cá, feito uma barata tonta...

**JULIETA**

Não tinha nada?

**CORNÉLIA**

Ter, tinha. Tinha tudo. Tava abastecida. Mas cadê o dinheiro pra comprar tudo ou quase isso? Eu tava mesmo era pechinchando aquilo que a gente não pode mais comprar em dobro.

**JULIETA**

Nem sobrou um troquinho pro açai?

**CORNÉLIA**

Mande ver fiado que depois eu pago. Amanhã, pagarei, prometo. Hoje é feriado, é dia de futebol, tenho que vender meu tacacá na esquina pra ajudar nas economias da casa, já que sua aposentadoria é tão mixuruca, quase não dá pra nada. É uma vergonha. *(Corre o olhar no ambiente e não vê a menina Ciloca bordando num cantinho da sala e chama por ela.)* Ciloca... ô Ciloca, vem me ajudar aqui um pouco, anda, menina. Onde ela se meteu, eim mamãe?

**JULIETA**

Não sei, só sei que ela tava bordando num cantinho da sala, daí cochilei um pouco, acho que nessa hora ela sumiu. Vai ver que foi pra escola de borda-de esta manhã.

**CORNÉLIA**

E nem me avisou a safadinha! Ela disse a hora que voltaria?

**JULIETA**

Mas quando, minha filha? Mesmo que a Ciloca tente se comunicar comigo, eu não aprendi ainda os seus sinais, é muito complicado pra mim. Vai ver que a pobrezinha tentou alguma coisa nesse sentido e eu não entendi patavina. Sou mesmo burra pra essas coisas.

**CORNÉLIA**

Mas prefiro assim. Quero mais ela estude, aprenda uma profissão qualquer, do que ficar por aí na companhia de péssima camaradagem, correndo o risco de se meter com gente drogada, Deus me livre. É por isso que tou de "olho" no futuro dela. Mas deixa que eu mesma cuido disso. Sempre dei

conta da fazer meu tacacá sozinha. E a senhora, dona Julieta Solimões, vá lá pra sala, ligue a televisão e assista o seu programa favorito.

**JULIETA**

Eu vou se eu quiser! Ninguém me manda. Você manda na sua filha, governa a as filha, mas não a mim. Torno a repetir: sou velha, mas não tou caduca, tou no meu juízo normal. Sei exatamente o que quero, o que digo e que estou fazendo, ainda não tou gagá não, mijando nos pés, nem urinando pela casa toda. Onde já se viu? Só me faltava essa agora!

**CORNÉLIA**

Tá bom. Desculpa. Nem eu pensei nisso. Só queria lhe poupar de aborrecimentos. Só isso.

**JULIETA**

Como? Me chamando de inválida? Achando que não sirvo mais pra nada? Discriminando-me dessa maneira?

**CORNÉLIA**

Oh, mamãe, que coisa! Longe de mim em fazer isso com a senhora. Deus me defenda. Deixe de drama. Deixe de ser dramática comigo. Não fique estressada com besteira.

**JULIETA**

Pois, fique você sabendo que aquilo que aprendi na vida não vou jogar fora, nem que a vaca turça. Não tenho culpa das suas paranóias com relação aos aumentos de preços abusivos nas feiras e nos supermercados da cidade. Perfeitamente. É isso que te faz pensar que estamos nuas e cruas na vida.

**CORNÉLIA**

Pois é. A senhora tá coberta de razão. Acho que tou ficando lesa, tou ficando doida, sim. Agora pisme comigo: a carestia muda de cara a todo dia. E cadê a vigilância que inventaram contra aquela maquininha da inflação, cadê? Exatamente. Não será eu sozinha que vou reclamar nosso direito ao bispo. Antes, a gente comprava um vinhozinho, uma Sidra qualquer no final de semana ou na véspera de Natal ou de Ano Novo, mas agora... a gente vai mesmo é bebemorar na casa do vizinho, na casa dos outros, porque a gente poupa gastronomia. Eu hein! Tá certo isso?

**JULIETA**

Errado. Uma coisa tem que ser substituída por outra e o povo tem que fingir que sofre numa boa. E o direito do povo, que é bom, vai pra cucuia na maleta dos corruptos.

**CORNÉLIA**

É isso mesmo, mamãe! Não tenho nada contra. Deus me livre, quem sou eu pra citar alguém nesse mundo, muito menos o nosso popularíssimo atual presidente brasileiro, que prometeu a olhos vistos colocar essas coisas nos eixos. Mas, cá entre nós, será que esse negócio de radicalizar a fome a zero vai dar certo, gente?

**JULIETA**

Quem sabe? Só Deus sabe. Eu, particularmente, não tenho nada contra também e qualquer tentativa é válida para mudar esse quadro. Porém – e há sempre um porém! – isso para boa parte da população é tão público quanto é notório. Sabe o que eu acho na verdade? Existem várias opções e oportunidades na sociedade. Basta querer. Pois, milagres não acontecem se a gente não for à luta, se a gente não semear algo pra colher frutos mais tarde.

**CORNÉLIA**

Olha a mamãe como está falando, cheia de palavreado e filosofia, gente!

**JULIETA**

Mas você não me chamou de burra, mentecapta, idiota, imbecil, certa vez?...

**CORNÉLIA**

Eu, mamãe?! A senhora tem certeza disso? Não estaria eu de pilequinho nessa hora, não? Se muito estou lembrada, juro que foi por pura brincadeira. Coisas de bebida, né mamãe. Frustrações minhas que quero transpor pra senhora, tadinha. Mas prometo que nunca mais repetirei isso. Nunca mais, ouviu.

**CENA 2**

*(O telefone toca insistentemente e Cornélia ficou irritada e foi atender partindo uma mandioca ao meio numa demonstração de indignação, sendo seguida e observada por Julieta, sua genitora).*

**JULIETA**

Deixa que que atendo...

**CORNÉLIA**

Não, senhora. Deixa que eu mesma atendo. A senhora leva muito tempo grudada ao telefone, eu não, sou curta e grossa. Despacho logo o inimigo cobrador dos meus débitos.

**JULIETA**

Que débitos?

**CORNÉLIA**

A cama que a senhora se deita, o armário onde a senhora guarda sua roupa e outras bugigangas que a gente vai comprando do “prestação” aí na porta de casa.

**JULIETA**

Ainda não pagou? Mas eu te dei todo meu salário... Cornélio você tá me...

**CORNÉLIA**

Ai, que raiva! Fico puta de raiva quando tou conversando com gente inteligente, muito importante pra mim, quando essa praga fica tocando, azucrinando meus ouvidos, cortando a conversa da gente. Eu hein! Desculpa, mamãe.

**JULIETA**

Atende logo essa porra e deixa de conversa fiada.

**CORNÉLIA**

Mamãe! Que baixaria é essa, já? Claro que vou atender. Mas modere sua linguagem.

**JULIETA**

Como moderar? Se tu fica botando a mão no meu dinheiro. Por causa de que?

**CORNÉLIA**

Me admiro da senhora falar uma coisa dessas a meu respeito. E as coisas que tenho comprado pra senhora sem gastar o seu mísero dinheiro, também não consta? Entretanto, nunca reclamei, nunca lhe cobre nada. A se-

nhora está sendo agora muito mal agradecida, muito mesquinha pro meu gosto. Magina! O que é um salário mínimo de uma ex-funcionária pública aposentada?

### **JULIETA**

Pode não ser nada para alguns que andam por aí querendo tirar proveito do tal de programa Fome Zero. Mas pra você que se destina a viver de trambicagem e tudo é sempre um adjuntório a mais que, supostamente, seria uma tábua da salvação tirando-lhe a barriga da miséria.

### **CORNÉLIA**

Mamãe, não seja tão injusta. Que calúnia!

### **JULIETA**

Então atende o telefone. Mas você receia atender. Receia porque sabe exatamente que são os seus credores infernizando a sua vida a três pancadas, a fim de cobrar a conta que fez na ponta do lápis. Vamos, atenda!

### **CORNÉLIA**

Claro, claro. Mas se for realmente aquele palhaço do “prestação” com desculpas esfarrapadas cobrando-me aquilo que devo ou não devo a longo ou a curto prazo, vou tacar o pau, ah vou! Ou será que devo de verdade? E se não devo mais uma parcela? Faz tanto tempo, um tempão... que não me lembro. Porém, vou fingir que não sei de nada. Nada melhor que deixar passar o tempo. Vou inventar alguma coisa... a senhora vai ver... de repente, pode funcionar. E a senhora também vai me ajudar a ludibriar essa corja daqui em diante como manda o figurino, está ouvindo?...

### **JULIETA**

Eu? Vou mais custa! Não rezo, nem nunca rezei pela sua cartilha, não será agora já no finzinho da vida que eu vá entrar nessa tua bandalheira, nessa tua severgonhice... Nunca te vi tão imoral como agora.

### **CORNÉLIA**

A vida nos ensina a ser assim. Todos nós vivemos numa corda bamba. E como malabarista desse grande circo, devo dizer que nenhum passará a perna em mim, tampouco algum cambalacho, chega de me torrarem a paciência com velhas cobranças, fora da validade. Coisa que já caiu até no esquecimento.

**JULIETA**

Pára de trololó. Atende a droga do telefone, Cornélia... eu já não aguento mais essa tua... essa tua...

**CORNÉLIA**

Alô... alô. Casa funerária “Pés Juntos”, bom dia!...

**JULIETA**

O que significa isso, Cornélia? Enlouqueceu de vez, foi?...

**CORNÉLIA**

O que? Meu senhor... aqui é uma casa funerária, já disse, portanto não mora ninguém aqui, muito menos com esse nome horroroso de Cornélia Pai'Dé-gua. Magina! Temos preços módicos de caixões, sim, senhor, e também oferecemos uma ótima promoção, ou seja dois bouquês de flores do campo, quatro mulheres choradeiras, rapazes e moças que representaram familiares que não gostam de ir a velório. Como? Ah, sim: também oferecemos serviços de filmagem e telão, retratando os mínimos detalhes do enterro, inclusive o comportamento dos hipócritas nos arredores do caixão fingindo chorar ... oferecemos cafezinho com biscoitos, jogos de canastra ou um pouporri de músicas que o defunto mais gostava. O preço...? Olha custa os olhos da cara. Custa ter... (*Voltando-se para sua mãe*). Desligou. Oh, gente mal educada. O cretino desligou na minha cara, nem deu tempo de lhe dizer o valor do pacote.

**JULIETA**

Bem feito! Acho que a Cornélia pirou desta vez. Nunca pensei que transformaria minha residência numa “casa funerária” imaginária para se livrar dos credores.

**CORNÉLIA**

Viu como deu certo. Considerando-se ludibriada por eles nos meus direitos, o careta bate o pé e exige que quer um pagamento em dobro por parte da conta atrasada, mas comigo não, jacaré. Vai nadar noutra rio que esta zinha aqui faz parte da família Solimões, apenas, no nome, no sobrenome. E, mãezinha. Sua filha não nasceu pra ser enganada por ninguém.

**JULIETA**

É a mesma coisa todo ano e o vendedor que fez a conta na ponta do lápis já sabe que não vai receber o resto da dívida.

**CORNÉLIA**

Conta antiga, conta velha, sem grande valor, eu não pago mesmo, nem que a vaca vá pro brejo com o boi e tudo. Eu lá sou besta em pagar! Ninguém se lembra em pagar o tacacá que me pediu “fiado até amanhã”, ainda mais sem eu cobrar, aí, que a coisa cai no esquecimento por ser uma quantia irrisória. Então, mãe, a gente tem que ser esperta, tem que fazer o jogo dessas pessoas.

**JULIETA**

Isso é uma brincadeira de mal gosto. Espero que não se arrependa de nada.

**CORNÉLIA**

Fica fria, mãe. Fique tranquila. Nada de mal de me acontecerá. Podes crer.

**JULIETA**

Assim espero. *(E foi estar no interior da casa: no quarto onde dormiria um pouco)*. Vou descansar um pouco.

**CORNÉLIA**

Ah, eles também “matam” a mãe, o pai, o filho, a sogra, a nora e o escambau a quatro para receber o adiantamento da grana antes da data marcada, por que então eu iria “alimentar” a mentira, a fantasia desses caras? Eu não! Ainda bem que o safadão não reconheceu a minha voz. Mas da próxima vez que ele ligar cobrando-me coisas que não devo ou não me lembro... vou falar pra todo mundo que ele é um galinha e que a mulher bota chifres nele com seus amigos quando o cretino tá porre. Vê se pode! Esperzinha. Bobinha a mulher dele, não? O que é pior, o safadão, costuma dizer na esquina e nos botecos da cidade, e pra quem quiser ouvir, que ser corno manso é moda e que um bom chifrudo que se preza só morre na sexta-feira, que é pra estragar o fim de semana da família. Cretino. Quero mais que ele morra e meu dinheiro corra. Corra das vistas dele. Ele que vá roubar outra, menos eu. Aquele bundão. Não tenho nada contra. Mas, oh homenzinho ordinário.



### CENA 3

*(Ouvem-se um barulho sonoro da descarga do banheiro, criando ressonâncias no palco e na plateia. Em seguida, surge do nada, a figura patética da menina Ciloca ajeitando ainda o vestido no corpo franzino e repuxando o elástico da calcinha. Diante da cena, Cornélia fica surpresa e irritada).*

#### **CORNÉLIA**

Mas Ciloca aonde era que tu estavas esse tempo todo? *(A menina faz sinal dizendo que estava no banheiro, é muda)*. Todo esse tempo no banheiro?... Fazendo o que, Ciloca?... Não me diz que estavas escondida lá dentro para não fazer as tarefas de casa, sua preguiçosa, pois não? Reza, viu, reza pra minha mãe não adoecer por causa disso. A coitada ficou cuidando das coisas sozinha, até lavou roupas sujas, enquanto tu lá dentro do banheiro tava cheirando merda. Nem sequer pergou hoje no seu bordado da escola. *(A menina faz caretinhas atrás de si e outras macacoas e vai sentar-se numa cadeira de embalo)*. Anda, levanta-te daí, Ciloca... procura fazer alguma coisa pra me ajudar. Vai dar farelo pras galinhas no quintal, que é pra acelerar elas a botar ovos logo, logo. Depois, vem me ajudar a mexer a goma do tacacá, a extrair o tucupí no tipiti, basta espremer bem a mandioca ralada, depois cata pra mim o jambu e o camarão, enfim... não posso fazer tudo sozinha. Estou muito cansada. Enquanto tu fica aí nas minhas costas tirando sarro da minha cara! *(A menina explica que tudo não passa de brincadeira sem importância, etc)*. Brincadeira sem importância, é? Tá certo. Faz de conta que não estou vendo, nem me aborreço com isso. *(A Ciloca comicamente fala que está com dor de barriga, com diarreia, defecando fino que nem vômitos pela boca ou mijando pela bunda)*. O que? Tu com dor de barriga?... Com diarreia? Pior ainda: cagando fino que nem vômitos pela boca?... ou mijando pela bunda? *(Riso)* Mas, que história é essa, Ciloca? Onde já se viu isso? Olhaqui, Ciloca, presta atenção: tanto faz diarreia, infecção intestinal, cagar molhe, defecar fino, ter caganeira como tanto fez, tudo é a mesma merda, ouviu, o mesmo cocô, a mesma bosta, seca ou molhada. *(Vai e volta trazendo um remédio)* Toma. Bebe esse remédio que tudo vai passar, tu vai melhorar, vai ficar boazinha. *(Após o remédio, a menina diz que vai se deitar um pouco na rede pra depois me ajudar...? De jeito maneira. Negativo. Dor de barriga nunca foi doença ou motivo pra ficar deitada numa rede. Deixa de manhã, Ciloca. Hoje é feriado, minha filha, é dia de futebol)*, e nós duas temos que correr atrás da grana. Não eras tu que queria um vestido novo, um novo sapato, uma bolsinha linda dessas que você viu na TV... Então. Basta ajudar. Que as coisas não vão cair do céu por descuido, né. Aprenda isso e bote isso na sua cabecinha de vento, sua coisinha miúda.

#### **CENA 4**

*(A menina Ciloca obedece, bate o pé e vai carrear suas tarefas, agilizando tudo rapidinho, num vaivém engraçado, vez por outra fazendo caretas, esticando a ponta da língua, dando banana, dando cotoco pra Cornélia que nada percebe ou finge perceber. A cena é super engraçada e infantil).*

#### **CORNÉLIA**

Essa daí – coitadinha – perdeu os pais desde cedo, criança ainda, num desastre de barco na travessia pra Belém. A Ciloca teve sorte em escapar com vida embora afetada que foi nas suas cordas vocais. Até hoje a bichinha sofre desse mutismo sem explicação nenhuma. Ainda bem. Senão, a Ciloca já tinha espalhado meus pobres por aí, mas acho que não. Tadinha. Se ela soubesse que era filha da amante do meu ex quinto maridão, talvez não quizesse me chamar de mãe. Mesmo assim aprendi a gostar dela. A pobrezinha não tem culpa de nada. Um dia – quem sabe? – ela me perdoará. Ciloca é uma das melhores companhias que tenho nesta casa. Sim, porque a mamãe – como vocês viram – está ficando caduca, parada no tempo... ao passo que Ciloca não, é jovem, é divertida, é uma menina simples, tipo da mocinha que não cheira, nem fede. Quer dizer, hoje ela está insuportável. Mas, que diacho, estou falando, sabendo que a coitadinha tá doente, gente. Será que deixei de ser menos humana e me transformei numa cética, numa mulher fria, calculista, a ponto de não poupar a pobrezinha de tanto sacrifício? *(Dirige-se a Ciloca, arrebatando-lhe o balde das mãos).* Ei, coisinha miúda, vai tomar teu banho, depois vai quietar-se na rede, deixa que eu mesma faço isso. Vai, vai, vai, vai repousar. *(A menina diz que não, que já está melhor, e que pretende terminar com suas tarefas, a fim de dormir depois e não acordar mais até amanhã)* Não quer mais descansar a “perseguida”? Ah, já está boa, melhorzinha. Olha, da minha parte, você tá liberada. O que? Como assim? Pretende terminar suas tarefas sem a minha ajuda? E vai dormir depois pra não acordar mais nem amanhã? Mas, que idéia maluca é essa, Ciloca? Onde já se viu isso: dormir pra não se acordar mais no dia seguinte! Larga de besteira. E faz o que tou te pedindo. *(Mas Ciloca, desta vez, não obedece e continua trabalhando).*

#### **CENA 5**

*(O telefone toca novamente. Dentre os maiores credores está um comerciante português da panificadora. Mas Cornélia não se predispõe de grana para quitar suas dívidas. Enquanto Ciloca cata camarão e jambu atrás da mesa, vez por outra, ela come camarão com farinha e água feito chibé).*

### **CORNÉLIA**

Vixe! Ai, meu Deus do céu, é hoje, é hoje que a curiboca vai piar, que a piriquita vai cantar. *(E cantou bem alto pra todo mundo ouvir)*. Antes eu era prego/ e você me bateu/ Agora quem bate no prego sou eu!..... *(Cantou duas vezes, fazendo batucada numa panela)*. Cruzes. Não tenho nada contra. Mas, quem gosta desse tipo de música, com certeza, tem mãe na Zona. E brega, mesmo. Quem será desta vez? Ah, se for aquele comerciante português de panificadora Fé em Deus, avarento, sovina, mão de vaca, cobrando-me a tempo umas comprazinhas mixurucas, ah eu juro, mas eu juro vou atirar merda no ventilador dele... vou jogar bosta na Geni. Por que quele miserento não vai ao Planalto pedir pro Lula? Eu hein! *(Julieta aparece de sopetão e vai atender aquele chamado. Cornélia nervosa suplica para que sua mãe colabore com sua encenação, etc.)*.

### **JULIETA**

Pode deixar. Eu atendo.

### **CORNÉLIA**

Mamãe... por favor, mamãe, não vai dizer que moro aqui. Inventa o nome de uma nova proprietária ou então continue repetindo a minha encenação... eu lhe peço pelo amor de Deus. Até que os credores reconheçam de que não vivo mais nesta casa e que tomei outro rumo na vida, entendeu bem, mãezinha?

### **JULIETA**

Mas falar “casa funerária bom dia”, Cornélia? É o cúmulo do cúmulo da pessíca, do azar. Por que não uma agência de viagens turísticas ou uma casa de massagens? É mais decente, é mais suave, menos sofrível.

### **CORNÉLIA**

Seja já o que for, mamãe, mas inventa, afasta esses cretinos da nossa porta. Afinal de contas, se esse método não der certo, não terei meios ou condições para zelar pelo meu bom nome, pelo nome da nossa família. Aí, o jeito mesmo, é apelar para a sua santinha padroeira, a mais venerada pelos paraenses, que é a Nossa Senhora de Nazaré.

### **JULIETA**

Deixe de heresia. Não coleque a santa no meio da sua sujeira. Imagine, se ela vai atender aos seus caprichos perniciosos, vai mais custar!...

### **CORNÉLIA**

Ah, por falar nisso... Corre à boca pequena na Barbearia do Stélio Vasconcelos e arredores: que os paqueras da Juanita Carrocinha, aquela vendedora de cachorro-quente na esquina, são os maiores sonegadores da cidade na aplicação do "gato telefônico". Segundo o Stélio, é mais quem fila na carrocinha dela pra telefonar ou pedir um gato, já pensou! Depois ele vai dizer por aí na rua que eu é que sou a maior linguaruda do bairro. E ele? Que abriu precedência na sua barbearia e passou a cortar cabelos de mulher com o pretexto de roçar sua braguilha nos braços delas na cadeira. Aquilo já virou um antro de perdição, nem te conto. Cala-te boca.

### **JULIETA**

*(Com o telefone na mão, abafado no peito). Posso falar?...*

### **CORNÉLIA**

Pode sim. Devo, não nego. Pago, quando puder. Até hoje os cabos eleitorais e assessores de imprensa de candidatos às eleições não foram pagos. Estão rebolando no meio da roda pra receberem e mandando cotocos adoidado. Então, mãezinha, não sou a única a declarar dívidas nesta cidade.

### **JULIETA**

A situação tá ruim pra todo mundo.

### **CORNÉLIA**

Agora fale. Tome cuidado no que vai dizer. Por favor! *(Breve pausa. Enquanto a dona Julieta ao telefone tem o pretexto de se comunicar com o mundo lá fora etc.)*.

### **JULIETA**

Alô... Alô! Eim?... Aqui não mora nenhuma Cornélia, nem conhecemos essa mulherzinha trambiqueira... Vá pros quintos dos infernos! O que disse?... Se ela pintar de novo na panificadora vai levar porrada, um chute na bunda? Olhaqui, seu moço gago, aqui é um asilo de velhos que urinam nos pés e sujam a cama de bosta, tais ouvindo?... Não senhor, não mora ninguém aqui com esse nome, acredite. Tá cobrando contas passadas, ainda, do Natal de 2001?... Ah, o proprietário se esqueceu de anotar no caderninho dele, foi? Azar o dele, a sorte é que ninguém pagou. Quem mandou ser bobo? Conta velha, conta antiga, com vencimento caduco, não se paga, moço. Caso ainda tenha conta antiga por aí nas gavetas jogue fora, é bom queimar, por causa de que? Ora, por causa dos recentes aumentos abusivos

do comércio e das contas telefônicas... Como? Está bem. Então vou desligar primeiro antes que a diretora do asilo me dê um esculacho daqueles. Nossa mãe. Ela é, uma verdadeira égua enjaulada neste asilo, mas quem manda ela borrar as paredes do banheiro de merda. Os ricos também cagam e tombam na bacia feito heróis de... *(Voltou-se para Cornélia)*. Desligou... o imbecil. Mandou que eu fosse catar piolho no rabo.

### **CORNÉLIA**

Tá vendo? Vale gastar e desgastar meus neurônios com essa raça? Mais um que está fora da minha preocupação.

### **JULIETA**

Que desaforo! Uma lástima. Uma vergonha.

### **CORNÉLIA**

Bota vergonha nisso! Quem com eles dá bandeira, dá bobeira se estrepa. Pra eles, mamãe, a gente tem que ser o penico e a tampa, dignas dessa vagabundagem humana. Até que a senhora não foi mal no seu teste... mas quase me dedura pro cara, caixa dele. Só não gostei daquela parte que a senhora me chamou de trambiqueira.

### **JULIETA**

Mas você é trambiqueira. Uma ordinária. Uma safada. Uma malandra de marca maior registrada. Só falta a carteirinha.

### **CORNÉLIA**

Mas o que é isso, mamãe?! Manja só? Ela só falta me acusar agora de maconeira e atravessadora de muamba do Paraguai. Eu hein! Que mãe é essa aí que não defende a filha das mãos de algum pilantra sonegador de Imposto de Renda. O que pintar eu encaro pra não ter que morrer de fome e andar nua pela rua feito uma louca qualquer, uma doida varrida. Xá pra lá! Eu danço conforme a música, e a senhora não tem nada que dar teco. Eis que... confronto uma batalha enorme pra não entrar numa dieta macrobiótica.

### **JULIETA**

Azar o seu. Eu é que não vou dar o meu espinhaço para malandro fincar uma faca afiada na pedra dessa morrência diária. Como faz um tempão que não vi sito a minha irmã Augusta, que anda com as ancas esqueléticas, então aproveito o tempo que resta para dar uma esticadinha até lá no mu-

nicípio de Bujaru. Vou fazer-lhe uma visita, um tanto inesperada para ela eu sei, porém, embalada de alegria e prazer. Augusta, quando apareço na porta da casa dela, vem que vem cheia de dengos, e aquele lugar parasital, com aquela floresta tropical e com tanto sussurro do rio e dos igarapés que banham aquela linda cidade, aí é que me enche os pulmões de alegria.

### **CORNÉLIA**

Pode ir. Já vai tarde. Depois não venha se queixar da falta de recursos médicos e da falta de civilização que existem por lá. Pode observar. A tia Augusta parece mais velhe que a senhora. A última vez que a vi tava com a cara chupada, cheia de pregas, parecia um maracujá de gaveta, apesar de um sorriso deste tamanho. Tadinha. Aí, é a glória, a pessoa envelhecer na base da miséria franciscana, sem eira, nem beira. Titia tá ferrada. E a senhora ainda vai pra cada dela explorar a hospitalidade da coitadinha.

### **JULIETA**

Explorar uma ova! Eu tenho a minha aposentadoria, portanto, tenho que ajudar a ela e não a você sua mocréia. *(Vai saindo com duas mochilas de roupas).*

### **CORNÉLIA**

A começar que a senhora vai mandar corrigir os dentes dela encardidos e escambimdados, que torna aquele sorriso feio. Cruzes. Nem gosto de lembrar. A senhora volta quando?... *(Sumindo na porta).*

### **JULIETA**

Quando o galo criar dente. Não pense que vou voltar pra compartilhar de sua leviandade não, viu. Cria juízo, Cornélia. Melhora tua cabeça, minha filha. Assim, desse jeito, não dá. *(Sumiu).*

### **CORNÉLIA**

Magina! Nunca pensei que fosse embora. Ela que me pegou de sopetão. Agora, fudeu-se tudo, minha coisinha miúda. Ruim com ela, pior sem ela. Acabou-se o que era doce, acabou-se a mamata. A velha tá ranzinza, ranzinza. Uma velhota ainda um tanto quanto sagica e sacudida, gosta de andar por aí nesses municípios do Pará. Agora destamboca pracolá, bem ali, no Bujaru. Foi cuidar da irmã. Não tenho nada contra. Quando a titia – aquela criatura de pouca fé – der um chute nos cornos dela, num instante ela volta, e voltará com um sorriso no canto da boca que disfarça um pontapé na bunda. Que fazer? Ela é minha mãe, droga. Eu é que sou uma es-

bórnica na vida dela, coitadinha. Afinal de contas, que não deve nada a ninguém levante um dedo aí? Pois é, a maioria deve. Até o Brasil deve, gente. Faz parte. Enquanto euzinha, essa pobretona aqui, fica atrás da mesa ralando mandioca para não ficar na estagnação social e sair por aí pedindo esmola. Tá louca, santa? Tenho vergonha na cara e forças de sobra nos braços.

## CENA 6

*(Tempo. O tacacá está quase pronto para ser vendido. Ciloca agora assume o seu papel de ajudante na venda do tacacá ou seja: cuida de lavar as cuias com frequência e de armar e desarmar a barraca de lona onde o carrinho da venda é moderno, visivelmente higiênico, utilizando acessórios de conservação de limpeza e meio ambiente).*

## CORNÉLIA

Pronto, Ciloca, está quase pronto o nosso tacacá. Agora cuida de trocar de roupa e vem me ajudar a preparar o carrinho, viu. *(A menina obedece e sai e volta com outra roupa)*. Se eu não fosse uma vendedora de tacacá o que eu seria neste mundo de Deus? Já basta o tranco que eu levo na vida. E quem iria cuidar dessa orfãzinha? Às vezes, a Ciloca é preguiçosa, manhosa, cheia de manias, devido a idade, mas ela é muito prestativa pra mim. Ai, de mim, se não fosse a coitadinha. *(Olhou pra ela, compadecida)*. Sabe o que ela fez? Procurou estudar direitinho a linguagem dos mudos pra poder se comunicar comigo e com o mundo lá fora. Tá na cara que alerto ela pra tomar cuidado com as maldades do mundo, onde ela tem que aprender uma profissão digna, aí, não vai depender de ninguém, nem de marido para sobreviver, pois é nessa cartilha que toda mulher tem que rezar, tem que trabalhar para o seu próprio sustento. Morro de pena quando isso não acontece na maioria. Assim, ninguém acaba com a fome e a miséria neste país, gente. Acaba nunca. Não temos como escapar. Cada um tem um karma que merece. É ou não é?...

## CENA FINAL

*(Sequenciando a cena, em meio a fala da personagem Cornélia, vai surgindo um murmurinho de vozeiro na rua que se mistura ao barulho de buzinas de carro passando, conversa de pai com o filho, guarda de trânsito, gritos, de repente um tiroteio entre policial e bandido no bairro numa perseguição lá fora. Cá dentro, na cozinha, enquanto Ciloca preparava o carrinho do tacacá, foi atingida por uma bala perdida que estampou sua expressão de dor. Porém, Cornélia não percebe que a menina está ferida).*

### **CORNÉLIA**

Santo Deus. O que será isso lá fora? Vai ver que é uma daquelas correrias atrás da bandidagem. Mas, pelo menos, aqui dentro de casa, a gente tá sossegada, tá tranquila por via de denúncia de boca de fumo ou de maracutaia no bairro daqui. Não tenho nada contra. Desde que não mexam com a minha língua. A gente vive, a gente morre, por que? A gente morre porque vive. *(Neste momento, com esforço extremo, Ciloca estende os braços para ela em busca de socorro ou proteção, visivelmente fraca e sofrível).*

### **CORNÉLIA**

O que foi, Ciloca? Tá com medo de quê? Meu Deus, como você tá gelada, tá tremendo, menina. Venha cá, isso, fica aqui no meu colo, assim... não tenha medo, aqui ninguém vai te fazer mal. *(Ciloca com esforço tenta avisá-la de que levou um tiro nas costas).* O que tá querendo me dizer? Oh, meu Deus, não tou entendendo patavina, tá tudo tão confudo pra mim. Fica calma, minha filha... mamãe não vai espiar nada na rua não... ficará aqui contigo... fica calma. *(De repente, Ciloca solta a voz, uma voz rouca, quase imperfeita).* O que é isso, meu Deus? A Ciloca tá falando... a Ciloca falou, gente! *(Explodiu de alegria, porém, ao abraçá-la de encontro ao peito viu sua roupa suja de sangue etc.).* Como? Como foi isso, Ciloca? Minha menina, tu nem sequer saiu daqui de dentro de casa, nenhuma vez, como foi isso, meu Jesus? Quem, minha filha, quem te baleou covardemente? Tu não merecia. Gente, Acho que aquele tiro acertou o pulmão da menina! Oh, meu Deus! *(Chorou e muito).*

### **CILOCA**

Cata, tia... tenho lândia, piolho... Cata aquele acalanto, tia... Tou com... sono, muito sono... canta, canta, tia... o acalanto...

### **CORNÉLIA**

*(Entre soluços).* Menina bonitinha, delindandan/ que mora na beira da praia, delindandan/ Sua casa é bonitinha, delindandan/ sua roupa é bem fei-nha... *(Soltou um grito de dor).* Oh, meu Deus, até quando tanta violência?

FIM DO ESPETÁCULO



CENAS  
DE UMA  
INCORPORADA

# **Cenas de uma incorporada**

**Comédia - 2003**

## **PERSONAGENS**

Velha

Eneida

Rapaz

Moça

Homem

Madame

Mulher

Porteiro

Alonso

## **CENÁRIO**

Uma área de ação onde ocorre todo o espetáculo na base da transmutação de vários cenários, onde o material humano dos atores funcionará para tal mudança cenográfica.

## **TEXTO**

A imagem que costuma vir à nossa mente, quando se fala em “incorporada” ou “incorporação”, é a de alguém que invoca ou pega “santo” no pequi, nos terreiros de umbanda e, principalmente, nos congados e candomblés de Angola (África) ou nas tendas ou congás da Bahia. Mas, em nosso espetáculo, com o desenrolar da trama e das cenas, o espectador, aos poucos, vai descobrindo o real segredo que envolve uma família religiosa ligada à cerimônia do adeus, principalmente, daqueles que deixam saudade. E voltam ao “plano da terra” para cumprir a missão inacabada. Em nosso trabalho, a “Dona da Prenda”, amiga ou vizinha falecida, materializa-se para favorecer alguém ou uma família inteira. Ao término da missão, que poderá durar anos, o suposto “espírito” ou “alma penada” descansará em paz.



## **CENA 1**

*(No primeiro plano, vê-se uma senhora costurando costuras para fora, enquanto a outra, mais velha, varre a casa. Depois, entra em cena um casal de jovens vestidos de palhaço e tocador de bumbo).*

### **VELHA**

*(Surgiu na sala, com a vassoura na mão).* Eneida, minha filha, você ainda vai demorar com essa costura?

### **ENEIDA**

Daqui a pouco. Falta só um arrematezinho, mamãe.

### **VELHA**

Tenho que varrer a casa, filha! Depois tenho que ir ao cemitério Santa Izabel.

### **ENEIDA**

Fazer o que lá?!

### **VELHA**

Eneida! Você esqueceu a data do falecimento do seu pai! Mais um ano, hoje, que aquele “pudim de cachaça” subiu pro andar de cima. Faz 4 anos.

### **ENEIDA**

Meu Deus. Me perdoa, mãe. Nem me lembrava mais. Como o tempo passa! Parece que foi ontem.

### **VELHA**

Mas você tem razão, filha. O seu pai passava mais tempo fora de casa, na rua, pelos bares ou botecos bebendo com seus amigos, do que dentro daqui, de casa tomando conta de sua família. Quando me casei com ele, a mãe dele foi logo me prevenindo de que o Pedrão bebia desde a idade de 16 anos. Só podia dá nisso. Aposentou-se dos serviços muito cedo e acabou morrendo de cirrose, aos 45 anos. Vê se pode!

### **ENEIDA**

O que é pior: ele se foi e a cachaça do dia a dia ficou! Pronto, mãe, já terminei está aqui. Depois faço aquela outra ali, em cima da mesa. Pode varrer sua casa, sossegada!

**VELHA**

Só assim com ele morto, os bares e as sanfonas se calaram, os alambiques, as prostitutas e os devassos se emudeceram, quando aquele cretino morreu! Você se lembra Eneida, que o eu pai que se dizia tão fiel a mim andava por aí com umas e outras e até me convidava pra ir junto pra beber com os outros?!

**ENEIDA**

Me lembro, sim. Entretanto, a senhora sofria calada, embora amargurada por dentro e sorridente por fora.

**VELHA**

Pra que tem vergonha na cara e sentimentos, não adiantava mostrar pra ele o meu nervosismo, a minha indignação, senão, podia ser pior. Se, na porri-ce dele, até macho ele me dava e me chamava de piva, de tudo aquilo que não prestava. Mas nunca cai na besteira de andar na companhia dele, pra esse tipo de coisa, a não ser pra carregá-lo aos exames médicos periódicos. O seu pai morreu à toa, a troco de nada! Foi um tremendo idiota.

**ENEIDA**

Coitado. Que Deus o tenha em bom lugar! Que aqui na terra a nossa luta continua, né dona Morgana?

**VELHA**

Mais vale a pena lutar pela vida do que contra a morte. É coisa dada por Deus e conforme o merecimento de cada um. Outra coisa... Nem te conto... Tem hora, quando me lembro disso, não me dá mais vontade de acender vela pra ele.

**ENEIDA**

Então, não acenda! Não vejo nenhum mal nisso. Acho que a senhora já chorou e acendeu velas, na sepultura dele, o suficiente em cima da sepultura, durante esses quatro anos. Quatro anos! Não são quatro dias, nem quatro semanas, mamãe! Não há carcaça de defunto que dure tanto tempo assim. Depois, o gasto do maço de velas, todas as vezes que a senhora vai lá, é um horror. Pela quantidade daria para clarear um Mangueirão inteiro!

**VELHA**

Filha! Ele era seu pai!

**ENEIDA**

É isso mesmo! Não funciona mais. O Pedrão já deve está de ossos brancos. E não precisa mais de reza, nem de missa! A senhora já cumpriu sua obrigação como viúva dele. O resto fica por conta de Deus, que vai descontar o mundo pervertido dele, os pecados dele como cachaceiro que foi, fiel aos amiguinhos dele de farra e mulherio até a morte. E onde fica a postura de uma viúva depois?... que deixou de se casar de novo, pra se manter digna e fiel à sua imagem? Me diga.

**VELHA**

Só restou minhas dores de coluna, meu reumatismos nas pernas que, vez por outra, me ataca nas juntas, e um pigarro, uma tosse seca, um chiado, aqui dentro, no peito, que me responde atrás das costas. Tenho até medo de ser, de repente, uma tuberculose ou coisa parecida.

**ENEIDA**

Precavenha-se! Vá ao médico, também. Há dias que a senhora se queixa e quando se alertar será tarde demais. O médico não vai mais poder fazer nada pela senhora. Mamãe! Médico só faz milagres quando o doente recorre a tempo, antes que alguma enfermidade tome conta do seu organismo, antes que a pessoa seja um paciente terminal. Já moribundo!

**VELHA**

Mas não há de ser nada! Deus é grande! Deus há de me proteger. *(Aqui entra o casal de adolescentes, cabisbaixos, tristes, desestimulados)*. Acho que vou me aprontar. De qualquer maneira, tenho que ir ao cemitério.

**RAPAZ**

Deixe eu ir com a senhora, vó?

**VELHA**

Não, senhor. Fique aí. Faça companhia à sua mãe.

**MOÇA**

E eu, vó? Posso ir?

**VELHA**

Magina! Tem cada lugar bonito nesta cidade, aonde o jovem pode ir e se divertir do que “olhar jazigos” dum cemitério qualquer! Fiquem aí com mãe. *(Saiu de cena)*. Obedeçam a ela.

**CENA 2**

*(Ambos vão se desfazendo de suas indumentárias frente ao espelho, deixando a ver como “roupa de baixo” macacões de malha colorido, artisticamente belo e notável, dando a impressão que o público está diante de dois artistas circenses, ex-alunos da escola de circo).*

**ENEIDA**

Então, como foi lá? A reação do público? Na hora de rodar o chapéu?...

**RAPAZ**

*(Olhou pra irmã)*. Conta pra ela...

**ENEIDA**

Foi legal, como vocês dizem, foi?

**MOÇA**

Não, mãe. Foi um fracasso!

**ENEIDA**

O quê?! Não tinha público? *(Ficou com raiva, apavorada)*. Não, essa não!

**MOÇA**

Essa sim! A praça tava vazia.

**RAPAZ**

Apenas um cachorrinho e uma velha senhora! Que sorriam pra gente!

**ENEIDA**

Só?! Mais nada?

**MOÇA**

E um cego que tava tocando sanfona debaixo do sol, enquanto o menino quia-de-cego jogava pedra na mangueira e ,depois, comia a manga verde com pitada de sal, numa boa.

**RAPAZ**

Só o cachorrinho latia no colo da velha, talvez aprovando a nossa palhaçada ou censurando o barulho do bumbo que tava muito alto. Era só o que eu podia fazer para chamar atenção.

**ENEIDA**

E chamou?

**MOÇA**

Quem disse? Só tinha a velha caindo na risada, dando gargalhada circense, e nos aplaudindo ao mesmo tempo, como se nos quisesse dizer que, ela só, valia por uma multidão.

**RAPAZ**

E aí nos deu isto aqui. *(Mostrou um montante de dinheiro).*

**ENEIDA**

Deixe-me ver! *(Conferiu nota por nota).*

**RAPAZ**

10 mil reais.

**ENEIDA**

É verdade! São exatamente 10 mil reais! Meu filho, será que esse dinheiro não foi roubado de algum banco ou de alguém que a velha do cachorrinho roubou?!

**MOÇA**

Acho que não, mãe! Ela parecia tão angelical, tão generosa.

**RAPAZ**

Eu tentei devolver a ela.

**ENEIDA**

E ela?

**RAPAZ**

Não quis.

**ENEIDA**

Não quis?! Agora me deu medo! Não estaria essa velha do cachorro apenas com lero-lero pra cima de vocês só pra sacaniar com a gente, não?

**MOÇA**

Acredito que não. Ela apenas nos entregou o dinheiro e disse: “Tomem, levem essa grana preta, que já não serve mais pra mim, que estou no fim da vida, ao passo que vocês não, estão jovens, e vão precisar”. Depois foi embora sem a gente perceber.

**ENEIDA**

Como “sem perceber”?!

**RAPAZ**

Foi algo mágico, mamãe! De repente!

**ENEIDA**

Como de repente, menino? Ah, meu Deus! Já começo a ficar preocupada!

**MOÇA**

Foi assim. No momento em que ela estava falando com a gente, entregando a grana pra nós, ela eu uns passos à frente, por detrás duma mangueira e sumiu, porque a gente olhou naquela direção, olhou e não viu ela atravessar a rua, nem nada, até corremos ao tronco de mangueira pra ver se a velha e o cãozinho estavam lá e não vimos nada.

**RAPAZ**

Olhamos tudo em volta. Tudo. E nada da velha. Fiquei arrepiado!

**MOÇA**

Chega me deu um calafrio na barriga!

**RAPAZ**

Aí, eu falei pra mana pra gente dá o fora de lá, antes que alguém soubesse dessa grana.



**ENEIDA**

Sinto muito em dizer, mas custo crer nisso, não da parte de vocês que são meus filhos e não tem mal hábitos, mal costumes, mas nessa velha!... Isso tá me cheirando a qualquer coisa de “aparição fantasmagórica” na cidade!!

**MOÇA**

Em pleno meio dia!?

**ENEIDA**

Exatamente! Ao meio dia é o horário que esse tipo de coisa acontece por aí nas ruas, nas feiras, nos logradouros e nas estradas, principalmente, desertas, vazias.

**MOÇA**

Ai, mãe! Chega me arrepia! A senhora fala dum jeito que até parece que já viu alguma assombração!

**ENEIDA**

Já vi, sim! A do seu avô, certa vez, na porta da cozinha! Fazia um ano dele falecido. Queria que eu mandasse rezar uma missa pra ele.

**RAPAZ**

Ele conversou com a senhora?

**ENEIDA**

Claro que não! Mas, quem morre tem poder de se comunicar pelas ondas de pensamentos. Foi o que eu entendi, naquela hora, quando fazia gestos com as mãos e se ajoelhava chorando, mostrando-me um cálice transparente e uma hóstia a fazer e repetir o mesmo sinal que o padre faz na santa missa. Aí, atendi o pedido e ele nunca mais apareceu. Sossegou o facho.

**RAPAZ**

A vó sabe disso?

**ENEIDA**

Sabe! É por isso que ela fica acendendo velas pra ele, coitada. Agora, como se não bastasse, tem essa história esquisita de vocês...

**RAPAZ**

*(Tirou o macacão).* Ah: olha isto aqui que ela me deu, um pedaço de papel, aí dentro tem um número... Veja!

**ENEIDA**

Avenida conselheiro, número... número... tá quase apagado...

**MOÇA**

Ela usou um lápis. E disse que foi professora do colégio e que sonhava ter uma escola só pra crianças pobres.

**ENEIDA**

A caligrafia dela é muito bonita, mesmo! Mas esse número... 2448... sei não. Acho que não existe casa com esse número. Tudo é conforme a quadra, o distrito, a extensão de uma rua. Bom! Não custa nada fazer uma visita à pobre velhinha e agradecer pelo que ela fez por todos nós. Eu acredito piamente nos meus filhos.

**RAPAZ**

Obrigado, mãe. Eu posso não ser um bom palhaço, mas jamais vou me sujar com a grana dos outros.

**MOÇA**

A gente pode ralar, ralar muito, mas nunca a senhora vai se envergonhar da gente.

**ENEIDA**

Eu sei! Eu sei, meus filhos. A mamãe jamais pensou mal a seu respeito... mas no mundo em que vivemos, com tanto charlatão, em meio a tanto charlatanismo, eu só tenho a pensar numa única coisa: será que alguém livrará a cara, a reputação dos meus dois filhos queridos? Vocês sabem que, por vocês sou uma águia, e que por isso vivo batalhando nessa máquina de costura para lhes dar uma vida digna, honesta, limpa, transparente!

**RAPAZ**

E nós lhe agradecemos, mamãe!

**MOÇA**

E reconhecemos seus esforços! É por isso que tentamos ajudá-la, através do trabalho circense na rua!

**ENEIDA**

É! Eu sei. Mas parece que isso vai parar um pouquinho. Vão dá um tempo!! Até a gente achar a causa de tanta grana como doação fácil.

**MOÇA**

O que a senhora vai fazer?

**ENEIDA**

Vamos, amanhã, na casa da distinta e alegre velhinha pra saber porque dessa doação sem fundamento. Agora, me ajudem nessas costuras. Tá faltando bainhas nas calças, botões nas camisas. Vão me dando uma mãozinha.

**CENA 3**

*(Nesse momento, a velha senhora, entra em cena apavorada com o que aconteceu com ela no portão do cemitério. Todos ficam boquiabertos quando a campainha da porta toca insistidamente, azucrinando-os).*

**MOÇA**

Nossa! Alguém tá querendo acabar com a campainha desta vez!

**ENEIDA**

Quem será? Será algum freguês?

**RAPAZ**

E mal educado por sinal! Deixem que eu atendo. Vou escrotiar.

**MOÇA**

Escrotia mesmo! Isto é coisa que se faça!

**RAPAZ**

Já vai! *(Ao abrir a porta).* Vó! A senhora, vó!

**VELHA**

Saia da minha frente! Por que demorou tanto em abrir a porta?!

**ENEIDA**

Mamãe! O que houve? Parece tão pálida, tão apavorada!

**VELHA**

Ah, minha filha, nem te conto!

**ENEIDA**

*(Para a filha).* Vá buscar um copo com água pra sua vó, Adriana.

**VELHA**

Não precisa. Não precisa.

**MOÇA**

Precisa sim, senhora. A senhora tá em tempo de botar o bofe pela boca!  
*(Vai e volta).*

**ENEIDA**

Mamãe, fique calma e me conte direitinho o que houve, o que aconteceu e onde aconteceu.

**VELHA**

Foi em frente ao portão, na saída do cemitério, lá naquele meio daqueles vendedores de flores. Menina, apareceu uma velha vestida de preto e ao se deparar comigo ali, na saída, com aquela cara de besta, sorriso escancarado na boca, aí me deu este envelope e sumiu dizendo que não precisava mais disso.

**MOÇA**

Beba água, vó! Tá fresquinha, geladinha.

**VELHA**

Veja, filha, com seus próprios olhos!

**ENEIDA**

Meu Deus! É muito dinheiro, gente!

**VELHA**

Eu nem quis conferir, no meio da rua, pra não ser assaltada!

**MOÇA**

A mesma coisa aconteceu com você também, vó?!

**RAPAZ**

Olha, caiu um papelzinho no chão!

**ENEIDA**

*(Juntou o papel).* Mamãe, como foi isso? É muita coincidência pro meu gosto! Só mesmo sendo assombração de verdade!

**VELHA**

Como assombração?!

**ENEIDA**

Lembra naquela hora que os meninos chegaram? Pois é, eles também vinham trazendo consigo um envelope desse, também, contendo o mesmo 10 mil reais!

**VELHA**

Meu Deus! Não diga!

**MOÇA**

A velha que nos deu a grana tinha um cachorrinho no colo e sumiu, entre as mangueiras da praça da República, dizendo quase a mesma coisa.

**VELHA**

Engraçado. Essa também tinha um cãozinho que mantinha dentro duma sacola artesanal feita de palha!

**RAPAZ**

Será que ambas são a mesma pessoa?!

**MOÇA**

Só pode! E deve ser muito rica, milionária, para sair distribuindo tanta grana por aí. Confesso que estou pasma.

**VELHA**

E eu então?! Nunca vi tanto dinheiro na minha vida! Nem com o Pedrão, no tempo que era gente, e trabalhava na Forluz.

**ENEIDA**

Gente! Ouçam aqui o que o bilhete diz: “Nem toda grana do mundo vale a pena, quando a alma é pequena. Por isso, me desfaço da minha, enquanto tou neste plano pra fazer a felicidade daqueles que não tem nenhuma”. Mas não traz assinatura alguma!

**VELHA**

Veja... Veja atrás do bilhete: tem um número qualquer!...

**MOÇA**

Pode ser o telefone da boa velhinha!

**ENEIDA**

Acho que não! Esse número é... 2448... traço C.

**RAPAZ**

Mãe! É o mesmo número do nosso envelope! *(A irmã corre pra conferir).*

**MOÇA**

Táqui, ó. Igualzinho. Só não tem esse “traço” separando a letra C. Somente o número 2448.

**RAPAZ**

Apesar da mesma grafia, o texto também não é igual. Reparem bem. Nesse bilhete, que ela deu pra vovó, tá escrito tanta coisa, inclusive a palavra neste “plano”. O que significa isso, vó?

**VELHA**

Fausto, acho que ela se refere espiritualmente ao plano da terra ou por estar na terra.

**ENEIDA**

Já sei! Vagando naturalmente, desfazendo-se dos bens que ela tem ou deixou. Mamãe, sei não, mas macacos me mordam, se essa boa velhinha que se diz tão santinha não esteja morta, mortinha da silva.

**RAPAZ**

Será, mãe?

**ENEIDA**

É, meu filho! Tá escrito nas estrelas! Ninguém sai por aí oferecendo joias ou grana, como esta aqui, a troco de que. De nada? E onde fica esse número... essa letra? Que pode ser a “letra C” duma quadra!...

**RAPAZ**

*(Caindo em si).* Vó! Mãe! Matei a charada desse quebra-cabeça!

**ENEIDA**

Como?!

**RAPAZ**

Vó, a senhora que costuma ir sempre, toda semana ao cemitério, aquelas divisões de lá ou eles chamam de “quadra X” ou “alameda X”, não é mesmo?

**VELHA**

Sim, é verdade.

**MOÇA**

E daí?

**RAPAZ**

E daí, minha irmãzinha, essa boa velhinha, nosso anjo protetor, deve morar na quadra C daquele cemitério!

**ENEIDA**

Jura?! Será verdade mesmo?

**MOÇA**

Por que a gente não vai na Conselheiro procurar por esse número, checar o número a casa dela? Se não for esse, a gente entra no cemitério e vai ao cemitério checar a quadra!

**RAPAZ**

Vamos nessa?

**ENEIDA**

Não! Vão vocês! Deixem sua avó aqui me fazendo companhia. Estou precisando dela agora. Tenho algumas bairns por fazer.

**RAPAZ**

Tá legal. Então, vamos, mana!

**MOÇA**

*(Apanhou a tiracolo).* Vamos, senhor detetive. Estou às suas ordens. *(Saiu).*

**CENA 4**

*(Sequenciando a cena, o casal de jovens, aparece indagando, de porta em porta, onde morava aquela senhora ou se existia aquele número).*

**RAPAZ**

Por favor, minha senhora. Bem aonde fica esse número aqui?

**MULHER**

2448? Acho que não existe por aqui, não. Só se for pra banda de lá descendo a rua. *(Apontou com o beijo).*

**MOÇA**

Senhor, me dê uma informaçãozinha. Aonde fica esse número?

**HOMEM**

Olha aqui, moro há anos nessa rua, sou comerciante aqui e conheço todo mundo, mas nunca soube que existe um número tão alto nesta Conselheiro.

**RAPAZ**

Senhora, a gente tá procurando por esse número...

**MADAME**

Olha santa, estou muito ocupada com meus clientes, não posso perder meu tempo com papo besta. Meu michê é 500 reais.

**RAPAZ**

Acho que a senhora não entendeu...

**MADAME**

Ah, vocês querem um quarto pro casalzinho, é? Custa 100 paus por 4 horas.



**MOÇA**

Ih! Já manjei tudo. Batemos na porta errada. Minha senhora, nós somos irmãs, um do outro. Não estamos aqui pra sacanagem, não.

**MADAME**

Aplica! *(Bateu a porta)*. Vão cantar noutra freguesia. A Madame Lu tem muito o que fazer hoje.

**RAPAZ**

Ah! Cansei! Tou cansado, mana.

**MOÇA**

Eu também, mano! Bom, já que não obtemos uma informação correta, só resta se informar na portaria do cemitério.

**RAPAZ**

Verdade. Vamos até lá. Adriana!!!... *(Ficou pasmo, parado)*.

**MOÇA**

O que foi, Fausto? Tá sentindo mal? Alguma dor...?

**RAPAZ**

Não, não. Olha lá, no portão, a mesma velha cobrando flores. Repara, olha só... Ela entrou!

**MOÇA**

Vamos, vamos lá, correndo. Depressa, mano. Vamos descobrir agora quem é essa milionária. *(Ao chegarem no portão)*.

**RAPAZ**

*(Na portaria)*. Por favor, senhor, me diga uma coisa. Há pouco entrou uma velhinha, com um maço de flores e um cachorrinho a tiracolo, o senhor podia nos dizer quem é ela?

**PORTEIRO**

Tantos e tantas que entram e saem, por este portão, que a gente perde a conta e não sabemos quem são, muitas das vezes. Mas, na verdade, nunca vi velha alguma entrar aqui carregando um cachorrinho a tiracolo.

**MOÇA**

Não?!

**RAPAZ**

Nem o senhor sabe também nos informar esse número aqui?...

**PORTEIRO**

Ih! Esse é o número mais procurado aqui. (*Reparou no livro de endereços*). O número 2448 fica na quadra-C, pode olhar aqui no livro, dê uma espiada.

**MOÇA**

Tou vendo, tou vendo!

**RAPAZ**

E quem é o dono do número ou dona?...

**PORTEIRO**

Venham comigo! Vou lhes mostrar agora. Ei, Alonso, fica aí na portaria enquanto vou lá dentro um instantinho! (*O outro vai pra cabine e fica lá*).

**RAPAZ**

É muito longe daqui?

**PORTEIRO**

Fica aqui perto. Os números menores ficam lá pra trás, os números maiores ficam aqui na frente. Pronto, chegamos. Aqui está a quadra e ali o número que tanto procuram.

**MOÇA**

Podemos dá uma olhada?

**PORTEIRO**

E não foi pra isso que vieram! Esteja à vontade.

**RAPAZ**

(*Pausa*). Não acredito no que tou vendo e lendo!

**MOÇA**

Nem eu, mano! A mamãe quando souber então!!!

**PORTEIRO**

Algum parente de vocês?

**MOÇA**

Pior que não. Era... era... *(Olhou pro irmão e piscou).*

**RAPAZ**

Era uma velha amiga da nossa família! Dona Anunciada de Assunção Mendonça!

**PORTEIRO**

Ah, bom! Era uma benfeitora dos pobres. Dizem que até hoje ela faz milagres, atendendo as necessidades das pessoas, distribuindo grana pra gente pobre, sem escolher cara ou família.

**RAPAZ**

É verdade! *(Disfarçou).* Quero dizer, todos falam, né.

**PORTEIRO**

Pois, eu queria ter uma sorte dessa! Nem pra ela me dá uma ajudazinha. Tanto que peço pra ela, mas ela neca de pitibiriba. Não me atende, mesmo. Vai ver que ela sabe que eu encho a cara no fim de semana e daí não me ajuda.

**RAPAZ**

Olha o que tá escrito no jazigo, mana: “Aos que me amaram, em Vida, tem a minha bênção e aos que me odiaram tem o meu perdão - 24/04/08”. Agora sei que o número oito corresponde a 1908, o ano em que ela morreu!

**PORTEIRO**

A partir daí, três anos depois, diz-que a coitada passou a aparecer por aí nas ruas, nas praças e nos mercados, algum local aonde ela vê necessidade, muita carência. De vez em quando, ela vira manchete nos jornais por intermédio de depoimentos de gente que foi beneficiada por ela.

**MOÇA**

Vamos embora, Fausto! Tou me sentindo mal aqui. *(E foram embora dali com os cabelos arrepiados).*

**RAPAZ**

Santo Deus! Nunca vi coisa tão verdadeira!

**MOÇA**

Isso funciona na cabeça de uns, mas de outros, continua sendo uma lenda suburbana!

**PORTEIRO**

*(Ao chegar ao portão).* Pois, eu acredito. Olha, moça, a gente que trabalha aqui há anos e anos, não adianta ter medo de visagem porque a maioria não faz mal a ninguém. Tenho medo, mas é de gente viva.

**RAPAZ**

*(Dando-lhe algum dinheiro).* Tome. Isso vai lhe ajudar um pouco. *(E fugiu dali de perto dele).*

**PORTEIRO**

Obrigado, moço. Isso foi a melhor coisa que me aconteceu hoje. Tou feliz! *(Ao conferir o dinheiro).* Nossa. É uma grana preta: 1.500 reais! Escuta moço, o din... *(Não o viu mais).* Ah, não! Essa não! Mais um fazendo “milagre” por aqui?!

**ALONSO**

*(Ajudante).* Tá falando sozinho, meu chapa?

**PORTEIRO**

Tava. *(Escondeu o dinheiro no bolso da calça).* Tava falando com os meus... com os meus botões.

**ALONSO**

Ou sobre aqueles seus inquilinos, filhinhos de papai rico. De longe, lá da cabine, eu vi tudo. Deu pra sacar a grana que os caras te deram. E eu? Vou sobrar nisso?...

**PORTEIRO**

O que, malandro? Ora, vai te catar! Cai fora dessa, que hoje já ganhei o meu dia pro meu final de semana!

**ALONSO**

Sacanagem. Bacana essa! Se soubesse que tu não ia me safar, com algum trocado, eu tinha te deixado na mão, no ora veja!

**PORTEIRO**

*(Retirou algo do bolso).* Toma, chorão! Vai apouquentar o diabo com reza!

**ALONSO**

Valeu, cara! *(E sumiu na esquina).*

**CENA 5**

*(Cena final. Tempo. Noutra plano de ação o Foco vai clareando a imagem da família que foi beneficiada por dona Anunciada de Assunção Mendonça, falecida na década de 1908. Vê-se um novo visual na casa e na família, na hora do jantar, ostentando roupas novas, móveis novos etc.).*

**ENEIDA**

Hein, mãe? Quem diria: que um dia, por obra do acaso, a gente pudesse estar agora numa boa!

**VELHA**

Graças à generosidade santa de uma bondosa senhora! E que nos deu a bendita honra de sua simpatia por nossa família, mudando totalmente o rumo das coisas. Hoje, os meninos aí não precisam mais ganhar a vida tocando bumbo e fazendo palhaçada na rua. Estudaram e se formaram conforme o seu mérito e merecimento. Tenho dito. *(Os netos aplaudiram-na com euforia).*

**AMBOS** *(Voz intercalada).*

- Graças, vó!

- Valeu pela força que você nos deu!

**MOÇA**

Graças aos seus incentivos, hoje estamos formados em Informática e fatuando uma boa grana no mercado de trabalho.

**RAPAZ**

Graças também a Deus, que nos colocou no caminho e naquela praça e, debaixo daquele sol, uma velhinha sorridente, com um cãozinho também sorri...

*(Nesse momento, alguém toca a campainha e bate na porta, ao mesmo tempo, e foge deixando um cãozinho arranhando a porta).*

**ENEIDA**

Ai, meu Deus! Quem será desta vez?!

**MOÇA**

Calma, mãe. Deixa que eu atendo.

**RAPAZ**

Parece brincadeira de moleque na campainha da porta!

**VELHA**

E fazendo batucada na porta quase ao mesmo tempo, também?! Que horror.

**MOÇA**

*(Abriu a porta, reparou lá fora e não viu ninguém).* Ninguém. Nem uma viva alma pra dizer pro que veio.

**ENEIDA**

*(Apontou).* E esta coisinha mimosa aí perto dos seus pés! De quem é?

**VELHA**

Essa não!

**MOÇA**

Gente! *(Colocando-o no colo).* Parece o cãozinho da dona Anunciada!

**RAPAZ**

É verdade, mãe. É igualzinho! Me dá ele aqui um pouco. *(Abraça-o).* Como te chama, hein? Vai ver que ela quer que a gente cuide do bichinho.

**ENEIDA**

Tá bom. O que a senhora acha, mamãe?

**VELHA**

Por mim, tanto faz, como tanto fez, melhor do que ninguém pra cuidar dele, somos nós como família, em retribuição ao que ela fez por nós todos! Né

não, Bobby? *(O cãozinho latiu sorrindo e concordando com a hospitalidade)*. Viram? Adivinhei o nome dele! Doravante se chamará Bobby.

**TODOS**

*(Felizes)*. Viva o Bobby! Vivaaa! Viva o Bobby! Viva!

**FIM DO ESPETÁCULO**

# Posfácio

## A poética de Ramon Stergmann

Por Walter Freitas<sup>(12)</sup> (walterfreitas@hotmail.com)

São tão grandes, embora ainda tão desconhecidos, os talentos do poeta e dramaturgo Ramon Stergmann, que lhe foi possível lapidar uma maneira muito peculiar de compreender o fenômeno da cultura. Alguns tiveram o privilégio de acompanhar a formatação de suas ideias, ao longo de muitas décadas de trabalho incessante, durante as quais ele teve a chance de fundir, não de maneira teórica, nem apenas no nível do discurso, mas por meio de uma prática assumida, vívida, vivida, existenciada, o homem e o artista, duas condições de vida das quais nunca abriu mão.

Traçou seu perfil de excelência com tanta dignidade e delicadeza, que suprime a necessidade de entender-lhe a figura pelo prisma das dificuldades físicas com as quais lutou grande parte de sua vida, estabelecendo sua importância de grande criador no contexto não só da dramaturgia, mas das artes paraenses, como um todo, tendo em vista suas múltiplas capacidades.

Sempre esteve pronto, com sua língua afiada e brilhante, alternando-se de uma maneira muito pessoal entre a seriedade e o bom humor, a discorrer sobre seus pensamentos e a partilhar sua alta percepção dos problemas humanos, sua busca voraz pelas soluções mais inesperadas e criativas, mais ousadas e democráticas, com quem quer que o buscasse, individual ou coletivamente.

Neste ponto é que se destaca, portanto, a figura do educador singular que Ramon Stergmann foi. Esteve continuamente cercado de pessoas mais jovens, que avidamente procuraram por ele, em cada ponto da caminhada, e dele receberam a atenção mais solidária e o mais completo exemplo de doação que talvez seja possível surpreender, na realidade de nossos dias. Nunca apresentava fórmulas prontas, a quem quer que fosse, nem se preocupava em permanecer aferrado às próprias ideias, por mais assentadas que fossem ou capazes de conduzi-lo a uma condição de superioridade.

---

(12) Jornalista; escritor; dramaturgo; ator; diretor de teatro; músico, cantor, compositor, arranjador; arquiteto; cineasta.



Ao contrário: fazia questão de cotejá-las. Dispensava seu tempo, por mais precioso que lhe parecesse, a entender, discutir e testar as sugestões das pessoas com as quais estivesse em cooperação, no trabalho ou nas relações pessoais, valorizando cada movimento, apreendendo cada nova interferência, na maioria das vezes tornando-as úteis e colocando em destaque, de forma criativa e regeneradora, a participação de todos.

Trabalhava no sentido do bem comum, com um denodo que inspirava seus amigos e colaboradores, não permitindo situações dúbias e buscando harmonizar ao máximo o trabalho coletivo, as relações corteses, a entrega individual. Porque, tendo se dedicado tanto à sua arte, à sua obra, aos seus projetos, sabia de longe reconhecer os que estavam aptos a lhe seguir os passos, entender até que ponto e exatamente o que poderiam oferecer de contribuição ao projeto comum e o momento exato em que deveriam alçar seus próprios voos e descobrir seus próprios caminhos.

Vendo-se ante a impossibilidade de descobrir uma forma de conciliar as ideias, os pensamentos, as práticas, as soluções idealizadas individualmente, mais doce ainda se tornava, nas palavras e nas atitudes. Não foram poucas as vezes em que o viu recuar, mesmo sabendo que estava certo, oferecendo a quem decidisse com ele se bater, a chance de verificar, até o último momento, o erro ou acerto de sua posição. Já fica fácil entender que não foi o acaso a transformá-lo na pessoa tão querida que era e no artista tão respeitado que vai seguir sendo no contexto histórico da nossa arte. Além dos dotes privilegiados de criador, em diversos campos artísticos, Ramon sabia distribuir sempre, a cada um e a todos, uma palavra de alegria ou consolo, um sorriso de partilha, até mesmo uma lágrima de solidariedade.

Acredito que estejam provadas suas intenções, ainda que nunca verbalizadas, de formar pessoas fazendo uso das possibilidades que o teatro e a poesia para isso oferecem, deixando-se ocupar com um sem número de atores e atrizes iniciantes, em seus vários trabalhos, aquilatando suas possibilidades, tratando de suas limitações, moldando seus talentos, encaminhando-os, inclusive, aos setores da produção pelos quais mais pendor pudessem demonstrar, de modo a aumentar as chances de sucesso que cada um estivesse a merecer, neste ou naquele ofício.

Sabia admitir, da mesma forma, o fracasso de empreendimentos humanos que algumas vezes tentou em vão fazer desabrochar. Sei bem que, nesses momentos, despedia-se da maioria com um mal disfarçado sentimento de perda: lamentava, no íntimo, quando alguém decidia, fosse por qual motivo fosse, “largar o teatro”, entrar por veredas que, em sua concepção, restringiam a presença da poesia na vida e reduziam, quiçá significativamente, as possibilidades de entendimento inte-

gral da existência humana. Nestas horas, nestas despedidas, que não eram unicamente entre o criador e a criatura, entre o mestre e um discípulo arredio, é quase certa a lágrima sofrida que Ramon Stergmann verteu. No final, ele dizia – e era um hábito seu: “Vai!”

Mas era-lhe doce ver quando novas perspectivas se abriam àqueles que com ele conviviam e trabalhavam. Gostava de dividir seus elencos e suas equipes com outros grupos, para incentivar o crescimento, vislumbrando junto com cada qual a amplitude de novos horizontes, na torcida para que tudo desse certo e, contente com cada vitória, que sempre tomava igualmente para si. Se necessário, abria mão sem constrangimentos dos serviços daqueles que preparava, ao perceber que chegara o momento de galgarem novas etapas da caminhada. Talvez não seja exagero considerar que Ramon fizesse de seu grupo e de seu trabalho, uma espécie de vitrine para benefício de outros grupos e diretores que precisassem lançar mão de material humano novo e bem preparado.

Acreditava na cultura como possibilidade de expressão das camadas mais carentes da população. Via no teatro essa válvula preciosa por meio da qual poderia fazer escapar seus anseios, trazer à luz suas necessidades, por meio de um discurso direto e sem retoques. O espaço ideal onde emoldurar uma realidade de que não se orgulhava, mas para a qual, antes, reivindicava e buscava soluções dignas. Veja-se a galeria de tipos que criou, aos quais deu vida com sua capacidade própria de interpretar, ou cujos caracteres emprestou a tantos atores e atrizes. Seus personagens desfiavam um rosário de martírios que o autor sentiu na própria carne, que o tornaram sensível, numa sequência inatacável de presenças transplantadas das ruas para a crueza ainda maior da cena.

Ramon Stergmann construiu sem desfalecimentos sua dramaturgia. E o fez com esse material, posso dizer, de primeira qualidade. Transformou a história anônima de sua gente no alicerce de uma construção invejavelmente bem estruturada. Cada um de seus personagens traz o sabor e o cheiro de seu povo, suas dores e mazelas, suas lutas, perdas e vitórias, mas também um incessante retorno ao imaginário, no qual muitas vezes encontra soluções inalcançáveis na realidade objetiva e a inesgotável ligação com a esperança, que caracteriza o cotidiano de nossa gente e marca profundamente, também, todos os escritos do Poeta.

Poucos souberam colocar esta cara, a da gente paraense, com uma exatidão tão pródiga, na cena, sem arremedos nem distorções, sem comedimentos ou exageros e sobretudo sem falsos arroubos de exagerado protecionismo a que muitos auto-

res são conduzidos pelo excessivo zelo que as causas sociais facilmente fazem brotar. Ramon não quis escrever sobre heróis. Interessava-se pelo recorte do drama, pela pequena notícia, pelo detalhe quase insignificante que a realidade lhe fornecia. Seu foco era quase microscópico, atento sempre ao desenrolar dos acontecimentos num microuniverso sobre o qual se debruçava com a delicadeza de uma fada. E sempre se fazia acompanhar de uma ironia marcante, de um humor que suavizava os contrastes agressivos, ao mesmo tempo em que fazia saltar a tragédia cotidiana para a dimensão de uma grande cena, apta a se fazer completar de poderosas encenações, belas interpretações, a mais bem engendrada carpintaria teatral.

Sua temática tem muito bem estabelecidas as preferências pelo cotidiano. Lança-se de cabeça na realidade dos bairros, dessa periferia anônima e criativa, na qual o Poeta viveu sua vida toda, estende-se aos locais mais típicos do interior paraense, passeia por seus problemas, exhibe suas lutas, dá mostras de suas capacidades mais inesperadas, sempre registrando a lida, a força, o vigor, a bem-humorada resistência diante das dificuldades. Traz o sabor delicioso da linguagem espontânea, as posições claras frente à ameaça de abandono de suas próprias riquezas. Volta-se da forma mais desprendida para uma parte da população que sabia muito bem estar entregue à própria sorte.

E ao se debruçar sobre um universo particular, um universo perdido para a grandeza da história, a história que vive de grandes saltos e às vezes da bravata de uns poucos eleitos, ele o faz com a destreza do artesão, com a clarividência do mestre. Pinta-o invariavelmente com as cores da poesia, dá-lhe os contornos de um grande acontecimento, cria a contestação e o questionamento a respeito do que seja verdadeiramente a história de um povo.

Tudo isso sempre o credenciou a ser esta espécie de guia que findou sendo para um não reduzido número de artistas, entre os quais me incluo, com a honra de reconhecer que tive como primeiro mestre, em teatro, alguém que felizmente carregava consigo a principal característica de um verdadeiro mestre, que é o não ser reconhecido como tal pela maioria das pessoas.

Um dos movimentos mais precisos, preciosos e significativos que realizou, no sentido de clarificar suas ideias de democracia cultural, foi exatamente levar da periferia para o centro um grupo de teatro formado por ele com a ajuda de tímidos moleques, aos quais havia estendido a chance real de trabalhar seu talento e suas possibilidades de realização individual, por meio da incorporação positiva em um trabalho de equipe. Com isso, Ramon reverteu a lógica no mínimo discutível do movimen-

to centro-periferia e a então muito bem-vinda, apreciada e reproduzida poesia do “artista tem de ir aonde o povo está”. Isto feito, tratou de sempre se manter, e ao seu grupo, num movimento de permanente retorno aos locais de onde sacou um sem número de artistas, hoje francamente envolvidas e envolvidos com sua arte, e de transformar este grupo num daqueles que se perenizaram em atividade na arte paraense.

Fundado ainda na década de 70, o Grupo Maromba, que nos primeiros anos se chamou Grupo de Teatro Amador de Belém e era conhecido pela sigla Grutabe, resistiu até que seu criador não mais pudesse conduzi-lo. Aos poucos, Grupo e Poeta se tornaram como que uma mesma entidade e se firmaram juntos na cena teatral paraense, fazendo frente às intempéries devastadoras que ciclicamente se abatem sobre a arte sofrida eleita como principal tarefa.

Junto com o Maromba, o Poeta suportou os solavancos dessa realidade repetida, desde a falta de espaços adequados para o trabalho de encenação até a árdua necessidade de manter viva uma memória que se perde a cada instante, malbarateada pela falta de interesse público, ameaçada pela ausência de políticas culturais quase óbvias, diminuída pela nossa incipiente capacidade de enfrentar juntos, enquanto categoria artística, as dificuldades que muitas vezes preferimos amargar na solidão de nossas muralhas pessoais.

Foi assim que a visão clara dos embates que o exigiam a cada passo fez com que Ramon tomasse duas decisões pioneiras no sentido de derrotar o inimigo tenaz: fez construir sua casa com um aposento amplo que se desdobrava em uma sala de ensaios e transformou seu lar em um ambiente quase que completamente voltado para o fazer teatral. Ao mesmo tempo aprofundou um hábito antigo, de recortar, guardar, arquivar, de maneira sistemática, tudo que dissesse respeito às atividades artísticas que lhe interessassem. O critério, ainda que pessoal, não reduz a importância da salvaguarda.

Artista plástico dotado de uma intensidade fulgurante, Ramon completou essa espécie de paraíso das artes com uma notável coleção das obras por ele criadas, distribuindo-as nos diversos aposentos, colorindo as paredes com a criatividade que fazia dele uma pessoa inigualável. Enquanto pode, cuidou de cada detalhe da encenação, usando sua capacidade de artista para se responsabilizar pela criação e execução de figurinos, adereços e cenários. Comprazia-se em desenhar pequenos croquis e depois transformá-los em objetos de cena, depois de escolher os materiais mais adequados, recortá-los, com nossa ajuda, orientar a colagem ou a costura, decidir-se pelo uso das cores, pintar cada peça com suas próprias mãos.

Tenho falado deste homem como Poeta porque acredito que lhe caiba muito bem, num lugar onde a Poesia luta para se manter viva e precisa redescobrir a cada dia os seus espaços. Num lugar onde a Poesia significa um complemento descartável aos assuntos mais assustadora e incompreensivelmente atraentes, como o quadro da violência generalizada ou os medíocres índices de desempenho esportivo. Um lugar onde a Poesia representa um esforço de vida cotidiano.

Afinal, tratá-lo desse jeito não significa somente traduzir um aspecto de sua fecunda produção, voltada para a criação poética tradicional, com poemas escritos ao longo de toda a sua vida, que distribuía em forma de carinho aos amigos, fazendo deles seu mais precioso modo de presentear as pessoas que amava. Este labor lhe rendeu oportunidades e prêmios, inclusive as oportunidades de aliar a poesia ao apaixonante teatro e de, à certa altura, escrever um longo poema, denominado “Aboio”, cuja estrutura, com seu caráter temático e revolucionário, mereceu o reconhecimento da Academia Paraense de Letras.

Tratá-lo de Poeta requer o entendimento pleno de sua presença no mundo, dos motivos pelos quais se dedicou a tantas lutas, das estratégias de silêncio e quase devoção com que enfrentou tantas batalhas, da conformação exemplar com que venceu as dificuldades físicas, da decisão de fazer da poesia princípio e fim de cada uma das linguagens artísticas a cujo estudo e conhecimento se entregou.

Por isso é também necessário fazer o elogio do ator, cuja presença em cena dava a todos que com ele contracenavam a segurança necessária. É de se destacar o personagem Caolho, de sua peça “O Caolho e os Cegos” (1974), que poucos devem tê-lo visto interpretar, mas que para mim representou a primeira oportunidade, não só de ver Ramon Stergmann em cena, mas de contracenar com ele, o que para mim representa um momento único e inesquecível de realização artística. Vê-lo em cena podia ser uma experiência fascinante, sobretudo ao se entender como sabia desdobrar sua figura da cena, enquanto ator, para fora dela, enquanto diretor, alcançando invariavelmente resultados admiráveis. E é somente aqui que aceito dar ênfase a suas dificuldades físicas, e tão somente porque não representavam nunca um estorvo. Ramon encontrava, sabe Deus onde!, força, verve, alegria para superar o esforço de ser ator, com a disciplina à qual só os grandes conseguem se habituar.

Deixei para o final a menção à figura de Ramon Stergmann enquanto diretor de teatro. Seria justo esperar aqui um inventário da quantidade de trabalhos que comandou e, mais ainda, da qualidade de suas realizações. Vou evitar as duas coisas para realçar apenas um, que considero o mais inovador e revolucionário de todos.

Quando me chamou para trabalhar com ele, não mereci mais do que uma participação como contra-regra na montagem de “Os Gatos” (1973), um texto em que o Poeta já abordava com a maior consciência a problemática do trabalho escravo no Pará. Uma de minhas atribuições era produzir, no encerramento do espetáculo, uma cortina de fumaça, queimando a pólvora retirada de algumas bombinhas de São-João. Na estreia, uma coisa com a qual ninguém havia contado: a pólvora já fria retardou o tempo daquele “efeito especial”. A despeito disso, Ramon me guindou sucessivamente para outros cargos dentro do grupo, de ator a dramaturgo e diretor musical. Até que em 1980 selecionou um texto meu, “Leva Longe”, para dirigir.

Mas foi em 1981 que ele montou a preciosidade à qual me referi antes: tomou aquele texto poético premiado pela Academia, uniu-o a outro longo texto poético de minha autoria, compartilhando, assim, a dramaturgia do espetáculo, e levou à cena algo inteiramente inesperado, a que denominou “Meu Berro Boi”.

Sua ousadia foi tratar dois grandes poemas isolados como um texto teatral único, fazendo o recorte dos versos como falas, para que fossem ditos à guisa de diálogos, num grande fingimento que demonstra o quanto Ramon Stergmann trabalhava o jogo, a ludicidade. Chamou quatro atores exemplares, Sidney Ribeiro, Romualdo Rodrigues, Miguel Marinho e Marquinhos Maranhão, que assinou a coreografia – na verdade concebida pelo próprio Ramon com a ajuda do coletivo do elenco – e me entregou a direção musical. Mais uma vez, o Poeta burilou pessoalmente o figurino, a cenografia, os adereços. Era um espetáculo que trabalhava estas diversas linguagens de forma integrada e poética, sabendo ser inesperado, belo, contundente, alegórico e desconcertante. Tanto que, em Ponta Grossa, no Paraná (onde recebeu prêmio de Melhor Coreografia), um confuso crítico do festival, talvez sem perceber bem o que era aquilo diante de que se encontrava e tendo de escrever alguma coisa a respeito, reduziu-o insensivelmente a “o dançante Meu Berro Boi”. No meu entender, tanto o espetáculo quanto seu criador mereciam muito mais.

Em Belém, nesta época, escolhiam-se os melhores de cada ano, e embora fosse tempo de grande empolgação em torno do sucesso da montagem de “Ver de Ver-O-Peso”, “Meu Berro Boi” foi apontado como o melhor espetáculo. Pouco antes de morrer, Ramon me mostrou aquilo de que nem necessitava: um dossiê formado com recortes de jornais e outros documentos – que o autorizavam e autorizam – face à polêmica em algum momento levantada sobre o assunto – a se declarar autor dos textos originais de “Ver de Ver-O-Peso”. Se isso não bastasse, meu testemunho é insuspeito: eu acompanhei seu processo de escrita das cenas, num momento também inesquecível para mim, por causa inclusive dos inesgotáveis ciúmes que

senti, vendo meu amigo escrever para um outro grupo que não aquele fundado por nós dois. Para saltar esta página, reafirmo: Ramon foi, sim, e gostava de ser o autor de “Ver de Ver-O-Peso”.

Sem nunca haver posto as mãos em um instrumento musical, era, ainda por cima, um compositor sensível de delicados lundus marajoaras, os quais pedia aos amigos para harmonizar, de modo que pudéssemos cantá-los com o acompanhamento do violão. “Barulho das ondas/ das ondas do mar/ meninas de tranças/ contam lendas, luar/ Cuidado, barqueiro/ cobra grande vai te apanhar”, diz uma de suas composições.

Tudo isso torna possível entender que é preciso trabalhar sem descanso no sentido de conceder a Ramon Stergmann o espaço merecido na memória de todos, de modo que possam ser atendidas suas últimas palavras, as últimas que tenho notícia terem sido ditas por ele, antes de partir: “Não deixem minha obra morrer”.

Ao iniciarmos as leituras da obra de Ramon Stergmann, somos capturados e reconduzidos a lugares da infância, juventude, velhice tão próximas de cada um de nós. Vivências de rios, de prosas entre compadres, comadres sobre bois-bumbás, botos, iaras, pescadores, visagens, brigas entre amigas, conflitos familiares, traições. Temas presentes nas relações humanas, pois quem não os vivenciou em alguma medida? Situações e personagens que permeiam e protagonizam a dramaturgia do autor, expressas em dizeres poéticos, diálogos cotidianos, fantasias tantas a soprar nossas memórias. Ramon consegue injetar esse sopro nas memórias dos seres humanos, amazônidas ou não.

Bene Martins & Mailson Soares



**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida:  
construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro - Volume 1

Programa de Pós-Graduação em Artes

**PPG** Artes  
Programa de Pós-graduação  
em Artes da UFPA



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-63189-67-7



9 788563 189677

Direcione seu celular  
para o QR Code ao lado,  
e conheça os livros da  
Editora PPGArtes.

